



Titulo: Vencendo o passado

Autor: Lucius

Médium: Zibia Gasparetto

Páginas: 400

Sinopse:

Quantas vezes você se atormenta recordando acontecimentos desagradáveis do dia-a-dia que gostaria de se esquecer, mas que reaparecem como fantasmas interiores?

Somam-se a isso, os fatos mal resolvidos de vidas passadas, que continuam a influir no dia-a-dia confundindo o presente.

Esquecer o passado infeliz é um alívio e deixar de cultivar sentimentos depressivos, culpa, ódio, insegurança e vingança é libertar-se dos tormentos e conquistar a paz. Mais jamais esqueceremos o que está mal resolvido, porque sem solução a vida não deixa passar.

Então você terá de se perguntar: O que a vida quer de mim?

A inteligência da vida vai mostrar-lhe qual atitude sua está ocasionando esses desafios. Se você aceitar e promover sua melhora interior, então vencerá e o passado passará. A liberdade o tornará mais lúcido e mais feliz.

Neste livro, os protagonistas enfrentam esse desafio com sucesso. Mas você terá ainda de enfrentar os seus.

Prólogo

Os sinos da igreja repicavam alegres chamando os fiéis para a missa das dez. O dia estava lindo, as pessoas chegando e logo a nave estava lotada. Na pequena e linda cidade de

Bebedouro, no interior de São Paulo, era o acontecimento mais importante dos domingos.

As famílias abastadas ocupavam seus lugares nas primeiras filas enquanto os mais pobres contentavam-se em ficar nos últimos lugares, mas todos vestiam suas melhores roupas, conservando a fisionomia séria em sinal de respeito.

Augusto Cezar Monteiro entrou de braço dado com sua esposa Ernestina, acompanhado de seus filhos Carolina e Adalberto.

Enquanto o rapaz de dezenove anos olhava em volta como que procurando alguém, olhos alegres, rosto expressivo, Carolina, aos dezoito, rosto voluntarioso contraído, lábios cerrados, cabeça erguida desafiadora, demonstrava desagrado e irritação.

Sentaram-se ocupando o lugar de costume. A missa começou e Adalberto de vez em quando olhava em volta ansioso. Depois, aproximou a boca ao ouvido da irmã dizendo:

— Vai ficar com essa cara de espantinho o tempo todo?

Ela o fuzilou com os olhos e respondeu:

— O que você tem com isso? Cuide de sua vida.

— As pessoas estão olhando e comentando como você está feia.

Ela deu de ombros:

— Pouco me importa a opinião dos outros. Não gosto de vir à igreja. Sinto-me mal todas as vezes que ponho meus pés aqui.

— Deixe de drama. O que custa ficar aqui uma hora e agradecer nossos pais?

— Eu sei por que você diz isso. Mas eu não me vendo.

Ernestina colocou o dedo nos lábios e pediu silêncio. O sermão ia começar. Os dois se calaram. Enquanto o padre falava, Adalberto finalmente sorriu satisfeito. Localizara Ana Maria, uma morena linda, de olhos negros e lábios carnudos que andava povoando seus sonhos.

Piscou para ela que sorriu, mas disfarçou. Sentia-se lisonjeada pelo interesse dele, que nos últimos tempos ficara evidente, mas apesar de Adalberto ser um rapaz bonito, rico, era jovem demais e ela não estava interessada.

Ela tinha outros planos. Sonhava ir morar em São Paulo ou Rio de Janeiro, ser atriz, fazer carreira, tornar-se famosa.

O padre continuava falando e Carolina entediada não prestava atenção ao que ele dizia. A ela bastavam os sermões que tanto sua mãe como seu pai fazia todos os dias, vigiando até seus pensamentos. Além disso, estudava em um colégio de freiras onde tudo era pecado.

Não via à hora de ser maior de idade para livrar-se deles. Havia pensado em se casar com o primeiro que aparecesse, mas depois, pensando melhor, o que desejava mesmo era ser independente e não apenas mudar de dono.

Suspirou entediada. Aquele sermão não terminava nunca. Quando acabou, o órgão voltou a tocar. A missa era solene, o padre rezava em latim.

Carolina olhou em volta com raiva. Tinha certeza de que ninguém estava entendendo o que o padre falava, mas todos, rostos contritos, fingiam participar.

Isso para ela era demais. Parecia que aquela missa não tinha fim. Fechou os olhos e viu um rapaz à sua frente dizendo:

— Venha. Vou levá-la para dar uma volta.

Ela sorriu e seu corpo escorregou do banco, enquanto Ernestina, assustada, tentou segurá-la auxiliada por Adalberto.

Carolina, pálida, havia perdido os sentidos. Augusto Cezar tomou a filha nos braços e, pedindo licença, saiu acompanhado da mulher e do filho.

Uma vez lá fora, sentou-a em um banco tentando reanimá-la. Mas ela não voltava.

Assustado, mandou Adalberto ir à farmácia próxima buscar alguma coisa para fazê-la voltar a si.

Ele foi e voltou com um vidro de amoníaco que destapou e colocou próximo às narinas dela. Pouco depois, Carolina suspirou, abriu os olhos e disse:

— Por que me acordaram? Quero dormir.

Ernestina sacudiu-a dizendo:

— Você não está em casa. Desfaleceu na igreja no momento mais delicado da missa.

— Eu não queria vir. Sempre me sinto mal na igreja.

— Vamos para a casa — decidiu Augusto Cezar. — Amanhã mesmo você vai levá-la ao Dr.

Jorge para uma consulta. Isso não é normal.

No carro, durante o trajeto de volta para casa, Carolina estava pensativa. Tinha certeza de que não fora um sonho. De onde conhecia aquele moço bonito ao lado do qual havia caminhado por um jardim maravilhoso, sentindo alegria e uma sensação de liberdade que nunca tivera antes? Sua fisionomia era-lhe familiar. Sabia que o conhecia, mas de onde?

Seja como for, ele a livrara de um momento tedioso e dera-lhe motivo para dali em diante, recusar-se a ir novamente àquela missa de domingo.

Augusto Cezar entrou em casa nervoso. Olhou para Carolina que havia recuperado a cor e parecia bem. Enquanto ela foi para o quarto, ele disse para Ernestina:

— Amanhã cedo você marca uma consulta com o Dr. Jorge.

— Você acha que é preciso? Foi uma indisposição passageira. Ela não tem nada.

— Como pode saber? Você não é médica. Depois, ele tem de fazer alguma coisa. Nossa filha não pode ser tão fraca a ponto de não conseguir nem assistir a uma missa. Às vezes chego a desconfiar que ela esteja fingindo para não ir à igreja.

— Ela não faria isso. Você não viu como estava pálida?

— É, vi. Mas dela pode-se esperar tudo. Está sempre pensando em me contrariar.

— Você está enganado. Ela ficou mal mesmo.

— E você sempre acobertando os erros dela. Assim eu perco a força para educá-la. Precisa ser mais enérgica com Carolina.

Ernestina enrubesceu de raiva, mas não disse nada. Estava acostumada. Qualquer coisa que os filhos fizessem à culpa era sempre dela. Ele vivia dizendo que ela era muito permissiva e não sabia determinar os limites dos filhos.

Estava cansada da intolerância do marido. Não sentia vontade de discutir para não piorar a situação.

Limitou-se a dizer:

— Vou à cozinha ver o almoço.

Sentia-se cansada da rotina em que se transformara sua vida. Durante o almoço, Adalberto comeria depressa para acabar logo e ter a permissão do pai para sair; Carolina estaria com a cara amarrada, como se fizesse um favor de estar ali, não diria uma palavra.

Augusto Cezar falaria o essencial para que fosse bem servido.

Depois, ele iria dormir um pouco, enquanto ela, sozinha, teria um tempo para escolher entre um trabalho manual ou uma leitura qualquer.

Ele acordaria duas horas depois e desceria para o café da tarde. Depois, iria se sentar na sala e ligaria a televisão para escolher um programa adequado.

Augusto Cezar fora um dos primeiros a comprar uma televisão, logo que a novidade chegara à cidade. Contudo, em sua casa ninguém tinha permissão de ligá-la.

Era ele quem determinava à hora e o que assistir. No domingo, depois do café, ele a ligava e reunia a família para assisti-la.

Adalberto preferia sair e Carolina, apesar de curiosa com a novidade, não gostava dos programas que o pai escolhia e preferia ir para o quarto ler.

Ela tinha uma amiga que lhe emprestava alguns livros que ela lia às escondidas. Tinha certeza de que seus pais não os aprovariam. Eram romances, e Augusto Cezar só aprovava livros educativos. Considerava os romances perniciosos e uma perda de tempo.

Depois do jantar, Ernestina ficava ao lado do marido assistindo à televisão. Passadas algumas horas, ele desligava o aparelho. Às vezes a convidava para dar uma volta na praça, onde cumprimentavam os amigos e conversavam um pouco.

Era esse o momento que ela mais gostava, porque enquanto ele conversava, ela podia apreciar o movimento, os vestidos das outras mulheres, os jovens que circulavam alegres.

Quando não saíam, ele ficava lendo na sala durante uma hora, depois ia dormir. Ela terminava os arranjos na cozinha junto com Rute, programava com ela o cardápio da semana seguinte e depois ia dormir.

Augusto Cezar era muito exigente com a comida e com a organização da casa.

Quando Ernestina entrou na cozinha, Rute notou logo que ela estava aborrecida.

Trabalhava na casa há mais de dez anos e gostava muito da patroa. Percebia claramente que ela não vivia feliz, não havia alegria naquela casa.

Não comentava nada, porém procurava ajudá-la no que pudesse tentando corresponder de alguma forma ao bondoso tratamento que ela lhe dispensava.

— Aconteceu alguma coisa? A senhora parece aborrecida.

— O de sempre. Carolina desmaiou na hora mais importante da missa e Augusto precisou carregá-la para fora.

— Imagino como ele ficou nervoso.

— Ele quer que eu a leve ao médico amanhã.

— Qual, D. Ernestina, Carolina não tem nada.

— É o que eu penso. Mas ele insiste, quer tirar as dúvidas.

— Existem pessoas que se sentem mal quando entram em uma igreja.

— Eu sei. Minha tia Eugênia tinha isso. Acho que é o cheiro de incenso ou das velas.

— Eu não acho isso, não. Minha mãe costuma dizer que as almas do outro mundo que estão em sofrimento, vão às igrejas em busca de ajuda. Quem é mais sensível sente a presença delas.

Ernestina sentiu um arrepio:

— Não diga uma coisa dessas, Rute. Que horror. A igreja é um lugar de paz. Não tem nada disso. Quem morre vai para o céu ou para o inferno. Não vai ficar dentro da igreja.

— E o purgatório, onde fica? Das pessoas que eu conheço, não tem nenhuma que mereça ir para o céu, a maioria vai mesmo do purgatório para baixo.

Ernestina balançou a cabeça sorrindo:

— Você tem cada uma! Cuide para que seu patrão não escute essas besteiras. Ele já implica porque você não vai à igreja!

— Eu não vou porque também não me sinto bem. Prefiro ir ao Centro Espírita de D.

Antônia.

Ernestina colocou o dedo nos lábios dizendo nervosa:

— Cuidado com o que diz. Ninguém em casa pode saber que você anda nesses lugares. Eu a deixei ir porque sei que sofria muito com aquela dor de cabeça, nenhum remédio curava e que ela desapareceu depois que esteve lá. Mas Augusto Cezar não pode saber. Ele tem pavor dessas coisas.

— Eu sei. Não direi mais nada. As coisas não são como muitos pensam. Quando alguém precisa aprender a verdade sobre o mundo dos espíritos, não dá para fugir. Foi o que aconteceu comigo.

— Está bem. Vamos servir o almoço que já está passando da hora. Não podemos nos atrasar.

Carolina, sentada na cama, tendo nas mãos um livro aberto, não conseguia prestar atenção na leitura. Fechou o livro e colocou-o novamente no esconderijo.

Ela não podia esquecer o rosto do rapaz que viera buscá-la na igreja. Ele a tomara pela mão e ambos haviam flutuado por caminhos floridos enquanto ele lhe sorria.

Ela sentira-se livre como nunca e uma sensação de prazer encheu seu peito de alegria.

Haviam se sentado em um banco do jardim e ele lhe dissera:

— Você precisa retomar sua força espiritual. Não pode se deixar abater agora. Você tem tudo para vencer. Lembre-se disso. Eu estarei sempre a seu lado.

Ela queria que aquela situação não acabasse, mas de repente sentiu uma sensação de queda e um cheiro horrível. Viu o rosto de Adalberto irônico e a fisionomia preocupada do pai.

Era o fim do sonho. Havia retornado à realidade. Seu primeiro impulso foi de brigar. Por que não a deixaram onde estava?

Mas a lembrança dos momentos agradáveis que vivera ainda estava muito presentes e ela suspirou tentando entender o que estava acontecendo à sua volta.

Adalberto bateu na porta do quarto dizendo:

— Carolina, abra. Não sei por que se tranca no quarto. Mamãe está chamando para o almoço.

Resignada, Carolina abriu a porta e desceu para almoçar.

CAPÍTULO 1

Quando Carolina desceu para o almoço, notou logo que o ambiente estava pesado.

O pai, sisudo, olhou-a fixamente como querendo penetrar seus mais íntimos pensamentos.

A mãe, inquieta, controlava a ansiedade, tentando dissimular a preocupação.

Adalberto remexia-se na cadeira, dissimulando a pressa que sentia de sair.

Ninguém tinha permissão para levantar-se da mesa antes que o pai terminasse de comer.

Carolina desejou não estar ali. Preferia ficar sem comer a ter de suportar aquele ambiente desagradável. Depois, ela sentia alguma coisa no ar e, claro, após o que lhe acontecera, iria desabar sobre ela.

Ela, porém, sentia-se contente com o acontecido, desejava recordar aquele sonho agradável e não estava disposta a deixar ninguém estragá-lo.

Resolveu enfrentar a situação. Estava cansada da intolerância do pai. A pretexto de educá-los, protegê-los, sufocava-os com exigências descabidas.

Sentou-se e, notando que ele continuava a fixá-la de modo inquisidor, levantou a cabeça encarando-o desafiadoramente.

Ernestina mandou servir logo o almoço e Rute colocou as travessas sobre a mesa.

Augusto, irritado, olhava para Carolina, e o que a princípio era um olhar inquisidor, passou a ser de raiva. Tentando controlar a voz, o pai disse entre dentes:

— Na igreja você parecia que ia morrer, agora está aí, corada, bem-disposta, nem parece à mesma pessoa.

— De fato, papai. Estou muito bem. O mal-estar passou.

— Assim, de repente, como um passe de mágica? Quer que eu acredite nisso?

— É verdade. Eu me sinto mal na igreja.

— Mentira! Você faz isso de propósito para me contrariar e me fazer passar vergonha diante de todos.

Carolina enrubescou e levantou-se irritada. Seus olhos fixaram-se nele rancorosos e ela gritou nervosa:

— Está me chamando de mentirosa? Se eu lhe digo que me sinto mal é porque estou me sentindo mal mesmo.

Ernestina tentou intervir:

— Acalme-se, Carolina. Onde já se viu? Sente-se, como ousa falar assim com seu pai?

Augusto, que havia emudecido pela surpresa, por sua vez levantou-se e controlando a voz que a raiva deixava trêmula disse:

— Saia da minha frente, vá já para o quarto e hoje não vai mais sair de lá.

Vendo que Carolina continuava a olhá-lo com ar de desafio continuou:

— Amanhã sua mãe vai levá-la ao médico. Se não estiver doente, no próximo domingo estará na igreja e aí de você, se desmaiar de novo.

Carolina foi para o quarto aliviada. Fechou a porta com a chave e sentou-se pensativa.

Pouco se importava de ficar sem almoço. O pior era que teria de ir novamente à missa.

Se ela fosse, será que teria aquele sonho de novo? Ah! Se ela pudesse ir com aquele rapaz para o maravilhoso jardim, iria convencê-lo a levá-la para muito longe e nunca mais voltar.

Mas enquanto isso não acontecia, teria de passar mais um domingo aborrecido, sem nada de interessante para fazer.

Foi até a janela, abriu-a e olhou para fora entediada. O que adiantava ser alegre cheia de vida se tinha de ficar presa à rotina que o pai impunha?

O futuro não lhe parecia nada promissor. Conforme sua mãe dizia, seu destino seria casar com um homem que pudesse dar-lhe o mesmo conforto a que estava habituada, ter filhos e viver a mesma vida da maioria dos casais da cidade.

Não era isso que Carolina queria. Para ela amor não era nada do que via à sua volta. Os casais que conhecia formais pareciam estar sempre bem, eram como bonecos acomodados de acordo com a rotina social que haviam herdado dos seus ancestrais.

As regras do certo e errado eram repetidas constantemente pelos pais, e Carolina não aceitava isso.

— Não pode fazer isso, é errado!

Muitas vezes Carolina não concordava com as proibições e questionava:

— Errado nada. Por que preciso ser igual a todas as moças da cidade? Eu sou diferente.

Ao que a mãe respondia:

— Infelizmente. Mas não vou deixar que você saia da linha. Terá de se submeter aos costumes. Além de ser criança, você é uma mulher. E mulher precisa cuidar da reputação.

O pai afirmava sempre:

— Filha minha tem de se comportar. Não quero que fique falada.

Carolina olhou a praça que ficava um pouco além e pensou:

— Não tem ninguém na rua. Mesmo que eu pudesse sair, não ia acontecer nada de novo.

Melhor eu voltar a ler.

Verificou se a porta estava fechada com a chave, apanhou o livro e estirou-se na cama.

O único prazer que tinha era ler. Por meio dos livros ela viajava, vivia as aventuras dos personagens, imaginava-se uma heroína como as das histórias.

Gostava também das biografias de pessoas famosas. Cientistas, artistas, filósofos. Por meio delas, renovava as esperanças de um dia poder sair dali e partir rumo a outros lugares, livre para viver como gostaria.

Os livros representavam para ela uma forma de fugir da vida sem graça que vivia. Lendo, era como se estivesse vivendo tudo aquilo.

Mergulhou na leitura e logo se esqueceu de tudo.

Havia escurecido quando bateram na porta de seu quarto com insistência. Carolina escondeu o livro e foi abrir.

— Por que fecha a porta desse jeito? Faz tempo que estou batendo — disse Ernestina entrando com uma bandeja e colocando-a sobre a mesa de estudos.

— Estava com sono e não queria que ninguém me acordasse.

— Trouxe seu jantar.

— Obrigada, mãe. Não estou com fome.

— Não é possível. Você não almoçou e não pode ficar sem se alimentar. Sente-se e coma tudo.

— Você trouxe muita comida.

— Não é muito, não. Trate de comer tudo. Mais tarde virei buscar a bandeja.

Ernestina saiu contrariada e desceu as escadas. Não gostava quando Augusto castigava os filhos. Às vezes ele exagerava. Carolina havia desmaiado mesmo e não era culpada. O

problema é que ela sempre se rebelava contra o pai e isso também não é a certo.

Embora não concordasse com o marido, ela não se atrevia a dizer nada. Com o coração batendo descompassado, pedia a Deus que fizesse os filhos obedecerem ao pai. Assim, estaria tudo resolvido.

Augusto, sentado na sala, esperava-a para assistirem ao programa de televisão. Vendo-a entrar disse:

— Venha, o programa está começando. Ernestina sentou-se ao lado dele que continuou:

— Onde está Adalberto?

— Ele saiu logo após o jantar.

— Sem me dizer nada? Ele sabe que só pode sair depois de ver nosso programa semanal.

— Ele foi à casa do Ari buscar um material para o trabalho da faculdade.

Augusto meneou a cabeça desgostoso:

— Esse menino sempre arranja jeito de me contrariar. Eu me preocupo com a formação cultural dele, escolho um bom programa na televisão e ele vai embora? Isso não está certo.

— Ele saiu por causa do trabalho.

— Ele precisa valorizar a união da nossa família. Pelo menos aos domingos terá de ficar um pouco em casa. Esse menino não pára.

Ernestina não respondeu. Estava cansada de sempre ter de arranjar desculpas para os filhos.

Na televisão, uma cantora cantava um trecho de ópera e ela deixou o pensamento vagar livremente.

Sentia orgulho do marido. Um engenheiro, homem bonito, culto, bem de vida, que vivia para a família e para o trabalho. O que poderia desejar mais?

Sua mãe lhe dizia que havia tirado a sorte grande casando-se com ele. Que deveria ser muito grata a Deus por essa dádiva.

Ela reconhecia tudo isso, mas havia momentos em que se sentia triste, sem vontade de fazer as coisas. Então, rezava pedindo a Deus que a perdoasse por ser ingrata e se sentir infeliz apesar do marido que Ele lhe dera.

O programa acabou e Ernestina levantou-se, foi até a janela dizendo:

— A noite está linda. Você não gostaria de dar uma volta na praça?

Ele pensou um pouco e respondeu:

— Está bem. Vamos. E Carolina?

— Rute não vai sair e poderá ficar com ela.

Mais animada, Ernestina foi apanhar a bolsa e ambos saíram. Foram andando de braço dado até a praça.

A noite estava quente e havia muitas pessoas caminhando, outras sentadas nos bancos e algumas crianças brincavam alegres.

Eles sorrindo cumprimentavam os conhecidos até que Augusto viu Ari conversando com duas moças. Ele parou e perguntou a Ernestina:

— Você não disse que Adalberto tinha ido à casa do Ari?

— Foi o que ele me disse.

— Pois mentiu. O Ari está na nossa frente com aquelas moças. Onde será que Adalberto foi?

— Faz tempo que ele foi lá, já pode ter saído. Talvez tenha ido para a casa e nos desencontramos.

— Você está sempre arranjando desculpas para nossos filhos. É por esse motivo que não consigo educá-los como se deve. A culpa é sua.

Ernestina não respondeu. Acabava de ver Adalberto encostado em uma árvore conversando com uma garota. Augusto não podia vê-los.

Não queria que Adalberto namorasse enquanto não terminasse a faculdade. Se os visse seria um desastre.

Felizmente ela viu Jorge, o médico, com a esposa que se aproximava, e disse aliviada:

— Olha o Dr. Jorge e a D. Silvia. Vamos cumprimentá-los.

Assim que se aproximaram do casal, o médico estendeu a mão sorrindo:

— Que bom vê-los!

— Como está, Ernestina? — disse Silvia abraçando-a.

Ernestina sorriu satisfeita. Os dois eram muito amigos. Ele tinha o rosto redondo, pele morena, olhos pequenos, mas muito vivos lábios grossos e sorridentes mostrando dentes alvos e bem formados, que o tornavam muito simpático. Silvia tinha a pele clara, cabelos louros, rosto delicado, olhos azuis, era amável e muito querida pelos pacientes do marido.

Ernestina gostava da maneira como ela olhava nos olhos quando conversava, sentia que era pessoa confiável.

Depois dos cumprimentos, Augusto contou o que acontecera na missa e finalizou:

— Quero que marque uma consulta para Carolina. Receio que esteja doente.

— Desmaiar na igreja não é assim tão grave. Já vi acontecer algumas vezes — respondeu Jorge sorrindo. — A igreja lotada, o calor e o cheiro de incenso podem ter causado esse mal-estar. Como está ela agora?

— Bem. Nem parece que esteve tão mal. Isso me fez suspeitar de que ela estivesse fingindo.

— Ela não faria isso! — interveio Ernestina.

— Carolina não gosta de ir à missa. Pode ter simulado o desmaio para não ir mais à igreja.

— O mais provável é que ela tenha se sentido mal mesmo. Mas leve-a amanhã às quinze horas em meu consultório que vou examiná-la.

Na tarde seguinte, Ernestina com Carolina entrou no consultório de Jorge, que se levantou para cumprimentá-las.

Carolina, corada parecia bem-disposta. Mesmo assim, o médico examinou-a minuciosamente.

Depois, sentou-se novamente diante das duas.

— Então, doutor? — indagou Ernestina ansiosa.

— Está tudo bem. Não notei nada de anormal.

— Está vendo? — Disse Ernestina em tom desconfiado dirigindo-se a filha: — diga a verdade, você estava fingindo?

— Claro que não! Você mesma disse que eu estava pálida.

— Não sei como dizer isso a Augusto Cezar.

— Você preferia que eu estivesse doente? — tornou Carolina irritada.

Jorge interveio:

— Calma. Não há motivo para tanto. Como eu disse ao Augusto, desmaiar na igreja é comum.

Carolina franziu a testa preocupada:

— Eu não quero ir porque me sinto mal. Mas papai não entende.

— Ele deseja o seu bem. É dever dos pais ensinar os valores da religião. Uma pessoa sem fé é fraca, sem condições de enfrentar os desafios da vida — interveio Ernestina.

— Isso é verdade, Carolina — concordou o médico.

— Mas eu tenho fé, rezo todos os dias, o problema é que me sinto mal dentro da igreja.

Além do mais, não entendo por que temos de ir lá, ficar ouvindo o padre dizer coisas que não entendemos. Isso é hipocrisia.

— Carolina, não diga isso! — repreendeu Ernestina escandalizada. — Nós não temos condições de entender os mistérios de Deus. Só precisamos ouvir o sermão, e isso o padre faz em português.

— Duvido que alguém entenda aquele sermão. Ele diz coisas que não tem lógica.

— São palavras da bíblia! — rebateu Ernestina.

— Ditas por um estrangeiro que fala mal nosso idioma, numa linguagem confusa, que se presta a muitos significados.

Ernestina levantou-se irritada:

— O doutor me desculpe. Infelizmente minha filha não sabe o que está falando. Chegando a casa vamos ter uma conversa séria.

— Não há o que desculpar. Carolina tem opinião própria. Os jovens de hoje pensam diferente de nós.

— Não os meus filhos. Se Augusto souber vai ficar muito aborrecido. Para nós, a religião está em primeiro lugar.

Ele olhou-a pensativo, escolhendo as palavras que ia dizer. Depois respondeu:

— Não leve isso tão a sério. Carolina disse que tem fé, que reza. Só não quer ir à igreja porque passa mal. Acho que vocês, por enquanto, não deveriam insistir. Com o tempo creio que isso vai passar, então, ela mesma há de querer freqüentar a missa.

Ernestina pensou um pouco, depois disse:

— Carolina, vá esperar-me lá fora. Quero conversar com o doutor a sós.

Imediatamente ela levantou-se, despediu-se e saiu. Ernestina, que havia se sentado novamente, disse angustiada:

— Essa menina é muito rebelde. Não aceita nossa opinião, está sempre nos questionando.

Por outro lado, meu marido é muito exigente e ambos estão sempre se confrontando. Eu não gosto de discussões. Fui filha obediente em tudo. As atitudes de Carolina tiram Augusto do sério e ela acaba sempre de castigo. Mas isso, ao invés de resolver, faz com que ela fique pior. Eu fico no meio deles sem saber como agir, querendo pôr panos quentes, evitar que discutam, mas não consigo.

Ela calou-se se esforçando para conter as lágrimas.

— Se a senhora não controlar seu nervosismo, vai acabar doente e não vai conseguir o que deseja.

— Quer dizer que não tem remédio?

— Precisa entender o que está acontecendo. Carolina é uma moça muito inteligente.

— Não creio. Se fosse assim, ela não ficaria criando caso.

— Ao contrário. Para aceitar as coisas, ela precisa entendê-las. A senhora ouviu que ela não gosta da missa, porque não entende o que está acontecendo.

— Todo mundo vai e aceita. Por que Carolina tem de ser diferente?

— Ela não quer ser hipócrita. E para ser sincero, quando vou à igreja, não consigo manter

meu pensamento no que o padre está dizendo. Quando percebo, já estou pensando em outras coisas. A senhora consegue não dispersar o pensamento quando está na missa?

— Bem, todos têm suas fraquezas. Às vezes me acontece. Mas nessa hora temos de nos esforçar para rezar e prestar atenção.

— As pessoas não são iguais. Sua filha tem outra maneira de ver, diferente da sua.

Enquanto a senhora se conforma em aceitar o que os outros dizem, ela não aceita.

Primeiro precisa entender para depois aceitar.

— Se eu pensasse assim meu casamento teria acabado. Na família há uma hierarquia, primeiro o pai, depois a mãe. Os filhos devem obedecer.

O médico olhou-a pensativo e não respondeu de imediato. Ela continuou:

— Eu tenho feito minha parte. Há muitas coisas que eu gostaria que fossem diferentes, mas Augusto Cezar quer de determinado jeito e eu preciso aceitar. Ele é o chefe da família. Adalberto aceita e não nos dá nenhum trabalho. Por que Carolina não faz o mesmo?

— É o temperamento dela.

— Um bom calmante não a tornaria mais calma?

— Não posso fazer isso, sua filha não precisa. Noto que a senhora está nervosa, gostaria que pensasse no que vou lhe dizer. Carolina é inteligente, questiona a razão das coisas.

Reflete sobre o que ouve ou vê. A senhora deve orgulhar-se de ter uma filha com essas qualidades.

— Eu queria que ela fosse como as outras.

— Mas ela não é. Ela pensa, analisa, percebe. Vou conversar com Augusto sobre isso.

Seria bom que a ouvissem e respeitassem sua opinião.

— Não dá para fazer isso! Seria o caos.

— Muito pior é forçá-la a fazer coisas de que ela não gosta e a deixam mal. É a natureza dela. Vocês não vão conseguir fazê-la mudar. Afinal, não gostar de ir à missa não é tão grave assim. Vocês podem ensinar os valores espirituais em casa. Isso é o mais importante.

— Augusto nunca vai aceitar uma coisa dessas! Quer dizer que eu vou ter de continuar no meio desses desentendimentos dentro de casa?

— Acalme-se D. Ernestina. Vou receitar-lhe um calmante leve, para que se sinta melhor.

Quer que sua filha mude para que a senhora não tenha de enfrentar nenhum confronto.

Mas a vida é cheia de confrontos. Todos os dias colocam em nosso caminho situações que teremos de enfrentar. Fugir não resolve, ao contrário, os problemas crescem e enquanto não os enfrentamos, eles não se resolvem.

— Mas eu estou enfrentando. Quero manter a paz na família.

— A senhora quer que sua filha mude o temperamento. Isso não é possível.

Ernestina levantou-se nervosa:

— Como não? Ela é jovem e tem que mudar. Até parece que o senhor está contra mim!

— Acalme-se. Sente-se e me ouça. Eu estou do lado do bom senso. Desejo que vocês tenham um bom relacionamento. Mas agindo desse jeito, vocês só vão conseguir que sua filha fique pior. Quanto mais usarem autoridade, mais ela vai resistir.

— É assim mesmo que ela faz — concordou Ernestina sentando-se novamente.

— Vocês precisam usar a inteligência. Ela quer entender as coisas, vocês devem conversar e esclarecer.

— Ela faz perguntas que não sei responder.

Ele riu e considerou:

— Diga que não sabe e procure se informar a respeito. Em nossa cidade temos uma biblioteca muito boa.

— Estudar, doutor, na minha idade?

— O que é que tem? Eu e Silvia estamos sempre estudando alguma coisa. Isso torna a vida mais interessante. Há muitas coisas para aprender. Experimente. Vai se surpreender.

— Vou tentar — mentiu ela.

Não tinha nenhuma intenção de seguir esse conselho que considerou ridículo. Achou que não tinha nada mais que fazer ali.

O médico prescreveu uma receita e entregou a ela.

— Tome vinte gotas antes de se deitar. Vai fazer-lhe bem.

Ela agradeceu e saiu. Sentia-se decepcionada. Carolina a esperava na outra sala lendo uma revista.

Ela pagou a consulta para a recepcionista, depois se aproximou de Carolina:

— Vamos embora.

Saíram. Durante o trajeto de volta, Ernestina não disse uma palavra. Carolina notou logo pela fisionomia dela que não estava satisfeita.

O que teria conversado com o médico durante tanto tempo? O que ele lhe teria dito? Ela não saía feliz depois daquela conversa.

Aliás, ela sentia que sua mãe não era uma pessoa feliz. Fechada, nunca expressava seus sentimentos. Apesar de a mãe se esforçar para demonstrar a todos que ela e o marido eram um casal feliz, Carolina tinha certeza do contrário.

Quando seu pai estava em casa, percebia nela uma ansiedade, sempre querendo descobrir o que ele queria, para que ele não precisasse reclamar de nada.

Ela se orgulhava de ser uma dona de casa perfeita. Adorava colocar pessoalmente nas gavetas a roupa, impecavelmente lavada e passada, cada coisa rigorosamente limpa no lugar certo.

Seus olhos brilhavam satisfeitos quando alguém elogiava suas prendas domésticas.

Carolina notava que o pai nunca a elogiava. Exigente nos mínimos detalhes achava que a esposa tinha obrigação de fazer tudo perfeito.

Ela nunca tinha visto a mãe despenteada, vestida de maneira mais displicente. Às vezes tinha a impressão de que ela se deitava vestida e não se mexia para não despentear os cabelos.

Quando era criança, muitas vezes desarrumava as gavetas da mãe, escondia seus pertences, para ver se ela ficava mais à vontade. Sua mãe a castigava e a obrigava a colocar tudo no lugar. Depois, arrumava do seu jeito.

Assim que chegaram a casa, Carolina foi para o quarto, interessada em continuar a leitura do romance.

Ernestina foi ver como estavam os preparativos para o jantar. Augusto Cezar não havia chegado. O que lhe diria? Sabendo que Carolina não estava doente, certamente seria mais exigente com ela e a situação poderia piorar.

Talvez fosse melhor dizer-lhe que o médico iria conversar com ele sobre o assunto.

Pensando assim, subiu para trocar de roupa e descansar até a hora do jantar.

CAPÍTULO 2

Naquela tarde, Augusto Cezar procurou por Ernestina.

— Ela está no quarto — informou Rute.

Ele subiu para falar com a esposa. Estava ansioso para saber o que o médico dissera sobre Carolina.

Ernestina estava se arrumando como fazia todas as tardes para esperar o marido.

— E então? — o indagou. — Levou Carolina ao médico, o que ele disse?

— Bem... Ele a examinou e ficou de conversar com você sobre isso.

— Como? Ele não lhe disse nada?

— Disse que é freqüente mocinhas desmaiarem na igreja por causa do cheiro de incenso, do ambiente etc.

— Isso ele já me havia dito. Mas quanto à saúde dela?

— Não encontrou nada.

Ele meneou a cabeça com irritação:

— Eu não disse? Essa menina está fingindo. Mas não vou permitir que ela nos engane de novo. Domingo terá de ir à missa como é preciso.

— Antes de decidir seria melhor conversar com ele. Tenho a impressão de que ele não disse tudo.

— Por que não?

— Talvez por estar diante dela, não sei. Vá conversar com ele.

— Está bem. Irei. Onde ela está agora?

— No quarto.

— Ela vive no quarto. Até parece que não gosta de ficar com as pessoas da família.

— Não é nada disso. Eu estou sempre ocupada, Adalberto estudando com os amigos, ela não tem com quem conversar. Se tivesse uma irmã seria diferente. Na idade dela eu estava sempre com minhas duas irmãs.

— Falarei com ele amanhã mesmo. Agora vou tomar um banho e descer para o jantar.

— Faça isso, hoje fiz aquela torta de palmito de que você gosta.

Antes de descer, Ernestina passou pelo quarto de Carolina, girou a maçaneta, a porta estava trancada. Irritada, bateu com insistência. Quando Carolina a abriu, disse:

— Já lhe disse para não trancar a porta. Por que você faz isso?

— Eu fechei por causa do Adalberto. Queria dormir um pouco. Ele não respeita minha privacidade. Costuma entrar, gritar na minha orelha, puxar o lençol.

— Ele não faria nada se você não ligasse para as palhaçadas dele. Quanto mais você se irrita, mais ele sente prazer em fazer. Também não é só ele, você implica com tudo o que ele faz. Nunca vi dois irmãos tão briguentos. Eu sempre me dei bem com minhas irmãs.

— Já sei, vocês eram muito amigas. Pois eu fecho a porta para evitar brigar. Só por isso.

Ernestina suspirou desanimada:

— Seu pai está no banho e logo vou servir o jantar. É melhor se arrumar e descer. Não quero me atrasar.

— Eu não estou com fome. Preferia ficar sem jantar.

Ernestina sacudiu energicamente a cabeça:

— Sabe que seu pai exige todos à mesa na hora do jantar. Trate de descer. Chega de confusão. Não invente moda senão eu mesma vou lhe dar um castigo. Estou cansada, mereço jantar em paz.

Carolina concordou. Se ela não fosse, teria de ouvir vários sermões. Era melhor obedecer.

Queria voltar logo para o quarto e continuar sua leitura. O livro estava muito interessante.

Quando desceu, Adalberto já estava na sala e ela olhou-o com raiva. Sabia que ele era dissimulado. Fingia obedecer a tudo que os pais diziam, mas longe deles fazia o que queria.

Em uma das suas discussões ele lhe dissera:

— Você é boba. Eu sou muito mais inteligente do que você.

— É um fingido. Na frente deles é um santo, educado, gentil, mas pelas costas faz tudo diferente.

— O que você ganha sendo revoltada, discutindo com eles? Só arranja encrenca. Faça como eu. Esteja em casa na hora do almoço e do jantar, vá com eles à missa aos domingos, diga sim para tudo, elogie a vida familiar e verá que não terá mais problemas.

— Não tenho estômago para ser falsa. Gosto de dizer o que sinto. Ser verdadeira.

— Então não se queixe. Continue dando vexame como o que deu no domingo.

Vendo-a entrar na sala Adalberto sorriu:

— O Dr. Jorge encontrou a sua doença? Receitou-lhe algum remédio?

— Eu não estou doente.

— Eu sei. Ele não receitou porque ainda não inventaram um remédio para burrice.

Carolina fuzilou-o com o olhar e não respondeu. Ernestina, que estava entrando e ouvira a frase dele, interveio:

— Cale-se, Adalberto. Suas brincadeiras sempre dão mal resultado.

— É que Carolina não tem senso de humor.

— Eu disse para ficar calado. Seu pai está descendo.

Augusto Cezar entrou na sala de jantar, olhou em volta, e disse:

— Boa tarde. Vamos nos sentar. Pode mandar servir.

O jantar decorreu em silêncio. Carolina estava com os olhos no prato e a mãe cuidava para que nada faltasse e nenhum dos filhos dissesse alguma besteira. Augusto Cezar, de vez em quando, lançava um olhar inquiridor sobre todos.

Querendo melhorar o clima, Adalberto tentou conversar sobre suas aulas na faculdade e o pai interessou-se. Augusto Cezar preferia que o filho fosse engenheiro, como ele, mas para isso ele teria de ir estudar em outra cidade, e ele não queria que o filho ficasse fora do seu controle.

Quando Adalberto decidiu estudar Direito, ele concordou. Como advogado também poderia trabalhar na empresa da família como desejava.

— Trate de estudar bastante. Assim que passar para o segundo ano, começará a trabalhar em nossa empresa para familiarizar-se.

— Não sei se estarei preparado para trabalhar. Estou começando. Eu ainda não sei nada.

Acho cedo.

— Ao contrário. Quanto mais cedo começar, melhor será. O estudo é importante, mas a prática é que vai mostrar a melhor forma de usar as teorias. Para ter sucesso profissional, uma coisa não pode existir sem a outra. Já decidi. No começo do ano que vem você vai começar a trabalhar.

Adalberto baixou a cabeça sobre o prato para que o pai não percebesse sua contrariedade e respondeu:

— Está bem.

Os olhos de Carolina brilharam irônicos quando fixou o irmão. Mas não disse nada. Queria que a refeição terminasse logo para que pudesse retomar a leitura.

Assim que o pai levantou-se da mesa, Carolina foi para o quarto, fechou a porta, apanhou o livro e acomodou-se gostosamente na poltrona.

Abriu o livro, mas sentiu sono. Fechou-o novamente colocando-o sobre a mesinha.

Recostou-se e adormeceu.

Sonhou que caminhava por uma trilha em um campo verde. Ela admirou o céu de um azul forte e brilhante e notou que o verde das plantas era mais vivo do que costumava ver.

Sentia-se leve, alegre, bem-disposta. Caminhou depressa, ansiosa para chegar, sem saber aonde.

Encontrou uma praça em que havia um coreto branco cercado de flores. O jardim era maravilhoso. Encantada, Carolina sentou-se em um banco, olhando à sua volta querendo observar tudo.

Foi quando viu o rapaz que havia visto na igreja e que a levava passear aproximar-se.

— Conheço você! — disse ela, levantando-se e indo ao encontro dele.

— Eu sei. Vamos nos sentar e conversar.

— Apesar de nunca haver estado aqui, este lugar me é familiar.

— Claro. Você costumava vir muito aqui.

— Eu não me lembro.

— É natural. Você reencarnou e essa fase é de esquecimento. Mas conforme combinamos antes de você nascer, estou a seu lado.

— Sinto que o conheço, mas não sei de onde. Quem é você, como se chama?

— Marcos. Somos amigos há muito tempo. Trouxe-a aqui para falar sobre nossos projetos.

Ele colocou a mão direita sobre a testa dela dizendo:

— Você agora vai se lembrar de mim.

Da mão dele saía uma energia colorida que entrava pela testa e circulava pela nuca dela.

Carolina estremeceu, abriu os olhos e disse alegre:

— Marcos, é você! Que alegria!

Abraçou-o com carinho. Permaneceram assim alguns segundos, depois ele disse:

— Lembra-se?

— Sim. Que bom, vê-lo.

— Trouxe-a aqui porque é hora de darmos andamento aos nossos projetos. Sei que não será fácil. Por outro lado, você terá toda ajuda que for preciso.

Continuaram conversando durante algum tempo. Por fim ele tornou:

— É hora de voltar. Quando acordar, você esquecerá essa nossa conversa, mas essa experiência ficará gravada em sua memória e será um ponto positivo que vai ajudá-la.

— Está tão bom aqui! Eu gostaria de ficar um pouco mais.

— Eu também gostaria. Mas é preciso voltar.

— É que lá eu me sinto deslocada. As pessoas são tão diferentes de mim.

— Você é mais experiente do que elas, o que lhe concede maior responsabilidade no relacionamento. Por ter vivido mais, tem mais condições de entender o relativismo deles sem deixar de ser você mesma.

— É o que tenho tentado fazer.

— O confronto, nem sempre é o melhor caminho. A firmeza é necessária, mas sem agressividade ou revolta. É cruel exigir de alguém o que eles ainda não podem dar.

— Mas se eu deixar, eles vão transformar minha vida e atrapalhar nossos projetos.

— Você pode ser firme sem ser revoltada. Coloque-se de maneira clara, mas sem raiva.

Olhando nos olhos da pessoa envolvendo-a com pensamentos de luz e amor.

— É que quando estou lá, esquecida de tudo, tenho encontrado dificuldade em vencer a irritação. Se ao menos eu pudesse me lembrar da nossa conversa aqui...

— Eu sei como é isso. Mas precisa se esforçar. Você pode vencer tudo isso.

— Vou tentar. Mas sempre que eu cometer um deslize faça alguma coisa, avise-me.

Marcos sorriu e respondeu:

— Vou ver o que posso fazer. Agora vou levá-la de volta.

Lembre-se, quando ficar contrariada, coloque-se com firmeza, olhe nos olhos de seu interlocutor, mande a ele luz e amor.

Carolina acordou, ouvindo as últimas palavras de Marcos. Sentia ainda no peito grande euforia que lhe causava uma sensação agradável.

Olhou em volta esforçando-se para recordar-se do sonho. Tinha certeza de que havia se encontrado com o rapaz que a visitara na igreja e que ele se chamava Marcos. Lembrava-se de tê-lo abraçado, de haver conversado. Mas sobre o quê?

A cena ainda estava nítida em sua lembrança, a beleza do lugar... Mas, por mais que se esforçasse não conseguia recordar-se de tudo que haviam conversado só as últimas palavras dele ainda soavam aos seus ouvidos:

— Você pode ser firme sem ser revoltada. Coloque-se de maneira clara, mas sem raiva.

Olhando nos olhos da pessoa envolvendo-a com pensamentos de luz e amor.

Lembrou-se das exigências descabidas do pai e da excessiva passividade da mãe, além das provocações do irmão e pensou:

— Ser firme vai ser fácil. Mas só em pensar o que eles fazem, sinto raiva. Vai ser difícil conseguir nessas horas ter pensamentos de luz e de amor. Em todo o caso, vou tentar.

No sábado à noite, depois do programa de televisão com a família, Carolina levantou-se:

— Vou subir para dormir. Boa noite a todos.

— Espere Carolina — tornou Augusto Cezar. — Amanhã vamos à missa das dez. Quero todos prontos meia hora antes.

Carolina sentiu um impulso de raiva, mas esforçou-se para controlá-lo. Parou diante do pai, que a olhava com ar de desafio, olhou nos olhos dele imaginando que raios de luz o envolviam, e disse com voz calma:

— Não gosto de ir à missa, não entendo nada do que o padre fala. Sinto-me mal cada vez que vou. Não quero ir. Prefiro rezar em meu quarto, do meu jeito. Mas não desejo desobedecer a uma ordem sua, se me obrigar, irei. Mas ficaria feliz se me deixasse ficar em casa.

Augusto Cezar olhou-a admirado e no primeiro momento não soube o que dizer. Ernestina trocou um olhar surpreendido com Adalberto.

Notando que os três o olhavam atentos, esperando uma resposta, ele reagiu:

— Quero todos juntos na missa. Faço isso para pedir proteção a Deus. Nós não sabemos o que pode acontecer amanhã, os perigos a que vocês, que são jovens, estarão sujeitos. É

uma tradição da nossa família, meus avós, meus pais, todos fizeram assim. Apesar de nossa família ser numerosa nunca ninguém ousou romper esse costume.

Ele fez uma pausa e, notando que os três continuavam esperando, continuou:

— Quando eu tinha a sua idade, também não entendia o que o padre dizia, achava cansativo, preferia jogar bola com os amigos. Mas hoje eu entendo que meus pais agiam assim para me proteger e sou grato pelo que fizeram por mim. Como pai, tenho o dever de dar-lhes uma boa formação espiritual. Por esse motivo, amanhã você terá de ir à missa.

O tom dele era carinhoso, Carolina pela primeira vez entendeu por que ele agia dessa forma, e respondeu:

— Está bem, pai. Irei. Boa noite a todos.

Ela saiu da sala e Adalberto comentou:

— O que deu nela? Eu não acredito nessa mansidão. Cuidado, ela vai aprontar alguma.

— Não gostei do seu comentário maldoso — disse Augusto Cezar. — Tenho observado que você gosta de provocar sua irmã. É falta de respeito e eu não gosto nada disso.

— Desculpe pai, não vou mais agir assim — prometeu ele tentando dissimular a contrariedade.
— Vou sair, dar uma volta. Não me demoro.

Depois que ele se foi, Ernestina comentou:

— Carolina parece mudada.

— Ela não é mais uma menina, sinto que amadureceu.

Ernestina suspirou aliviada. Ela esperava uma discussão desagradável, que não aconteceu.

Apesar da atitude cordata da filha, temia que ela mudasse de idéia.

Carolina foi para o quarto, trancou a porta, apanhou o romance que estava lendo e acomodou-se na poltrona. Não abriu o livro. Ficou pensando no seu encontro com Marcos, esforçando-se para lembrar alguma coisa mais.

O lugar, o abraço o bem-estar, a alegria que sentira, continuavam vivos em sua lembrança, mas da conversa, apenas recordava as últimas palavras.

Ele estava certo. Seu pai nunca explicava por que dava uma ordem. Pela primeira vez, havia se justificado. Carolina notou que ele agia daquela forma pensando em protegê-los.

Claro que ela pensava diferente. Não se comovia com rituais que não entendia, mas era sensível à beleza das coisas, via Deus em todos os lugares, acreditava que o Universo era comandado pela fonte da vida e que a essência divina estava dentro do seu coração.

Quando sentia necessidade de falar com Deus, recolhia-se e deixava sua alma expressar-se. Tinha certeza de que estava sendo ouvida.

Mas seu pai não sabia disso. Cumprindo o ritual religioso da família ele acreditava estar cumprindo seu papel de pai. Obrigando os filhos a obedecerem cegamente suas determinações, pretendia saber o que seria melhor para eles serem felizes. Que ilusão!

Não querendo confronto, Adalberto assumira uma postura falsa diante da família; longe dos pais, agia de outra forma.

A experiência que acabara de ter fora reveladora. Marcos estava certo. Ela cedera ao desejo do pai, não por medo, nem por haver mudado sua forma de ver, mas por notar que ele os amava e pensava estar lhes fazendo um bem.

Como explicar-lhe suas razões mais íntimas? Sentia que ele não estava pronto para entender. Gostaria muito de conversar com ele sobre sua forma de ver o mundo, a vida.

Mostrar-lhe que havia muitas coisas além das aparências, que a vida era mais do que parecia ser.

Mas sentia que ele ainda não estava pronto. Marcos havia a aconselhado a ter paciência.

Agora entendia o porquê.

Pensou na mãe, sempre temendo alguma coisa, ocultando seus verdadeiros sentimentos, insegura, sem coragem de se colocar, aceitando as ordens do marido passivamente.

Carolina não se lembrava dela as ter discutido uma única vez. Do que ela tinha medo? Por que havia se apegado daquela forma? Era uma mulher bonita, elegante, mas seus olhos eram sem brilho. Como seria seu mundo íntimo? Certamente não era feliz.

Apesar de aparentar alegria e bem-estar, sua família não era feliz. O pai não dividia suas opiniões com a esposa, dava ordens, exibia autoridade. Provavelmente porque não a julgava capaz de uma atitude adequada.

Carolina pensava diferente. Havia notado que quando Ernestina estava distraída, relaxada, e seu pai não estava por perto, ela demonstrava um profundo senso prático, deixando escapar frases reveladoras de um espírito arguto e observador. Por que na presença dele ela se apagava tanto?

Já Adalberto, apesar de estar sempre alegre, bem-disposto e nunca se queixar de nada, ela notava o esforço que ele fazia para não demonstrar contrariedade, sempre que o pai exigia dele alguma coisa. Era um papel que ele exibia, desejando ser querido, passar por bom moço.

Por que será que ele agia assim? Ocultar os sentimentos, demonstrar uma alegria que não sentia, não falar de si mesmo, do que gostava ou não, deveria ser muito penoso.

Carolina não gostava de fingir. Era profundamente verdadeira. Compreendeu que se Marcos não a houvesse auxiliado, ela continuaria a reagir de maneira inadequada.

A pequena experiência daquele dia havia demonstrado que era possível se colocar, falar dos seus sentimentos, ser ouvida.

Era verdade que no domingo teria de ir à missa com a família. Aparentemente nada havia mudado. Mas conhecendo as razões de seu pai, percebendo os limites dele, seria menos penoso lhe obedecer.

Naquele momento, percebeu que a forma como ele lhe dava ordens a incomodava, era como se ela fosse incapaz de escolher seu próprio caminho.

Levou as mãos ao rosto assustada: "Ela era tão vaidosa quanto ele".

Então lhe pareceu ouvir a voz de Marcos dizendo:

— Por que você acha que tem um pai assim? Por que, apesar do conhecimento que você já tem, precisou nascer em uma família como a sua? Saiba que a vida faz tudo certo. Ninguém é vítima.

Quantas coisas havia dentro dela que ainda não sabia? O que precisaria aprender para ser feliz?

Sentiu-se um tanto insegura. Lembrou-se que Marcos prometera ajudá-la.

Ah! Se ela pudesse estar com ele de novo! Sentir aquela sensação de leveza e alegria!

Se ao menos pudesse recordar-se do que haviam conversado! Na próxima vez em que estivessem juntos, iria lhe pedir que não a deixasse se esquecer.

Desejava guardar todos aqueles momentos mágicos de espiritualidade e entendimento.

Pensando nisso, juntou as mãos e murmurou uma prece de agradecimento por poder ter esse amigo.

Depois, prometeu a si mesma esforçar-se para seguir os sábios conselhos que ele lhe havia dado.

Aliviada e tranqüila, abriu o livro e desta vez mergulhou na leitura prazerosamente.

CAPÍTULO 3

Eram sete horas da noite de sábado quando Adalberto finalmente conseguiu sair de casa. Seu amigo Romeu havia confidenciado que Ana Maria estaria na Praça com Sônia.

Romeu estava interessado em Sônia e marcara um encontro com ela, que lhe dissera ir junto com Ana Maria, uma vez que seu pai não a deixava sair sozinha.

Ele apressou-se em avisar Adalberto. Sabia que o amigo ficaria contente em acompanhá-lo. Fazia algum tempo que Adalberto desejava aproximar-se da moça.

Mas ela era difícil e não lhe dava chance.

Ele aprontara-se cedo, caprichara na toalete, mas justamente naquela noite, o jantar, apesar de ter sido servido no horário de sempre, demorou mais do que o habitual.

Seu pai estava falante, animado, fazendo planos para o futuro e ele não via hora de sair. Estava a ponto de protestar, mas conseguiu controlar-se. Se protestasse poderia ser pior.

Só Carolina notou a impaciência dele e o apuro com que se arrumara para sair.

Mas Augusto Cezar, bem-humorado não percebeu nada.

Uma vez na rua, Adalberto foi ao encontro do amigo a passos rápidos.

— Puxa, você demorou! — reclamou ele assim que o viu.

— Por mim eu estaria aqui muito antes. Mas parece que meu pai advinha. Ele tem o poder de ser desagradável. Destampou a falar e não parava mais.

— Por que você não pediu licença e saiu?

— Porque ele iria zangar-se e eu sou de boa política. Não quero lhe aborrecer.

— E por causa disso você prefere aborrecer-se e arriscar-se a perder a chance de conversar com Ana Maria? Na minha casa quando quero sair mais cedo, eu aviso e pronto.

— Não posso fazer isso.

— Você acha que ele vai se aborrecer só por que quer sair um pouco mais cedo?

— Ele gosta de unir a família durante as refeições. Quer todos à mesa na hora do jantar. É uma regra, quase um ritual.

Ele ficaria zangado se eu saísse antes.

Os dois foram caminhando apressados. A praça estava repleta. Deram uma volta, procurando as duas moças, mas elas não estavam.

— São sete e cinco — murmurou Adalberto. — Será que elas desistiram?

— Não creio. Sônia ficou muito emocionada quando marcamos o encontro. Tenho certeza de que virá.

Alguns minutos depois, elas chegaram. Após os cumprimentos Sônia tornou:

— Vim para dizer que é melhor marcarmos outro dia. Ouvi meu pai convidar mamãe para vir na praça tomar um sorvete. Não quero que nos vejam juntos.

— Faz tempo que desejo conversar com você e não quero perder esta oportunidade — alegou Romeu. — Vamos sair daqui, procurar um lugar discreto para conversarmos.

Adalberto devorava Ana Maria com os olhos. Ela estava linda em seu vestido de seda vermelho, os cabelos ondulados caindo nos ombros, os lábios carnudos entreabertos em um sorriso.

Ele queria conversar, ser interessante, mas ao lado dela permanecia calado, sem saber o que dizer. Ela notou o embaraço dele e sorriu satisfeita.

Eles foram andando lado a lado. Romeu um pouco a frente com Sônia. Adalberto respirou fundo e reagiu:

— Faz tempo que eu queria conversar com você. Mas sempre que nos encontramos você está com alguém de sua família.

— Meus tios são muito exigentes em matéria de amizades.

— Eu soube que você veio para cá porque sua mãe morreu.

— Foi. Meus tios são meus únicos parentes. Meu pai morreu quando eu era pequena, minha mãe quando eu estava com dezesseis anos. Meus tios foram me buscar. Tia Ângela é a única irmã de mamãe e não tenho outros parentes.

— Você morava em São Paulo, já se acostumou a viver aqui?

— A princípio foi difícil, os costumes são diferentes. Além disso, eu era muito ligada a minha mãe e senti muito a falta dela.

Os olhos dela brilhavam emocionados e Adalberto disse:

— Posso imaginar.

— Minha vida mudou radicalmente. Meus tios são muito bons, mas quando eu puder pretendo voltar a morar na capital.

— Seus tios têm vontade de ir para lá?

— Não. Eles adoram isto aqui. Mas eu desejo uma vida diferente. Gosto do movimento da cidade grande. Tudo por aqui é calmo demais para o meu gosto.

Mas chega de falarmos de mim. E você, gosta de morar aqui?

— Eu nasci aqui. Estou habituado a esta vida calma.

— Sei que estuda Direito. Pretende ficar aqui depois que se formar?

— Ainda não sei.

— Em São Paulo você teria mais oportunidade de fazer carreira, ganhar dinheiro.

Se continuar aqui nunca subirá na vida.

— Nunca me preocupei com isso. Meu pai se formou, sempre morou aqui e fez uma boa carreira. Vivemos muito bem.

— Vocês se conformam com pouco.

O tom que ela disse isso o incomodou e ele rebateu:

— Engana-se. Temos um bom padrão de vida. Aliás, meu pai gosta do luxo e do conforto.

— Se vocês estão satisfeitos com o que têm, não questiono. Só sei que eu, assim que alcançar a maioridade vou morar na cidade.

— Mas você disse que seus tios não vão.

— O que tem isso? Vou de qualquer jeito.

— Uma moça sozinha na capital, acha certo?

Alçando a cabeça para trás ela riu sonoramente:

— Você já está contaminado pela mentalidade do interior. Pensa pequeno. Não me conformo. Em São Paulo há muitas moças que não vivem com a família. Desejam progredir na vida. Estudam e trabalham para se manter.

— É isso que você chama de uma vida boa? Aqui com seus tios você não precisa se preocupar em ganhar a vida. Pelo que tenho observado, eles vivem muito bem.

Você estuda na melhor escola, está sempre bem-arrumada, tem a companhia e o carinho deles que a amam. É loucura abandonar tudo isso para sofrer sozinha em uma cidade grande.

— Eu vim morar com eles, vivo as expensas deles. Por causa disso sou forçada a obedecê-los, fazer o que eles querem. Meu tio é mais liberal, mas minha tia é muito exigente. Quer tudo do jeito dela.

Eles continuaram caminhando lentamente até chegarem a uma pequena praça.

Vendo que Romeu e Sônia haviam se sentado, procurou um banco um pouco a frente e se acomodaram.

Adalberto retomou o assunto:

— Sua tia está cumprindo seu papel. Faz isso pensando no seu bem.

— Reconheço. Mas sou diferente dela. Quero ter o direito de viver do meu jeito.

Daqui a alguns meses completarei vinte e um anos. Então vou embora.

— Como pensa viver na cidade?

— Os bens que meus pais me deixaram estão nas mãos dos meus tios até eu completar a maioridade. Com eles, penso que poderei viver em São Paulo muito bem.

Adalberto segurou a mão dela dizendo:

— Sentirei sua falta. Não vá.

Ela olhou-o nos olhos, retirou a mão e respondeu:

— Nada me fará desistir dos meus planos. Neles você não está incluído.

A resposta direta dela fez o sangue subir no rosto de Adalberto que reagiu:

— Eu disse que sentirei sua falta, não que pretendo casar-me com você.

A resposta inesperada despertou a curiosidade dela, que resolveu provocá-lo:

— Por que, não?

— Porque é ambiciosa e não gosto disso. Prefiro escolher uma moça que aprecie a vida familiar.

— Você faz bem o gênero do povo desta cidade. Ainda bem que não temos nada a ver um com outro.

— Como é que pode saber? Estamos conversando pela primeira vez.

— É o suficiente — respondeu ela olhando-o desafiadoramente.

Adalberto irritado não se conteve, agarrou-a e beijou-a nos lábios com paixão.

Apesar de surpreendida, ela correspondeu ao beijo e ele emocionado continuou beijando-a. Por fim ela separou-se dele dizendo:

— Você me pegou de surpresa. Por que fez isso?

— Faz tempo que desejava beijá-la. Não podia perder a oportunidade, uma vez que logo você vai embora.

— Você é um cínico.

— Quis que você experimentasse o gosto dos meus lábios.

— Pretensioso! Para mim esses beijos não significaram nada.

— Mas você bem que correspondeu.

Ela levantou-se irritada:

— Essa conversa sem graça já foi longe demais. Vou embora. Se Sônia quiser ficar, que fique.

Adalberto segurou o braço dela e pediu:

— Sente-se, por favor. Prometo que vou me comportar. Se você for embora, Romeu vai brigar comigo. Ele está muito interessado em Sônia.

— Espero que ele seja mais confiável do que você.

— Sente-se, vamos.

Ela sentou-se conservando certa distância.

— Já disse que vou me comportar — repetiu ele aproximando-se dela. —

Reconheça que você provocou.

— Não é verdade. Eu não queria vir porque notei seu interesse por mim. Primeiro porque não pretendo namorar ninguém, depois mesmo que eu tivesse essa vontade, nunca seria com você. Fui sincera ao dizer que você não estava incluído em minha vida.

Ela era direta e suas palavras caíram sobre o entusiasmo dele como uma balde de água fria. Ele esforçou-se para controlar a decepção. Não queria que ela notasse seu desapontamento.

— Você está exagerando. Eu não disse que queria namorá-la. Você tem uma boca apetitosa e eu queria beijá-la. Mas não estou apaixonado por você. Mas já que foi tão franca, diga, por que tanta aversão por mim?

— Não se trata de aversão. Nem nos conhecemos. Acontece que tenho meus Quando eu morava em São Paulo tive muitos aborrecimentos por causa de um admirador apaixonado, que prometia até me matar se eu não o aceitasse.

Pretendo me casar com um homem mais velho do que eu, com a vida definida.

Estou sendo sincera com você.

— Até demais. Apesar de tudo, você correspondeu a meu beijo e eu gostei da experiência.

Ele disse isso em tom de gracejo e ela sorriu:

— Para ser sincera, também gostei.

— Se quiser podemos repetir a dose. Estou à disposição.

— Não vamos repetir nada. Algum dia você encontrará uma moça bonita e vai se apaixonar de verdade.

Romeu e Sônia estavam se aproximando e eles levantaram-se também.

— Vamos embora — convidou Sônia.

Eles foram caminhando de volta até as proximidades da casa dela.

— Vamos nos despedir aqui. Não quero que ninguém nos veja.

Despediram-se. Romeu estava radiante.

— Estamos namorando — disse assim que elas se afastaram.

— Parabéns.

— Você também se deu bem. Pensa que não vi os beijos?

— Ao contrário. Ela me disse claramente que não pretende namorar. Quer ir embora para São Paulo.

— Não entendo. Então por que o beijo?

— Ela estava me provocando, dizendo que não queria nada comigo, então eu a beijei.

— Puxa, que coragem! Ela não reagiu?

— Ela gostou isso sim. Correspondeu, mas veio com uma conversa que não quer namorar ninguém, que vai embora.

— Pois eu estou apaixonado.

— Melhor para você.

— Não sei. Ela se acha muito segura com seus planos, tanto que dá vontade de insistir só para fazê-la mudar de idéia.

Romeu olhou-o incrédulo, e respondeu com certo ar de malícia:

— Acha que conseguiria?

— Tenho certeza. Só não sei se vale à pena. Ela me atrai, mas não estou apaixonado.

— Você diz isso porque está com raiva. Nunca havia levado um fora como esse.

— De fato, há muitas garotas que dariam tudo para que eu as escolhesse. Só que nenhuma delas me atrai.

Romeu riu e objetou:

— Se Ana Maria se interessasse por você, garanto que ficaria feliz. Reconheça que está apaixonado por ela.

— Não estou. Por que insiste nisso?

— Está bem. Não direi mais nada. Estou muito feliz hoje para discutir com você.

Vamos embora, amanhã tenho de acordar cedo.

Adalberto chegou irritado em casa. Carolina estava na cozinha tomando água e vendo-o disse:

— Que cara é essa? Tomou o fora da garota?

O rubor coloriu as faces de Adalberto, que nervoso disse:

— Não me provoque que não estou bom.

Ernestina que os observava da porta interveio:

— O que é isso? Vocês nem parecem irmãos. Vivem discutindo. Parem com essa discussão. Onde já se viu?

— Foi ela quem começou — retrucou-o apontando para Carolina.

— Eu não faria isso se você deixasse de implicar comigo e me deixasse em paz.

— Chega. Vocês deveriam estar na cama. Seu pai está na sala, se ele ouvir, vocês não vão se livrar de um bom sermão.

Essas palavras tiveram o dom de fazê-los subir em silêncio, cada um para o seu quarto.

apaixonado, mas se ela houvesse se mostrado um pouco interessada nele, talvez acabasse se apaixonando.

Lembrou-se dos beijos que havia trocado. Se ela não sentisse nada por ele, por que correspondera com tanto ardor?

A esse pensamento sentiu um calor gostoso no peito. "Ela gostou. Quem despreza compra", pensou.

Se ele conseguisse conquistá-la, seria a glória. Não só diante dos amigos como de Carolina.

Não, ele não desistiria. Talvez precisasse mudar de técnica. Até então se mostrara muito interessado. E se ele agisse exatamente ao contrário? Se aparentasse gostar de outra?

Lembrou-se de Áurea, a moça mais bonita do colégio em que Carolina estudava.

Ela mostrava-se muito interessada por ele. Seus amigos haviam comentado que ela estava apaixonada.

Apesar da sua beleza, Adalberto não se interessara. Ela deveria ter uns dezessete anos, ele preferia mulheres mais adultas. Costumava dizer:

— Ela não me interessa. É muito criança. Deve ser dessas meninas mimadas, cheias de suspiros, indecisas, penduradas na mãe, que não sabem manter uma boa conversa. Gosto de mulheres inteligentes, mais independentes.

Áurea estava terminando o colegial [atual ensino médio] e sempre que ele a via estava de uniforme. Nunca haviam conversado, mas ele sabia que ela era muito assediada pelos rapazes.

Apesar de não se interessar por ela, ficava envaidecido quando os amigos mais próximos lhe diziam que ela era apaixonada por ele e sempre que conversava ela fazia perguntas sobre ele. Do que gostava, como pensava, o que fazia.

O que Ana Maria faria se ele começasse a namorar aquela moça?

Sorriu pensando como faria. Primeiro, conversaria com Ana Maria mostrando que desejava apenas ser seu amigo. Assim, ela baixaria a guarda e ele poderia acompanhar de perto as reações dela durante o namoro com a outra.

bonita e ele teria prazer de desfilarmos com ela pela cidade.

Em sua fantasia, ele imaginava que aos poucos Ana Maria se sentiria enciumada até que não podendo mais controlar seus sentimentos, finalmente iria procurá-lo revelando seu amor.

Então, eles trocariam um beijo apaixonado. Ele terminaria tudo com a Áurea e ficaria com ela para sempre.

Dando asas à imaginação ele se viu casado com Ana Maria, vivendo uma lua-de-mel ardente e apaixonada.

Pensando assim, ficou muito excitado e custou a dormir. Mas estava disposto a agir colocando seus planos em prática.

Segunda-feira, no fim da tarde, quando Carolina saiu do colégio teve a surpresa de ver Adalberto com dois amigos parados diante do colégio.

Passou por eles sem dar importância, porém Nelson a deteve:

— Como vai, Carolina?

— Bem, obrigada. E você, o que está fazendo aqui?

— Estávamos passando e, vendo que vocês estavam saindo, resolvemos esperar

— explicou Adalberto.

— Estão de olho em quem? — a indagou irônica.

— Em ninguém — respondeu ele querendo despistar. — Paramos aqui como poderíamos ter parado em qualquer lugar.

— Está bem — concordou ela maliciosa. — Vou fazer de conta que acredito. Já vou indo.

Nelson pediu:

— Fique. É cedo.

Adalberto cutucou o amigo que fez de conta que não percebeu. Há tempos gostava de Carolina e aquela era uma boa oportunidade para aproximar-se dela.

— Tenho de ir. Meu pai não gosta que eu demore.

— Vai sozinha?

— Vou, minha colega que mora perto de casa não veio hoje.

— Não é preciso. Ela sabe o caminho — tornou Adalberto.

— Sei mesmo. E gosto de ir sozinha. Tchau.

Ela se foi e Nelson reclamou:

— Por que fez isso? Você sabe que me interessa muito por Carolina.

— Mas ela não se interessa por você. Depois, é cedo para ela namorar. Meu pai é muito severo e não iria deixar.

— Você que quis vir. Mas já que a encontrei eu bem que poderia pelo menos acompanhá-la até em casa. Não ia acontecer nada.

— Não ia mesmo.

Naquele momento, Áurea e mais duas moças estavam saindo, Adalberto deixou os amigos e atravessou a rua parando diante delas, que o olharam surpreendidas.

— Estou procurando Carolina. Alguma de vocês a viu?

— Carolina saiu antes de nós. Acho que já foi embora — disse uma delas.

— Cheguei tarde. Que pena! Sou o irmão dela, meu nome é Adalberto.

Elas se apresentaram e ele apertou a mão de cada uma. Sentiu que a mão de Áurea estava fria. Notou que ela havia ficado emocionada.

Sorriu confiante. Seu plano tinha tudo para dar certo. Os amigos estavam se aproximando e

ele apressou-se em despedir-se:

— Foi um prazer conhecê-las. Vemo-nos por aí.

— Não vai apresentar as meninas? — indagou Rodrigo.

— Acho que vocês já se conhecem — respondeu Adalberto.

— De fato. Já nos conhecemos — concordou Nelson.

— As meninas querem ir para a casa. Já nos despedimos. Vamos embora.

Elas se foram e Nelson comentou:

— O que disse a elas?

— Tive vontade de vê-las de perto. Nada de importante. Vamos embora.

— Vai me dizer que está interessado em uma delas? — tornou Rodrigo.

— Ele gosta de mulheres mais velhas — comentou Nelson.

— Pois eu gostei. Se a Áurea me quisesse eu toparia — comentou Rodrigo.

muito bonita. Não tinha o ar provocante de Ana Maria, mas seus olhos verdes e misteriosos eram impressionantes.

Desfilar com ela certamente provocaria ciúmes em Ana Maria, além de fazê-la acreditar que ele não estava interessado nela. Ferindo seu amor próprio, esperava que ela o valorizasse.

Naquela noite, ao chegar a casa para o jantar, seu pai o esperava com ar preocupado.

— Finalmente você chegou. Onde andou durante toda a tarde?

— Conversando com alguns amigos. Estou em dia com meus estudos e não me atrasei para o jantar.

— Não se trata disso. Sente-se. Precisamos conversar.

Adalberto obedeceu. Augusto Cezar suspirou e tornou com ar triste:

— Amanhã cedo terei de viajar. Recebi um chamado urgente de sua avó. Meu pai está doente e ela estava muito aflita.

— Espero que não seja nada e que ele se recupere logo.

— Eu também espero. Mas vou para São Paulo ver o que está acontecendo.

Conforme as coisas estiverem voltarei dentro de dois dias. Enquanto eu estiver fora, você cuidará do que for preciso. Ajudará sua mãe no que ela precisar.

— Está bem, papai. Não quer que eu tome conta do escritório?

— Não é preciso. Dona Adelaide tem todas as orientações e fará isso muito bem.

Não pretendo demorar. Prefiro que tome conta da casa e não fique dando voltinhas por aí enquanto eu estiver fora.

— Pode deixar. Hoje à noite combinei de ir buscar uma matéria na casa do Rodrigo. Mas amanhã só sairei para ir à faculdade.

— É melhor não sair hoje, quero todo mundo na cama cedo.

— Preciso dessa matéria para a aula de amanhã. Não vou demorar. Só o tempo de ir e voltar.

Nesse caso vá depois do jantar e volte logo.

O jantar foi servido no horário de sempre, mas Augusto Cezar estava mais calado Ernestina

esforçava-se para mostrar-se natural, mas Carolina notou logo que ela estava muito nervosa.

Qualquer coisa que preocupasse o marido a deixava inquieta. Ela dava-se bem com os sogros, embora nunca houvessem morado perto.

Guilhermina, sua sogra era uma mulher de classe, muito reservada, que apesar de tratá-la muito bem, conservava certa distância. Já Norberto, o sogro, era mais amável. Tratava os netos com carinho, conversava com eles, interessando-se por seus planos e aspirações.

Depois do jantar, Carolina, como de hábito, foi para o quarto ler. Trancou a porta, apanhou o livro, acomodou-se na poltrona e começou a ler.

Mas de repente um sono

— É que agora você está lúcida.

incontrolável a acometeu e o livro

Vim buscá-la para um passeio.

escorregou de suas mãos, sua

Ela sentiu um bem-estar muito

cabeça pendeu para o lado e ela

grande e sorriu alegre.

adormeceu.

— Vamos — disse ele passando o

Viu-se no teto do quarto, olhou

braço em volta da cintura dela.

para baixo e viu seu corpo

Ambos se elevaram voitando.

adormecido na poltrona. Era a

Carolina sentia uma energia

primeira vez que isso lhe acontecia

deliciosa e seu rosto se

e ela aproximou-se para observar

transfigurou tornando-se mais

melhor.

belo, irradiando luz.

O que estaria acontecendo, teria

Durante alguns minutos

morrido? Naquele instante, Marcos

deslizaram pela noite, olhando o

tocou em seu braço e ela o fixou

céu estrelado e as luzes embaixo

assustada:

que iam aos poucos ficando para
— Não se assuste Carolina. Você
trás.

não morreu, apenas deixou o
Depois, desceram suavemente em
corpo, conforme faz todas as
uma rua larga, diante de um
noites quando está dormindo.
portão imenso. Marcos estendeu a
Entraram por uma alameda florida
recebê-los.

cujo perfume delicioso os
— Como vai, minha querida? —
envolveu.

perguntou à Carolina.

— Que beleza — murmurou ela.

— Bem. Sinto-me emocionada.

— Eu adoro este lugar. Vamos, um
Dei-me conta de que há muito
amigo nos espera.

tempo não vinha aqui.

Chegaram diante de um prédio

Ele abraçou-a carinhosamente.

rodeado por jardins e cujas

— De fato, faz algum tempo. Pedi

paredes pareciam de vidro,

que viesse porque se aproximam

embora não fossem transparentes.

momentos de decisão, e desejo

Carolina olhava tudo, não

que se recorde dos nossos

querendo perder nenhum detalhe.

projetos.

Entraram, caminharam por um

Ele colocou a mão direita sobre a
largo corredor e finalmente Marcos
testa dela cuja fisionomia
disse:

transformou-se em uma mulher
— É aqui.

mais velha e um pouco diferente
Disse algumas palavras, a porta
do que era.

abriu e Marcos entrou conduzindo
— Benício! — exclamou ela
Carolina pela mão.

emocionada. — Que saudade!

A sala era ampla e havia uma
Abraçaram-se alegres. Tomando-a
mesa circular, rodeada de
pela mão, Benício levou-a a
poltronas em um dos lados; na
sentar-se ao redor da mesa,
frente algumas fileiras de pol-
sentou-se de um lado e Marcos do
tronas. Não havia ninguém
outro.

sentado nas cadeiras.

— Você demorou muito para
Marcos caminhou com ela até a
trazer-me aqui.

mesa onde um homem

— Você sabe que vir muitas vezes
aparentando meia-idade estava
torna mais difícil permanecer
sentado. Vestia uma túnica branca
encarnada. A diferença vibratória

— De fato. A Terra é um planeta
abençoado, cheio de beleza e de

luz, porém, a carga mental das
pessoas é muito pesada.

— Você sabia disso quando decidiu voltar a trabalhar lá.

— Sim. Mas não me arrependo. É triste sentir a inquietação, a tristeza, a angústia, a revolta, a raiva, o rancor, o despreparo para lidar com as próprias emoções da imensa maioria dos encarnados, quando sabemos que a vida deles poderia ser muito melhor se tomassem conhecimento da espiritualidade. Se sou-bessem o bem-estar que proporciona a prática da generosidade, do amor incondicional, a conquista da lucidez, o desenvolvimento dos próprios talentos, não ficariam tanto tempo no círculo vicioso do negativismo e não resistiriam tanto a prática do bem maior.

— De fato, há tantos séculos nossas equipes trabalham na crosta terrestre, seja do lado astral ou vestindo o corpo de carne para atuar diretamente no meio social e só agora sentimos que o processo está se acelerando. A transformação que era muito lenta tornou-se mais rápida, com resultados mais positivos.

— Poucos na Terra percebem o que está acontecendo. As agremiações das trevas que se instalaram nas proximidades da crosta precisam ser transformadas. Muitos dos que viviam nelas estão reencarnados como última chance de melhora — comentou Marcos.

— É o fim de um ciclo. Para dismantelar essas dimensões pesadas que eles criaram e que torna muito densa a atmosfera terrestre, foi preciso fazê-los reencarnar. Essa é a causa da onda de violência que assola o mundo. Entretanto, os que não aproveitarem a oportunidade e persistirem na maldade, ao desencarnarem, serão atraídos para um planeta, que foi preparado para eles e que por suas condições primitivas de vida, vai lhes ensinar o que precisam aprender.

Carolina suspirou e disse:

— Isso vai demorar muito ainda?

— Não sabemos quanto tempo. Mas é irreversível. Quem não conquistar determinado índice energético, não reencarnará mais na Terra. As pessoas não sabem, mas depois que esse processo de violência esgotar-se e todos esses espíritos forem para longe, a atmosfera da Terra vai se tornar muito mais leve, as pessoas mais saudáveis, a natureza muito mais bela — respondeu Benício.

— Espero um dia poder ver isso.

— Todos desejamos um mundo mais feliz. Esse dia chegará para a alegria de todos os que estão trabalhando para isso.

— Nós a trouxemos aqui para reforçar sua coragem — disse Marcos.

— Sim. Sua vida familiar vai mudar e aconteça o que acontecer não se impressione. Está tudo certo. Quero que se recorde disso. Lembre-se de que estaremos sempre a seu lado, auxiliando-a. Agora precisa voltar.

Abraçaram-se com amor e Marcos saiu conduzindo Carolina, cuja aparência havia voltado a ser como antes.

Abraçados, os dois regressaram à casa de Carolina, entraram através do telhado e Carolina o abraçou dizendo:

— Obrigada por ter me proporcionado tantas alegrias. Deus o abençoe.

— Vou ajudá-la a acordar.

Carolina sentiu o corpo pesado. Quando acordou sentiu-se leve novamente. A sensação agradável ainda a envolvia. Naquele momento, a figura de Benício ainda estava nítida em sua lembrança, parecia ouvir suas palavras: "Sua vida familiar vai mudar e aconteça o que acontecer não se impressione. Está tudo certo".

Olhando em volta, reconhecendo seu quarto, lembrou-se de Marcos com carinho.

Quem seria o outro homem? Sabia que tinham conversado muito, mas o quê?

Não conseguia Lembrar-se. Sua vida iria mudar. O que iria acontecer?

CAPÍTULO 4

Na manhã seguinte, Carolina acordou cedo. Imediatamente se recordou do seu encontro com Marcos na véspera.

Lembrava-se da sensação agradável de ter volitado abraçada a ele, do local onde entraram e da figura de um homem com o qual havia conversado. Dessa conversa somente se recordava da última frase:

"Sua vida familiar vai mudar e aconteça o que acontecer não se impressione.

Está tudo certo".

O que ele quisera dizer com isso? Teria alguma coisa a ver com a viagem do pai a São Paulo?

Curiosa, levantou-se, arrumou-se depressa e desceu. Seus pais estavam na copa tomando café. Vendo-a entrar Ernestina comentou:

— É muito cedo. Não precisava se levantar.

— Quis desejar boa viagem ao papai.

— Obrigado, minha filha.

— Sente-se e tome café — tornou Ernestina.

Carolina obedeceu. Serviu-se de café com leite, mas alguma coisa a deixava inquieta. Não se conteve:

— Esta noite tive um sonho curioso. Encontrei uma pessoa que me deu um aviso.

— O que foi? — perguntou Ernestina

— Ele disse: "Sua vida familiar vai mudar e aconteça o que acontecer não se impressione. Está tudo certo".

Ernestina olhou o marido com ar preocupado. Augusto Cezar olhou para Carolina dizendo:

— E você ficou preocupada! Bobagem. Sonho é fantasia. Ernestina desanuviou o rosto:

— É. Sonho é imaginação. Não vai acontecer nada.

— Claro que não — reforçou Augusto Cezar. — E você, Carolina, não fique inventando histórias para preocupar sua mãe. Ela acredita em tudo! Sonhos!

Onde já se viu?

Carolina calou-se. A inquietação, porém, continuou a incomodando.

— Pai, você precisa mesmo fazer essa viagem?

— Claro. Por quê?

— Não sei. Quando penso nisso, fico inquieta. Preferia que não fosse.

Augusto colocou a mão sobre a da filha sorrindo:

— Você não quer que eu vá porque tem medo de ficar sozinha. Não vai acontecer nada. Seu irmão prometeu que vai ficar em casa durante a minha ausência. São apenas dois dias. Logo estarei de volta.

Carolina não respondeu. Ele levantou-se, despediu-se, colocou a mala no carro e se foi

acenando para as duas que o acompanharam até a garagem.

Ernestina olhou para Carolina e perguntou:

— Por que você ficou tão impressionada com esse sonho? Foi um pesadelo?

— Não. Pelo contrário. Foi até um sonho muito bonito, onde andei por lugares cheios de flores.

— Então não entendo por que se preocupou.

— Porque tenho certeza de que o recado que me deram foi verdadeiro. Nossa vida familiar vai mudar. Mas como? De que forma? Papai está pensando em se mudar desta cidade?

— Que idéia, minha filha. De onde tirou isso? Ele adora morar aqui. É melhor deixar de fantasiar.

Carolina não respondeu. Silenciosamente foi para o quarto estudar. Logo começariam as provas no colégio.

Algumas horas depois, Augusto Cezar parou diante da casa dos pais, no bairro de Higienópolis.

Era uma casa bonita que seu avô construía e seus pais haviam herdado. Lá, ele e sua irmã Odete haviam crescido e morado até se casarem.

Ele casara-se primeiro, Odete três anos depois. Ela não foi feliz no casamento.

Osmar, seu marido, rapaz de boa aparência, apaixonou-se por outra mulher e uma noite foi embora para nunca mais voltar.

Arrasada, infeliz, Odete voltou para a casa dos pais. Nunca mais souberam nada do Osmar.

Augusto Cezar tocou a campainha e logo o jardineiro abriu o portão e ele entrou estacionando na garagem.

Olhando aquele jardim onde passara sua meninice, Augusto emocionou-se recordando os velhos tempos.

Desceu do carro e Antônio o esperava atencioso.

— Como vai, Antônio? Melhorou seu reumatismo?

— Vou bem, Dr. Augusto. Mas a perna ainda me atormenta. É a idade, não tem quem dê jeito, não! Já o senhor está sempre bem-disposto!

— Estou sim.

Ele apanhou a mala e Antônio disse logo:

— Deixe que eu a levo. Estou velho, mas ainda posso fazer isso.

— Não se incomode. Eu posso levá-la.

— De jeito nenhum. Não vou permitir. Por favor, doutor, dê-me essa mala.

Augusto Cezar sorriu e entregou a mala a Antônio. Depois entrou, Odete estava na sala. Vendo-o correu para ele, abraçou-o chorando.

— O que foi Odete? O que aconteceu?

— Ainda bem que chegou. Estamos desesperadas.

— Por quê? O que houve?

— O papai. Está muito doente.

— O que ele tem?

— Não gosto de dizer o nome dessa doença. Mas é muito grave. Ele está mal e mamãe está com ele. Vamos subir.

Augusto subiu rapidamente as escadas sem esperar pela irmã. Sabia que ela era exagerada, dramática. Precisava saber até que ponto estava dizendo a verdade.

Bateu levemente na porta e entrou. Guilhermina estava sentada em uma poltrona ao lado da cama, vendo-o levantou-se e foi a seu encontro, abraçando-o.

— Ainda bem que veio. Como você está?

— Estou bem. E você, papai, como está?

— Mais ou menos — respondeu ele.

Augusto segurou sua mão e notou que ele havia emagrecido, estava abatido.

Dissimulou a preocupação.

— O que você tem?

— Uma dor danada na barriga que não me dá sossego. O Dr. Roberto não consegue dar jeito. Quero que você procure outro médico.

— Estivemos aqui há um mês e você estava bem.

— Começou há duas semanas — esclareceu Guilhermina.

— Mas desde ontem a dor apertou — disse Norberto. — O remédio alivia, eu durmo. Mas depois, volta a doer. Penso que o Dr. Roberto não está acertando com essa doença. Quero ver outro médico.

— Faremos o que for preciso. Tenha calma.

Augusto tentou esconder a preocupação e procurou conversar com naturalidade.

Aos poucos, Norberto foi se acalmando e por fim conseguiu adormecer.

Guilhermina levantou-se e fez sinal ao filho que a acompanhasse. Saíram do quarto e ela segurou o braço dele dizendo aflita:

— Não sei o que fazer. Estou com medo. O Dr. Roberto disse que o estado dele é muito grave.

— Não podemos pensar no pior. Vocês deveriam ter me avisado antes.

— Eu queria, mas Norberto achava que logo estaria bom. Mas não foi isso o que aconteceu. Faz dois dias que os exames ficaram prontos e descobrimos que ele tem um tumor no intestino. O Dr. Roberto sugeriu uma cirurgia.

— Ele não é cirurgião. Não se desespere. Teremos que consultar um especialista e fazer essa cirurgia. Ele vai ficar bom.

— Gostaria de acreditar. Mas ele emagreceu muito e as dores estão aumentando.

— Não podemos esperar. Vou procurar o Dr. Roberto agora mesmo e ver o que se pode fazer.

— Faça isso.

— Vou pedir-lhe que nos indique um bom especialista. Vou ligar para ele. Onde está a receita?

Guilhermina entrou no quarto, apanhou a receita e entregou-a ao filho que foi até a sala e ligou imediatamente.

Conversaram e Augusto descobriu que o estado de saúde do pai era grave, porquanto o tipo de tumor progredia rapidamente. O médico aconselhava a cirurgia, mas não garantia que Norberto ficaria curado.

Indicou-lhe um especialista e Augusto Cesar marcou a consulta para a manhã seguinte.

Quando desligou o telefone, Odete estava do lado dele e perguntou:

— E então?

— Marquei a consulta para amanhã cedo. Quero que você separe todos os exames que ele fez. Vamos precisar.

— Vou preparar tudo, mas temo que não vá adiantar nada.

— Pare com isso. Ele vai ficar bom.

Ela rompeu em pranto e Augusto disse enérgico:

— O que está fazendo? Trate de se controlar.

— Essa cirurgia não vai adiantar. Só vai judiar dele.

— Aconteça o que acontecer você precisa se controlar. O que papai pensará vendo sua atitude? Quer que ele desanime?

Temos de dar coragem a ele para fazer o tratamento que precisa e acreditar que ficará curado.

Ela soluçava e Augusto passou o braço em seus ombros, continuando:

— Chorar não vai curar papai. Vai deixá-lo preocupado e deprimir mamãe. Nós precisamos ser corajosos e dar força a eles.

— Eu sei. Mas quando penso que ele pode morrer fico desesperada. O que será de mim se ele se for?

— Não se angustie antes do tempo. Ele vai se curar. Mas lembre-se de que se acontecer alguma coisa a ele, mamãe e eu estaremos a seu lado.

— É que ele é tão bom, amigo, não merecia tanto sofrimento.

— As coisas não são como nós queremos. Não podemos entregar os pontos antes da hora. Penso que você está exagerando, que amanhã teremos boas notícias.

— Essa doença é incurável.

— Pois eu conheço pessoas que conseguiram curar-se. Vamos falar de coisas boas.

Enxugue esses olhos e vamos conversar. Quero saber o que tem feito nos últimos tempos.

— Quase nada. Depois que papai adoeceu, não saí mais de casa, a não ser para trabalhar.

— Vamos à copa ver se tem um café.

— Vamos. Você chegou de viagem, deve estar cansado, com fome, e eu não lhe ofereci nada.

— Não estou com fome, mas um café vai bem.

Foi à noite que ele ligou para Ernestina e colocou-a a par da situação. Finalizando:

— Talvez eu não possa voltar em dois dias como havia programado. Em todo o caso, amanhã cedo é que saberei o que está acontecendo de fato. Depois que voltarmos do especialista, ligarei novamente.

Eles se despediram e Ernestina desligou o telefone. Carolina estava passando e ela a chamou:

— Carolina, seu pai ligou.

— Ele não vai poder voltar em dois dias — disse ela.

— Como você sabe? Estava ouvindo nossa conversa na extensão?

— Claro que não. Eu estava aqui quando o telefone tocou. Eu sinto que o vovô vai precisar do

papai e ele vai ficar mais tempo lá.

— Seu pai vai me ligar amanhã, depois que chegar do médico para dizer quando voltará.

Espero que não se demore muito.

Carolina viu a figura do avô perto da porta, estava pálido, abatido. Ela assustou-se e disse:

— O vovô está mal e papai não vai voltar logo.

— O que é isso, menina? A doença de seu avô é coisa séria e você não pode brincar com um assunto desses.

— Não estou brincando, mãe. O papai não vai voltar logo. Acho que nós é que iremos ver o vovô.

— Vamos mudar de assunto que essa conversa está me deixando nervosa. Você tem cada uma!

Carolina obedeceu. Não contou que viu o avô e sentiu que ele não estava bem. Ernestina nunca iria acreditar. Adalberto desceu as escadas e perguntou:

— O vovô melhorou?

— Acho que não. Amanhã vão consultar um especialista e vamos saber. Mas seu pai acha que vai precisar ficar lá mais alguns dias.

— Espero que tudo se resolva e ele volte logo.

— Eu também — respondeu Ernestina.

No dia seguinte, passava do meio-dia quando Augusto ligou. Ernestina atendeu prontamente.

— E então? — indagou ansiosa.

— Infelizmente a situação dele se complicou. O especialista quer tentar uma cirurgia, mas não garante a cura. Papai não quer fazer, está com medo.

— Será que não é melhor procurar outro médico?

— Não. Acontece que o tipo de tumor que ele tem, é dos mais agressivos e está crescendo rapidamente. O médico queria interná-lo e operar amanhã mesmo. Mas ele se recusou.

— O que pensa fazer?

— Não sei. O Dr. Roberto informou-me que se ele não operar, sofrerá dores terríveis. Se o fizer, talvez tenha uma sobrevida menos dolorosa.

— O Dr. Norberto sabe de tudo isso?

— Nós não tivemos coragem para lhe contar.

— Vocês não podem tomar nenhuma decisão antes disso. Ele tem o direito de escolher como viver esse momento.

— Estou angustiado. Não sei o que fazer. Mamãe e Odete estão desesperadas. Mas diga-me como estão as coisas aí em casa?

— Aqui está tudo bem, como sempre. Só estamos preocupados com vocês. Vou à igreja acender uma vela e pedir a ajuda de Deus.

— Faça isso. Vamos ver como ficam as coisas. À noite eu telefono de novo.

Ernestina desligou o telefone preocupada. Seu sogro era um homem bom, por que teria de passar por uma doença tão cruel?

Carolina estava na sala, aproximou-se dela dizendo:

— Aceitar o inevitável é confiar na vida. Ela sempre sabe o que faz.

Ernestina olhou-a surpreendida:

— Por que disse isso?

Ela deu de ombros e respondeu:

— Eu disse alguma coisa? Não me lembro.

Ernestina sentiu um arrepio percorrer seu corpo e ao mesmo tempo foi acometida de um triste pressentimento. Assustada pensou:

"Vou à igreja rezar. As coisas não estão nada bem".

Eram cinco horas da tarde quando Adalberto postou-se sozinho na porta do colégio onde Carolina estudava para esperar a saída.

Áurea saiu com uma colega e ele aproximou-se delas estendendo a mão:

— Como vai, Áurea?

— Bem, e você?

— Muito bem.

Antes que ele dissesse alguma coisa, Áurea informou:

— Se espera por Carolina, ela está conversando com uma professora, mas penso que não vai demorar.

— Eu não vim ver Carolina, estava esperando por você.

Ela corou:

— Eu?!

— Sim. Outro dia quando nos encontramos, não tivemos oportunidade de conversar. Hoje vim especialmente para isso.

— Nesse caso, fiquem à vontade. Eu preciso ir — tornou a colega dela estendendo a mão para se despedir.

Quando se viram a sós, Adalberto disse:

— Vamos dar uma volta e conversar?

— Vamos.

Os dois foram caminhando lado a lado e Adalberto notou que ela tinha um andar elegante.

— Vim até aqui, mas não sei se estou sendo inconveniente. Uma moça bonita como você pode estar comprometida e eu não quero causar-lhe nenhum problema.

— Fique tranqüilo. Não há ninguém. Podemos conversar à vontade.

Continuaram caminhando e conversando até uma praça e Adalberto convidou:

— Vamos nos sentar um pouco. A tarde está tão linda!

— De fato. Os pássaros estão cantando, gosto muito de observar a natureza. Você não?

Ele preferia outras coisas, mas concordou:

— Também adoro. Este jardim, por exemplo, é encantador.

Ela sorriu e ele viu que ela tinha dentes alvos e bem distribuídos, uma boca bem-feita e carnuda. Não tinha notado isso antes. Pensando bem, ela até que era atraente. Isso tornaria mais agradável sua intenção.

Em certo momento da conversa, Adalberto segurou a mão dela e comentou:

— Sua pele é macia, delicada.

Em seguida, levou-a aos lábios beijando-a. Áurea retirou a mão e ele olhou-a surpreso:

— O que foi?

— Por que está fazendo isso?

— Desculpe, mas não resisti.

Ela olhou-o firme nos olhos e respondeu:

— Não acredito que seja isso.

— Por quê? Não se julga atraente?

— Sei que sou bonita e os rapazes vivem me dizendo isso. Nossa cidade é pequena, vemo-nos com frequência e você nunca se interessou por mim. O que mudou?

— Éramos crianças. Outro dia quando a vi saindo do colégio notei que você cresceu, tornou-se uma moça atraente e senti vontade de conhecê-la melhor.

— Por outro lado, nos últimos tempos tenho ouvido alguns comentários sobre você.

— É? O povo gosta mesmo de fofoca.

— Como sabe que esses comentários não foram bons?

— Pelo tom de desconfiança de sua voz.

Ela riu e respondeu:

— De fato. Você tem fama de namorado e o que fez há pouco justifica essa crença.

— Não fiz nada de mais. Só expressei meus sentimentos. Você me atrai e notei também que se interessa um pouco por mim.

Ela olhou-o séria, ficou pensativa por alguns instantes, depois disse:

— Não nego que acho você um rapaz atraente, mas isso não significa que o tenha autorizado a tomar certas liberdades comigo.

— Pensei que estivesse sentindo o mesmo que eu.

— Gostei de encontrá-lo, também desejava conhecê-lo melhor, mas nem por isso vou tomar liberdades com você. Eu preservo minha intimidade. Sua atitude faz-me pensar que esteja apenas se divertindo.

— Isso não é verdade. Estou sendo sincero. Não imaginava que você fosse reagir assim.

As mulheres hoje estão mais liberais.

— Pode dizer que sou antiquada. Não me importo. O que sei é que nós não nos conhecemos o suficiente para que você tenha certas liberdades.

Adalberto não se conteve:

— Você fala como se eu houvesse cometido um crime!

— Não exagere. Você disse que quer me conhecer melhor.

— Eu penso a mesma coisa. Mas não gosto de situações dúbias. Podemos ser amigos, chegarmos até a um namoro, ou então à conclusão de que preferimos não estreitar nossa relação.

— Não pensei que você fosse tão dura.

— Não encare dessa forma. Estou sendo sincera. Gosto de ver as coisas como elas são.

— Elas não são desse jeito. E o romantismo, onde fica? Sou um rapaz romântico. Acredito no amor. E quando se ama, há o prazer do toque, do beijo, da intimidade.

— Quando se ama! Não é o nosso caso. Se algum dia eu amar alguém e for correspondida, então tudo será diferente.

— Para chegar ao amor há que experimentar. Se você põe uma barreira e não permite nem que alguém beije sua mão, ficará solteirona.

Ela riu sonoramente e Adalberto ficou desconcertado. Ele disse essa frase como se fosse o máximo e não esperava essa reação dela. Era irritante e ele fechou a cara e permaneceu silencioso.

Quando ela parou de rir, olhou-o com olhos brilhantes e disse:

— Não se zangue comigo. É que quando você disse isso, imaginei-me uma solteirona velha, acabada, sentada na sala fazendo crochê. Isso não faz o meu gênero.

Ele sorriu também e ela levantou-se:

— Preciso ir. Minha mãe se preocupa quando demoro depois da aula.

Ele levantou-se também. Apesar de haver melhorado a fisionomia, ele sentia-se desconcertado e sem vontade de bancar o rapaz apaixonado como havia planejado.

Foram andando e Áurea começou a perguntar o que ele achava da faculdade, do curso que estava fazendo. Fez algumas observações inteligentes e sentiu prazer em falar sobre seus projetos.

Na esquina da casa dela, pararam. Áurea estendeu a mão:

— Até outro dia, Adalberto.

— Acho que você quer me ver pelas costas.

— Engana-se. Gostei de conversar com você. Acho que atrás de suas atitudes sociais e de fachada, há um rapaz mais lúcido, capaz de se tornar um bom amigo ou um namorado sincero. Quando desejar conversar, apareça.

Ele ficou mais desconcertado. Procurou dissimular, sorriu e respondeu:

— Está bem. Até outro dia.

Ela se foi e Adalberto foi caminhando pensativo, recordando o que haviam conversado.

Ela era irritante, convencida: "Sei que sou bonita!". Pretensiosa isso sim é o que ela era.

Fazer tanto barulho por causa de um beijo inocente na mão era o cúmulo! Nunca mais iria procurá-la.

Seus amigos diziam que ela estava apaixonada por ele, mas era mentira.

"Não permitia intimidades!" Muitas garotas ficariam felizes por ele haver beijado a mão, mas ela colocara isso como se fosse um crime. "Quem ela pensa que é?"

Inconformado, entrou em casa onde Ernestina vendo-o disse:

— Ainda bem que chegou. Vá lavar-se porque já vou servir o jantar.

Ele obedeceu rapidamente. Estava com fome e desceu em seguida.

Carolina e sua mãe já estavam à mesa e ele acomodou-se. Os três comeram em silêncio.

Ernestina, preocupada com o sogro, Carolina com seu pressentimento ruim e Adalberto com o que Áurea lhe dissera.

CAPÍTULO 5

O telefone tocou e Ernestina correu para atender. Estava preocupada. Fazia uma semana que Augusto tinha se ausentado e as notícias não eram boas.

O estado do sogro havia piorado e os médicos tinham aconselhado uma cirurgia apenas para ver se conseguiam diminuir a dor intensa que o atormentava, mas não ofereciam nenhuma chance de cura.

Era Augusto Cezar.

— E então, como vai o Dr. Norberto?

— Na mesma. Como vão as crianças?

— Bem. Mas seu pai não melhorou nada?

— Não. Mamãe está inconformada por causa do sofrimento dele, mas tem medo de que ele faça a cirurgia. Eu e Odete decidimos concordar com os médicos.

— Vão operá-lo?

— Sim. Estamos esperando a ambulância que vai levá-lo ao hospital. Será operado amanhã cedo.

— Sinto muito.

— Temo que aconteça o pior. Por esse motivo quero que vocês venham para cá hoje mesmo. É hora de a família estar reunida.

— Está bem.

— Fale com a Adelaide para providenciar as passagens e me avisar a que horas vocês devem chegar.

Conversaram mais um pouco e havia tanta tristeza na voz de Augusto que Ernestina sentiu o peito oprimido.

Ela não gostava de vê-lo triste e mesmo sabendo que não poderia evitar, assumira de tal forma a responsabilidade pela felicidade dele que se sentia nervosa, como se fosse culpada pelo sofrimento dele.

Desligou o telefone, subiu para falar com Carolina. Irritou-se ao ver que como sempre ela estava fechada no quarto.

Bateu com insistência. Assim que ela abriu disse nervosa:

— Eu já disse para não passar a chave na porta.

— Desculpe, esqueci-me. Eu ouvi o telefone, era o papai?

— Era. Vamos para São Paulo. Seu avô vai ser operado amanhã cedo. Separe algumas roupas, não sei quanto tempo ficaremos. Eu vou ajudá-la a arrumar a mala. Você sabe onde está o Adalberto?

— Não. Ele nunca diz aonde vai.

— Ainda não sei a que horas embarcaremos. Adelaide está cuidando das passagens. Ligue para o Romeu, veja se seu irmão está na casa dele.

Carolina foi ao telefone para tentar localizar o irmão. O pressentimento de que algo ruim estava para acontecer a incomodou, mas não disse nada. Do que adiantaria? Sua mãe parecia-lhe bastante preocupada e ela não desejava aumentar sua inquietação.

Romeu atendeu ao telefone, disse saber onde Adalberto estava, prontificou-se a chamá-lo.

Encontrou-o na sorveteria ao lado de Áurea. Depois do último encontro que tivera com ela, Adalberto não se conformou com as palavras que ela lhe dissera.

Todos os seus amigos diziam que ela era apaixonada por ele, certamente estava se fazendo de difícil. Ele teria o prazer de acabar com aquela pose. Depois que conseguisse dobrá-la, daria o troco.

Era muita pretensão da parte dela querer dar-se ares de superioridade.

Sabendo que ela quando saía do colégio costumava passar na sorveteria, havia ido lá pouco antes. Como que por acaso, estava sentado em uma mesa tomando calmamente seu sorvete, quando ela chegou com uma amiga.

Vendo-as, Adalberto levantou-se e convidou-as a que se sentassem em sua mesa.

Elas pediram o sorvete e quando foram servidas a amiga levantou-se dizendo:

— Não pensei que você fosse sentar, eu não posso me demorar. Vou indo. Tenho um compromisso hoje.

Ela despediu-se e saiu. Adalberto continuava tomando seu sorvete lentamente. Áurea, sentada na sua frente, diante de uma taça de sorvete de chocolate, que começou a saborear com prazer, não parecia muito surpreendida por encontrá-lo.

— Não sabia que gostava de sorvete. É a primeira vez que o vejo por aqui.

— Eu venho sempre, adoro sorvete.

— Eu não sabia.

— Mas fale-me de você. O que tem feito?

— O de sempre. Estudado, ido ao clube.

— Não a tenho visto nos bailes do clube. Não gosta de dançar?

— Adoro. Às vezes vou às matinês. À noite meu pai não me deixa ir. Se eu tivesse um irmão, ele permitiria, mas sozinha, não.

— Não gosto de ir às matinês porque só tem criança. Bom é à noite.

Áurea suspirou:

— Eu sei. Tenho amigas que vão. Eu queria que mamãe me levasse, mas ele não deixa.

— Talvez eu possa dar um jeito nisso. Se Carolina a convidasse e eu as acompanhasse, será que ele permitiria?

Os olhos dela brilharam de alegria:

— Talvez. Não sei, nunca lhe perguntei.

Romeu entrou na sorveteria e aproximou-se:

— Carolina está a sua procura. Seu avô vai ser operado e vocês vão para São Paulo. É para você ir para casa já.

Adalberto levantou-se assustado:

— Meu avô piorou?

— Só sei que ele será operado amanhã cedo e seu pai quer vocês lá.

— Está bem.

Ele pagou os sorvetes e despediu-se de Áurea.

— Espero que não seja nada grave — disse ela.

— Obrigado.

Eles saíram e Romeu não se conteve:

— Você disse que não havia se interessado por ela, mas olhava para ela de um jeito...

— Que nada. Ela quis posar de superior, tentou me esnobar e eu quero dar o troco. Quem ela pensa que é? Uma pirralha que mal saiu das fraldas.

Romeu desatou a rir:

— Você está despeitado. Ela é um mulherão!

— Precisa crescer. Eu gosto de mulher, não de criança.

Quando Adalberto chegou a casa, Ernestina o esperava impaciente.

— Essa sua mania de sair sem dizer aonde vai tem que acabar — foi dizendo logo que ele entrou. — Onde estava?

— Na sorveteria. Está muito calor, fui me refrescar.

— Vamos viajar. Vá arrumar sua mala. Não sei quantos dias ficaremos, leve algumas mudas de roupa.

— Quando iremos?

— Ainda hoje, logo mais.

Ele apressou-se a subir e cuidar da sua bagagem. Ernestina havia deixado uma mala sobre a cama. Vendo Carolina passar no corredor, foi ter com ela.

— O vovô piorou?

— Acho que sim.

— Sabe se é grave?

— Mamãe não disse. Desde que papai viajou, eu tenho sentido que o vovô não vai viver muito.

— Lá vem você com suas idéias! Como pode saber?

— Eu sinto um aperto no peito todas as vezes que penso nele e um pressentimento que ele logo vai partir.

— Nesta hora não precisamos de pressentimentos ruins. Pois eu acho que ele logo estará bom.

— É melhor assim. Não temos muito tempo. Termina logo com a sua mala.

O ônibus partiu no horário marcado e os três viajaram calados. Ernestina, preocupada com o marido, Carolina tentando esquecer o triste pressentimento e Adalberto pensando em Ana Maria. Ela estava em São Paulo com a tia e ele não sabia quando ela voltaria.

Essa viagem seria uma boa oportunidade para encontrá-la. Mas não sabia o endereço dela. Quando chegasse à casa dos avós, telefonaria para Romeu. Talvez ele conseguisse descobrir.

Uma tarde em que estava com Áurea na praça, ela passara, fingindo não o ter visto. Mas ele tinha certeza de que ela os vira. Teria sentido ciúmes? Era isso o que ele pretendia cortejando Áurea.

E se a tia dela resolvesse mesmo morar na capital? Sua estratégia não ia valer de nada.

Ao chegar a São Paulo, Augusto os esperava na estação. Depois dos cumprimentos, Ernestina perguntou:

— E então, como vão as coisas?

— Na mesma. Papai vai ser operado amanhã cedo. Vamos embora, quero acomodá-los e voltar ao hospital.

Durante o trajeto até a casa dos pais, Augusto informou-se de como estavam às coisas em casa.

— Está tudo bem, como sempre — esclareceu Ernestina.

— Tenho sentido saudades da paz de nossa casa — disse ele pensativo. — A vida aqui é muito agitada, as pessoas nem se conhecem. Não vejo a hora de meu pai melhorar e eu poder voltar para nosso sossego.

— Nós também sentimos muito sua falta. Mas Deus vai nos ajudar e logo o Dr. Norberto vai ficar bom e tudo voltará a ser como antes.

Carolina olhou-os séria. Ela sentia que não iria ser assim. Mas calou-se. De que adiantaria falar o que estava sentindo? Além de ser inútil, iria preocupá-los ainda mais.

Ao chegar à casa de Norberto, Odete os recebeu com carinho. Ernestina notou logo seu abatimento, mas não fez nenhuma pergunta.

Levou-os para o quarto de hóspedes, onde Augusto havia se instalado.

— Carolina, por enquanto, você ficará comigo no meu quarto. Adalberto no quarto ao lado do nosso. É pequeno, mas confortável.

— Não se preocupe comigo, tia. Estarei bem em qualquer lugar — respondeu ele.

Depois de deixarem as malas, Odete os levou à copa, onde a criada serviu um lanche, mas Augusto não quis comer nada.

— Vocês fiquem com Odete, eu preciso voltar ao hospital. Mamãe está sozinha com papai e pode precisar de alguma coisa.

— Eu vou com você — tornou Ernestina. — Quero desejar a ele boa sorte e abraçar D.

Guilhermina.

— Eu não vou voltar logo. Talvez seja melhor você descansar e ir lá amanhã cedo.

— Eu desejo vê-los. Se ficar sei que não vou dormir mesmo.

— Está bem, vamos.

Odete os acompanhou até a porta e pediu:

— Por favor, Augusto, ligue-me para dizer como ele está.

— Acalme-se. Quando saí de lá ele estava dormindo. Deram-lhe um calmante e é provável que durma a noite inteira. Descanse. Não há nada que se possa fazer por agora.

Amanhã você vai vê-lo.

— É. Amanhã eu vou.

Augusto saiu com Ernestina e Odete tentou conversar com os sobrinhos, mas notava-se que ela estava nervosa, inquieta.

— Tia, vá descansar. Não se preocupe comigo. Vou ler um pouco e dormir. Amanhã cedo também quero ir ao hospital ver o vovô.

Carolina passou o braço no da tia dizendo:

— Vamos, tia. Você precisa descansar.

Uma vez no quarto, elas se prepararam para dormir. Deitaram-se, mas Carolina notou que Odete se remexia na cama. Acendeu o abajur, levantou-se e sentou-se na cama da tia.

— Você não está conseguindo dormir — disse. Odete suspirou angustiada.

— Desculpe se atrapalhei seu sono. Estou apavorada. Carolina segurou a mão dela dizendo:

— Eu sei. Você está com medo dessa cirurgia.

— Estou — respondeu ela sem conseguir conter as lágrimas. — Papai é nosso amparo. Se ele se for, o que será de nós?

— Ninguém está desamparado — tornou Carolina alisando a mão da tia com carinho. —

Se ele tiver de ir embora, a vovó vai precisar muito de você. É o momento de ser forte e aceitar o que a vida nos dá.

A voz de Carolina tornara-se um pouco mais grossa e as palavras brotavam com facilidade.

— Eu bem que queria ser forte, minha querida, mas não sou. Nunca tive coragem para fazer nada. Sempre dependi deles.

— Talvez seja hora de você andar com suas próprias pernas. Estou certa de que você pode.

— Não quero que ele morra! — exclamou ela soluçando.

— Não diga isso. A vida na Terra é temporária e ninguém pode evitar a morte. Todos terão de partir um dia. Se for a hora dele, você precisará deixá-lo ir.

— Mas eu não posso. Eu o amo muito!

— O verdadeiro amor liberta, não impede o ser amado de seguir seu caminho.

Odete parou de soluçar. Carolina falava como uma pessoa experiente. Como podia ser?

Ela era apenas uma criança. Olhou-a séria e disse:

— Como você, tão jovem, sabe de todas essas coisas?

— Sou jovem agora, mas já vivi muitas vidas. Não se preocupe com o amanhã. Aceite a vontade de Deus. Vamos rezar pedir ajuda espiritual.

Ante o olhar surpreendido da tia, Carolina fechou os olhos e fez sentida prece, pedindo proteção para as pessoas da família e que a harmonia pudesse voltar àquele lar.

Aos poucos, os olhos de Odete foram se fechando e ela finalmente adormeceu. Carolina continuou orando. Ela viu que o espírito de Marcos estava à cabeceira de Odete, com a mão direita sobre a testa dela.

Uma sensação de alegria a acometeu.

— Você veio! — pensou ela.

— Eu disse que estaria sempre a seu lado. Conseguimos que ela relaxasse, recuperasse suas forças. Ela desgastou-se muito com a doença do pai.

— Por que quando penso nele sinto um aperto no peito?

— Não tema, a morte é apenas uma viagem. No caso dele, uma libertação. Lembre-se, está tudo certo.

Ele desapareceu e Carolina, vendo que a tia estava dormindo tranqüila, foi para cama, apagou o abajur e tentou dormir. Marcos lhe trouxera a paz que precisava.

Carolina acordou na manhã seguinte e notou que o dia estava claro. O relógio na mesa de cabeceira marcava oito horas e sua tia Odete não estava na cama.

Por que dormira tanto? Levantou-se apressada, arrumou-se e desceu. Na copa, a mesa ainda estava posta com o café.

Vendo-a, a criada aproximou-se:

— O café está quente, pode sentar-se.

— Onde estão todos?

— Estão no hospital. A operação do Dr. Norberto estava marcada para as sete horas. Só D. Odete não foi. Ela não se sente bem em hospitais.

— Onde está ela?

— Foi à missa rezar pela saúde do Dr. Norberto. Sente-se, tome seu café, o pão está fresquinho.

— Obrigada, Dina.

Adalberto apareceu na copa e sentou-se para o café.

— Pensei que você tivesse ido ao hospital — comentou Carolina.

— Eu dormi demais.

— Papai estava muito nervoso ontem. Seria bom você ter ido com eles.

— Mamãe cuida dele melhor do que eu. Depois, não gosto de ir a hospitais. O cheiro de remédio me faz mal.

— Não é um lugar agradável, mas teremos de ir.

— Pois eu acho que vovô vai melhorar logo e voltar para casa.

Carolina colocou a xícara sobre o pires pensativa, depois disse:

— Ele está muito mal. Não creio que volte para casa. Adalberto olhou-a assustado:

— Que horror! De onde tirou essa idéia? Isso não vai acontecer. Não sei por que você agora deu para usar esse tom solene e dizer bobagens. Temos de pensar no melhor.

Carolina suspirou e sorriu:

— Tem razão, Adalberto. Temos de pensar no melhor. Mas você sabe o que é melhor para o vovô?

— Claro que sei. Ele vai ficar bom. Se for para falar essas bobagens, é melhor ficar calada. Tia Odete está muito abalada. Quer que ela fique pior?

Carolina não teve tempo de responder por que Odete apareceu na copa. Felizmente não ouviu as palavras de Adalberto.

— Que bom vê-los! Dormiram bem?

— Dormi como um anjo. E você? — perguntou Adalberto.

— Por incrível que pareça, consegui dormir — respondeu Odete. — Acho que um anjo bom rezou comigo e o milagre aconteceu.

— Está mais calma, tia? — indagou Carolina.

— Eu estava muito tensa. Nos últimos dias não conseguia dormir, acordava assustada, perdia o sono. Pensei que não conseguiria dormir esta noite. Mas depois que rezamos juntas, não sei como adormeci e só acordei hoje às sete da manhã.

— Você estava exausta, precisava recuperar suas forças — tornou Carolina.

— Eu acordei antes de Augusto e Guilhermina voltarem ao hospital.

— Pensei que eles tivessem ficado lá direto — disse Adalberto.

— Não. Eles me contaram que voltaram já era madrugada, queriam descansar um pouco.

Mas acordaram antes das sete e foram de novo para o hospital fazer companhia para mamãe. Ela deve estar muito nervosa. Augusto ficou de telefonar para dar notícias sobre a cirurgia.

— Ele já ligou? — indagou Adalberto.

— Não. Pelo que sabemos vai ser demorada. Por esse motivo fui assistir à missa e rezar pelo papai.

— Já tomou café? — perguntou Carolina.

— Não. Estou sem fome.

Carolina levantou-se, pegou o braço da tia e pediu:

— Sente-se, tia. Uma xícara de café com leite vai lhe fazer bem. Precisa se fortalecer para ajudar a vovó.

Odete obedeceu. Carolina colocou café e leite na xícara, adoçou e colocou-a diante da tia.

Depois, pegou uma fatia de pão, passou manteiga e colocou-a sobre o pratinho ao lado dela dizendo:

— Experimente tia, está delicioso.

Odete não estava com fome, mas o carinho da sobrinha, os olhos dela brilhantes esperando, fê-la tomar alguns goles do café com leite e comer um pedaço de pão.

— Não está gostoso? — indagou Carolina com tanto carinho que a tia acabou tomando todo o leite e comendo todo o pão.

Quando se levantaram da mesa Odete disse:

— Ainda bem que vocês vieram me fazer companhia. Não podem imaginar o quanto sou grata.

Carolina abraçou-a sorrindo:

— Enquanto esperamos, vamos conversar.

— Eu vou dar uma volta — disse Adalberto —, ver se encontro alguns amigos que conheci durante as férias. Mas não demoro.

Ele saiu e Carolina começou a conversar com a tia falando da vida que levavam em sua cidade, dos seus estudos e dos filmes que assistira.

Odete percebeu que ela procurava distraí-la e embora estivesse tensa, pensando no pai, percebendo o carinho e o esforço que a sobrinha fazia para que ela ficasse bem, procurava dar-lhe atenção, o que de certa forma acabou por fazer com que as horas fossem passando de maneira menos dolorosa.

Augusto Cezar só ligou depois das dezesseis horas e informou que Norberto fora levado para a UTI onde ficaria até que estivesse fora de perigo.

— Mas ele vai ficar bom? — indagou Odete preocupada.

— Eles ainda não sabem. A cirurgia foi delicada e é preciso ver como ele reage. Está sob efeito de sedativos. Vamos aguardar.

Odete desligou o telefone angustiada, informou os sobrinhos e concluiu:

— Os médicos ainda não sabem se ele ficará bom. Teremos de esperar.

— É natural — disse Adalberto tentando acalmar a tia — depois de tantas horas de cirurgia... Mas estou certo de que ele vai sair dessa...

Carolina abraçou a tia e não respondeu. Ela sabia que ele não mais voltaria para casa com vida. Mas não disse nada.

Começou então para eles a espera. Foram momentos de expectativa, que aos poucos deram

lugar ao medo que acontecesse o que eles temiam.

Norberto entrou em coma e a família acompanhava tudo se revezando para cuidar de Guilhermina que, exausta, ia perdendo a esperança de uma recuperação.

Norberto resistiu durante vinte dias, até que numa madrugada chuvosa faleceu. Não voltou do coma.

CAPÍTULO 6

Após o almoço, Augusto Cezar reuniu a esposa e os dois filhos no escritório do pai para uma conversa. A situação era difícil, mas ele precisava tomar algumas providências.

Norberto havia sido enterrado na tarde anterior, e todos se sentiam esgotados. Mas a vida continuava e ele precisava tomar algumas decisões.

Acomodaram-se e esperaram que Augusto falasse. Ele pensou um pouco e começou:

— Estive pensando no que aconteceu e acho que precisamos ajudar mamãe e Odete. O

momento é difícil, mamãe está com esgotamento nervoso e muito deprimida. O médico aconselhou repouso, receitou remédios, mas ninguém pode mudar os fatos e ela está sofrendo muito. Quanto a Odete, receio que adoça também. Era muito apegada a papai e está desesperada.

Ele fez ligeira pausa enquanto os demais com a fisionomia triste ouviam atentos. Ele continuou:

— Não podemos simplesmente ir embora e deixá-las agora. Por outro lado, estamos fora de casa há muito tempo e preciso cuidar dos negócios.

— Podemos levá-las passar algum tempo em nossa casa.

Tratarei delas com muito carinho. Estou certa de que dentro de pouco tempo recuperarão suas forças — sugeriu Ernestina.

— Eu pensei nisso. Falei com elas, mas ambas se recusam a sair desta casa.

— Será apenas até elas melhorarem.

— Mesmo assim. Mamãe não quer de jeito nenhum. Vocês dois estão perdendo aula e isso está me preocupando. Podem perder o ano.

— Eu estava em dia com os estudos. Acho que conseguirei passar — garantiu Adalberto.

— Mas Carolina pode não conseguir terminar o colegial este ano. Ela perdeu várias provas

— lembrou Augusto Cezar preocupado.

— Estamos na metade do ano — respondeu Carolina — terei tempo de me recuperar.

— Amanhã cedo o médico virá ver mamãe e vou pedir que examine Odete também.

Conforme o que ele disser, marcarei nossa volta para a casa. Não posso mais ficar fora da empresa. Ele voltou-se para Adalberto:

— E você, assim que voltarmos vai começar a trabalhar na empresa comigo. Se eu tivesse feito isso, agora você poderia cuidar dos negócios enquanto eu resolvia os problemas daqui.

— Tudo bem, Augusto, o que decidir, será feito — concordou Ernestina.

Na manhã seguinte, depois que o médico examinou as duas, Augusto Cezar o levou para conversar no escritório.

— E então, doutor, como elas estão?

— Dona Guilhermina, além de esgotada, está com alguma dificuldade respiratória.

— É grave, doutor?

— Não seria se ela reagisse. Mas no caso dela a depressão pode agravar o processo. Ela precisa de alegria, distração, o que não será fácil. Quanto a D. Odete, era muito apegada ao pai também e está se deixando levar pela tristeza. É natural, mas seria bom que pudéssemos encontrar um meio de motivá-las a viver.

— Nas atuais circunstâncias, não sei como fazer isso. Eu também me sinto desolado.

— Pense Dr. Augusto Cezar. Estou certo de que descobrirá um jeito porque o que elas precisam nenhum remédio vai poder dar.

— Eu as convidei para passar algum tempo conosco, mas mamãe se recusa.

— Essa seria uma boa solução. A companhia de seus filhos faria muito bem a elas.

— Vou ver o que posso fazer. Estou pensando em voltar para a casa depois da missa de sétimo dia. Até lá terei de decidir.

— Estou certo de que tomará a melhor decisão. Depois de amanhã voltarei para vê-las.

Em todo o caso, se precisar de mim, tem meus telefones. Pode me ligar.

Ele despediu-se e foi ter com Ernestina que esperava angustiada. Ela notava a angústia do marido e sentia-se desolada por não poder encontrar uma solução que o satisfizesse.

Nos dias que se seguiram, ela notou que Odete apegara-se muito a Carolina. Queria que ela lhe ministrasse o remédio, ficasse a seu lado quando fosse cuidar de Guilhermina.

Carolina era a única que conseguia fazê-la comer um pouco. Quando a via chorando, fingia não notar, conversava com ela lhe contando histórias agradáveis que lera, falando das flores, dos animais, e Odete acabava prestando atenção e esquecendo um pouco suas tristezas.

Foi o médico que notou esses detalhes quando voltou dois dias depois e surpreendeu-as no quarto de Guilhermina, atentas a uma história que Carolina contava sobre um cãozinho e seu amor pelo dono.

Ela falava com naturalidade, olhos brilhantes, enquanto as outras duas, esquecidas de tudo, estavam presas às suas palavras.

Vendo-o entrar, Carolina se calou ao que ele disse sorrindo:

— Continue, por favor. Eu também gostaria de ouvir o fim dessa história.

— Estava terminando — ela respondeu levantando-se. — Não há mais nada para contar.

Ernestina que acompanhara o médico pediu:

— Venha comigo, Carolina. O doutor vai examinar D. Guilhermina.

— Depois você volta — pediu Odete. — Quero que conte aquela história do macaco teimoso para a mamãe. Essa ela ainda não ouviu.

— Está bem, tia. Mais tarde continuaremos.

Ela saiu com Ernestina. O médico as examinou e depois foi falar com Augusto Cezar no escritório. Ele passava a maior parte do tempo lá, usando o telefone, tentando resolver os assuntos da empresa mesmo à distância.

Vendo o médico entrar, levantou-se para cumprimentá-lo. Depois indagou:

— E então, doutor. Como elas estão?

— Um pouco melhor.

— Ainda bem. Não podemos ficar mais tempo longe de casa, dos negócios. Meus filhos precisam estudar.

— Posso dar-lhe uma sugestão?

— Certamente, doutor. Fale, por favor.

— O senhor poderá voltar para casa depois da missa de sétimo dia, mas deixe sua filha ficar aqui por mais algum tempo.

— Carolina? Mas ela precisa continuar os estudos. Não quero que perca o ano.

— Não haveria um meio de ela continuar estudando aqui? Nós temos boas escolas, penso que ela não seria prejudicada.

Augusto meneou a cabeça pensativo, depois perguntou:

— Por que acha que essa seria uma boa solução?

— Observei que sua filha tem um jeito muito bom de lidar com elas. Hoje quando entrei no quarto, Carolina lhes contava uma história com tanto brilho que as duas a ouviam embevecidas. Esquecidas de seus problemas. É exatamente o que precisam para reagir, sair da depressão.

— Tenho notado que Odete apegou-se muito a ela. Ernestina já havia me contado isso.

Mas... Não sei...

— Bem, o senhor é quem sabe. Mas eu penso que se deixar sua filha ficar aqui por alguns meses, elas terão mais facilidade em se recuperar.

— Bem... Vou ver o que posso fazer. Não deixa de ser uma solução. O que não posso é ficar mais tempo longe de casa.

— Deixei nova receita com D. Ernestina, bem como sugestões de reforço na alimentação delas. Ambas estão enfraquecidas e uma boa alimentação vai ajudá-las na recuperação.

Depois que o médico se foi, Augusto Cezar ficou pensativo. Ernestina aproximou-se:

— O que foi, continua preocupado?

Em poucas palavras ele contou-lhe o que o médico dissera. E finalizou:

— Eu não gostaria de deixar Carolina aqui, longe de nós. Depois, há o colégio.

— Eu também preferia que ela fosse conosco. Mas se o médico acha que ela pode ajudar, talvez seja bom deixá-la. Afinal, alguns meses passam depressa.

— Mas e o colégio? Ela pode perder o ano.

— Você é amigo do diretor. Fale com ele. Talvez ela possa estudar aqui durante alguns meses e prestar lá os exames finais.

— Não sei se ela conseguiria.

— Mas você está preocupado com os negócios. Se Carolina ficar aqui tomando conta delas, iremos mais sossegados.

— Não sei... Ela é tão nova. Não será muita responsabilidade para ela?

Ernestina meneou a cabeça negativamente.

— Ela tem mais jeito do que eu para conversar com elas. Odete não faz nada sem que Carolina esteja por perto. Dona Guilhermina também já está chamando Carolina para ficar em seu quarto. Elas se dão muito bem.

— Nesse caso, falarei com Carolina. Teremos de programar tudo direito. Ela tem de me prometer que vai estudar e esforçar-se para não perder o ano.

Naquela noite mesmo, depois do jantar, Augusto Cezar chamou Carolina para uma conversa na sala e foi direto ao assunto:

- Tenho notado que tanto mamãe como Odete apegaram-se a você.
- Tenho procurado distraí-las. Elas ainda estão muito abaladas com a morte do vovô.
- Todos nós estamos. Mas a vida continua e precisamos reagir. Tenho urgência de voltar para a casa, minha ausência está trazendo problemas para nossos negócios. Não posso esperar mais. O que você acha de nós irmos e você ficar aqui com elas por mais algum tempo?
- Eu gostaria muito. Elas me tratam com muito carinho. Seria uma forma de eu retribuir.
- O único problema é o colégio. Não quero que perca o ano.
- Talvez eu possa me transferir para uma escola daqui.

Augusto meneou a cabeça pensativo:

— Não sei... Nesse caso você teria de ficar até acabar o ano letivo. Não quero que fique tanto tempo. É só até que elas fiquem melhores. Falarei com Odete. Talvez ela possa arranjar uma professora que venha lhe dar aulas. Falarei com o diretor do seu colégio, explicarei as circunstâncias.

— Mas, papai, elas estão muito deprimidas. A recuperação poderá levar muito tempo.

Seria melhor transferir minha matrícula e eu cursar o resto do ano aqui.

— Não quero que fique fora de casa tanto tempo. Falarei com Odete para arranjar uma professora.

Carolina não respondeu. Sabia que quando seu pai decidia não havia mais o que dizer. Foi para o quarto e encontrou Odete que, ao vê-la entrar, disse:

— Estava a sua procura. Mamãe está impaciente. Pediu para irmos fazer-lhe companhia.

Carolina acompanhou-a até o quarto da avó. Vendo-as entrar, Guilhermina disse chorosa:

— Até que enfim! Não sei o que será de minha vida agora nesta solidão! Tenho medo.

— Não precisa. Onde está sua fé? Quer que o vovô fique triste?

— Ele está morto, nem sabe o quanto nós estamos sentindo sua falta!

— A morte é apenas uma mudança. O vovô mudou-se para o outro mundo e também sente saudades da família. Precisamos ajudá-lo a seguir seu novo caminho.

Guilhermina rompeu em soluços e Odete a custo segurou o choro. Carolina alisou a cabeça da avó dizendo com suavidade:

— A senhora é uma mulher de coragem. Está cansada, mas sabe que a morte é natural.

Todos nós vamos morrer um dia. Quando chega a hora não há como impedir.

— Eu sei, mas ele bem que podia ficar mais um pouco comigo!

— Não podia, não. Chegou a hora de ele ir para o outro mundo. E precisou fazer essa viagem sozinho. Mas mesmo longe, ele continua amando a família, triste por ter de ir e, ao mesmo tempo, aliviado por deixar um corpo doente, que lhe causava tanto sofrimento.

Guilhermina levantou a cabeça, olhando séria para a neta dizendo:

— Você fala com tanta certeza! É quase uma criança, o que sabe da vida? Sei que quer me consolar, mas não consigo esquecer-me de todo o sofrimento dele. E de que adiantou? Ele acabou morrendo mesmo.

Carolina puxou uma cadeira, sentou-se ao lado da cama, segurou a mão da avó e pediu a Odete que sentasse a seu lado e segurasse também sua mão.

— Vovó, eu sei que a vida continua depois que o corpo morre. Nosso espírito vai viver em

outro mundo.

— Você está dizendo isso só para me animar. Mas eu acho impossível.

— É verdade, acredite. As lágrimas de vocês estão entristecendo a alma do vovô. Ele as ama muito e não quer que sofram. Por ele nunca teria ido embora. Mesmo sofrendo tantas dores ele preferia ficar aqui, ao lado da família.

— Eu sei disso. Ele engolia o sofrimento para não me entristecer — comentou Odete.

— Agora precisamos retribuir esse amor. Ele precisa seguir o novo caminho, mas enquanto estivermos chorando, tristes, lamentando, ele não vai conseguir. Acham justo que ele, que tudo fez para nos tornar felizes, seja penalizado agora?

As duas pararam de chorar olhando-a pensativas. Carolina continuou:

— É hora de superarmos a nossa dor e reconhecer que os sofrimentos dele acabaram.

Deus o libertou. Nós que o amamos não podemos lamentar isso.

Guilhermina fitou-a admirada:

— Eu não tinha pensado nisso!

— É verdade, mãe. Se ele continuasse vivo, estaria sofrendo. Essa doença não tinha cura.

Estamos sendo egoístas.

— Eu não queria prolongar seu sofrimento. Queria que ele ficasse curado.

— A vida sabe o que é melhor para cada um de nós.

Elas ficaram caladas por alguns instantes, depois Guilhermina perguntou:

— Você acha mesmo que ele, no outro mundo, pode estar triste por nossa causa?

— Ele está triste porque não queria nos deixar e mais ainda notando nossa tristeza. Se vocês tivessem ido para o outro mundo e ele ficado aqui, como se sentiriam, vendo a tristeza dele?

— É verdade — concordou Guilhermina. — Não quero que ele fique triste. Vou pensar que ele se libertou dos sofrimentos daquela doença infeliz.

— Isso mesmo, vovó. A doença dele ficou no corpo, agora ele está curado.

Augusto Cezar e Ernestina haviam entrado há alguns minutos e vendo a cena das três de mãos dadas conversando, esperaram surpreendidos e em silêncio.

Vendo que Carolina largou as mãos delas, aproximaram-se:

— Viemos conversar porque estamos com vontade de ir embora amanhã.

Odete levantou-se e abraçou Carolina dizendo nervosa:

— Já?

— Sim — reforçou Ernestina. — Estamos fora muito tempo. Precisamos ir.

— Vão nos abandonar — lamentou-se Guilhermina.

— Não. Você sabe que gostaríamos de levá-las para nossa casa.

— Não sinto vontade de sair daqui — disse Guilhermina.

— Eu também não — respondeu Odete.

— Estamos pensando em deixar Carolina ficar um pouco mais com vocês — tornou Augusto Cezar.

O rosto das duas se distendeu:

— Deixar Carolina? Que bom — tornou Odete sorrindo. Guilhermina olhou ansiosa para Carolina e indagou:

— Você quer mesmo ficar? Não vai se aborrecer em nossa companhia?

— Claro que não, vovó. Eu adoro ficar com vocês.

— Nesse caso — disse Augusto —, vamos amanhã e Carolina fica um pouco mais.

— Obrigada, meu filho — respondeu Guilhermina. — Essa menina tem o dom de fazer-me esquecer um pouco minhas tristezas.

— Seria bom se ela pudesse ficar morando aqui conosco — sugeriu Odete.

— Isso não — respondeu Ernestina. — Carolina precisa continuar os estudos.

Odete não se deu por vencida:

— Mas aqui perto há ótimos colégios, talvez até melhores do que onde vocês moram.

— Isso está fora de cogitação — tornou Augusto. — Ela vai ficar só até vocês sentirem-se mais fortalecidas. A casa dela é lá, e ao nosso lado.

Elas não responderam e Augusto Cezar, voltando-se para Carolina, continuou:

— Vou conversar com o diretor da sua escola, explicar-lhe o que aconteceu e pedir o currículo para os próximos dois meses, tempo mais do que suficiente para que elas melhorem.

Odete, você vai contratar uma professora para ministrar-lhe aulas particulares. Vou ver se consigo com o Dr. Eurico que você possa prestar os exames quando voltar. Mas você precisa estudar.

— Claro papai. Minhas notas estão boas e se eu puder prestar os exames quando voltar estou certa de que não terei problemas.

Mais tarde, no quarto, enquanto Ernestina arrumava as malas, Augusto Cezar disse pensativo:

— O que você acha desse apego que as duas têm com Carolina?

— É natural. A presença de Carolina está preenchendo um pouco o vazio que a morte do Dr. Norberto deixou.

— Não é apenas isso. O que me admira é o jeito que Carolina tem para conversar com elas. Você sabe como mamãe é difícil, gosta de remoer os problemas e Odete, depois que o Osmar a deixou, ficou amargurada, pessimista. Eu temia que Carolina não quisesse ficar. Sabe como ela é, nem sempre acata nossas decisões. Mas ela aceitou até com certo contentamento.

Ernestina colocou as camisas na mala e parou olhando admirada para o marido:

— Acho que tem razão. Eu observei que Carolina mudou nos últimos tempos. Está amadurecendo. Só tem um problema. Elas podem apegar-se ainda mais com Carolina.

Odete quer que ela fique morando aqui. Onde já se viu?

Augusto sorriu:

— Você está com ciúmes. Mas não se preocupe. Não permitirei. Quando chegar à hora, ela voltará para casa e as duas terão de aceitar. Afinal, porque não querem ir morar lá em casa?

— Eu entendo isso. Elas sempre viveram aqui, na casa da família, não iam sentir-se bem em nossa casa. Estão acostumadas a ter seu próprio espaço. Vivem nesta casa enorme e a nossa, apesar de confortável, é menor.

— Nós poderíamos vender esta casa e comprar outra lá em Bebedouro. Assim teriam privacidade e ficaríamos próximos.

— Essa é uma boa idéia. Antes de irmos, conversaremos com Carolina sobre isso e pediremos que nos ajude a convencê-las.

Enquanto isso, Carolina continuava conversando com Guilhermina e Odete.

— Ainda bem que seu pai vai deixá-la aqui. Mas ao mesmo tempo fico pensando, talvez você preferisse ir com eles. Nós não somos boa companhia para você. Duas pessoas amarguradas, tristes.

Você é jovem, deve preferir a companhia de pessoas da sua idade — considerou Odete.

Carolina olhou-as séria e respondeu com voz firme:

— Não, tia. Eu gosto de ficar aqui. Apesar do momento difícil que estão vivendo, vocês me cobriram de carinho, e amor não tem idade. Eu sinto prazer em corresponder e nessa troca todas nós saímos ganhando. O amor faz bem, conforta e torna a vida melhor.

As duas a abraçaram emocionadas. As palavras dela, seu tom de voz, o brilho sincero de seus olhos, caíam como uma benção em suas vidas e elas sentiram um calor agradável no peito, abençoando o fato de estarem ali, as três juntas.

CAPÍTULO 7

Na manhã seguinte, às seis horas, Odete e Carolina estavam na copa esperando que todos descessem para tomar café.

Acomodada em uma poltrona, Guilhermina fizera questão de descer para despedir-se.

Ernestina desceu acompanhada pelo marido e por Adalberto que carregavam as malas.

Vendo-as Augusto disse:

— Não precisavam se levantar tão cedo. Já nos despedimos ontem. Mamãe não deveria sair da cama.

— De forma alguma — protestou Guilhermina —, estou doente, mas não inválida. Quero aproveitar a companhia até os últimos minutos. Já estou sentindo saudades.

— A senhora poderia ir conosco. Ainda está em tempo. Vamos? — convidou Ernestina.

Guilhermina meneou a cabeça negativamente:

— Agora não quero deixar esta casa.

— Quando estivermos mais fortes, talvez possamos ir passar pelo menos alguns dias com vocês — prometeu Odete.

Adalberto havia ido acomodar as malas no carro, e quando voltou todos já estavam acomodados tomando café. Sentou-se e falou:

— Pai, a mala de Carolina não desceu.

— Ela vai ficar aqui um pouco mais, até sua avó se sentir mais forte.

— Nesse caso eu também gostaria de ficar.

— Nada disso. Você não pode perder mais dias de aula.

— E ela pode?

Ernestina olhou para o filho, irritada.

— Pode. Vai continuar estudando aqui mesmo.

Adalberto ia retrucar, mas Augusto olhou-o de um jeito que ele não disse mais nada.

Durante os dias em que haviam ficado em São Paulo, ele conhecera mais a cidade e ficara fascinado.

Apesar das circunstâncias que estavam vivendo e do controle do pai, ele conseguira sair à noite e tivera vontade de morar na capital.

Aquilo sim é que era vida. Não a calma da pacata cidade onde moravam. Por que o pai fora viver lá?

Quando a avó se recusou a ir morar no interior com eles, ficou radiante. Seu pai não iria deixá-las sozinhas. Teve esperança de que ele resolvesse se mudar para a capital.

Pensava em Ana Maria. Ela logo estaria se mudando para São Paulo, o que tornaria impossível seu sonho de conquistá-la.

Depois, observando os rapazes da cidade, ele se sentira provinciano. Se pudesse vir morar na capital, logo estaria se tornando um deles.

Como sempre os pais estavam protegendo Carolina. Ela se fazia de amável para com a avó e a tia, com certeza, porque desejava ficar.

Era irritante ver como ela estava sendo gentil e carinhosa para com as duas. Nunca a vira tão comportada e sensata. Estava fingendo, com certeza. De boba ela não tinha nada.

Mas o cenho franzido do pai indicava que ele precisava ficar calado para não arranjar confusão.

Decidiu aceitar temporariamente a situação e fazer uma campanha para convencer o pai a vir para a capital.

Depois das despedidas, eles partiram. Durante o trajeto, Augusto Cezar ia calado, triste.

Ernestina tentou confortá-lo:

— Elas vão ficar bem.

— É triste precisar deixá-las. Se não fosse pelos meus negócios, ficaria um pouco mais.

— Eu disse a Carolina para tentar convencê-las a ir morar em nossa cidade.

— Mamãe disse que não quer morar conosco porque acha que perderemos nossa privacidade. Sabe como ela é. Não deseja incomodar.

Adalberto interveio:

— Elas não incomodariam, mas se pensam assim, nós poderíamos nos mudar para a capital.

— Estamos habituados no interior onde a vida é mais tranqüila. Depois, nossa empresa está lá e seria difícil mudar, recomeçar tudo, além do que, eu não gosto da agitação da cidade.

Ele fez ligeira pausa e continuou:

— A morte de papai fez-me pensar que morando longe dele deixamos de usufruir sua companhia todos estes anos. Mamãe não está bem e a morte do marido a abateu muito.

Receio que algo lhe aconteça.

— Elas são o que resta da nossa família — tornou Adalberto. — Sempre moraram na capital e não se acostuariam em nossa cidade.

— Por que diz isso? É uma boa cidade. Eu adoro — respondeu Augusto.

— Estive observando. As pessoas da capital são diferentes no falar, no vestir. Diante dos rapazes de lá eu me senti um provinciano. Eu gostaria de ser como eles. Depois, estou certo de que logo nos acostumaríamos.

— Mudar para São Paulo está fora de cogitação. Deixar a calma da nossa cidade seria acabar com nossa paz.

— Para Carolina e para mim seria uma forma de procurar um futuro melhor. Eu não gostaria

de me tornar um advogado apagado em uma cidade do interior. É na capital que as coisas acontecem.

— Eu não penso assim. Vocês terão uma vida muito melhor no interior.

Adalberto se calou. Mas naquele momento prometeu a si mesmo que assim que fosse maior de idade, o pai, querendo ou não, ele se mudaria para São Paulo.

Já em casa, depois do jantar, Adalberto se preparava para dar sua volta pela cidade quando Augusto o chamou para uma conversa:

— Não pode ser amanhã? Perdi muitas aulas e combinei ir à casa de um colega para me atualizar.

— Não vou demorar. Sente-se.

Vendo-o acomodado Augusto continuou:

— A morte de papai fez-me pensar. Tenho boa saúde, mas não sei como será daqui para frente. É meu dever prepará-lo para a vida.

— Para que essa conversa agora? Você vai viver muitos anos, tenho certeza.

— Pode ser, mas aprender é sempre bom. Por esse motivo, a partir de amanhã, você começará a trabalhar em nossa empresa. Vou ensiná-lo a cuidar dos nossos negócios.

— E a faculdade?

— Você vai de manhã, como sempre foi e depois do almoço vai comigo para o escritório.

— E quando vou estudar?

— À noite e nos fins de semana. Vou estipular um horário e terá de cumpri-lo como qualquer funcionário.

— Não sei se conseguirei. Há muitas matérias para estudar, trabalhos para fazer.

— Conseguirá, sim. Receberá um salário, que ainda vou avaliar.

Adalberto tentou fazê-lo mudar de idéia, porém Augusto estava determinado.

— Você é inteligente e estou certo de que conseguirá fazer tudo. Você não é mais uma criança, é um homem, precisa saber o preço das coisas e o valor do trabalho. Se alguma coisa me acontecer, você saberá cuidar de si mesmo e de sua mãe.

Ele tentou contornar:

— Mas pai, farei isso depois de me formar. Enquanto isso terei tempo para me dedicar inteiramente aos estudos.

— Nada disso. Eu deveria ter feito isso antes. Está decidido. Você começa amanhã.

Adalberto não insistiu. Sabia que quando seu pai tomava uma decisão, não voltava atrás.

Suspirou resignado, concordou e saiu.

Foi à praça e encontrou Romeu em uma roda de amigos. Aproximou-se. Depois dos cumprimentos, saciou a curiosidade deles sobre o que tinha visto na capital.

Ele deu asas ao entusiasmo, exagerando um pouco. Depois, ele e Romeu deixaram o grupo a pretexto de Adalberto inteirar-se sobre as matérias da faculdade durante sua ausência. Romeu era seu colega de faculdade.

Assim que se viu sozinho com o amigo quis saber se as garotas havia sentido sua falta.

— Tem visto Ana Maria? Ela perguntou por mim?

— Não falei com ela, mas Sônia quis saber onde você estava e eu acho que foi para contar a

Ana Maria.

— Vai ver que ela sentiu minha falta, estava louca para saber onde eu estava, mas gosta de se fazer de difícil. As mulheres são assim, estão sempre dissimulando.

— Ana Maria pode ser, mas Sônia é diferente. Sincera, simples.

— Hum! Pelo jeito você está apaixonado mesmo!

— Estou, não nego. Ela é demais.

— Tem visto a Áurea?

— No domingo à tarde eu estava na sorveteria com a Sônia e ela entrou com uma amiga.

Como você sabe, elas estudam no mesmo colégio. Começaram a conversar e acabaram se sentando em nossa mesa.

— Ela perguntou por mim?

— Não. Mas eu contei a ela que seu avô faleceu e que você ainda estava na capital.

— E ela?

— Não disse nada. Eu pensei que ela fosse se interessar, querer saber quando você voltaria, mas não perguntou nada, nem se interessou muito. Ouvi dizer que ela estava apaixonada por você, mas acho que não é verdade. Sabe como é, esse povo fala muito.

— É, eles falam demais mesmo — respondeu ele tentando esconder a raiva.

Aquela menina petulante era muito antipática. Seria muito bom poder dar-lhe uma lição.

Onde já se viu? Ele só se aproximara dela para fazer ciúmes a Ana Maria.

Só porque ele demonstrara um pouco de interesse ela julgava-se no direito de se fazer de indiferente.

Depois de mais um pouco de conversa, Adalberto despediu-se do amigo. Chegou à casa desanimado. Estivera fora tantos dias e naquela cidade nada havia mudado. Tudo continuava igual, numa rotina sem graça, onde nada de novo acontecia.

Ele queria mesmo era ir morar em São Paulo. Decidiu que iria insistir com o pai. Caso ele não concordasse, assim que se formasse iria mudar mesmo contra a vontade tio pai.

Os dias foram passando e a rotina da família continuava como sempre. Augusto Cezar fora ao colégio onde Carolina estudava e conversara com o diretor que o informou que seria difícil conseguir que ela prestasse os exames apenas no fim do ano letivo.

Para formar-se ela precisaria ter o número de presenças necessário sem o que não poderia ser aprovada ainda que fosse bem aos exames. Aconselhou-o a trazê-la de volta para que não perdesse o ano.

Augusto chegou à casa nervoso, preocupado. O jeito era trazer Carolina de volta.

— E então? — indagou Ernestina assim que o viu chegar.

— Nada feito. O colégio não pode fazer o que pedi. Aconselhou-me a trazer Carolina de volta para que não perca o ano.

Ele suspirou triste e continuou:

— Elas se apegaram tanto a Carolina e não vão querer que ela venha embora.

— Mas se não há outro remédio...

— Vou ligar para mamãe e saber como estão.

Foi para o escritório, sentou-se e ligou. Odete atendeu. Depois dos cumprimentos ele

perguntou:

— Como está mamãe?

— Muito debilitada. Carolina tem sido muito dedicada. Todos os dias agradeço a Deus por ela ter ficado. Mamãe apegou-te tanto a ela! Você precisa ver.

— O médico a tem examinado?

— Sim. Diz que ela está muito deprimida, não sente vontade de fazer nada, não tem apetite. Só Carolina consegue que ela se alimente um pouco.

— Estive hoje com o diretor do colégio de Carolina e ele disse que não há como ela vir prestar os exames no fim do ano. Se ela não voltar logo, será reprovada.

— Você não vai levá-la de volta agora! Por favor, não faça isso. Não estou em condições de cuidar de mamãe sozinha. Tenho estado doente.

— Mas ela está no último ano do colegial.

— Deixe-a aqui, amanhã mesmo vou procurar um bom colégio para ela. O melhor de todos. Por favor. Deixe-a ficar. Não nos tire esse conforto. Você nem precisará preocupar-se, eu mesma pagarei todas as despesas e tomarei conta dela como se fosse minha filha.

Augusto hesitou:

— Não sei... Não queria que ela ficasse longe de nós tanto tempo. Tudo seria muito mais fácil se vocês resolvessem vir morar aqui.

— Mamãe não vai concordar. Vocês têm sua privacidade e nós a nossa. Não queremos incomodar.

— Nesse caso, compraríamos outra casa, perto da nossa e vocês viriam para cá.

Teriam privacidade. Aqui é uma bela cidade, boa para morar e estaríamos todos juntos.

— Ela não quer de forma alguma deixar esta casa, que sempre foi da nossa família.

— Mas eu não posso deixar Carolina para sempre longe de nós, fora de casa.

— Deixe-a conosco pelo menos até ela se formar no fim deste ano. Até lá posso tentar convencer mamãe a ir morar perto de vocês.

— Acha que conseguirá?

— Prometo que tentarei. Com o tempo mamãe vai melhorar e então tudo vai se tornar mais fácil. Será apenas até o fim deste ano. Por favor!

Augusto ficou pensativo por alguns instantes, depois disse:

— Está bem. Mas só até o fim do ano. Você tem de me prometer que cuidará que ela estude para não perder o ano. A esta altura, mudar de escola, ter outros professores, outro currículo, pode ser difícil para ela.

— Carolina é inteligente. Prometo que vou ajudá-la e fazer tudo para que ela não perca o ano.

— Está bem. Deixe-me falar com ela.

Carolina atendeu e ele colocou-a a par de tudo, recomendando que ela se esforçasse.

— Estou confiando em você — disse ele por fim —, espero que não me decepcione.

— Não se preocupe papai. Vou me esforçar ao máximo.

Depois de se despedirem, Carolina desligou o telefone.

Odete abraçou-a:

— Ele queria que você voltasse para casa, mas eu insisti que ficasse sem lhe perguntar sua preferência. Talvez estivesse com saudades de casa, desejasse voltar... Mas é que só de pensar que

você ia embora fiquei apavorada. Você tem sido nosso apoio nesses momentos difíceis.

— Eu não quero ir embora. Prefiro ficar.

O rosto de Odete iluminou-se:

— Ainda bem! Prometi a seu pai procurar uma boa escola. Amanhã mesmo vamos ver isso. Você sempre estudou no mesmo colégio. Acha que será difícil de se adaptar em outro lugar?

— Não, tia. É até bom mudar um pouco. Conhecer outras pessoas, renovar as idéias.

— Ainda bem que pensa assim. Estava me sentindo muito egoísta fazendo-a ficar. Vamos contar a novidade para mamãe.

Na manhã seguinte, elas foram a um colégio tratar do assunto. Carolina gostou do que viu e logo tomaram as providências para a transferência.

Assim que chegaram a casa, Carolina ligou para o pai, conversaram sobre o colégio e Augusto ficou de providenciar a documentação exigida para a transferência.

Assim que Adalberto soube, ficou irritado. Por que Carolina podia estudar em São Paulo e ele teria de ficar no interior?

Mas depois, refletindo, chegou à conclusão de que talvez fosse melhor que ela ficasse lá e se tornasse sua aliada.

Estava certo de que depois de tão longa estada, Carolina não gostaria de voltar ao interior. Nesse caso, seria mais fácil convencer o pai a mudar-se para a capital.

Naquela tarde, ele foi esperar Áurea na saída do colégio. Desde sua chegada, ele a havia visto algumas vezes, porém ela o cumprimentara e não parará para conversar.

"Ela se faz de difícil", pensou, "eu vou mostrar-lhe do que sou capaz."

Quando ela saiu ao lado de uma colega, ele aproximou-se. Vendo-o, ela estendeu a mão perguntando:

— Como vai, Adalberto, o que está fazendo por aqui?

— Vim ao colégio saber se os documentos de transferência de Carolina estão prontos — mentiu ele.

— Ela não vai mais voltar?

— Não. Vai estudar em São Paulo.

— Eu preciso ir. Você fica?

— Não. Já obtive as informações que queria. Foram andando e a colega dela despediu-se dizendo:

— Vou fazer umas compras que mamãe pediu.

A amiga se afastou e Áurea foi caminhando ao lado de Adalberto.

— Soube que seu avô faleceu. Sinto muito.

— Obrigado. Foi muito triste mesmo. Eu nunca havia visto alguém morrer. Ele era muito querido. Minha avó ficou inconsolável, chegou a adoecer e minha tia chorava sem parar. Por tudo isso Carolina ficou com elas, para dar uma força.

— Eu perdi uma irmã dois anos mais nova do que eu. Minha mãe até hoje não se esqueceu.

— Mas você tem outra irmã?

— Tenho. A Cíntia, ela é três anos mais velha do que eu. Foi a Berta que morreu.

Tinha apenas oito anos.

— Fiquei impressionado olhando meu avô morto. Parecia outra pessoa. Perdi o sono, não conseguia me esquecer daquela cena.

Áurea olhou-o séria:

— Nesta vida tudo tem uma razão de ser. Depois que Berta morreu, eu mudei muito.

— Mudou como?

— Ela era muito cheia de vida, era apegada a mim, então, olhando seu corpo sem vida tive a sensação de que aquilo não era ela.

— Como assim...

— Era apenas um pedaço de carne sem vida. Ela havia ido para outro lugar.

Desde aquela época, comecei a me perguntar para onde vão as pessoas depois da morte do corpo.

— Eu nunca pensei nisso.

— Ela era inteligente, havia brilho em seus olhos, alegria em seu sorriso. Não creio que tudo isso acabou quando aquele corpo morreu. As pessoas têm uma alma. E ela quem dá a vida.

Adalberto olhava-a admirado.

— Você acha mesmo isso? Parece impossível.

— Por quê? Você nunca esteve em um lugar pela primeira vez e sentiu que já havia estado ali antes?

— Já. Mas isso é apenas impressão, ilusão.

— Pois eu sinto que nós já vivemos em outro lugar antes de estarmos aqui e que quando deixamos este mundo voltamos ao lugar de onde viemos.

— Você está fantasiando. De onde tirou isso? A morte é o fim de tudo.

Áurea olhou-o séria e respondeu:

— A vida é muito mais do que esta passagem por este mundo. Se tudo acabasse mesmo com a morte, viver teria perdido a finalidade.

— Pois eu não acho que viver tenha uma finalidade a não ser aproveitar enquanto somos jovens, temos saúde. É apenas isso, nada mais.

— Eu gostaria de ver as coisas desse modo simplista como você. Seria mais fácil.

Mas eu gosto de buscar as causas das coisas e você, falando da morte do seu avô, fez-me pensar. Sabemos tão pouco sobre isso.

— Vamos mudar de assunto e falar de coisas mais alegres.

— Muitas pessoas têm medo, preferem fingir que a morte não existe. Mas isso é uma ilusão. Todos nós teremos de enfrentá-la um dia.

Adalberto persignou-se:

— Deus nos livre! Vamos falar de coisas mais alegres. Sábado vai haver um baile no clube. Você vai?

— Ainda não sei.

— Eu pretendo ir. Meus amigos estão animados por causa do conjunto que vai tocar.

— Ouvi dizer que vem de Ribeirão Preto.

— É quase certo que irei.

Eles aproximaram-se da casa de Áurea que parou dizendo:

— Você quer entrar, tomar um café?

— Não, obrigado. Preciso estudar e recuperar o tempo que estive fora. Se você for ao clube no sábado, podemos nos ver lá.

— Não gosto de decidir nada com antecedência. Se sentir vontade na hora, eu vou.

— Você não vai ao clube com muita frequência. Não gosta de dançar?

— Gosto. Depende da música e com quem. Em nosso clube acontece tudo sempre igual. Sabemos quem vai estar com quem, não acontece nada de novo.

Muitas vezes eu prefiro a leitura de um bom livro ou ouvir música em casa mesmo.

— Não podemos nos esquecer de que estamos em uma cidade do interior. Em São Paulo é tudo diferente.

— Você conhece algum clube de lá?

— Conheço — mentiu ele. — Desta vez não pude ir a nenhum por causa do meu avô. Mas em outras vezes fui com amigos. Não tem comparação com os daqui.

Mas como não dá para irmos até lá, precisamos aceitar o que temos. Espero que você vá para podermos conversar.

— Vamos ver.

Ela estendeu a mão, ambos se despediram. Ela entrou e ele foi andando pensativo. Queria que Áurea fosse para cortejá-la e provocar ciúmes em Ana Maria.

Começou imaginar como faria isso. No fim, Ana Maria não suportaria o ciúme e cairia em seus braços.

CAPÍTULO 8

Carolina apressou o passo preocupada. Não queria se atrasar. Fazia uma semana que ela estava freqüentando as aulas naquele colégio e um mês que seus pais haviam voltado para o interior.

Ao saber que o diretor da escola onde Carolina estudava, não havia concordado que ela prestasse exames no fim do ano se não comparecesse às aulas, Odete tratou de matriculá-la em outro colégio o mais rápido possível, com receio de que Augusto Cezar mudasse de idéia e a levasse de volta para a casa.

Tanto Odete como Guilhermina não queriam que Carolina fosse embora. Sua presença jovem e bonita, suas palavras de encorajamento, proporcionava-lhes conforto e bem-estar.

Augusto havia ficado preocupado com os documentos para a transferência de colégio, porém, Adalberto, interessado em manter Carolina em São Paulo, providenciou rapidamente os documentos e no fim a transferência se realizou.

Carolina não podia perder o ano.

Nos primeiros dias de aula, Carolina estranhou um pouco. Os professores eram mais nervosos e o currículo, embora fosse quase igual ao do colégio anterior, a ordem em que as matérias haviam sido dadas era diferente.

Havia algumas que ela já estudara e outras que eles já haviam aprendido e ela ainda não sabia. Os colegas eram mais ruidosos, suas brincadeiras mais agressivas e maldosas. Ela,

porém, estava disposta a estudar e conseguir terminar o curso.

Enquanto caminhava, pensava no que deveria fazer para vencer esse desafio.

Entrou na sala de aula no exato momento em que o professor entrava.

Rapidamente foi sentar-se no seu lugar tentando ignorar o olhar irritado que ele lhe lançou.

O professor Bento dava aulas de Ciências Sociais naquele colégio há mais de quinze anos e era conhecido pela sua intolerância. Fazia questão de manter uma rotina que não modificava por nada e para ele a pontualidade era reveladora do caráter de cada um.

Começou a aula chamando Carolina e fazendo-lhe algumas perguntas. Ela notou logo que ele pretendia colocá-la em dificuldade diante dos outros alunos, porém se manteve calma e as duas primeiras respostas, ela acertou. A terceira, porém, foi sobre um assunto que ela ainda não havia estudado, assim justificou-se:

— Desculpe professor, mas eu ainda não tive aulas sobre esse assunto.

— Nós já demos esta aula no início do ano letivo.

— Mas eu fui transferida de outro colégio e lá nós não estudamos esse tema.

— Isso é imperdoável de sua parte. Você já está aqui há uma semana e a primeira coisa que deveria ter feito era saber as matérias que já havíamos dado e estudá-las. Se continuar assim, não terá condições de acompanhar a classe.

Carolina apertou os lábios e conteve a indignação respondendo com voz que procurou tornar calma:

— Isso não vai acontecer, professor. É apenas uma questão de tempo que procurarei sanar.

— Espero que seja assim. Comece por estudar esta matéria e vamos ver como se sairá na próxima aula.

Carolina sentou-se. Quando a aula acabou e o professor deixou a sala, a aluna que estava sentada atrás de Carolina chamou-a:

— Não ligue para as implicâncias do professor Bento. Ele é assim com todo mundo.

— Eu percebi que ele estava com raiva de mim porque cheguei em cima da hora.

Ele queria que eu perdesse a calma para poder me repreender.

— Ah! Você percebeu! Ainda bem. Meu nome é Mônica e o seu?

— Carolina.

— Olha, se você quiser posso lhe passar todas as matérias que nós já tivemos.

Carolina sorriu:

— Obrigada. Vai me ajudar muito.

— Na saída conversaremos.

Carolina concordou. Mônica era uma morena clara, grande olhos cor de mel que se fixaram nos seus enquanto falava, rosto bonito, corpo bem-feito. Carolina gostou dela à primeira vista

Quando as aulas terminaram, as duas saíram conversando. Em rápidas palavras Carolina contou-lhe os motivos que a levaram a mudar de colégio.

Mônica era um ano mais velha do que Carolina e logo as duas entenderam-se muito bem.

— Vamos fazer assim, eu vou fazer uma lista de todas as matérias que nós estudamos desde o começo do ano e você faz outra das que já estudou no outro colégio. Assim vamos trocar, eu a ajudo com as minhas e você com as que já sabe.

— Ótima idéia. Eu moro perto daqui e você?

— Em outro bairro. Mas minha mãe gosta desta escola e por esse motivo estudo aqui.

— É pena porque se fosse mais perto poderíamos estudar juntas.

— Nós vamos estudar juntas. Eu posso ir a sua casa ou você na minha.

— Ainda não conheço muito a cidade.

— Nesse caso, fale com sua avó. Se ela permitir, vou estudar em sua casa.

— Falarei com ela apenas para dar-lhe uma satisfação, mas estou certa de que tanto ela como minha tia ficarão contentes em recebê-la.

As duas estavam paradas na calçada, um carro estacionou diante delas e a um sinal da buzina Mônica disse:

— Meu irmão veio me buscar. Tenho de ir.

Carolina olhou para o carro, seu coração se descompassou, ela empalideceu: No carro estava um rapaz muito parecido com Marcos.

— O que foi? — perguntou Mônica. — Você parece que viu um fantasma.

Carolina esforçou-se para controlar a emoção:

— Esse moço é seu irmão?

— É. Você o conhece?

— Não. Ele se parece com um amigo de quem eu gosto muito.

— Venha. Vou apresentá-la.

A um sinal dela, o rapaz desceu do carro e aproximou-se:

— O que você quer? Não posso parar aqui por muito tempo.

— Eu sei. Quero apresentar-lhe Carolina. Ela está estudando na mesma classe que eu.

Ele fixou o rosto emocionado de Carolina e disse:

— Meu nome é Sérgio. Nós já nos conhecemos?

— Não. Você é muito parecido com um amigo meu.

— Engraçado, tenho a sensação de que já fomos apresentados.

— Não pode ser. Carolina morava no interior. Está em São Paulo há pouco tempo. — Havia um carro atrás do dele buzinando e Mônica continuou: — Temos de ir. Amanhã continuaremos nossa conversa. Tchau.

Ela arrastou o irmão que, olhando para Carolina, disse:

— Outro dia conversaremos.

Eles se foram e Carolina aos poucos foi se refazendo da emoção. O nome era outro, mas a semelhança com Marcos era grande. Ela também sentia que o conhecia. Estaria sentindo isso apenas porque ele era parecido com Marcos?

Carolina foi caminhando devagar recordando aquele encontro inesperado e quanto mais pensava, mais via semelhança do irmão de Mônica com Marcos.

O encontro havia sido rápido, teria visto bem ou a semelhança existiria somente na sua cabeça? Sentiu vontade de vê-lo novamente para observá-lo melhor.

Entrou em casa e foi procurar a avó. Guilhermina estava acomodada em uma poltrona na sala

e Odete insistia para que ela tomasse uma xícara de chá e comesse uma fatia de bolo.

Ao ver Carolina chegar disse nervosa:

— Mamãe não almoçou e não quer tomar nem o chá. Ela precisa se alimentar.

Ainda bem que chegou. Veja se você consegue que ela coma pelo menos o bolo.

Carolina aproximou-se e Guilhermina reclamou:

— Ela quer que eu coma a força. Estou sem fome.

Carolina pegou a xícara e sentou-se no banquinho aos pés dela.

— Vovó, tome pelo menos um pouco. Vai fazer-lhe bem.

— Deixe na mesinha. Mais tarde eu tomo.

— Agora está delicioso, mais tarde estará frio e sem gosto.

Vamos, só um pouquinho.

Carolina olhava-a nos olhos com carinho e quando aproximou à xícara dos lábios de Guilhermina ela bebeu um pouco.

— Assim é que se faz! Agora vamos experimentar o bolo. Eu comi um pedaço pela manhã e estava delicioso.

— Não tenho vontade.

Carolina colocou o pratinho sobre a mesinha e disse:

— Se não comer acabará doente, é isso que deseja?

— Não...

— Pois é o que parece. O vovô não vai gostar de vê-la doente. Vai se afligir.

Ela enxugou os olhos e disse triste:

— Ele está morto e nunca mais vai voltar.

— Não, vovó. Ele continua vivo em outro mundo e um dia vai nascer de novo na Terra. Mas antes disso, você já terá ido encontrá-lo.

— Você acredita nisso, mas não sei se é verdade. Se for, quero ir agora ao encontro dele.

— Se você não comer, ficar doente e morrer não vai encontrá-lo.

— Você não disse que quando eu morrer vou encontrá-lo?

— Se não provocar a própria morte, pois isso seria o mesmo que cometer suicídio. Para encontrá-lo terá de aceitar viver bem até que a vida a leve quando chegar a hora.

Guilhermina ficou pensativa por alguns instantes, depois disse:

— Está bem. Vou tomar o chá e comer o bolo.

— É melhor assim, vovó.

Odete suspirou aliviada. Estava difícil lidar com sua mãe, reagir a sua própria tristeza para tentar ajudá-la.

Enquanto ela comia lentamente, Carolina contou sua amizade com Mônica e a vontade de estudarem juntas.

Guilhermina concordou prontamente.

— Que bom Carolina — comentou Odete satisfeita. — Você deve estar cansada de conviver com duas velhas. Precisa conviver com gente da sua idade.

— Isso não. Adoro estar com vocês, mas Mônica é uma moça muito agradável e educada. Estou certa de que vai ajudar na minha adaptação no colégio. Eu prometo que seremos discretas e não vamos atrapalhar o sossego de vocês.

— Não diga isso, minha filha — reclamou Guilhermina. — Vai nos fazer muito bem tê-las com a alegria da juventude. Diga a ela que será muito bem-vinda.

Pouco depois, Carolina foi para o quarto preparar o resumo das aulas que tivera no colégio para levar no dia seguinte.

Tinha pressa em rever Mônica na esperança de encontrar Sérgio e verificar o quanto ele se parecia com Marcos.

No dia seguinte as duas confrontaram os resumos e combinaram de estudar juntas.

— Hoje não dá porque não avisei minha mãe. Mas amanhã, depois da aula, vamos a sua casa. Meu irmão vai me buscar quando terminarmos.

Tanto Odete quanto Guilhermina gostaram de Mônica à primeira vista. Muito educada e discreta, ela conversou um pouco com as duas e depois ambas foram estudar no escritório do avô.

Carolina não havia entrado lá desde que ele morrera por que Odete o conservara fechado sem coragem para olhar o lugar onde o pai costumava ficar a maior parte do dia.

Mas desejosa de quebrar essa resistência que sentia e espantar de lá algumas lembranças, Odete sugeriu que as duas estudassem lá. Abriu as portas, mas não entrou.

As duas acomodaram-se e começaram a confrontar os pontos. Decidiram estudar o que era mais urgente, e como Carolina ainda não havia estudado a matéria do professor Bento, Mônica passou-lhe tudo quanto sabia a respeito.

Depois, confessou que não estava entendendo outro ponto que Carolina já havia estudado e foi à vez de ela colaborar com o que já sabia.

Duas horas depois, Odete surgiu na porta:

— Acho que por hoje chega. Vocês devem estar com fome.

— Não, obrigada — respondeu Mônica sorrindo. — Carolina já trouxe um lanche.

Nosso encontro deu tão certo, aprendemos tanto que nem vi as horas passarem.

Desculpe D. Odete. Não quero abusar.

— De forma alguma. É um prazer tê-la conosco.

— É muita bondade. Mas está na hora de ir.

Elas juntaram tudo e acompanharam Odete até a sala.

Mônica pediu para usar o telefone, ligou para casa e pediu ao irmão para ir buscá-la. Enquanto esperava, ficou sentada na sala com as demais.

— Gostaria que ficasse para jantar conosco — comentou Guilhermina.

— Obrigada, mas minha mãe está me esperando.

— Seria bom ter a sua companhia.

— Eu gostaria que Carolina também fosse estudar em minha casa.

— É que ela não conhece a cidade. Nosso carro está na garagem, mas era meu pai quem dirigia. Nós não sabemos guiar — explicou Odete.

— Se deixarem, ao sair da aula ela poderia ir comigo, meu irmão sempre vai buscar-me no colégio. Depois, nós a traríamos de volta.

— Seria muito trabalho para ele — respondeu Guilhermina.

— Estou certa de que fará isso com prazer.

— Mesmo assim, não quero abusar — interveio Carolina. Mônica sorriu:

— Vamos ver.

Enquanto esperavam por Sérgio, Odete fez questão que elas fossem à copa tomar um lanche. Até Guilhermina sentou-se à mesa e aceitou tomar um refresco e comer alguns salgadinhos, o que fez Odete comentar, dirigindo-se a Mônica:

— Sua presença fez mamãe se animar. Faz tempo que ela não se sentava à mesa conosco!

— Nesse caso voltarei mais vezes — brincou ela sorrindo.

— Isso mesmo — concordou Guilhermina —, a presença de vocês é tão prazerosa que dissipa qualquer tristeza. Eu adoro ouvir as risadas gostosas que dão.

— Tenho o hábito de rir alto e minha mãe sempre pede para eu baixar o tom.

Acho que perturbei a paz de vocês.

— Pois eu não acho. Ao contrário, perturbe o quanto puder. Faz muito tempo que em nossa casa eu não ouvia uma risada tão alegre como a sua. Para mim foi um santo remédio — comentou Guilhermina.

— A alegria é o alimento da alma — tornou Carolina.

— Adorei essa frase — respondeu Mônica. — Quando minha mãe me chamar à atenção já sei o que vou responder.

Elas continuaram conversando e pouco depois a campainha tocou. A criada foi atender, voltou e avisou:

— Seu irmão veio buscá-la. Odete levantou-se:

— Vou pedir para ele entrar e tomar alguma coisa conosco.

— Ele é um pouco retraído, não vai aceitar.

— Vou mesmo assim.

Odete saiu, pouco depois voltou e Sérgio a acompanhava. Depois de beijar a mão de Guilhermina, apertar a mão de Carolina, para surpresa de Mônica ele aceitou sentar-se e tomar um refresco.

Carolina o observava disfarçadamente e quanto mais o fazia, mais o achava parecido com Marcos. Seria uma coincidência?

Sérgio aceitara o convite de Odete porque queria rever Carolina. Sentia que a conhecia, mas de onde? Não conseguia lembrar-se.

No decorrer da conversa ele quis saber a quanto tempo ela havia chegado à cidade, os lugares que freqüentava ao que ela informou:

— Quando cheguei aqui meu avô já estava doente, depois faleceu, minha avó estava com a saúde abalada e tia Odete deprimida. Então fiquei para fazer-lhes companhia.

— Essa foi à melhor idéia que meu irmão já teve. Foi maravilhoso. Logo nos habituamos e a companhia de Carolina tornou-se indispensável. Fizemos de tudo para que ela continuasse aqui.

Guilhermina interveio:

— Ficamos muito gratas à Mônica por ter vindo estudar com Carolina. Muitas vezes me perguntei se não estávamos sendo egoístas segurando Carolina na companhia de duas velhas. Sabíamos que ela precisava fazer amizade com pessoas de sua idade.

— Essa menina desde que chegou não tem saído para passear, é do colégio para casa e vice-versa.

— Há muito tempo para isso, tia. Não se preocupe.

— Não vai continuar assim — ponderou Mônica. — Nós vamos dar um jeito nisso, não é Sérgio?

— Certamente. Antes, precisamos saber o que Carolina gosta de fazer.

— No momento estou interessada em recuperar as matérias para não perder o ano.

— Isso não impede que você saia um pouco para espairecer — comentou Odete.

— Essa menina não larga os livros.

— Ler é meu passatempo predileto — tornou Carolina. — Adoro um bom livro.

— De fato. Um bom livro é como uma nova aventura que nos faz viajar, olhar as coisas por outros ângulos, fora do cotidiano — disse Sérgio.

— Hi! Estou no meio de dois leitores inveterados. Daqui a pouco eles começarão a falar de livros e nós, que não temos essa preferência, estaremos fora da conversa — tornou Mônica sorrindo.

— De modo algum — respondeu Carolina. — Jamais faria isso. O livro é um bom companheiro, acompanha-nos nos momentos de solidão, mas quando estou em tão boa companhia, gosto de trocar idéias.

— Você sabe ser gentil. Essa é uma qualidade rara nas meninas com as quais tenho me relacionado — objetou Sérgio.

— Atualmente, em nossa sociedade, muitas moças da sua idade, confundem modernismo com falta de educação.

— Por tudo isso, tenho muitas conhecidas, mas raras amigas. Eu não gosto de pessoas pretensiosas — esclareceu Mônica. — Está na hora de irmos embora.

Estamos abusando.

— É cedo ainda! — reclamou Guilhermina. — A conversa está tão boa que nem vi o tempo passar.

Sérgio levantou-se também:

— Mônica tem razão. Voltaremos em outra oportunidade.

— Espero que sejam breves — comentou Odete.

— Amanhã Carolina vai estudar em minha casa conforme o combinado.

— Que pena. Eu preferia que fosse sempre aqui — lamentou Odete.

Eles se despediram e Carolina foi acompanhá-los até a porta. Elas combinaram as matérias que deveriam estudar na tarde seguinte na casa de Mônica.

Ambas se despediram com um leve beijo na face e Sérgio fez o mesmo, depois, ainda segurando a mão de Carolina, olhou-a nos olhos dizendo:

— Onde foi que nos encontramos? Não consigo me lembrar!

— Talvez tenha sido em outra dimensão!

Ele estremeceu levemente, um pouco assustado, depois respondeu:

— Talvez...

Mônica olhou-os com certa malícia e tornou:

— Já vi que além de um irmão esquisito, encontrei também uma amiga igual a ele.

— Por que está dizendo isso? — perguntou Carolina.

— Porque acabo de descobrir que vocês possuem as mesmas manias.

— Não ligue — tornou Sérgio sorrindo. — Ela diz isso porque gosta de parecer uma pessoa muito equilibrada.

— Até amanhã, Carolina.

Mônica puxou Sérgio pelo braço e continuou:

— Vamos, mamãe não gosta que nos atrasemos para o jantar.

Depois que eles se foram, Carolina ainda ficou parada na porta pensativa. Era coincidência demais para que ela aceitasse essa hipótese. Parecia mais um reencontro astral ou quem sabe de vidas passadas.

Se for o Marcos que a visitava de vez em quando, por que não lhe dissera que estava encarnado e se chamava Sérgio? Essa era uma resposta que só Marcos poderia lhe dar.

Uma vez no carro, Mônica comentou:

— Fiquei admirada por você aceitar o convite de D. Odete para entrar e ainda tomar um lanche conosco.

— Por quê? O que tem de mais?

— Nada. Só que você é retraído e quando vai buscar-me em algum lugar nunca entra.

— É que eu queria ver Carolina de perto. Desde que a vi tenho a sensação de que nos conhecemos de algum lugar.

— Isso não é possível. Ela morava no interior e faz pouco tempo que está em São Paulo. Como D. Odete disse, não sai de casa, não frequenta a sociedade. Você está enganado.

— É. Vai ver que me enganei mesmo — concordou ele mais para mudar de assunto, uma vez que não desejava prolongá-lo com a irmã.

Intimamente, porém, a pergunta continuava em sua cabeça. O mais provável seria mesmo um encontro astral. Carolina o mencionara. Estaria falando sério?

Entenderia desse assunto?

É o que ele pretendia averiguar futuramente. Ela não sabia que ele muitas vezes durante o sono, via-se fora do corpo, conversando com pessoas desconhecidas, cujo assunto ao acordar não conseguia lembrar-se claramente.

Poderia ter se encontrado com ela em uma dessas viagens?

Esse pensamento aumentou sua curiosidade. Se isso fosse verdade, talvez ela lhe pudesse dar alguns esclarecimentos sobre essas saídas do corpo quando chegava a ver seu próprio corpo adormecido na cama enquanto ele levitava por lugares desconhecidos.

CAPÍTULO 9

No dia seguinte, no fim da aula, Carolina e Mônica saíram e ficaram esperando por Sérgio. Conforme o combinado, ela iria estudar na casa da amiga.

Sérgio chegou pontualmente, desceu do carro e abriu a porta traseira para que Carolina entrasse enquanto Mônica sentou-se no banco da frente:

— Para mim você nunca abre a porta — reclamou ela só para embarçá-lo.

— Se você se comportar, vou ver o que posso fazer daqui para frente —

respondeu ele sorrindo.

Está vendo, Carolina, como ele me trata?

— Ele vem buscá-la no colégio todos os dias sem reclamar. Bem que eu gostaria que meu irmão fosse assim. Adalberto adora me provocar.

Enquanto Mônica falava sobre um show que queria assistir, Sérgio observava Carolina pelo retrovisor. Ela tinha um rosto expressivo e sua fisionomia se modificava reagindo ao que ouvia revelando seus pensamentos.

Quanto mais a observava, mais Sérgio certificava-se de já ter estado com ela em algum lugar.

Meia hora depois chegaram. A casa da família de Mônica ficava no Jardim América, era linda, circundada por um magnífico jardim.

O enorme portão de ferro trabalhado abriu-se e o carro entrou parando no semicírculo em frente à porta principal.

Eles desceram e um empregado aproximou-se:

— Posso guardar o carro?

— Pode. Mas vou sair novamente mais tarde.

Ouviram um latido alegre e logo um cão peludo tamanho médio, apareceu rodeando Mônica. Ela abaixou-se, alisou a cabeça dele dizendo com carinho:

— Que bom ver você. Estava com saudades.

O cão abanava o rabo feliz e seus olhos brilhavam emotivos.

— Este é meu amigo Jordan, esta é minha amiga Carolina.

Carolina alisou a cabeça do cão:

— Como vai, Jordan? Como você é lindo! Eu sempre desejei ter um cão. Mas meu pai nunca deixou.

— O meu também não queria, mas tanto fiz que acabou aceitando. Agora morre de amores por ele.

— Esse malandro soube conquistar a todos nesta casa — comentou Sérgio. — É

paparicado a todo instante. Vamos entrar Carolina.

Uma jovem senhora, muito elegante, aproximou-se e Mônica apresentou Carolina:

— Esta é minha colega, Carolina.

— Seja bem-vinda, meu nome é Wanda. Esse cachorro deveria estar preso. Está incomodando.

— Carolina gosta de cachorros.

— Mesmo assim. Lugar de bichos é no quintal. Mônica pegou Carolina pela mão:

— Venha, quero mostrar-lhe meu quarto.

A casa era linda e mobiliada com muito bom gosto. Carolina adorou tudo o que viu. Passaram por três salas imensas, ricamente mobiliadas e subiram uma escada, atravessando um corredor. Por fim, Mônica abriu uma das portas:

— Chegamos. É aqui o meu refúgio.

O cachorro que havia sido levado para fora, aproveitara-se do descuido do empregado e sorrateiramente subira as escadas entrando rapidamente no quarto antes que Mônica fechasse a porta.

Ela desatou a rir, afagou a cabeça do animal dizendo:

— Muito bem! Você os enganou. Agora fique quieto, não faça barulho porque se mamãe ouvi-lo, vai colocá-lo no canil.

Jordan sentou-se arfando alegre, mostrando sua língua vermelha, os dentes brancos e afiados.

— Ele é lindo e inteligente — comentou Carolina.

— Ele faz sempre isso. Depois fica quietinho. Sabe o que acontecerá se mamãe descobrir.

— Sua mãe não gosta de animais?

— Ela tem suas regras de convivência. Teve uma educação rígida, quer cada coisa em seu lugar. Mas felizmente eu e Jordan sempre conseguimos o que queremos.

Mônica deixou os livros, mudou de roupa e depois convidou Carolina para conhecer o resto da casa. Quando desceram, Wanda estava na sala folheando uma revista. Vendo-as pediu:

— Sentem-se um pouco aqui comigo.

— Vou mostrar a casa para Carolina.

— Faça isso depois. Sentem-se um pouco. Só quero conhecê-la melhor.

Elas obedeceram e Wanda tornou:

— Mônica me disse que faz pouco tempo que você chegou à cidade. De onde veio?

— De Bebedouro, interior de São Paulo. Minha família mora lá. Estou na casa de minha avó. Meu avô faleceu, ela ficou sozinha com minha tia Odete, e ambas ficaram muito abaladas, então fiquei para fazer-lhes companhia.

— Sei. Você não se sente triste por viver na companhia de duas senhoras idosas?

— Não. Elas são duas pessoas adoráveis. Damo-nos muito bem.

— Vocês estão no último ano do colegial. Pretende fazer faculdade?

— Sim. Mas meus pais querem que eu fique aqui só até o fim do ano. Quando terminar o curso, voltarei para minha cidade.

— Não está gostando de São Paulo?

— Ainda não conheço muito a cidade. Sei que há lugares muito bonitos, mas ainda não tive oportunidade de visitá-los.

— Mãe, você não acha que está interrogando Carolina? O que ela vai pensar?

— Você sempre impertinente. Não a estou interrogando. Como eu disse, estou apenas tentando conhecê-la melhor. Espero que ela não se incomode.

— Absolutamente. A senhora tem todo o direito de conhecer as pessoas que entram em sua casa. Se fosse à minha, estou certa de que meu pai faria o mesmo.

Wanda apertou ligeiramente os lábios. Essa menina, apesar da cara de ingênua, tinha resposta pronta. Não era o que parecia. Tentou dissimular o desagrado, sorriu e disse:

— Eu sabia que você ia entender. Não quero detê-las. Leve Carolina para conhecer o resto da casa.

As duas se levantaram e quando estava distante de Wanda, Mônica tornou:

— Às vezes minha mãe me irrita. Mas finjo que não noto porque quando ela se zanga fica bem

pior.

— Não se preocupe.

Elas circularam por todas as salas e foram para a piscina onde Sérgio estava estendido em uma espreguiçadeira lendo um livro. Havia trocado a roupa formal e vestido uma calça de flanela branca e uma camisa esporte.

Vendo-as chegar, fechou o livro e levantou-se. Mônica informou:

— Estou lhe mostrando a casa.

— Não querem se sentar um pouco e descansar? — perguntou ele.

— Fica para outro dia. Temos muitas matérias para estudar — respondeu Carolina.

— É verdade — concordou Mônica.

— Nesse caso não insisto. Podem ir.

Elas saíram e Sérgio acomodou-se novamente na espreguiçadeira. Abriu o livro, porém seu pensamento estava em Carolina. A sensação de conhecê-la de algum lugar voltou forte. Onde a teria encontrado? Não conseguia lembrar-se.

As duas subiram para o quarto de Mônica e começaram a estudar. Aqueles encontros estavam sendo produtivos para as duas. Apesar do pouco tempo, haviam esclarecido muitos pontos e melhorado o desempenho no colégio.

Carolina estava se sentindo mais ambientada. O fato de Mônica ter se tornado sua amiga, havia feito com que as demais colegas a olhassem com mais simpatia.

Mônica tinha certa ascendência sobre as outras alunas da classe, seja por sua simpatia ou por sua família ser mais abastada, muitas delas copiavam seu modo de falar, sua postura e até sua maneira de se vestir.

O fato de Mônica gostar de Carolina bastava para que as outras também o fizessem.

Durante mais de uma hora elas estudaram as matérias para as aulas do dia seguinte, depois desceram. Wanda as esperava na sala, vendo-as entrar disse:

— Vocês devem estar com fome. Leve Carolina na copa e veja se ela deseja comer alguma coisa. Quanto a você, é melhor esperar pelo jantar.

Foi Carolina quem respondeu:

— Obrigada, D. Wanda, mas não estou com fome. Nós já terminamos por hoje e eu prefiro ir para casa.

— Eu queria que você ficasse para o jantar — pediu Mônica.

— Obrigada, mas não posso. Vovó às vezes não quer comer e tia Odete sempre solicita minha ajuda. Elas ainda não se recuperaram da perda do meu avô.

— Nesse caso não devemos insistir — disse Wanda.

— Vou chamar o Sérgio para nos levar — tornou Mônica.

— Não é preciso. Você me diz qual é o ônibus e eu vou sozinha.

— De forma alguma. Nós prometemos levá-la em casa e é o que faremos. Vou chamar o Sérgio.

Ele apareceu na sala:

— Não é preciso. Eu estou aqui.

— Carolina deseja ir embora.

— Já? Ainda é cedo — objetou Sérgio.

— Nós já terminamos de estudar. Não quero me ausentar de casa por tanto tempo. Quando não estou, minha tia fica olhando pela janela a minha espera.

— Então, é melhor irmos — comentou Mônica. Sérgio olhou para Carolina e indagou:

— Você tem mais cinco minutos?

— Claro.

— Venha comigo, desejo mostrar-lhe uma coisa. Carolina olhou para Mônica sem saber se deveria ir com ele.

— Vamos — concordou Mônica.

As duas o seguiram e ele levou-as até seu quarto convidando-as a entrar. Havia uma pequena sala com duas portas, uma ia para o dormitório a outra, para um gabinete de estudos. Foi a este último que Sérgio as levou.

Havia uma grande estante, repleta de livros, algumas poltronas, uma escrivaninha, uma mesa alta para desenho e algumas mesinhas laterais.

— Sentem-se. Fiquem à vontade.

Elas obedeceram. Ele foi até a mesa de desenho, apanhou alguns rolos de papel grosso e colocou-os sobre a escrivaninha. Depois, apanhou um, abriu-o e colocou-o diante de Carolina dizendo:

— Veja. Você reconhece este lugar?

Carolina fixou durante alguns segundos a paisagem desenhada na cartolina e respondeu:

— Não.

Então Sérgio foi abrindo outros rolos e no terceiro Carolina disse:

— Esse eu conheço. Já estive nesse lugar. As flores, as cores, o céu azul, recordo-me perfeitamente, mais adiante há uma pequena casa com varandas floridas e dois beija-flores por perto.

Em silêncio, Sérgio abriu outro rolo e lá estavam à casa mencionada e os beija-flores. Mônica estava boquiaberta:

— Quem fez estes desenhos? São lindos!

— Fui eu.

— Por que nunca nos disse nada?

— É uma coisa muito minha e eu não queria dividir com ninguém. Espero que você saiba guardar segredo. Eu queria que Carolina os visse e não quis esperar por um momento mais propício.

Carolina estava calada, admirada. Aquelas paisagens eram do local que ela havia ido com Marcos. Sérgio parecia irmão gêmeo de Marcos, mas se houvesse sido ele quem a havia levado naquela viagem astral, certamente iria se lembrar.

— E então, Carolina, o que me diz a respeito? — indagou Sérgio olhando-a fixamente.

— Bem, não sei... Algumas coisas acontecem comigo às vezes, mas nunca contei a ninguém.

— Comigo também acontecem coisas estranhas e é a primeira vez que falo nelas.

— O quê, por exemplo? — indagou Carolina.

— Eu sonho que estou nesses lugares, converso com pessoas, mas ao acordar só me recordo das paisagens, que são tão reais que as desenho para não esquecê-las. São lugares maravilhosos e estar lá provoca em mim uma sensação de bem-estar impossível de descrever.

Carolina olhou-o admirada e não respondeu logo.

— E então — insistiu Sérgio —, o que me diz?

— Eu também visito esses lugares... — ela hesitou um pouco e concluiu: — mas quem me leva é alguém muito parecido com você.

Mônica olhava-os admirada e Sérgio olhando-a pediu:

— Mônica, antes de conversarmos mais sobre esse assunto, quero que você jure que não contará para ninguém o que está ouvindo aqui.

— Não sei. O que estão dizendo é muito curioso. Seria melhor nos aconselharmos com outras pessoas.

— Se não jurar, paramos por aqui. Não quero que ninguém saiba.

— Por quê? O que há de ruim nisso?

— Porque se trata de algo muito íntimo e enquanto não esclarecermos tudo, é melhor não dizer nada. Podem pensar que estamos fantasiando, divertirem-se às nossas custas. Eu sinto que esse assunto é sério e não se presta a divagações.

— Eu concordo — interveio Carolina.

— Nesse caso, eu juro. Não contarei nada a ninguém.

— Muito bem. Continue Carolina.

— Quando o conheci, fiquei muito surpreendida porque você é igual ao Marcos que, de vez em quando, leva-me para esses lugares, conversa comigo, apresenta-me pessoas, aconselha-me. Infelizmente, ao acordar não me lembro de tudo o que conversamos apenas algumas frases finais ficam em minha mente, mas as impressões dos lugares, da presença dele e de outras pessoas, ficam em minha lembrança durante vários dias.

— Conte-me como e quando isso começou — pediu Sérgio.

Carolina contou o que acontecera na missa e outras vezes em que Marcos a ajudara a melhorar seu relacionamento com o pai e finalizou:

— Quando nos conhecemos pensei que você fosse o Marcos do meu sonho, mas se fosse você se lembraria dos nossos encontros e isso não aconteceu.

— Mas quando a vi, senti que nos conhecíamos, que já havíamos estado juntos.

Você me é muito familiar.

— Você também.

— O que vocês estão dizendo é incrível! - disse Mônica. - Como poderemos saber a verdade?

— Não tenho a menor idéia. Quando Marcos vier novamente, vou perguntar-lhe.

É o que posso fazer. Ele é um espírito muito lúcido, sinto que tem muito a ensinar-me.

— Nesse caso não poderia ser eu — comentou Sérgio. — Eu gostaria de ser assim, como você o descreveu, mas não sou.

— Eu confio muito na vida. Vamos esperar e ver o que acontece — afirmou Carolina. — Agora preciso ir para casa.

— Vamos — concordou Sérgio. Enrolou as pinturas, guardou-as e todos desceram.

Vendo-os voltarem, Wanda comentou:

— Vocês demoraram! O que estavam fazendo lá em cima?

— Sérgio nos mostrou alguns livros que serão úteis para nossos estudos —

comentou Mônica.

Ela ficava irritada todas as vezes que sua mãe insistia em fazer perguntas.

Saíram rapidamente. No carro, durante o trajeto, Sérgio continuou comentando com Carolina sobre os lugares que percorria em sonhos e ambos encontraram muitos pontos semelhantes nas descrições.

Ao chegarem diante da casa da amiga, viram Odete na janela e Carolina comentou:

— Tia Odete está na janela, certamente vovó está impaciente a minha espera.

Eles desceram e Carolina convidou-os a entrar, porém Mônica não quis. Era hora do jantar e ela não queria incomodar.

— Temos de ir, Carolina. Mamãe está nos esperando para jantar.

— Eu gostaria de conversar mais com você — disse Sérgio —, porém não quero abusar.

— Apareça em nossa casa quando quiser — convidou Carolina. — Minha avó e tia Odete gostaram muito de vocês dois e estou certa de que terão muito prazer em recebê-los.

— Só ela? — indagou Sérgio.

Carolina corou e respondeu:

— Claro que o prazer maior será meu. Vocês são meus únicos amigos nesta cidade. Depois, temos um assunto em comum.

— Isso mesmo — concordou Mônica —, estou ansiosa para descobrir esse mistério.

— Para mim só é mistério porque não conhecemos a verdade. Na vida só acontece o que é natural.

— Eu também penso assim — aduziu Sérgio.

Depois de despedir-se, Carolina entrou em casa e Odete comentou:

— Sentimos sua falta! Mamãe estava inquieta.

— Eu também senti falta de vocês. Vou pedir que Mônica venha mais aqui em vez de eu ir a casa dela.

— Você gostou de ter ido?

— Estranhei um pouco porque a D. Wanda fez-me muitas perguntas. Mas entendi que ela não nos conhece e deseja saber com quem a filha anda.

Odete deu de ombros:

— Bobagem. Nós gostamos de Mônica assim que a vimos. Não precisamos perguntar nada.

— É que a mãe dela é da alta sociedade e essas pessoas dão grande importância aos nomes de família.

— Nós podemos não ser tão ricos quanto ela, nem freqüentar a alta sociedade, mas somos gente de bem e nosso nome é honrado.

— Isso mesmo, tia. Eu me orgulho muito de pertencer à nossa família. Vamos ver a vovó antes que ela fique mais inquieta.

Abraçadas, as duas foram até a sala onde Guilhermina esperava-as com impaciência.

Carolina abraçou-a com carinho dizendo:

— Vovó, estava louca de saudades!

O rosto dela distendeu-se e seus olhos brilharam de felicidade quando a abraçou.

CAPÍTULO 10

No fim do mês de novembro, quando Augusto Cezar ligou, como fazia religiosamente duas vezes por semana, Odete atendeu e depois de dizer que tudo estava bem, ele pediu para falar com Carolina.

— Ela não chegou da escola — informou Odete.

— Como ainda não chegou? Ela sabia que eu ia ligar para conversarmos.

— Ela tem prova amanhã e foi na casa da Mônica estudar.

Só vai chegar na hora do jantar.

— Eu queria conversar com ela. Saber como estão suas notas no colégio.

— Ainda não sabemos, mas Carolina tem estudado muito. Tem sido de grande valia a ajuda de Mônica. Você sabe os problemas que ela enfrentou.

— Isso nos preocupou um pouco. Mas Carolina garantiu que agora está acompanhando bem.

— Está mesmo. Assim que ela chegar, pedirei que ligue para você.

— Faça isso. Você sabe que quando terminar este ano ela deverá voltar para casa. Ernestina sente muita falta dela.

Uma onda de tristeza sombreou o rosto de Odete, porém ela respondeu simplesmente:

—

— Era isso que eu temia quando a

Eu

deixei ficar. A melhor solução seria

sei. vocês venderem a casa e se

Mas mudarem para perto de nós.

ma

Assim, ficaríamos todos juntos.

mã

— Por mim até iria, mas mamãe

e

adora esta casa e não deseja

ape

deixá-la.

gou

— No mês que vem vou até aí e

-se

conversaremos. Talvez eu possa

mui

convencê-la a vir para cá.

to a Despediram-se e depois de desligar

Car

o telefone, Odete foi ter com

olin

Guilhermina:

a.

— Augusto ligou para saber

Vai

notícias de todos. Reclamou que

fica

Carolina não estava em casa o

r

esperando ligar.

mui

— Você disse que ela foi estudar?

to

— Disse.

tris

Guilhermina ficou pensativa por

te

alguns instantes depois tornou:

qua

— Você notou como Sérgio olha

ndo para Carolina?

ela

— Olha como?

nos — Seus olhos ficam meigos,

dei

amorosos, acho que ele está

xar. gostando dela.

—

.

Iss

— Mas bem que os olhos dela

o

brilham quando ele aparece.

eu

— Eu não notei — mentiu Odete.

not

Tinha medo de que Guilhermina se

ei

preocupasse com o relacionamento

des

deles. Ela mesma preferia que as

de

garotas estudassem em casa

o

porque assim poderia observá-las

pri

melhor.

mei

Desde que se conheceram, elas

ro

estavam sempre juntas, embora

dia. Mônica, na maioria das vezes,

Mas ficava na casa de Guilhermina.

Car

Ela se sentia mais à vontade longe

olin

dos olhares críticos e indagadores

a

da mãe. A pretexto dos estudos,

gar

todos os dias elas se reuniam e no

ant

fim da tarde Sérgio aparecia para

e

buscar a irmã e acabava ficando

que para conversar.

são Tanto Guilhermina quanto Odete

ape

gostavam muito dos dois irmãos,
nas apenas notavam o interesse de

bon

Sérgio por Carolina e dela por ele e

s

tinham receio de que se Augusto

ami

Cezar soubesse, implicaria com o

gos

rapaz e levaria Carolina embora.

Am

sado em Carolina, teria primeiro de

bas ser sabatinado e aprovado por ele.

sab

Odete hesitou um pouco, depois

iam disse:

que — Augusto pretende levar Carolina

Aug

embora assim que terminar o ano

ust

letivo.

o

— Era o que eu temia... Cheguei a

Cez

desejar que ela repetisse o ano.

ar

— Se acontecesse isso, Augusto a

era

levaria mais depressa.

mui

— Ele quer que nos mudemos para

to

lá.

for

— Pois eu penso o contrário. Eles é
mal que deveriam mudar-se para cá.

e

Que futuro pode ter Adalberto e
que Carolina em uma cidade do

se

interior? Ele não está pensando no

apa

bem dos dois, só pensa em seu

rec

sossego, naquela vidinha pacata.

ess

Eu estou velha, mas não me

e

acostumaria a viver naquela

alg

calmaria. Pelo menos aqui

um

sabemos tudo o que acontece à

rap

nossa volta.

az

— Você tem razão. Eu também

inte

prefiro ficar aqui. Vamos tentar

res

convencê-lo a mudar-se para cá.

Um

rimentos Odete falou do

a

telefonema.

hor

— Prometi que mais tarde você

a

ligaria para seu pai. — Ela hesitou

dep

um pouco, depois continuou: — Ele
ois, quer saber quando terminam seus
qua
estudos porque pretende levá-la de
ndo volta logo depois.

Car

Imediatamente Mônica abraçou

olin

Carolina dizendo:

a

— Você não pode ir! Se for preciso,

ent

falaremos com seu pai até

rou

convencê-lo a deixá-la ficar.

aco

— Ele falou que me deixaria ficar

mp

até o fim deste ano. Acho difícil

anh

que mude de idéia. Quando

ada programa alguma coisa, vai até o

dos fim.

doi

— Nós vamos pedir também —

s

disse Odete, — Mamãe vai insistir

ami

para eles se mudarem para cá.

gos

Sérgio ficara calado, mas seus

,

olhos refletiam preocupação.

dep

Observando a fisionomia triste de
ois

todos, Odete continuou:

dos — Vamos conservar o otimismo.

cu

Tudo ainda pode mudar e

mp

acontecer como desejamos. Vocês

dev

colate que vocês gostam.

em

— Não se incomode D. Odete, nós

est

já vamos — tornou Mônica.

ar

Mas Sérgio interveio:

co

— Pois eu aceito com prazer.

m

Mônica olhou admirada para o

fom

irmão. Ela recusara exatamente

e.

porque ele era o primeiro a não

Va

gostar de incomodar.

mo

Eles foram para a copa onde Odete

s à

deixara a mesa posta. Apanhou na

cop

geladeira a jarra de refresco de

a

groselha e colocou-a na mesa,

tom

onde já estavam algumas

ar

guloseimas e o famoso bolo de

um

chocolate.

lan

A conversa decorreu um pouco

che

diferente do costume. Eles

.

esforçavam-se para mostrarem-se

Pre

alegres, porém havia certa tristeza

par

no ambiente.

ei

Depois, os dois irmãos

aqu

despediram-se e Carolina foi para o

ele

quarto. Ela não desejava voltar

bol

para a casa dos pais e retomar a

o

antiga rotina que agora lhe parecia

de

pior do que antes.

cho

Também havia Sérgio. Estava

apa

a a casa dos pais? Teve vontade de

ixo

telefonar para o pai e lhe dizer que

nad

não queria ir, mas claro que ele

a

não iria voltar atrás.

por

Odete bateu à porta do quarto

ele

dizendo:

e

— Carolina, não vai ligar para seu

sen

pai? Eu prometi.

tia

— Já vou, tia.

que Apesar de não sentir vontade de

era

falar com ele, que certamente

corr

tocaria no assunto, foi à sala

esp

telefonar. Augusto Cezar atendeu:

ond

— Carolina, até que enfim ligou.

ida. Por que demorou tanto?

O

— Eu estava estudando na casa da
que Mônica. Temos uma prova
fari
amanhã.

a
— Estou programando ir até aí com
se
sua mãe e Adalberto para
fos
passarmos alguns dias, preciso que
se
me informe quando terminam suas
obri
provas porque desta vez você
gad
voltará conosco.

a a
— Pai, ainda não sei, porquanto
volt
além dos exames há a formatura.
ar
O colégio ainda não informou
par
quando será.

—
essas datas. Está me parecendo
Tod
que você não está interessada em
o
saber.

colé
— Não é isso, pai. É que no
gio

momento estamos estudando

mar

bastante e mais interessadas em

ca

nos formar.

ess

— Sua tia disse que você está indo

as

bem.

for

— Estou sim, mas quero conseguir

mal

me formar com notas boas.

ida

— Está bem. Trate de descobrir e

des me ligue em seguida. Estamos com

co

saudades de você. Sua mãe não

m

fala em outra coisa. Quer tê-la de

ant

volta.

ece

— Eu também sinto saudades.

dên

Estão todos bem?

cia. — Tudo bem como sempre. Não se

Est

esqueça de me ligar.

ou

— Sua benção, papai.

cert

— Deus a abençoe.

o

Carolina desligou o telefone e ia

de

voltar para o quarto quando ele
que voltou a tocar. Ela atendeu e
eles imediatamente reconheceu a voz

já

de Sérgio:

têm — Carolina, preciso falar com

voc

te. Farei tudo para impedir.

ê!

Carolina, com o coração batendo

—

forte ficou em silêncio durante

Aco

alguns segundos, depois

n-te

respondeu:

ceu — Se eu pudesse, não iria.

alg

— Deixei Mônica em casa e

um

pretendo ir até aí para conver-

a

sarmos, só eu e você. Agora são

cois

sete horas, às sete e meia estarei

a?

esperando você na esquina de sua

—

casa. Você vai?

Seu Ela hesitou um pouco, mas depois

pai

tornou:

pre

— Está bem, eu vou.

ten

Despediram-se. Ela desligou e foi

de

para o quarto se arrumar. Quando

lev

pensava no encontro, seu coração

á-la batia forte e ela esperava que o

em

tempo passasse depressa. Ao

bor

passar pelo quarto de Guilhermina,

a.

Odete perguntou:

Iss

— O que seu pai disse?

o

— O mesmo que você. Quer levar-

me

me de volta.

dei

— Temos de pensar em uma forma

xou de fazê-lo mudar de idéia.

tris

— É o que mais quero neste

mu

com vocês.

ndo

— Você disse isso a ele? Pode ficar

.

com ciúmes.

Ess

— Tive vontade, mas não disse

es

nada.

me

— Ainda bem. Agora vou ajudar
ses
mamãe a tomar banho. Depois
que conversaremos.
pas
Carolina foi para o quarto, tirou o
sei
uniforme, vestiu um vestido de
aqu
seda leve, arrumou-se com
i
capricho. Faltavam cinco minutos
fora
para as sete e meia e ela já estava
m
pronta na sala, olhando de vez em
os
quando para a esquina à procura
mai
de Sérgio.
s
Ele foi pontual, saiu do carro e
feli
ficou a esperando. Com o coração
zes
aos saltos, ela caminhou até ele,
de
que abriu a porta do carro para
min
que ela entrasse. Depois, sentou-
ha
se ao lado dela e disse olhando-a
vid
nos olhos:
a.

— Obrigado por ter aceitado meu

Ado

convite.

ro

— Não posso demorar. Titia não

viv

sabe que saí.

er

— Vamos sair daqui.

Sér

uma rua e pouco depois parou

gio

diante de um muro de um casarão,

ligo

sob a copa de uma frondosa

u o

árvore. Sérgio segurou a mão de

carr

Carolina dizendo emocionado:

o e

— Hoje, quando sua tia disse que

Car

seu pai deseja levá-la embora,

olin

senti uma dor muito forte. Eu a

a

amo, Carolina. Não posso suportar

per

a idéia de separar-me de você.

gun

Ela emocionou-se e ele teve a

tou

certeza de que seu amor era

:

correspondido. Abraçou-a com

—

carinho e beijou seus lábios repe-
Aon
tidas vezes. Ambos permaneceram
de
abraçados procurando controlar a
va
emoção, depois de alguns
mo
segundos, Sérgio comentou:
s?

— Sinto que você também me

—

quer.

Não — Sim. Eu também o amo. Não
mui
desejo separar-me de você.
to

— Estou pensando em falar com
lon
seu pai sobre nossos sentimentos.
ge.

Eu quero me casar com você.

Ele

Os olhos dela brilharam de prazer
viro
e seu rosto inundou-se de alegria:
u

— Sinto que juntos seremos

feli

pai vai consentir. Se ele souber

zes

que estamos namorando vai querer

!

levar-me embora mais depressa.

Mas — Por quê? Minhas intenções são
em

boas e minha família é respeitada.

seg

Carolina hesitou um pouco, depois

uid

respondeu:

a o

— É que... Sou muito nova. Nunca

pra

namorei... Meu pai sempre diz que

zer

eu só deveria pensar em namorar

des

depois que houvesse terminado os

apa

estudos e tivesse idade para isso.

rec

— Essa é uma forma de pensar

eu

antiquada. Hoje os costumes estão

de

mudados. Há moças mais novas do

seu que você que estão namorando

rost

firme.

o e

— Meu pai é um tanto

ela

conservador. Por esse motivo

tor

receio que ele não concorde com o

nou

nosso namoro.

:

— Precisamos encontrar uma
—
forma de mudar isso. Você acha
Não que sua avó e sua tia aprovariam
sei
nosso namoro?

se
— Penso que sim. Elas são mais
me
tolerantes e, além disso, gostam

u
muito de você.

Sér
elas agora mesmo.

gio
— Vamos. Elas também não
sorr
desejam que eu vá embora.

iu
Sérgio beijou-a repetidas vezes,
sati
depois disse:

sfei
— Está tão bom aqui que eu
to:
gostaria que o tempo parasse e

—
ficássemos juntos para sempre.

Nes

— Eu também, mas se queremos a
se
aprovação delas, não podemos
cas
deixá-las preocupadas. Eu saí sem

o

lhes dizer nada e é bom irmos
elas logo.

ser

— Tem razão. Vamos.

ão

Ele ligou o carro e foram para

nos

frente da casa dela. Desceram e

sas

entraram.

alia

Odete estava na sala e, vendo-a,

das

comentou:

.

— Você não costuma sair à noite,

Va

eu estava tentando descobrir

mo

aonde tinha ido. Não sabia que

s

Sérgio estava aqui.

con

— Como vai, D. Odete?

ver

— Bem, obrigada. Mônica não veio

sar

com você?

co

— Não. Eu precisava falar com

m

Carolina a sós, liguei e nos

enc

que o Dr. Augusto Cezar pretende

ont

levá-la embora no fim do ano
ram
fiquei muito triste. Há algum
os
tempo eu sei que amo Carolina de
par
verdade. Minhas intenções são
a
sérias, mas eu queria saber se era
con
correspondido.

ver

— E você, Carolina, também o
sar. ama?

Od

— Sim, tia, e também sinto que
ete
temos muita afinidade.

ouv

— Bem que eu havia notado
ia
alguma coisa. Ele a olhava com
co
ternura e os seus olhos brilhavam
m
quando ele estava por perto.

ate

— A senhora aprova nosso
nção
namoro? — indagou Sérgio.

o e

— Sim. Fico feliz porque sei que
ele
serão felizes.

con

— Gostaria de falar com D.

tinu

Guilhermina e fazer-lhe a mesma

ou: pergunta.

—

— Ela agora está deitada e precisa

Qu

descansar. Mas estou certa de que

and

também ficará contente com a

o

notícia. O problema é o Augusto

sou

Cezar...

be

— Carolina falou que ele pode não

con

é formal demais. Cria regras e

sen

deseja que toda a família as

tir

obedeça. Acha que uma moça só

e

deve namorar depois que terminar

lev

os estudos.

á-la — Mas você e vovó podem

em

interceder por nós, pedir que

bor

aprove nosso namoro.

a

— Isso nós faremos seguramente,

mai

mas conhecendo-o como conheço,

s

estou certa de que mesmo

dep

consentindo no namoro, não vai

res

deixá-la ficar aqui. Ele vai

sa.

estabelecer algumas condições e

Od

levá-la embora do mesmo jeito.

ete

— Eu preferia que ela ficasse, mas

sus

mesmo que ela vá para casa, se

piro

ele permitir, vou vê-la sempre que

u

puder.

pre

— Eu sei meu filho, mas nós

ocu

também não queremos ficar sem

pad

ela. Essa menina trouxe alegria

a:

para nossa casa. Nós nos

—

acostumamos com seu sorriso, sua

Ele, presença, até seu perfume.

às

— Eu também prefiro ficar com

vez

vocês, mas se eu disser isso ao

es,

papai, será pior. Ele ficará

enc

nas pequenas coisas. Se falta

ium

alguém na hora do jantar, ele fica

ado nervoso. Todos nós temos de estar

e

à mesa no horário certo.

vai

— Eu gostaria de encontrar uma

me

maneira de fazê-lo mudar de idéia.

lev

Mas sei como isso é difícil —

ar

observou Odete.

mai

— Quando papai programa alguma

s

coisa, não volta atrás.

dep

— Mas eu vou pensar em algo que

res

o faça desistir. Mamãe está

sa.

melhor, mas eu posso adoecer...

Ele

— Não, tia, isso não. Eu me

se

sentiria culpada.

mp

Odete sorriu maliciosa:

re

— Não é o caso. A minha doença

faz

pode ser fictícia. Um pouco de

que

maquiagem, um pouco de teatro.

stã

Os dois riram, e Carolina abraçou a

o

tia comovida:

da

— Você faria isso por mim?

uni

— Eu farei isso por todos nós. Não

ão

é isso o que queremos?

da

— Acha que ele não vai perceber?

fam

— indagou Carolina.

ília

— Vamos ver. Você acha que não

até

saberei representar? Fiz teatro no

colé

moro.

gio. — É o que estou pensando

Se

também.

não Sérgio interveio:

hou

— Eu gostaria de conversar com

ver

ele. Não gosto de esconder nada.

out

Desejo me casar com Carolina.

ro

— Eu sei, mas poderíamos omitir

rec

esse fato por algum tempo. Você
urs
pensa em se casar logo?
o, é — Gosto de fazer as coisas por
o
mim, não quero depender da
que minha família. Penso que dentro de
fare
um ou dois anos, poderemos nos
i.
casar.

Só
— É um prazo relativamente curto.
não Augusto deseja que Carolina se
sei
forme na universidade. Antes
se
disso, não vai aceitar.

ser
Sérgio apressou-se a responder:

á
— Mesmo casada ela poderá
bo
continuar estudando.

m
— Você tem boa vontade, mas há
ele
de convir que uma mulher casada
sab
tenha outras obrigações, fica difícil
er
estudar — continuou Odete.

do
Carolina interveio:
na

— Gosto de estudar, mas minha
feli

açou-a com carinho:

cid

— Gosto de saber que você
ade pretende lutar pela nossa felicidade
est

e se a senhora e D. Guilhermina

á

nos apoiarem estou certo de que

em

vamos conseguir.

pri

— Podem contar conosco. Se

mei

dependesse de nós duas, vocês se

ro

casariam quando desejassem.

lug

Carolina beijou o rosto da tia com

ar.

carinho:

Nes

— Obrigada, tia. Eu sei que tanto a

se

senhora como a vovó tudo farão

cas

para que eu seja feliz.

o,

Sentados na sala, os três

eu

continuaram conversando e fa-

me

zendo planos para o futuro.

sm

Quando Sérgio se despediu, Caro-
a
lina acompanhou-o até o portão.
fala
Ele olhou-a com carinho e disse:
rei
— Gostaria de ficar aqui para
co
sempre. Ela sorriu contente:
m
— Eu também.
pap
Sérgio beijou-a longamente nos
ai.
lábios e confidenciou:
Sér
— Fica difícil ir embora.
gio
— Vou sonhar com você —
abr
prometeu Carolina, olhos bri-
lha
ela ficou olhando enquanto ele
nte
entrava no carro, depois acenou e
s
entrou.
de
Naquela noite foi difícil pegar no
feli
sono. Os momentos de amor que
cid
vivera com Sérgio e o prazer que
ade
sentira estavam bem vivos e seu

.
coração vibrava de emoção.

Dep

Ela já havia tido alguns encontros

ois

com rapazes em sua cidade, porém

de

jamais havia sentido o que sentia

mai

por Sérgio. Estava certa de que

s

estar ao lado dele para sempre era

um

tudo quanto desejava na vida.

abr

Embalada em seus sonhos de

ação felicidade, finalmente Carolina

ele

adormeceu.

se

foi

e

CAPÍTULO 11

Na manhã seguinte, Sérgio

acordou e seu primeiro pensa-

mento foi para Carolina. Nunca

sentira por nenhuma outra mulher

o que sentia por ela. Recordando-

se dos beijos que havia trocado,

estremecia de emoção e prazer.

Levantou-se alegre, tomou um

banho e desceu para tomar café.

Encontrou toda a família reunida

na copa. Sentou-se no lugar

costumeiro, porém sua alegria

despertou a curiosidade de Wanda
que comentou:

— Você hoje está com um ar
diferente. Aconteceu alguma
coisa?

— Amanheci de bem com a vida.
Não está um lindo dia? Mônica
olhou para a janela e tornou:

— O céu está nublado, parece até
que vai chover. Sérgio olhou para
fora e não se deu por achado:

— Eu gosto de dias assim. Acho
lindo.

Mônica sorriu maliciosa. Há muito
percebera o interesse do irmão
por Carolina e havia surpreendido
o telefonema dele para ela na noite

— É, papai. Estou apaixonado,
anterior marcando o encontro. Pela alegria
ontem me declarei e ela deu o
dele dava para saber que fora
"sim".

correspondido.

Wanda olhava-o séria e indagou
Notando o olhar de cumplicidade entre os
novamente:

filhos, Wanda olhava curiosa de um para

— Vai nos dizer quem é ela?

outro querendo descobrir o que estava

— É Carolina a moça que eu amo.

acontecendo. Como os dois continuaram

— Não acha que está sendo

calados, ela não se conteve:

precipitado? Vocês se conhecem

— Você saiu ontem à noite, foi ao cinema?

há pouco tempo, além disso, seus
— Não. Fui me encontrar com uma garota.

pais são do interior, certamente
Wanda sorriu vitoriosa, porém um pouco
pessoas de pouca projeção social.

inquieta:

— Pelo que sei são pessoas de

— Ela é das nossas relações?

bem. Quanto à projeção social,
Sérgio colocou a xícara no pires, olhou-a
não me interessa. Vou casar-me
sério e respondeu:

com Carolina por amor.

— Você está louca para saber. Não vejo

— Pense bem, meu filho. Você

nenhum motivo para não contar. De
pode estar jogando fora uma
qualquer maneira vocês teriam mesmo de
carreira de sucesso profissional ao
saber, pois pretendo casar-me com ela.

escolher para esposa uma moça
Wanda estremeceu e quase deixou cair à
fora do nosso círculo.

xícara que segurava:

Mônica interveio:

— Casar-se? Como assim? Você sequer

— Você está falando da família de
estava namorando.

Carolina sem conhecê-la.

— Mas agora estou.

Dona Guilhermina e D. Odete, avó
Wanda e Humberto olhavam admirados.

e tia de Carolina, são pessoas de

Mônica sorria contente.

fino trato e muito educadas.

— É tão sério assim, meu filho? — indagou

— Você talvez tenha algo a ver

Humberto.

com esta história, acho melhor
ficar fora e não dar palpite. É isso o que
que se a mãe percebesse o que
dá trazer para nossa casa colegas do
ela estava pensando, jogaria todo
colégio de famílias desconhecidas. Na casa
o seu mau humor sobre ela.

de meu pai, não nos era permitido levar
Sérgio continuava tomando seu
qualquer pessoa sem que fossem de
café com naturalidade. Ele não
famílias conhecidas ou apresentadas por
levava a sério aquelas idéias da
elas.

mãe. Preferia avaliar as pessoas

— Esse tempo passou mamãe — tornou
pelo comportamento, pelas

Sérgio um tanto irritado. — Hoje a
atitudes e não pela posição social.

nobreza está no coração das pessoas, em

Vendo que sua cena não surtira
suas atitudes, não em seus nomes de
nenhum efeito, Wanda irritou-se,

família que carregam como um troféu
voltou-se para o marido e disse:

inútil e fora de moda.

— Seu filho diz que vai se casar

Wanda voltou-se para Humberto dizendo

com uma moça que não pertence
com voz chorosa:

ao nosso meio e você não diz

— Você não diz nada? Permite que os

nada?

valores de nossos pais e os nossos valores

— O que quer que eu diga? Ele é

sejam jogados na lama?

maior de idade, diz que está

Humberto olhou-a e respondeu meio a

apaixonado. O que podemos

contragosto:

fazer?

— Por que vocês fazem tanto barulho por

— Corno assim? Você é pai, tem

um assunto tão desagradável? Estamos

obrigação de orientar seu filho.

tomando café da manhã. Não seria mais

Sérgio, que havia terminado de

adequado deixar as discussões de lado?

tomar o café, levantou-se e

Humberto odiava quando Wanda falava

fixando-a disse com voz firme:

naquele tom de vítima, o que ele sabia

— Papai tem razão. Eu estou

que ela não era de jeito nenhum.

apaixonado e muito feliz. Se vocês

Mônica estava se divertindo com a cena,

não estiverem satisfeitos com a

mas fingia não estar interessada. Sabia

minha escolha, eu lamento, mas

isso não vai mudar em nada. É a minha

formalmente para tia Odete e D.

felicidade que está em jogo e eu não vou

Guilhermina?

abrir mão dela em hipótese nenhuma.

— Só para tia Odete, D.

— Não vê que um casamento com

Guilhermina estava descansando.

desigualdade social jamais dará certo? —
Mas tia Odete nos garantiu que
argumentou Wanda.
ela vai aprovar nosso namoro. O
— Nosso casamento tem tudo para dar
problema maior está no pai de
certo. Se isso não ocorrer, somos nós, eu
Carolina.
e ela, que teremos de pagar o preço. E
— Você já falou com o pai dela?
nós estamos dispostos a correr esse risco.
— Não. Mas Carolina disse que ele
Mônica bateu palmas dizendo contente:
a proibiu de namorar antes de se
— Parabéns. Você está apaixonado
formar. Elas temem que se ele
mesmo! Que bom!
souber do nosso namoro, vai levá-
Wanda fulminou-a com o olhar e fazendo
ela embora imediatamente.
pose de ofendida deixou a copa. Mônica
— E agora, o que pretende fazer?
levantou-se e acompanhou o irmão que se
— Eu quero me casar com
preparava para sair e, segurando em seu
Carolina, sou uma pessoa de bem,
braço, disse:
de boa família. Por mim falaria
— Eu adoro a Carolina! Estou muito feliz!
com ele, faria o pedido e pronto.
— Obrigada, maninha — respondeu ele
Mas elas alegam que não. Ainda
beijando-a levemente na face.
não sei o que faremos.
— Estou louca para ir à escola e encontrar

— Carolina me conta que seu pai
Carolina. Ela vai ter de contar-me tudo o
é muito formal. Que quando
que aconteceu ontem à noite.
decide alguma coisa, jamais volta
— Nada de mais. Nós nos encontramos,
atrás.
declarei-me, beijamo-nos e depois fomos
— Foi o que elas disseram. Mas
conversar com tia Odete, que foi muito
penso que se ele souber que
favorável.
tenho boas intenções, não vai
— Você já a pediu em namoro
proibir nosso namoro.
Mônica ficou calada por alguns instantes,
se saído bem nas últimas provas.
depois disse:
Depois de começar a namorar
— O principal é que vocês se amam e
Sérgio, Carolina fora apenas uma
serão felizes.
tarde estudar na casa de Wanda e
— Isso é o que importa.
percebeu logo que ela não
Sérgio saiu e Mônica foi sentar-se perto da
aprovava o namoro deles. Não
piscina, pensando na sorte do irmão, que
perdera a chance de crivá-la de
havia encontrado o amor, e em Carolina,
perguntas sobre sua família, seus
que era merecedora de todo o apoio.
antepassados. O constrangimento
Ela também gostaria de encontrar alguém,
de Carolina foi visível o que

mas isso ainda não tinha acontecido.
provocou a irritação de Mônica e
Gostava de imaginar que em algum lugar
de Sérgio.

do Universo deveria estar o homem de
Ao deixar a casa de Wanda, já no
sua vida, e que quando chegasse o
carro, Carolina foi direta:

momento, ele apareceria como em um
— Sua mãe não aprova nosso
passe de mágica, despertando seu
namoro.

coração para o amor.

— Não se trata de nada pessoal.

Os dias que se seguiram foram de
Minha mãe é cheia de regras e
felicidade para Sérgio e Carolina. Mônica
acha que precisa tomar conta de
compartilhava a alegria. Todas as tardes,
nós. Trata-nos como crianças.

Sérgio ia buscá-las no colégio, e juntos

— É mais do que isso. Ela não me
iam para a casa de D. Guilhermina, onde
acha à altura do nome de sua
já os esperava um lanche gostoso e o
família.

carinho tanto dela como de tia Odete que
A franqueza de Carolina não lhe
aprovavam o namoro dos dois.
deu chance de negar.

As duas amigas estudavam um pouco,

— Quando ela a conhecer melhor,
mas o prazer de estarem juntos e
vai mudar de idéia. Ela não pode
conversar eram mais fortes. Contudo, elas

decidir por mim. Eu amo você e
estavam indo bem no colégio e já haviam
vamos nos casar. Nem seu pai,
nem minha mãe, poderão nos impedir.
Mônica olhou-a surpreendida:
Carolina suspirou pensativa. Ela preferia
— Pensei que você se sentisse
que não fosse assim, mas Sérgio tinha
incomodada pela maneira dela.
razão. Fosse qual fosse à situação, eles se
— Não. Até certo ponto é natural
amavam e queriam ficar juntos.
que ela tenha curiosidade em
A partir desse dia, Carolina não quis mais
saber como é a família onde vocês
ir estudar na casa de Mônica. A pretexto
ficam todas as tardes.
de que o ano letivo estava quase findo,
— Formal como é, não viria sem
ela os convidava para irem a sua casa.
um convite especial de sua avó —
— Acho que estamos dando muito
disse Sérgio.
trabalho à sua tia — dizia Mônica.
— Vou falar com vovó para
— Estamos abusando — concordava Sérgio
formalizar o convite.
—, mas é tão prazeroso que só deixarei de
No dia seguinte, Wanda recebeu
vir quando vocês derem um basta!
por um portador um cartão de
— Isso nunca acontecerá, elas adoram
Guilhermina convidando-a para
vocês. Nossa presença tem estimulado as
um chá em sua casa dois dias

duas de tal maneira que se tornaram
depois.

alegre, falam sobre vocês com carinho e

Wanda revirou o cartão

vivem procurando receitas gostosas para

delicadamente perfumado,

compor o nosso lanche.

examinando-o curiosa. Apesar de

— Você acha mesmo que não estamos

desejar ardentemente ir, hesitou

abusando? — indagou Mônica. — Minha

pensando que esse convite viera

mãe vive brigando conosco por esse

porque elas desejavam apro-

motivo, dizendo que estamos

ximar-se dos pais de Sérgio com a

incomodando. Todas as noites quando

intenção de formalizar esse

chegamos a casa ela diz a mesma coisa.

namoro. Isso não a agradava

— Talvez ela esteja com vontade de vir

absolutamente.

aqui — aventou Carolina. — Por que não a

No fim da tarde, quando

convida uma tarde?

Humberto chegou, mostrou-lhe o

cartão dizendo:

— Não sei não. Ele parece

— Veja, a avó de Carolina me convidou

determinado.

para um chá em sua casa. Não sei se

— Para mim o que importa é que

deverei ir.

ela seja uma boa moça e possa

— Por que, não?

fazer nosso filho feliz.

— Ela quer nos aproximar pensando em

— Você vai ficar contra mim nesta
um possível casamento da neta com
história?

Sérgio.

— Não estou contra nem a favor.

Humberto pensou um pouco e respondeu:

Desejo muito que Sérgio seja

— Talvez não. Um simples chá não vai
feliz.

representar nenhum compromisso. Você

— A desigualdade social prejudica
não vive querendo saber por que nossos
qualquer relacionamento.

filhos gostam tanto de ir àquela casa? É

— Carolina não me pareceu
uma forma de saber.

diferente de nossa filha. Aliás,

— É... Talvez tenha razão.

elas se dão muito bem.

— Compromisso sério só existe depois que

— Você sabe como Mônica é.

Sérgio fizer o pedido ao pai de Carolina.

Nunca selecionou suas amigadas.

Mesmo assim, pode não dar certo.

Dá-se bem com qualquer pessoa.

Há casamentos que se desfazem até na

— Se pensa assim, é melhor ir a
véspera.

esse chá.

— Mas não quero correr o risco. Sérgio

— É o que farei.

merece algo melhor. Há tantas moças

Na manhã seguinte, Wanda

bem-nascidas que gostam dele, por que
mandou Mônica agradecer o
foi se apaixonar logo por essa
convite e dizer que iria.
desconhecida?

No dia marcado, pontualmente às
Humberto sorriu:
cinco horas, Wanda tocou a
— São mistérios do coração. É a primeira
campainha da casa de
vez que Sérgio fala que está apaixonado.
Guilhermina.

Pode ser fogo de palha.
Odete abriu a porta e Wanda
apresentou-se:
com sua mocidade e doçura nos
— Sou Wanda Souza Soares, mãe de
tem ajudado a superar a perda de
Mônica e de Sérgio.
papai. Infelizmente, Augusto
— Muito prazer. Sou Odete, tia de
Cezar virá buscá-la dentro de
Carolina. Entre, por favor. Wanda entrou e
alguns dias para levá-la de volta.

Odete continuou:
Wanda gostou da notícia, mas não
— Mamãe está na sala, venha comigo.
deixou transparecer. Seria bom
Wanda olhava tudo com interesse. A casa
que ela ficasse longe porque
era antiga, mas mobiliada de forma
assim talvez Sérgio mudasse de
tradicional e Odete estava bem vestida.
idéia. A situação estava melhor do
Uma vez na sala, Odete apresentou-a a

que havia pensado.

Guilhermina que se levantou e estendeu a

Mostrou-se cordial e quando

mão dizendo:

Carolina chegou com Mônica e

— Seja bem-vinda à nossa casa. Obrigada

Sérgio encontrou-as tomando chá

por aceitar o meu convite. Sente-se, por

na sala com várias guloseimas

favor.

que a criada servia diligente.

Wanda acomodou-se em uma poltrona e

Wanda mostrou-se amável e

respondeu:

delicada, o que surpreendeu

— Obrigada. Eu sentia muita vontade de

Carolina. Meia hora depois ela se

conhecê-las. Meus filhos não saem daqui.

despediu deixando uma onda de

Talvez as estejam incomodando.

delicado perfume no ar.

— Absolutamente — respondeu

Guilhermina comentou encantada:

Guilhermina. — Eles trouxeram alegria à

— Que mulher encantadora!

nossa casa. Desde que meu marido

Odete aprovou dizendo:

morreu temos estado tristes. Augusto

— Tão jovem, nem parece mãe de

Cezar, pai de Carolina, deixou-a conosco

dois filhos moços.

por algum tempo para nos ajudar a reagir.

Os dois irmãos trocaram olhares

Não sei o que teria sido de nós sem ela.

satisfeitos. Uma hora depois eles

— De fato — concordou Odete —, Carolina se retiraram. A sós, no carro,

Sérgio comentou:

amigas estavam formadas e se

— Eu estava preocupado com essa visita.

preparavam para as

Ainda bem que mamãe foi amável.

comemorações da formatura.

Certamente rendeu-se à simpatia das

Na véspera da chegada da família,

donas da casa.

Sérgio saiu com Carolina para dar

— Não creio. Mamãe não é fácil de render-

uma volta a pretexto de tomar um

se apenas à simpatia das pessoas. Deve

sorvete. Desde que seu pai a

ter acontecido algo mais.

ligara perdera muito da alegria

— O que poderia ser? Ela estava bem, é

costumeira e ele queria conversar.

sinal que gostou delas. Depois disso vai

Foram caminhando até a praça

deixar de fazer oposição a Carolina.

mais próxima:

Mônica meneou a cabeça negativamente:

— Vamos nos sentar naquele

— Como você é ingênuo. Ela continua

banco — convidou Sérgio.

contra do mesmo jeito. Você vai ver.

A noite estava quente, as estrelas

— Será?

brilhavam e os canteiros estavam

— Vou tentar descobrir por que ela

floridos. Mas Carolina tão

mudou.

envolvida em seus próprios

Depois daquela tarde, Wanda não tocou
pensamentos nem notou.

mais no nome de Carolina. Uma semana
Sérgio segurou a mão dela com
depois, Augusto Cezar telefonou avisando
carinho:

que chegaria dentro de dois dias com a
— Você está preocupada. Ela
família. Pretendiam ficar até o Natal.
suspirou, depois disse:

Assistiriam à formatura de Carolina e
— Não há como evitar. Eu não
depois voltariam todos para casa.
quero ir embora.

Sérgio continuava firme na idéia de
— Eu não quero que vá. Por esse
conversar com os pais de Carolina e
motivo já decidi. Vou falar com
formalizar o noivado, embora Guilhermina
seu pai.

e Odete o aconselhassem a esperar.

— Não sei. Ele quer que eu
As aulas haviam terminado, as duas
continue os estudos. Não vai
consentir.

confiança na vida, no futuro, faz

— Hei de convencê-lo que nosso
as coisas que desejamos darem
casamento não vai atrapalhar seus
certo.

estudos.

— Como você sabe que é assim?

— Você não sabe como ele é determinado

— Às vezes eu sonho com

quando decide alguma coisa.

algumas pessoas que conversam

— Mas terá de render-se à verdade. Se for
comigo, ensinam-me coisas e
preciso, meu pai falará com ele. Vai dar
pedem que eu observe melhor
tudo certo.

como a vida trabalha a nosso

Abraçou-a com carinho, depositando um
favor.

delicado beijo em sua face.

— Eu sempre confiei na vida.

— Apesar do que você diz não posso
Nunca tive medo de nada. Mas
evitar um aperto no peito quando penso
agora, sinto medo de perder você.
nisso.

— Isso nunca acontecerá! Jogue

— Pois eu estou certo de que
fora esse medo antes que ele nos
conseguiremos. Você vai ver. Agora
separe.

sorria. Não gosto de vê-la triste.

— Não sei como fazer isso. Eu
Precisamos estar firmes, com o coração
sinto, mesmo contra minha
alegre. A tristeza, a preocupação pode
vontade.

atrair exatamente o que você teme.

— Reaja. Visualize nós dois

— O ambiente em casa ficou depressivo.
juntos, abraçados, nos amando
Vovó chora e tia Odete se esforça para
sempre, alegres, felizes e serenos.
confortá-la.

E nada nem ninguém conseguirão
— Você precisa esforçar-se para mudar
separar-nos. Todo o Universo
isso. Afinal, sua família vai chegar e você
vibrará a nosso favor.
certamente está com saudades deles.
Os olhos dele brilhavam, seu tom
Converse com sua avó, com sua tia, elas
era convicto e Carolina sorriu.
precisam aprender que a tristeza atrai o
— Tem razão. Estamos juntos,
que você não quer. Só a alegria, a
nosso amor é verdadeiro e
ninguém conseguirá nos separar!
partida fizer mal a vocês
— Assim é que se fala!
tornando-as infelizes, vou sentir-
Sérgio beijou-a apaixonadamente nos
me culpada e desejar nunca mais
lábios. Carolina sentiu que seu medo havia
vir ficar aqui.
desaparecido. Foram caminhando de volta
As duas entreolharam-se
para casa, abraçados e felizes.
surpreendidas. Carolina
Ao chegarem, encontraram Guilhermina e
continuou:
Odete conversando na sala. Ao vê-los, a
— Temos de olhar as coisas de
avó tentou reter as lágrimas, mas elas
maneira diferente. Agradecer a
caíram assim mesmo.
vida por permitir que ficássemos
Odete tentou sorrir, mas seus olhos
todo esse tempo juntas e não

estavam tristes. Notava-se que ela fazia
reclamar se for preciso ficarmos
grande esforço para se controlar.
separadas durante algum tempo.
Carolina olhou-as e aproximou-se

Sérgio interveio:

dizendo:

— Isso mesmo. Vamos nos

— O que está acontecendo? Não estão
empenhar para fazer Carolina
alegres com a chegada da família?

ficar. Mas se ela precisar ir

Odete apressou-se a responder:

saberemos esperar. Pretendemos

— Claro que estamos alegres com a

nos casar e quando isso

chegada deles. O que atrapalha é Augusto

acontecer, viremos morar em São

Cezar quer levá-la embora.

Paulo. Eu prometo que será bem

— Se desejam convencer papai a deixar-

perto daqui e viremos vê-las to-

me ficar, é melhor ficarem alegres. Eles

dos os dias.

precisam perceber que minha presença

— Que bom se isso fosse verdade!

aqui lhes causa alegria, não tristeza.

— tornou Odete sorrindo.

— Você é a alegria de nossa vida. Não

— Por que duvidam? — continuou

queremos que vá embora.

Sérgio. — Quando eles chegarem

— Vovó, as coisas nem sempre são da

pretendo conversar com o Dr.

forma que nós desejamos. Se minha

Augusto Cezar.

— Ele não vai concordar... — lembrou
tarde irritado. Ernestina vendo-o

Guilhermina.

entrar notou logo que ele não

— Saberemos convencê-lo — disse
estava em seus melhores dias.

Carolina sorrindo.

Sentiu o peito oprimido. Quando

Pois eu penso que deveria esperar para
ele estava mal-humorado ela

falar com ele.

ficava alerta com receio que fosse

— Do que tem medo? Não confia em
por causa do comportamento dos
nosso amor? Acha que ele não será capaz
filhos.

de convencer seu filho a nos dar o con-

Desde que eles voltaram de São

sentimento? Vou fazer o pedido, dizer que

Paulo por ocasião da morte do

Carolina vai continuar estudando mesmo

pai, ele tinha decidido colocar

depois do casamento e estou certo de que

Adalberto na empresa para

ele vai consentir.

trabalhar meio período.

As duas se entreolharam mais alegres. O

Todos os dias após o almoço,

entusiasmo e a certeza deles eram

Adalberto ia com o pai para o

contagiantes.

escritório e ele passava-lhe

Odete levantou-se e abraçou-os alegre:

pequenos serviços tentando am-

— Começo a pensar que tem razão.
bientá-lo na empresa. Apesar de
Vamos tomar um chá com bolo que eu fiz
ele ter preferido a advocacia ao
esta tarde. Está delicioso.
invés da engenharia, Augusto
Guilhermina sorriu. O ambiente estava
Cezar sonhava que ele se prepa-
mais calmo e as pessoas bem. A tristeza
rasse para tomar conta de tudo
de antes havia desaparecido.
quando ele se aposentasse.
Adalberto odiava ir para o
escritório, ter de ficar lá lhe era

CAPÍTULO 12

muito penoso. Estava habituado a
encontrar-se com os amigos, ver
as garotas, fazer o que lhe dava
Augusto Cezar chegou a casa no fim da
vontade, certo de que o pai
estaria ocupado o dia inteiro e ele livre.
— Foi estudar na casa do Romeu.
Ter perdido essa liberdade o deixara
— Tem certeza de que ele está lá
deprimido, mas como sempre, fingia que
estudando?
estava gostando para evitar contrariar o
— Tenho. Ele não tem motivos
pai. Contudo, perdeu o gosto pelos
para mentir. Está se esforçando
estudos e começou a ir mal à faculdade.
para recuperar as notas.
Quando Augusto Cezar descobriu que ele
— Assim espero. Às vezes penso
estava mal em algumas matérias ficou

que ele não conseguirá passar.
muito bravo. Mas Adalberto mostrou-lhe o
Isso me incomoda muito. Eu
Código Civil, afirmando que precisava
nunca repeti nem um ano. Meu
saber tudo e que estava sem tempo.
filho tem capacidade para fazer o
— Tenho ido dormir muito tarde para
mesmo.
compensar as horas que fico trabalhando,
— Estou certa de que ele vai
fico estudando, mas não dá. Depois, há os
passar.
trabalhos de grupo, que são sempre
— Carolina já fechou as matérias,
durante as tardes. Eu gostaria muito de
e assim que Adalberto terminar as
continuar ajudando na empresa, mas
aulas vamos para São Paulo. Não
corro o risco de não passar de ano.
vejo a hora de trazer nossa filha
Então, Augusto Cezar pela primeira vez
de volta.
voltou atrás. Ele também só começara a
— Sua mãe e Odete não vão
trabalhar depois de formado. Assim
querer que ela venha embora.
decidiu que Adalberto também faria isso.
— Está decidido e pronto. Elas
Ernestina observara que o filho não
terão de conformar-se. O certo
gostava de ir para a empresa, mas
seriam elas venderem a casa e
tentava motivá-lo para não desagradar o
comprarem uma perto da nossa.

marido. Ela faria qualquer coisa para não
Assim, teriam a nossa companhia
ver Augusto Cezar nervoso com os filhos.

e Carolina estaria sempre ao lado
— Onde está Adalberto? — o indagou
delas.

assim que chegou.

— Um dia elas vão entender que
será melhor vir para cá.

Elas se afastaram e Adalberto
Adalberto tinha ido mesmo à casa de
continuou:

Romeu estudar. Estava se esforçando. Se
— Faz dias que eu estou sentindo
ele repetisse teria de suportar o castigo do
sua falta. Áurea olhou-o nos olhos
pai e seus sermões.

e disse com naturalidade:

Na missa de domingo ele tinha visto Ana
— Comigo não precisa ser formal.
Maria mais linda do que nunca. Ela ainda
— Estou dizendo a verdade. Não
morava em Bebedouro. Então, lembrou-se
acredita?

de que havia tempo não via Áurea.

— Às vezes me pergunto por que
Precisava dar continuidade ao seu plano,
você tem me procurado. Apesar
antes que Ana Maria fosse embora.
de um pouco chocado com a
Às cinco horas ele estava diante do colégio
observação inesperada ele não se
de Áurea. Ela saiu com as duas colegas de
deu por achado.

sempre e ele aproximou-se:

— Por que gosto da sua
— Como vai, Áurea?
companhia. Você acha que estou
— Quem é vivo sempre aparece! —
incomodando?
brincou uma delas sorrindo.
— Não foi isso que eu disse. Você
— Ele está vivo mesmo. No outro dia nos
é um rapaz inteligente, boa
encontramos e ele nem me
companhia, o que me intriga é
cumprimentou, imaginei que fosse uma
que você nunca se aproximou de
visão —
disse a outra.
mim, mesmo tendo vivido na
— Sou muito distraído. Não a vi mesmo.
mesma cidade desde que
— Não ligue para elas — respondeu Áurea
nascemos e nos encontrado em
—, o que veio fazer aqui? — perguntou.
todos os lugares. É evidente que
— Vê-la. Estava com saudades.
você tem alguma coisa em mente.
— Enquanto vocês matam as saudades
O que é?
nós vamos andando — disse uma das
— É que de repente notei o
colegas.
quanto você tinha crescido e se
— Fiquem à vontade — completou a outra.
tornado uma moça linda. E desejei
conhecê-la melhor.
Adalberto segurou a mão dela
Áurea sorriu e considerou:

levando-a aos lábios com carinho.

— Você é galanteador. Não é preciso dizer

Ela não retirou a mão e seus olhos

isso para sermos bons amigos.

procuraram os dele indagadores.

— Você parece que não gosta de elogios.

— Peço-lhe que pense bem no que

— Gosto quando são sinceros. E antes que
está dizendo.

— você continue nessa linha, gostaria de

— Eu já pensei. Estou gostando

perguntar: Carolina vai continuar morando

de você e quero saber o que sente

em São Paulo?

por mim.

— Não. Dentro de alguns dias vou com

Ela retirou a mão sem desviar os

meus pais buscá-la.

olhos e respondeu:

— Quando soube que seu avô morreu

— Eu gosto de você. Mas sou

pensei que vocês fossem morar em São

nova e nunca namorei. Posso

Paulo.

estar confundindo meus

Os olhos de Adalberto brilharam quando

sentimentos. Você é um rapaz

respondeu:

bonito, de boa família, muitas

— É o que eu gostaria. Mas papai não

garotas gostariam de namorá-lo.

quer. Mas chega de falar dos outros.

Mas para eu amar de verdade,

Quero falar de nós!

preciso de muito mais do que isso.

— De nós?

Eu quero um companheiro

— Sim. No período em que estive em São

verdadeiro, amoroso, que cultive

Paulo pensei em você o tempo todo. Por

valores éticos e espirituais.

sua causa queria voltar o quanto antes.

Diante da resistência dela e com

— E por que não me procurou

receio de que ela o rejeitasse,

novamente?

Adalberto tornou:

— Depois que nos encontramos naquele

— Somos ambos jovens e eu não

dia em que fui buscar os documentos da

sei se possuo todas as qualidades

minha irmã no colégio, fiquei sem

que você mencionou, mas como

coragem para dizer-lhe tudo o que sentia.

saber se não tentarmos? Quer

namorar comigo?

Áurea e beijou-a nos lábios. Ela

Áurea pensou um pouco depois tornou:

correspondeu, mas afastou-se

— Está certo. Podemos tentar. Mas quero

logo dizendo:

deixar claro que se trata apenas de uma

— Chega por hoje.

experiência. Se um de nós sentir que não

— Faz tempo que eu desejava

vai dar certo, usará de franqueza e

beijá-la. Só mais um...

acabaremos o compromisso.

Ela olhou em volta e depois,

Adalberto sentia-se ansioso. Ele imaginara

vendo que estavam sozinhos,
que quando a pediu em namoro, Áurea
colou os lábios nos dele, que a
iria aceitar logo e sentir-se até lisonjeada
apertou contra o peito sentindo
com seu interesse. Mas não, ela era difícil
seu coração bater
e esse comportamento feriu seu orgulho.
descompassado.
Ele queria que ela dissesse sim a qualquer
Depois, ela afastou-o e saiu
custo.
rapidamente deixando-o
Resolveu concordar com a proposta.
emocionado.
Estava seguro de que a conquistaria e a
— Ela é bonita demais! Por esse
faria rastejar a seus pés.
motivo fiquei deste jeito.
— Seja como você quiser. Vamos nos
Namorá-la vai ser menos penoso
sentar na praça para conversar um pouco
do que eu pensava.
mais?
Depois, satisfeito, ele saiu rumo a
— Hoje não posso. Se eu passo do horário
sua casa. Áurea chegou à casa
minha mãe fica preocupada.
pensativa. Há muito tempo ela
— Então vamos nos ver hoje à noite na
gostava de Adalberto, mas apesar
praça.
de ele a estar procurando, ela
— Verei o que posso fazer. Estarei lá à
sentia que não estava sendo

sete. Eles tinham chegado perto da casa sincero.

dela e Áurea parou:

Áurea tinha muita sensibilidade.

— Vamos nos despedir aqui. Eles estavam Quando estava com as pessoas embaixo de uma árvore e Adalberto puxou era capaz de sentir até o que elas estavam pensando e, apesar das palavras do colégio e me pediu em gentis de Adalberto, sentia que por trás namoro.

delas havia um sentimento desagradável Cíntia deu um pulo e bateu que não podia definir.

palmas dizendo:

Por esse motivo, mesmo ele tendo pedido — Até que enfim! Eu pensei que para namorá-la, ela ficava na defensiva, ele nunca olharia para você. como se tivesse algum perigo eminente.

Sempre foi tão posudo! Parece

Mas, ao mesmo tempo, o beijo que que tem o rei na barriga! Você trocaram tinha feito seu coração disparar aceitou, é claro.

e fora prazeroso.

— Eu aceitei, mas não sei... Há

Áurea entrou em casa e foi direto para o alguma coisa nele que me faz quarto. Queria ficar sozinha para analisar desconfiar de que não está sendo melhor seus sentimentos. Por que não sincero...

conseguia confiar em Adalberto? Ele tinha

— Que bobagem. Você é muito se declarado, seria justo desconfiar dele?

bonita. Ele sentiu-se atraído e O que poderia lhe acontecer de ruim decidiu descer do pedestal. aceitando seu pedido?

— Não sei... Há alguma coisa nele Por mais que desejasse convencer-se com que me faz ficar de sobreaviso. argumentos racionais, quando pensava

— Lá vem você com suas cismas. nele voltava à sensação desagradável. Por que não é como todo mundo? Cíntia entrou no quarto e foi logo Sempre imaginei que se algum dia perguntando:

ele se interessasse você daria — O que aconteceu? Você veio para cá e pulos de alegria. Não estou não falou com ninguém, o que houve? entendendo. O que mais você

— Eu queria ficar sozinha para pensar. quer? Pare de ver problemas. Que

— Que mania sua de pensar, pensar sobre outro interesse ele poderia ter em tudo. Você pensa demais. Afinal, o que a você? A família dele é mais rica do está preocupando?

que a nossa. Trate de aproveitar

— O Adalberto foi me encontrar na saída porque se você ficar nessa de procurar pêlo em ovo, ele pode desistir. devido lugar, preservando-se.

Se eu fosse você, trataria de seduzi-lo de As pessoas a respeitavam, o que

forma que ele nunca mais me deixasse.
não acontecia com Cíntia, que
— Eu penso diferente de você. Gosto de
sempre se aborrecia com as
Adalberto sonho e com ele, mas não
amigas que arranjava. Por tudo
misturo as coisas. Se eu notar que ele não
isso, quando ela reclamava das
tem as qualidades que eu desejo no
pessoas Áurea respondia:
homem que vai viver a meu lado, acabarei
— Você está errada por reclamar
com esse namoro ainda que sofra com
dos outros. É você que não deve
isso.
deixar que eles invadam sua
Cíntia meneou a cabeça negativamente:
intimidade. Eles não sabem quais
— Eu não a entendo mesmo! Se eu
são os seus limites de tolerância
gostasse de alguém, faria qualquer coisa
se você não disser.
para tê-lo a meu lado, mesmo que ele
Há momentos de dizer sim e
tivesse muitos defeitos. Com o tempo eu o
outros de dizer não. Você aceita
faria mudar e o colocaria na linha, do jeito
tudo mesmo quando não gosta.
que eu gosto.
Agindo assim, como eles vão
Áurea não respondeu. Notava que sua
saber o que você quer?
irmã não escolhia suas amizades, muitas
Cíntia prometia fazer isso, mas
vezes trazendo para casa amigas sem

logo esquecia e acontecia
caráter que acabavam dando-lhe algum
novamente. Por esse motivo
desgosto, mas ela não se emendava.
Áurea resolveu não insistir e res-
Acreditava em todo mundo. Já Áurea, não.
pondeu simplesmente:
Era uma moça que tratava bem a todos,
— Nós somos diferentes. Eu sinto
não era orgulhosa, mas sabia preservar
que preciso ser cautelosa com
sua intimidade. Não gostava de pessoas
Adalberto e é o que farei. Se o
que a pretexto da amizade invadiam sua
que ele diz for verdade, saberá
intimidade, sua casa, sua vida. Quando
compreender minhas atitudes.
isso acontecia, ela logo as colocava no
— Se ele desistir a culpa é sua.
— Não. Se ele desistir é porque não gosta
fechar-se no quarto. Estava
de mim. Nesse caso, é melhor
contente e não ia perder seu bom
terminarmos. Agora, se você não se
humor. Sentou-se na poltrona e
importa, quero ficar sozinha para pensar.
saboreando o suco lembrou-se do
Cíntia fez uma mesura e disse alegre:
beijo que dera em Áurea.
— Como quiser. A Norma ficou de passar
Ela era muito linda, seus lábios
aqui para irmos à papelaria comprar um
macios e úmidos eram deliciosos.
caderno. Vou ver se vejo o Clóvis. E hora
Não se lembrava de ter tido tanto

de ele estar na lanchonete.
prazer com um beijo. Esse
Ela saiu e Áurea sentou-se na poltrona
namoro ia ser muito agradável. O
perto da janela.
problema é que Áurea era muito
Começou a rememorar todos os encontros
ariska. Mas ele haveria de deixá-la
que tivera com Adalberto tentando
tão apaixonada que essa barreira
entender cada momento.
seria destruída. Afinal, ele sempre
Adalberto chegou à casa contente.
fora querido pelas mulheres. Seu
Ernestina vendo-o entrar comentou:
problema maior era afastá-las
— O que aconteceu com você? Parece que
depois da conquista, quando não
viu passarinho verde!
tinha mais interesse.
— É que a tarde está linda, agradável e eu
Alguém bateu na porta e
sinto-me bem.
Adalberto, arrancado de seus
— Espero que esteja estudando bastante
pensamentos, foi abrir
para melhorar suas notas na faculdade.
contrariado. Ernestina reclamou:
Ele abriu a geladeira, encheu o copo de
— Por que fechou a porta com a
suco de laranja, fechou-a e respondeu
chave? Está ficando com a mesma
procurando esconder a irritação:
mania da Carolina?
— Sei o que estou fazendo. Garanto que

— Eu estava estudando. — Mentiu
vou passar de ano. Não precisa ficar no
ele e continuou: — O que você
meu pé.
quer?

Antes que ela retrucasse, saiu e foi
— Romeu está na sala e quer falar
com você.

preocupação. Às vezes Sônia era
— Peça para ele subir.
muito discreta.

— Vê se não fica muito tempo de
— Olha, trate de conseguir você
conversa. Você precisa continuar a
mesmo porque não sei se Sônia
estudar.

vai querer me dar, e eu não quero
Ernestina desceu e pouco depois Romeu
brigar com ela por sua causa.
subiu segurando um livro. Adalberto

— É em último caso, estou certo
fechou a porta e perguntou:
de que conseguirei o que

— Você nunca vem em casa fora de hora.
pretendo.

Aconteceu alguma coisa? Que livro é esse
— Bom, eu já disse o que queria e
que você trouxe?

vou embora. Sua mãe disse que
— Foi à desculpa que eu encontrei para vir
seu pai está para chegar e eu não
aqui. Sua mãe não gosta, disse que
quero que ele me veja. Em todo o
atrapalha seus estudos. Mas eu precisava
caso vou deixar o livro com você.

vir. Sônia foi me procurar e disse que Ana
Amanhã você me devolve.

Maria vai mudar-se para São Paulo com a
Romeu saiu e Adalberto
família. Vão embora amanhã cedo.

acompanhou-o até a rua. Como
Adalberto não se conteve:

ele previra, sua mãe estava na
— Já? Nesse caso preciso vê-la, ver se
sala observando. Embora tivesse
consigo seu novo endereço.

combinado que mais tarde iria
— Sônia contou que ela não volta mais
encontrá-lo na praça, ao despedir-
para cá.

se disse em voz alta:

— Mas eu estou para ir a São Paulo.

— Até amanhã, Romeu.

Quero vê-la lá.

Depois que o amigo se foi,

— Não sei se ela vai dar-lhe o endereço.

Adalberto foi para o quarto, mas

— Vou tentar. Mas se ela não o fizer você,
desta vez seu pensamento estava
com jeito, pede a Sônia. Elas são muito
em Ana Maria. Junto com o desejo
amigas. Deve saber.

de conquistá-la estava a vontade

Romeu cocou a cabeça com certa

de ir morar na cidade grande. Ele

sonhava tornar-se um rapaz moderno,

o pai já estava à mesa e ele

bem vestido como os rapazes que vira na

esfregou os olhos como se

capital. Assim, ser-lhe-ia fácil conquistar

estivesse exausto, suspirou e

Ana Maria.

disse:

Para isso precisava fingir que estava

— Eu queria estudar mais, porém

estudando. Arrumou os livros e os

acho que exagerei. Deu um

cadernos sobre a escrivaninha, dispôs

branco e não consigo entender

tudo como se estivesse mergulhado nos

mais nada do que estou lendo.

estudos e deixou a porta entreaberta para

— É melhor descansar um pouco.

que o pai, quando chegasse, o visse

Sente-se, o jantar vai ser servido.

estudando.

No mesmo instante, Ernestina

Pouco tempo depois, Augusto Cezar

sentou-se e Rute colocou as

chegou, subiu as escadas, passou pela

travessas na mesa. Augusto Cezar

porta entreaberta e vendo-o mergulhado

procurou conversar:

nos livros sorriu e disse:

— Assim que você terminar os

— Boa tarde, meu filho. Vejo que está

exames, vamos para São Paulo

mesmo estudando.

buscar Carolina.

Adalberto levantou os olhos, esfregou-os,

— Que bom — comentou

espreguiçou-se como se estivesse cansado

Ernestina. — Estou com muitas

e respondeu:

saudades dela.

— Boa tarde, pai. Eu lhe disse que não Adalberto desejava que o jantar vou repetir este ano. terminasse logo e não respondeu. Mas estou estudando há horas. Sinto-me Continuou comendo enquanto os cansado, porém vou continuar até a hora pais falavam sobre a viagem. do jantar. Depois da sobremesa e após o pai Augusto Cezar sorriu satisfeito: ter tomado o café, Adalberto — Faça isso, meu filho. É para o seu bem. pediu licença e levantou-se: Ele foi para o quarto e Adalberto sorriu — Aonde você vai? — indagou o satisfeito. Quando ele desceu para jantar, pai. — Vou lavar o rosto. Depois vou dar uma

CAPÍTULO 13

volta para espairecer. — Vá, meu filho. Mas não fique até tarde. Amanhã você tem aula logo cedo. Adalberto chegou à praça e não — Eu sei pai. Não pretendo demorar. Só encontrou ninguém. Impaciente, quero aliviar a cabeça que está pesada. foi caminhando e observando. Pouco depois, Adalberto, rosto lavado, Nem Romeu tinha chegado. Eles perfumado, bem-arrumado saiu rápido e haviam combinado de ficarem foi até a praça. Ele esperava encontrar conversando até que Sônia com Ana Maria para marcar um encontro

aparecesse com Ana Maria.

em São Paulo na próxima viagem.

Romeu havia pedido à namorada para convidar à amiga, pois ele desejava despedir-se dela.

Dez minutos que pareceram uma eternidade para Adalberto, Romeu chegou e comentou:

— Você chegou cedo!

— Foi você quem se atrasou. Acha que Ana Maria virá com a Sônia?

— Eu pedi, mas não sei se ela virá. Pode ser que esteja ocupada com os arranjos da mudança. Eles viajam logo cedo.

Adalberto estava impaciente.

Parecia que o tempo não passava.

Finalmente sua fisionomia distendeu-se: ele avistou as duas se aproximando.

Depois dos cumprimentos,

Adalberto sugeriu:

ter seu endereço para fazer-lhe

— Vamos andar um pouco?

uma visita.

Todos concordaram e eles foram

— Não sei ainda o endereço. Mas caminhando, Romeu e Sônia na frente e posso deixar com Sônia o número os outros dois atrás.

do nosso telefone. Quando chegar

— Soube que você vai embora amanhã e lá, telefone-me e marcaremos

vim desejar-lhe boa viagem.

alguma coisa.

— Obrigada. Não é tão longe como eu
Adalberto exultou. Entusiasmado,
gostaria.

notou que Romeu sentara-se em

— Como assim?

um banco com a namorada e ele

— Gosto de São Paulo, mas sinto vontade

convidou-a para se sentarem em

de conhecer o mundo, conhecer outros

outro um pouco mais adiante. Ela

povos.

aceitou, sentaram-se. Até então,

— Você é diferente de todas as moças que

ele estivera discreto, mas a

conheço.

presença dela o atraía. Em certo

— Já lhe disse que não quero ser como as

momento, notando que ela estava

moças desta cidade que só pensam em se

descontraída e à vontade, segurou

casar, ter filhos e nada mais.

sua mão levando-a aos lábios.

— Mas esse é o destino da mulher.

Ana Maria retirou-a

— Para mim não. Estou contente de

imediatamente dizendo:

mudar para a capital, porque lá posso ter

— Lembro-me de ter-lhe dito que

mais oportunidades de fazer o que desejo.

entre nós só poderia existir

Nesta cidade o povo é atrasado, as

amizade. O fato de estarmos no

mulheres parecem que estão no século

jardim conversando, não tem

passado. Eu quero viver, aproveitar a

outra significação.

vida, ser feliz.

— Desculpe. É que quando estou

— Assim que terminar meus exames na

perto de você sinto uma vontade

faculdade vou com minha família visitar

imensa de beijá-la. Estou sendo

meus parentes em São Paulo. Gostaria de

sincero. Fica difícil resistir.

— Nesse caso vou embora.

nos encontramos.

Fez menção de levantar-se e ele pediu:

— Nesse caso, o que ela vai

— Não faça isso. Prometo que farei o

pensar vendo-o aqui comigo?

possível para me controlar. — Fez uma

— Se ela ficar com ciúmes digo a

pausa e vendo que ela continuava sentada

verdade. Ela vai entender. Ana

continuou: — Aliás, agradeço-lhe por ter

Maria levantou-se:

me colocado no devido lugar. Eu estou

— Eu preciso ir. Tenho muita coisa

namorando e não seria direito.

ainda para arrumar.

— Disseram-me que está saindo com a

— Sônia não tem vontade de ir

Áurea.

embora.

— Você a conhece? — o indagou tentando

Ela e Romeu estavam se beijando.

esconder a satisfação. Era bom que ela

Decidida, Ana Maria aproximou-se

soubesse que ele tinha quem o quisesse.

deles dizendo:

— Sim. É a moça mais linda desta cidade.

— Eu tenho de ir embora. Se você

— Também acho — respondeu com os
quer ficar, vou sozinha.
olhos brilhantes de alegria.

Sônia afastou-se de Romeu e

— Você deve estar muito apaixonado por
respondeu:
ela.

— Nada disso. Vou com você. Sua

— Nem tanto. Ela é quem está muito
mãe não vai gostar de vê-la
apaixonada por mim.
chegar sozinha.

— Não seja mentiroso. Sei de meia-dúzia
Pouco depois elas se despediram
de rapazes desta cidade que fariam
e Ana Maria prometeu:
qualquer coisa para que ela os aceitasse.

— Vou deixar com Sônia o número

— Mas é de mim que ela gosta.
novo do meu telefone.

— Eu tenho conversado com a Cíntia de
Ela vai entregá-lo a você.
vez em quando e ela me disse que a irmã
Elas se despediram e foram
não gosta de ninguém. Aliás, nunca a vi
embora.
sair com um rapaz.

— Você conseguiu o que queria —

— Está saindo comigo. Ainda anteontem
disse Romeu.

— Nem tanto. Mas consegui semear. Ela
conosco para São Paulo.
sabia que estou namorando a Áurea.

— Eu posso estudar em São
Estou certo de que ficou com ciúmes.
Paulo.

— Não se precipite. Ela não se mostrou

— Nada disso. Ele vai arranjar um
nem um pouco interessada em você.
bom professor para ver se você

— Pois eu garanto que ela ainda vai entrar
presta novos exames durante as
na minha. Você vai ver.
férias.

Quando Adalberto chegou a casa foi para

— Nem diga uma coisa dessas. Eu
o quarto e recordou as palavras trocadas
quero ir com vocês. Estou com
com Ana Maria. Sentiu que ela tinha
saudades de Carolina.

razão. Áurea era mesmo a moça mais

— Então, trate de estudar de
bonita de Bebedouro. Lembrou-se do beijo
verdade. Eu sei que se você
que trocaram e sentiu uma sensação de
quiser vai conseguir. Então vamos
prazer muito agradável. Ana Maria ia
viajar todos juntos e não ficará
embora, mas mesmo ela não estando
sem mesada.

mais na cidade ele decidiu continuar

— O pai disse que vai tirar a
namorando Áurea.
mesada?

Ernestina bateu na porta chamando:

— Se repetir o ano, ele vai.

— Adalberto, por que fechou a porta?

Depois que Ernestina deixou o

Arrancado de seus devaneios ele abriu.
quarto, Adalberto pensou bem e
Ernestina entrou, olhou em volta e tornou:
tratou de estudar. Ele não podia
— Como eu pensei você não está
perder aquela oportunidade de
estudando. Por esse motivo trancou a
encontrar-se com Ana Maria em
porta. Desse jeito não vai passar nos
São Paulo.
exames.

A partir desse dia, Adalberto
— Estava recordando a matéria da última
dedicou-se aos estudos com
aula. Eu vou passar.
afinco. Fazia uma pausa no fim da
— Seu pai disse que se você repetir o ano
tarde para esperar Áurea na saída
terá de estudar nas férias e não vai
do colégio. Sentavam-se um
pouco no banco da praça em um lugar
família tinha um problema ela
discreto, e ela procurava conversar, mas
ficava nervosa, inquieta, com
ele preferia beijá-la.
medo do pior.

Apesar de ser discreta, Áurea também
Imaginava o drama que seria se o
sentia prazer em corresponder aos
filho repetisse o ano. Augusto
carinhos de Adalberto, esquecendo-se de
Cezar não perdoaria. Parecia vê-lo
que estavam na praça. Quando passava
castigando o filho, não lhe dando
alguém ela retraía-se dizendo:

mesada, proibindo o de sair com

— Chega, vamos embora.

os amigos e, o que era pior,

— Já?

ficaria irritado, insatisfeito e ela

— Você sabe que não posso demorar.

sofreria muito. Não suportava ver

— Amanhã é sábado. Vamos nos

o marido aborrecido. Quando isso

encontrar à noite.

acontecia tinha impressão de que

— Está bem. Mas minha irmã terá de ir

tinha feito alguma coisa errada.

junto.

Sentia-se culpada, afinal ela era a

— Não faz mal. Ela não tem namorado?

mãe, a esposa, precisava cuidar

— Não. Mas ela pode encontrar-se com

do bem-estar de todos. E se

uma amiga.

atormentava perguntando:

— Estarei esperando.

— Onde foi que eu errei?

Depois de acompanhá-la em casa ele ia

Respirou aliviada. Finalmente

para o quarto estudar continuando depois

Adalberto passou. Poderiam viajar

do jantar.

juntos e tudo voltaria à

Augusto Cezar observava satisfeito.

normalidade. Logo, Carolina es-

Finalmente os exames chegaram e

taria em casa e todo aquele

Adalberto conseguiu passar.

pesadelo teria acabado.

Chegou à casa eufórico dizendo:
No fim da tarde, de banho tomado
— Mãe, passei. Estou no segundo ano!
e bem-disposto, Adalberto foi
Ernestina respirou aliviada. Era um
procurar Áurea. Ela terminara o
problema a menos quando alguém da
curso e já estava de férias. Ele
ficou na esquina da casa dela olhando
nenhuma faculdade de psicologia.
insistentemente para ver se ela notava
— Eu sei. Pretendo prestar
sua presença.
vestibular em São Paulo.
Finalmente Cíntia saiu na janela e vendo-o
— Vai embora e eu vou ficar aqui?
avisou a irmã. Pouco tempo depois, ela foi
— Por que você também não
ao encontro dele. Após os cumprimentos
continua seus estudos lá?
ele tornou:
— Bem que eu gostaria, mas meu
— Estou no segundo ano!
pai é contra. Quando ele cisma,
Ela riu contente:
não há quem o faça mudar de
— Parabéns. Eu sabia que você ia
idéia.
conseguir.
— Minha mãe também não queria,
— Nunca estudei tanto na vida.
mas eu insisti e meu pai
— Mas valeu à pena.
concordou, ele tem uma irmã que
— Vamos dar uma volta.

mora lá e eu posso ficar na casa

— Está bem. Minha mãe foi ao dentista.
dela.

Vamos sair daqui, ela pode voltar e nos

— Por que você não escolhe
ver.

alguma coisa que tenha aqui em

— O que é que tem?

nossa cidade?

— Ela não sabe que estamos namorando.

Áurea parou e olhou-o nos olhos

— Um dia terá de saber.

dizendo séria:

— Ainda não. É cedo. Sou muito nova e

— Só teremos sucesso em uma
pretendo cursar uma faculdade.

profissão se estivermos seguindo

— Você nunca me falou sobre isso.

nossa vocação.

— Eu ainda não tinha decidido. Mas agora

— Você acha que tem vocação

sinto que chegou a hora.

para cuidar de pessoas

— O que você escolheu?

desequilibradas?

— Vou fazer psicologia.

— As pessoas têm dificuldades

Adalberto exclamou admirado:

para lidar com suas emoções e

— Psicologia? Mas não há em nossa cidade

quando algumas amigas me

contam seus problemas eu vejo os vários

os costumes eram mais livres.

lados da questão, tenho facilidade em

Augusto Cezar despediu-se e

encontrar algumas saídas. Sinto que esse
desligou o telefone.

é meu caminho.

— Pai, estou no segundo ano.

Adalberto tentou fazê-la mudar de

— Ainda bem. Vamos ver se no
opinião, mas Áurea estava determinada.

próximo ano você vai estudar

Depois de insistir, resolveu mudar de

mais e não nos assustar como fez

assunto, dar um tempo com a intenção de
desta vez.

mais adiante conseguir seu intento.

Adalberto esperava um elogio pelo

Depois de irem namorar em um lugar

seu esforço em recuperar as notas

discreto e de trocarem muitos beijos,

e sentiu-se desanimado

despediram-se. Adalberto voltou para casa
reclamando:

frustrado. Sua raiva voltava-se contra o

— Puxa, pai, eu esperava que

pai. Por que ele insistia em viver em uma

você me cumprimentasse por eu

cidade pequena enquanto poderia morar

ter conseguido.

na capital onde tudo era mais

— Por quê? Passar de ano era sua

interessante?

obrigação.

Ao entrar em casa encontrou o pai ao

Apesar de insatisfeito, Adalberto

telefone e teve tempo de ouvir suas

não demonstrou seu des-

palavras:

contentamento. Ele não perdia a

— Vamos preparar tudo e dentro de
esperança de conseguir convencê-
alguns dias estaremos aí para passar as
lo a mudar-se para a capital. Para
festas e buscar Carolina. Quando souber o
conseguir seu intento, precisava
dia certo, voltarei a ligar.
usar de inteligência.

Adalberto prestou atenção. A perspectiva
Ele contava que quando
de viajar para São Paulo o animou. Ana
estivessem na casa da avó, elas
Maria estaria lá e iria encontrá-la. Longe
se aliariam a ele no mesmo
da pequena cidade onde morava talvez ela
objetivo. Sabia que Carolina
não fosse tão indiferente. Afinal, na capital
também não queria deixar à
capital.

que lá nossa vida seria muito mais
Augusto Cezar foi à copa conversar com
agradável. Eu poderia cursar uma
Ernestina que estava às voltas com o
faculdade melhor, o que valoriza-
jantar.

ria meu diploma, e você poderia

— Falei com Odete. A mamãe continua
expandir seus negócios.
doente. Elas estão inconformadas por

— Deixe de amolar seu pai com
querermos trazer Carolina de volta.
suas idéias. Ele sabe o que é

— Eu sabia que isso iria acontecer. Mas o
melhor para nós — disse

lugar de nossa filha é nesta casa.

Ernestina.

— Também acho. Elas se recusam a vir

Ela tinha observado uma ruga na
morar perto de nós.

testa de Augusto Cezar e sabia

Adalberto que se aproximam interveio:

que quando isso acontecia ele

— As pessoas mais velhas não gostam de
estava começando a se irritar.

mudar sua rotina. Elas nunca saíram

Adalberto decidiu contemporar:

daquela casa. Vovó não iria se acostumar.

— Eu sei mãe. Foi apenas uma

— Por que, não? Venderíamos aquela casa

idéia que passou pela minha

antiga, grande demais para as duas e

cabeça. Faremos o que ele achar

compraríamos uma bela casa, mais

melhor, como sempre.

moderna, onde estariam mais bem

— O jantar vai demorar? —

instaladas — rebateu Augusto Cezar.

indagou Augusto Cezar.

— Você é quem pensa assim, mas as duas

— Cerca de dez minutos.

estão acostumadas lá, onde têm tudo o

Serviremos no horário habitual.

que precisam — tornou Adalberto.

— Nesse caso vou dar uma vista

— Por que você insiste em querer que elas

de olhos no jornal, enquanto

fiquem longe de nós? Justamente por

espero.

estarem velhas é que precisa mudar-se

Ele foi para a sala e Adalberto
para cá.
aproximou-se da mãe dizendo em
— Mas, pai, eu penso que o certo seria
voz baixa:
nós nos mudarmos para São Paulo. Creio
— Estou certo de que Carolina não
vai querer voltar.
ela era apagada e infeliz. Como
Não seria melhor você preparar o espírito
suportava viver assim? Afastou-se
de papai para essa realidade?
insatisfeito e um tanto abalado.
Ernestina irritou-se:
Seu pai era dominador e até
— Nem me diga uma coisa dessas! Não
então ele fingira aceitar suas or-
quero confusão na família.
dens, mas assim que se via fora
— Pense bem, mãe, a vovó e a tia Odete
de suas vistas, agia como queria.
não querem que Carolina venha embora.
Foi para o quarto. Estava cansado
Ela também quer ficar. Seria bom que
de ter sempre que fingir, de
você ficasse do lado delas.
contemporizar, algumas vezes
— Eu?! Nem pensar! Não vou provocar
tinha vontade de reagir. Estava
uma desgraça na família. Eu sabia que
com vinte anos, era um homem.
essa história ia me dar trabalho. Não de-
Não se conformava em ficar
via tê-la deixado lá.
vivendo no interior quando

— Mas quando papai falou você
poderia estudar na capital,
concordou.
conhecer pessoas, procurar novas
— Acha que eu iria contra ele? De jeito
amizades.
nenhum.
"Se mamãe não reagir vai ser o
— Não se trata de ir contra ele, mas de
diabo", pensou.
dar a sua opinião. Por que sempre faz
No seu entender ela seria a
tudo como ele quer?
pessoa indicada para ajudar os
— Ele é o chefe da casa, o homem da
filhos a conquistar uma vida
família. Uma boa esposa tem de fazer o
melhor. Mas suas palavras de
que o marido quer.
momentos antes lhe mostraram
Adalberto olhou-a um pouco irritado.
que ela jamais teria coragem de
Estava cansado de vê-la sempre cordata,
tomar o partido dos filhos.
passiva mesmo quando o pai se excedia
Estava certo de que Carolina não
em autoridade.
desejava voltar para casa e ele
Naquele momento teve a sensação de que
estava louco para morar na
capital.
plano, quanto mais pensava, mais
Se ele também não fizesse nada, Carolina
acreditava que daria certo.
teria de obedecer e todos continuariam

naquela vidinha monótona de interior.

Ele pensou, pensou e decidiu que quando

CAPÍTULO 14

estivessem em São Paulo, procuraria vaga

em uma faculdade de lá, sem seu pai

saber. Se conseguisse a transferência,

Carolina olhou-se no espelho

faria a matrícula e só depois comunicaria

satisfeita. Seus olhos brilhavam e

a família. Seu pai iria ficar nervoso,

seu rosto estava corado de

brigar, mas ele continuaria firme e, no

prazer. Dentro de alguns minutos

fim, o pai acabaria concordando.

Sérgio chegaria e iriam dar uma

Estava certo de que quando chegasse à

volta.

capital, tanto Carolina como sua avó e tia

Apanhou o vidro de perfume e

o ajudariam a conseguir o que desejava.

espargiu atrás das orelhas e nos

Isso também contribuiria para que o pai

pulsos. Sérgio adorava seu

desistisse de levar Carolina de volta.

perfume. Lançando mais um olhar

E, quem sabe, no fim, seus pais

para o espelho ela sorriu e depois

concordassem em morar na capital.

desceu para a sala.

Adalberto, empolgado em seus devaneios

O telefone tocou e Odete atendeu:

já se via na cidade grande, conversando

— Como vai, Augusto? Carolina

com Ana Maria e se encontrando com

prestou atenção.

Áurea.

— Aqui tudo bem. Quer falar com
Sua cidade ficaria ainda mais sem graça
Carolina? Ela estendeu o telefone
sem as duas moças que o atraíam.

dizendo:

Embora não quisesse reconhecer, a

— Seu pai quer falar com você.

possibilidade de ficar longe de Áurea o

Ela atendeu e depois dos

incomodava muito.

cumprimentos ele disse:

Satisfeito, repassando os detalhes do seu

— Amanhã à tarde estaremos aí.

— Que bom. Estou com saudades! —

— Meus pais chegam amanhã.

respondeu ela ao mesmo tempo sentindo

Vêm para me buscar. Depois da

um aperto no peito.

formatura vamos embora.

— Pode se preparar. Ficaremos até sua

Sérgio abraçou-a com carinho:

formatura e depois viremos todos embora.

— Saberei convencê-lo do

— Pai... Eu gostaria de ficar mais um

contrário.

pouco.

— Você não o conhece. Não sabe

— Eu sabia que você ia dizer isso. Não

como ele é determinado. Não vai

sente saudades de sua casa, de sua

adiantar.

família?

Odete, que se aproximava,

— Sinto, mas aqui elas precisam de mim.

comentou:

Sou mais útil.

— É melhor você nem tentar. Isso

— Nem pensar nisso. Sentimos muito sua
poderá fazer com que ele a leve
falta. Depois, o lugar de uma filha é na
antes da formatura.

casa dos pais. Prepare tudo porque não

— Ele é assim tão teimoso?

vou mudar de idéia. Avise as duas que

— Não aceita ser contrariado por
não adianta pedir, você vai voltar para
ninguém — tornou Carolina

casa conosco.

nervosa.

Carolina suspirou:

— Mesmo assim quero tentar.

— Está certo, pai.

Conversar com ele, dizer que

Eles se despediram e ela desligou o
queremos nos casar!

telefone desanimada. Toda alegria de

Carolina segurou as mãos dele

momentos antes tinha desaparecido.

nervosa:

Pouco depois, a campainha tocou e

— Nem pense uma coisa dessas.

Carolina foi abrir. Sérgio entrou, beijou

Ele me proibiu de namorar antes

delicadamente sua face e, após os cumpri-
de me formar na universidade.

mentos, disse:

— Essas coisas acontecem. Não

— Aconteceu alguma coisa? Você está
há como controlar os sentimentos.

triste!

Ele não poderia fazer isso.

— Mas fez. E quando traça um plano, tem que temos hoje. Ainda estamos de ser cumprido.

livres para ficarmos juntos.

Odete interveio:

Sérgio abraçou-a com carinho:

— Eles chegarão amanhã à tarde. Acho

— Está certo. Mas saiba que não melhor você não aparecer por aqui. Pelo vou me conformar em ficar fora, menos até ver se conseguimos contornar em me esconder. Não estamos a situação.

fazendo nada de errado.

— Não posso aceitar isso — respondeu

— Prometa-me que não virá aqui

Sérgio. — Ele precisa entender que nos até que eu o avise. Pode estar amamos e queremos ficar juntos.

certo de que ninguém deseja que

Queremos nos casar logo, eu tenho

você venha aqui mais do que eu.

condições de oferecer a Carolina um

Vou ver o que podemos fazer e se

padrão de vida igual ou melhor do que ela

eu sentir que devemos tentar, eu

tem na casa dos pais. Ela poderá

o aviso.

continuar estudando mesmo depois do

— Faça isso — pediu Odete. —

casamento. Sempre vou apoiar todos os

Vamos ver como ele vai se

cursos que ela desejar fazer. Aprecio uma

manifestar.

mulher culta.

Sérgio prometeu esperar. Os dois

— Nós sabemos disso, Sérgio, mas ele saíram para dar uma volta. A não sabe. Pensa diferente. Você não o noite estava bonita e quente. Eles conhece.

foram caminhando de mãos dadas

— Por esse motivo penso que devo sentindo o prazer de estarem apresentar-me a ele, para que me juntos. Em dado momento, Sérgio conheça.

parou e, olhando nos olhos de

— Conheço meu irmão. Se ele imaginar Carolina, disse:

que estão namorando nem vai querer

— Sinto que estamos juntos e que ouvi-lo e ainda vai nos reprimir. Levará nada nem ninguém poderá nos Carolina embora mais depressa.

separar. Aconteça o que acontecer

— Sérgio, vamos aproveitar bem o tempo não se esqueça disso.

— É o que eu sinto. Mas ao mesmo tempo pedir Carolina em casamento.

temo que seja preciso ficar algum tempo

— Ele está certo. Não dá mais separados.

para deixar para depois. Mas se

— Isso não vai acontecer — prometeu ele Sérgio aparecer de surpresa, beijando-a repetidamente nos lábios.

Augusto Cezar vai virar-se contra

Carolina apertou-o de encontro ao peito
nós por termos lhe ocultado o
sentindo seu coração bater
namoro. Então ficará ainda mais
descompassado. Para ela só existia ele
difícil de ele aceitar.

naquele momento, tudo o mais estava
— E quando ele fica com raiva
distante.

torna-se pirracento.

Odete procurou Guilhermina para
— Amanhã, quando chegarem vou
desabafar. Falou de suas preocupações
conversar com Ernestina e ele
com a chegada de Augusto Cezar.
juntos. Tenho esperança de que
Guilhermina tentou confortá-la:
ela nos apóie.

— Vou falar duro com ele. Afinal, é meu
— Ernestina? Duvido. Ela
filho. Não pode ser tão cruel com Carolina.
concorda com tudo que ele quer.

— Você sabe que ele não ouve ninguém.
Às vezes penso que tem medo.

Sempre foi assim. Só faz o que quer.

Fica ao lado dele mesmo quando

— Carolina vai ser feliz. Sérgio é um ótimo
ele penaliza os filhos de forma
rapaz, além de ser rico e de boa família.
exagerada.

Augusto Cezar não poderia encontrar
Guilhermina suspirou triste. Seu
ninguém melhor do que ele para genro.
marido também fora teimoso,

— Receio que ele não volte atrás e

implicante, porém ela sempre o
Carolina sofra. Pedimos para Sérgio não
enfrentou e com o tempo ele
aparecer aqui enquanto nós não o
acabou se tornando mais afável.
chamarmos.

Por que Ernestina não fazia o

— Como ele reagiu?

mesmo?

— Ficou indignado. Quer de todas as

— Eu gostaria que ela fosse mais

formas apresentar-se a Augusto Cezar e
ativa. Quando conversamos ela

nunca expressa sua opinião.

negativos a entristeçam. Lembre-

— Parece que ela não pensa, só age pela

se de que aconteça o que

cabeça dele. Notou como fica contrariada

acontecer, nós vamos nos casar e

quando um dos filhos tenta fazer com que

ficar juntos para sempre.

ele muda de idéia?

— Se meu pai não consentir, terei

— Por esse motivo é que no caso de

de ir embora com eles e ficaremos

Carolina ela vai fazer o que ele disser.

longe.

— Seja como for não vou deixar por

— Se isso acontecer vou vê-la

menos. Falarei com ele, contarei a

sempre. Afinal, a cidade que sua

verdade sobre Sérgio e sua família. Se ele

família mora não é tão longe

não acreditar em mim, que vá tomar

assim.

informações sobre eles. Não acho justo

Carolina fixou nele os olhos

que condene o namoro por antecipação.

úmidos e respondeu:

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Receio que ele não permita que

— Tenho.

você nos visite.

— Ele pode ficar muito zangado e ir

— Vou assim mesmo. Nós nos

embora com ela mais depressa.

veremos às escondidas. Quando

— Vou correr o risco. Não posso concordar

ele perceber que nada poderá nos

com essa injustiça.

separar, mudará de idéia. Penso

— Está bem. Sabe que pode contar

que apesar de sua maneira difícil

comigo.

de pensar, ele a ama e, no fundo,

Odete aproximou-se e beijou a testa da

deseja que você seja feliz.

mãe com carinho.

Sérgio abraçou-a com carinho e

— Juntas vamos vencer. O amor tem mais

beijou-a com amor.

força.

Carolina entregou-se ao prazer do

Naquela noite no momento das

momento, procurando aliviar o

despedidas, Sérgio, notando o ar triste de

coração. Sérgio foi embora e ela

Carolina, disse:

entrou. Indo para seu quarto,

— Não permita que pensamentos

notou a luz acesa no quarto da

avó.

— Vocês são as melhores pessoas

Bateu levemente na porta e entrou. Odete

que conheci. Vou sentir muitas

estava com ela. As duas a olharam e

saudades de vocês. Esse tempo

Carolina suspirou triste.

aqui foi os dias mais bonitos de

— Nós decidimos ajudá-la — tornou

minha vida. Não estou falando por

Guilhermina com voz firme.

causa do Sérgio, mas porque

— É. Mamãe considera ser melhor contar

juntas tivemos bons momentos de

logo a verdade para seu pai.

entendimento e carinho.

— A senhora acha?

Guilhermina levantou-se e

— Ele estará errado em não aceitar seu

abraçou-as sorrindo. Assim elas

namoro. Sérgio é um rapaz bom, de boa

permaneceram durante alguns

família, tem posição social. Se alguém

segundos. Depois, ela disse:

tem de falar isso a Augusto Cezar, sou eu.

— Vamos dormir. Amanhã

Ele terá de me ouvir.

precisamos estar firmes e bem-

— Mamãe acredita que se Sérgio aparecer

dispostas para receber nossos

de repente, será pior.

queridos.

— Não sei o que será pior. Das duas
Elas deixaram o quarto e se
maneiras ele vai ficar zangado. Comigo
recolheram. Carolina deitou-se,
não importa, estou habituada a lidar com
porém custou a adormecer.
ele, mas com vocês é uma injustiça. Não
O dia seguinte amanheceu
gostaria que vocês brigassem por minha
nublado, mas aos poucos o sol foi
causa.
aparecendo. Pouco antes do
— Do jeito que as coisas estão, o melhor é
almoço Sérgio ligou e Carolina
a verdade. Vou contar-lhes tudo assim
contou-lhe a resolução de
que cheguem. acredite Carolina, é o
Guilhermina.
melhor a fazer.
— Ainda bem. Era o que eu
Carolina não respondeu logo, aproximou-
desejava que ela fizesse, mas não
se da avó e beijou-a na testa com carinho,
tive coragem de lhe pedir.
depois, abraçou Odete dizendo:
— Ela vai conversar com eles.
Estou preocupada. Temo que ele reaja
renovado a promessa de ligar
mal. Não quero que briguem por minha
assim que fosse possível
causa.
despediram-se.
— Não pense assim. Não estamos fazendo
Eram dezesseis horas quando o
nada de mau. Pelo contrário. Não vejo por

carro de Augusto Cezar parou no
que tanto receio.

portão de entrada da casa.

Carolina suspirou:

Buzinou alegre e logo a criada foi

— Está bem. Vamos esperar.

abrir.

— Você promete me ligar logo depois que

Carolina imediatamente correu

conversarem com ele?

para a porta de entrada para

— Prometo. Se eu não puder, pedirei a

abraçá-los. Ernestina entrou

alguém para fazer isso.

primeiro, abraçando Carolina com

— Você pensa que ele pode impedi-la de

alegria:

me ligar?

— Como vai, minha filha? Como

— Ele não percebe que nós crescemos.

Você mudou. Parece que cresceu.

Costuma nos castigar, prendendo-nos no

— Estou bem, mãe. E você?

quarto.

Ela acenou que sim, porquanto

Sérgio ficou indignado, mas procurou

Odete também se aproximava e

controlar-se. Não desejava deixá-la mais

elas se abraçaram. Augusto Cezar

nervosa. Levou na brincadeira e

entrou em seguida e Carolina

respondeu:

apressou-se a pedir-lhe a benção.

— Por que você não lhe conta que já

— Deus a abençoe, minha filha.

cresceu?

Enquanto ele abraçava Odete e

— Isso não é brincadeira.

Guilhermina, que se juntaram a

— Sei que não. Mas não vamos pensar no
eles, Adalberto vinha mais atrás
pior. Pode ser que ele reaja de maneira
com algumas malas. Colocou-as
civilizada.

ao chão para abraçar as três.

— É o que eu gostaria.

Foram entrando e conversando

Conversaram mais alguns minutos e tendo
enquanto a criada levava as malas
para os quartos.

Mais tarde, enquanto os pais de

Augusto Cezar olhava para Carolina

Adalberto foram para o quarto

admirado. Segurou as mãos delas
descansar, pouco antes do jantar,
dizendo:

Adalberto aproximou-se de Odete,

— Como você mudou. Está diferente.

que estava na cozinha instruindo

— Estou muito bem — frisou ela.

a cozinheira quanto ao jantar,

Lembrando-se da conversa com Sérgio
dizendo:

horas antes continuou: — O tempo passa

— Tia, gostaria de conversar um

pai. Já tenho quase dezenove anos.

pouco. Está muito ocupada?

— Para mim você sempre será uma

— Não. Já terminei. Venha, vamos
criança — respondeu ele.

nos sentar na sala.

Ficaram conversando na sala até que Dina

Ele a acompanhou e depois de

os convidou para tomar um lanche na

acomodados lado a lado no sofá,

copa. Apesar da alegria que

Odete perguntou com certa

demonstravam, havia no ar alguma coisa

preocupação:

a mais. Augusto Cezar pensava em levar

— Do que se trata?

Carolina de volta para casa, Ernestina

— Estou cansado de continuar

temia o momento que ele dissesse isso.

estudando em Bebedouro. Meus

Apesar de ele haver programado a volta

melhores amigos vieram estudar

da filha, sabia que isso iria provocar uma

em São Paulo e eu gostaria de

discussão e ela odiava quando alguém

fazer o mesmo. Odete franziu a

contrariava o marido. Quanto às outras

testa:

três estavam pensando que logo chegaria

— Seu pai concorda?

o momento de dizer a verdade sobre o

— Você sabe que não. Mas eu já

namoro.

decidi. Aqui, além de a faculdade

Adalberto por sua vez não via a hora de

ser melhor, eu terei mais

poder sair para informar-se quais

oportunidades de seguir carreira.

providências deveria tomar para conseguir

— Eu penso como você. Nós

continuar seus estudos na capital.

temos excelentes faculdades.

— Eu gostaria de saber em qual delas em primeiro lugar. Ultimamente seria mais fácil eu pedir a transferência e penso que ela faz isso por o que deverei fazer.

comodismo, para não ter de

— Já tentou conversar com ele, pedir discutir.

permissão?

Odete permaneceu calada por

— Já. Mas ele nem quer ouvir falar nisso. alguns segundos, depois disse:

— Nesse caso fica difícil. Se ele souber

— Por que não se forma lá mesmo que o estou auxiliando vai brigar comigo, e depois, mais velho, vem dizer que estou me metendo na vida de trabalhar em São Paulo? vocês.

— Primeiro porque para trabalhar

— Não vou falar com ele porque não vai em São Paulo o nome da adiantar e peço-lhe que não lhe diga nada faculdade é importante. Nossa sobre esse assunto. Pretendo me informar, tomar todas as providências e se eu como às daqui.

conseguir, conversarei com ele.

Adalberto calou-se pensativo,

— E se ele continuar teimando?

depois continuou:

— Virei embora mesmo assim. Ele vai

— Tia, se meu pai me puser para
brigar no começo, mas ficarei firme.
fora de casa, e não der mais
Quando ele vir que estou determinado,
minha mesada, será que a vovó
acabará aceitando.
me deixaria morar aqui?

Odete meneou a cabeça negativamente:

— Vai ser uma boa briga, mas
— Não sei se dará certo. Sua mãe não vai
estou certa de que ela fará
gostar.

questão que você fique conosco.

— Minha mãe não tem opinião própria.

Seu pai bem que poderia vir
Sempre faz o que ele quer. Não posso
morar em São Paulo. Todos nós
contar com ela para nada.
ficaríamos felizes.

— Não seja ingrato. Ernestina é uma mãe

— Eu sei. Ele vai levar Carolina de
muito dedicada.
volta.

— Nem tanto. Para ela o que ele quer está

Odete suspirou pensativa. Nesse
exato momento, Carolina estava no quarto
se conforma e quer falar com
da avó muito nervosa:
papai.

— Vovó, vai mesmo falar com papai sobre

— Sei de tudo. Estou do seu lado.

Sérgio?

Mesmo sem saber do namoro, já
Guilhermina segurou a mão dela alisando-
falei com papai para deixá-la ficar

a com carinho:

aqui. Mas ele não quer.

— Vou. No momento é preciso. Ele precisa

— Eu sei. Estou muito nervosa,
entender que Sérgio é um ótimo rapaz,
ele vai brigar.

vocês se amam e ele não pode separá-los.

Adalberto falou sobre seus planos

— Quando pretende tocar no assunto?

e quando terminou, Carolina

— Hoje mesmo, depois do jantar.

disse:

— Não será melhor esperar alguns dias?

— Estou certa de que tanto Sérgio

— Será pior. Eu prometi falar logo.

como Mônica, a irmã dele, que é

— Estou com medo.

minha amiga, podem ajudá-lo

— Acalme-se. Augusto Cezar é um homem
muito.

civilizado. Vou falar de maneira simples,

— Ele é advogado?

mas com o coração. Ele terá de me ouvir.

— Não. É engenheiro.

— Vou para o quarto, vovó, tentar me

— Como papai? Esse é um ponto
acalmar. Quando ia entrar no quarto,
a favor dele.

Adalberto aproximou-se:

— Vamos ver. Nós vamos pedir a

— Carolina, precisamos conversar.

papai que venha morar em São

— Entre — respondeu ela abrindo a porta.

Paulo. Assim tudo ficaria

Entraram. Ela fechou a porta e sentaram-

resolvido.

se na cama.

— Seria bom demais se ele

— Tia Odete me falou que você está

aceitasse. Mas... Eu gostaria

namorando.

muito de conhecer seu namorado.

— Estou. Ele me pediu em casamento,

— Ele queria estar aqui quando

mas você sabe, papai me proibiu de

vocês chegassem. Foi difícil

namorar antes de me formar. Sérgio não

convencê-lo a aguardar. Conforme

as coisas acontecerem, veremos uma

O jantar naquela noite decorreu

forma de você conhecê-lo.

alegre, cada um tentando

Eles continuaram conversando como bons

demonstrar despreocupação,

amigos, como nunca tinham feito antes.

porém havia certa ansiedade que

Adalberto sentiu-se feliz com o apoio dela

todos procuravam ocultar.

e notou que Carolina estava diferente,

Falavam sobre assuntos triviais, e

mais adulta e ela, por sua vez, sentiu que

assim que terminaram de comer,

o irmão estava desejando ser mais in-

Carolina convidou Adalberto para

dependente e cuidar da sua própria vida.

irem a seu quarto a pretexto de

Entretidos, o tempo passou muito

desejar mostrar-lhe alguns livros.

depressa e ambos se surpreenderam

Diante da cordialidade que reinava

quando Ernestina bateu na porta
entre os dois, Augusto Cezar
chamando-os para jantar.
olhou-os desconfiado, mas não
disse nada. Quando eles se
afastaram comentou:

CAPÍTULO 15

— Eles conversaram a tarde toda.

Em casa mal se falavam sem
brigar. Odete interveio:

— Agora estão adultos. Os modos
são outros.

— Antes assim — disse Ernestina.

Eles levantaram-se da mesa e
Guilhermina convidou:

— Vamos nos sentar na sala.

Preciso ter uma conversa com
vocês.

Augusto Cezar trocou olhares com
Ernestina, mas acompanhou-as
em silêncio.

Sentaram-se na sala e Ernestina com
se do futuro de Carolina e peço
receio do que ela iria dizer tentou retardar
que me ouçam sem interrupção.

o momento da conversa:

Odete procurava manter-se

— O jantar estava muito bom. Gostei
calma, rezando em silêncio e ao
muito daquele doce que foi servido. Como
mesmo tempo atenta ao que a
se chama?

mãe ia dizer.

— Pavê de brigadeiro — respondeu Odete.

Guilhermina contou tudo o que

— Pode me dar a receita?

tinha acontecido, como Carolina

— Posso.

conhecera Mônica e o irmão, o

— Amanhã daremos a você todas as

quanto elas ficaram amigas,

receitas que desejar — interveio

vendo-se todos os dias. Elogiou a

Guilhermina com voz firme. — Agora

família de Sérgio e o quanto

preciso falar sobre um assunto muito

apreciavam o rapaz. E finalizou:

sério.

— Carolina e Sérgio se

Augusto Cezar franziu a testa enquanto

apaixonaram e sonham em casar-

Ernestina sentia um aperto desagradável

se. Augusto Cezar deu um salto

no peito.

da poltrona:

— Se vai pedir para Carolina continuar

— Casar-se? Que loucura. Ela é

morando aqui, não adianta nem tocar no

muito criança para isso.

assunto. Eu esperava mesmo que vocês

— Mas eles pretendem se casar

fossem pedir para ela ficar mais tempo.

somente daqui a um ano. Ele já é

Mas desde já aviso que isso não é

formado e está bem empregado.

possível.

Tem como manter uma família,

— Seria maravilhoso que ela pudesse

proporcionar a ela conforto e

continuar aqui. Carolina tem sido nosso

bem-estar.

anjo da guarda. Mas não é sobre isso que

— Como vocês permitiram que ela

desejo falar.

namorasse às escondidas, sem me

— Não?!

dizer nada? — disse Augusto Cezar

— Não — continuou Guilhermina. — Trata-

indignado. — Eu teria cortado logo

esse namoro pela raiz.

afirmo que ela ama o Sérgio e

— Nós gostamos muito do rapaz. É um

deseja muito esse casamento. Se

excelente partido, ama Carolina e pode

afastá-la dele, Carolina vai sofrer

oferecer-lhe uma vida confortável.

e a culpa será sua. Você não tem

— Se eu soubesse disso teria vindo buscá-

motivo para impedir que esse

la mesmo que perdesse o ano. Eu nunca

casamento se realize.

deveria tê-la deixado ficar longe de nós.

Augusto Cezar empalideceu e logo

— Você fala como se esse casamento

depois ficou vermelho. Há muitos

fosse um mal. Eles se amam.

anos ninguém lhe falava com

— Carolina é muito jovem, logo esquecerá

tanta dureza, mas controlou-se.

esse namorico. Antes de se casar ela

Sua mãe era idosa e ele não

precisa se formar na universidade.

desejava ofendê-la.

— Sérgio deseja que Carolina continue

Ernestina, olhos baixos, rezava

estudando mesmo depois do casamento.

em pensamento, apavorada.

Disse que vai apoiá-la em tudo o que ela

Odete aproximou-se do irmão,

quiser. É um rapaz inteligente que aprecia

colocou a mão em seu braço

a mulher culta e moderna.

dizendo com voz que procurou

Augusto Cezar voltou-se para Ernestina:

tornar calma:

— Acabamos de chegar e vamos embora

— Não se irrite, pense que a vida

amanhã mesmo. Precisamos levar

colocou no caminho de Carolina

Carolina daqui o quanto antes.

um futuro feliz. Se impedir esse

— Como sempre você está sendo teimoso

casamento ela ficará muito

e radical. Não pode privar Carolina da

magoada, sofrerá. Acha que vale

festa de formatura — disse Guilhermina

a pena?

olhando firme nos olhos do filho. — Se

fizer isso estará demonstrando egoísmo e

orgulho. Sua filha já é uma mulher e

embora lhe deva respeito, tem condições

de escolher seu próprio caminho. Eu

— Eu sei o que é bom para a

emocione tanto. Pode fazer-lhe

minha filha.

mal — pediu ele assustado.

— Sérgio deseja falar com você. É

— Jamais pensei em receber de

um rapaz de ótima família,

meu filho uma ofensa como essa.

educado. Peço-lhe que converse
Se você for embora e levar sua
com ele, ouça o que ele tem a
família, nunca mais permitirei que
dizer antes de tomar uma decisão
volte a esta casa.

precipitada — insistiu

Guilhermina estava pálida e
Guilhermina.

Augusto Cezar notou que ela

— Minha decisão não é

falava sério. Temendo que

precipitada, foi tomada desde que

passasse mal, decidiu

Carolina nasceu. Não vou mudar o
contemporizar:

caminho que tracei para ela.

— Está bem. Ficaremos alguns

— Pelo menos o receba, converse
dias.

com ele como uma pessoa

— Eu nunca lhe pedi nada. Espero
civilizada — pediu Odete.

que, em atenção a um pedido

— Sinto vontade de não desfazer

meu, pelo menos pense com

as malas e ir embora hoje mesmo.
carinho.

Guilhermina levantou-se e

Ele ficou calado por alguns

olhando o filho nos olhos disse

segundos, depois respondeu:

com voz firme:

— Está bem. Vou pensar. Mas

— Se fizer isso, juro que nunca

desde já garanto que não pretendo
vou perdoá-lo. Cortarei minhas
mudar de idéia.

relações com você.

— Sinto-me cansada. Vou me

— O que é isso, mãe? Não se
deitar — disse Guilhermina.

Odete apressou-se em apoiá-la e

— Agora vai ser mais complicado
conduzi-la até o quarto.

separar os dois uma vez que elas

Depois que elas saíram, Ernestina
aprovaram. Carolina vai achar que
olhou o marido sem coragem para
estou errado. Mulher apaixonada
dizer nada. Estava pálida, seu
fica de cabeça virada. Não
estômago doía e sentia um gosto
raciona. Não me conformo. Como
amargo na boca.

elas permitiram uma coisa dessas?

— Vamos para o quarto —

— Concordo com você.

convidou Augusto Cezar.

— Essa história pode não acabar

A fisionomia alterada dele impedia
bem. Mamãe está ainda muito
que Ernestina falasse. Uma vez no
fragilizada pela morte de papai.

quarto, depois de fechar a porta,

— O que pensa em fazer?

Augusto Cezar disse irritado:

— Ainda não sei. Talvez, para

— Eu pressentia que tínhamos
evitar que ela adoecesse, eu precise

problemas, mas nunca imaginei
receber esse rapaz, pelo menos
que fosse como esse. Elas
para acalmá-la.

permitiram que Carolina na-
— De fato, ela estava muito
morasse, recebesse o rapaz nesta
nervosa.

casa sem minha permissão e
— Tomou-se de amores pelo rapaz
ainda querem que eu concorde
e imagina que é um bom partido
com esse casamento e o aprove.
para Carolina.

Nunca farei isso.

— Você acha que não?

— Você tem razão. Elas deveriam

— Qualquer rapaz educado,
tê-lo consultado antes de permitir
maneiroso, impressionaria as duas
esse namoro.

que vivem lendo romances e
revistas românticas. Não posso
sair sozinhos.

levar a sério a opinião delas.

— Você vai ajudar-me?

— Nesse caso será melhor mesmo

— Claro. Além disso, estou certa
que receba o moço para mostrar
de que tanto Sérgio como Mônica
boa vontade e o despeça em
vão se colocar à nossa disposição.
seguida.

O problema é que papai não vai
Augusto Cezar suspirou

nos deixar sair com eles.

preocupado e respondeu:

— Daremos um jeito. Ele não

— A que ponto chegamos! Talvez
precisa saber.

deva mesmo fazer isso.

Carolina meneou a cabeça

preocupada:

— Você sabe como ele é. Se
cismar pode proibir-me de sair. Em
Assim que entraram no quarto,
todo o caso, se isso acontecer e eu
Carolina fechou a porta e
não puder ir, eles o levarão.

Adalberto disse:

— Tem certeza?

— Tenho vontade de sair hoje

— Tenho. Mônica é muito minha
mesmo para visitar algumas
amiga e assim como me ajudou no
faculdades e me informar. Mas
colégio, ajudará você a obter o que
não conheço bem a cidade.

precisa.

— Tenha calma. Vovó está

— Como é seu namorado? Os olhos
conversando com papai e falando
de Carolina brilharam e ela
sobre meu namoro. Certamente
respondeu:

papai vai ficar contrariado. Talvez

— Inteligente, carinhoso, amigo e
se zangue comigo e não nos deixe
muito bonito. Adalberto riu

gostosamente:

de responder. Ernestina continuou:

— Eu sabia que você ia dizer mais

— Seu pai quer conversar com

ou menos isso. Pelo brilho de seus
você.

olhos deve estar mesmo muito

Os dois irmãos se entreolharam e
apaixonada.

Carolina perguntou:

— Eu amo Sérgio. Desde que nos

— Agora?

vimos nos sentimos atraídos um

— Sim. Ele está no quarto.

pelo outro.

Carolina apressou-se a obedecer

— Eu nunca me apaixonei de

tentando controlar a ansiedade.

verdade.

Bateu levemente na porta do

Eles continuaram conversando

quarto e o pai mandou-a entrar.

amistosamente. Adalberto

Augusto Cezar estava sentado em

contando sua atração por Ana

uma poltrona e designou a outra

Maria e seu namoro com Áurea.

para que ela se sentasse. Vendo-a

— Eu não tenho intimidade com

acomodada tornou:

Áurea, mas noto que é uma

— Quando a deixamos ficar aqui

garota inteligente, sabe o que

eu não imaginava que você

quer, bem-humorada, mas um

acabaria traindo nossa confiança.
tanto retraída.

Ao contrário do que ele esperava,
Nesse momento bateram na porta
ela olhou com firmeza nos olhos
e Ernestina chamou:

dele e respondeu:

— Sou eu, Carolina. Abra. Você

— Eu nunca traí a sua confiança
continua passando a chave na
nem de mamãe. Meu com-
porta do quarto. Para que isso?
portamento tem sido impecável.

Carolina apressou-se a abrir antes
Augusto Cezar não controlou a
raiva:

que ela vinha estudar aqui, ele nos

— Acha que namorar às
trazia para casa. Deixava-nos aqui
escondidas, sem me pedir permis-
e quando terminávamos Mônica
são, não foi traição?
telefonava e ele vinha buscá-la.

— Teria sido se eu tivesse feito

— Então foi isso! E com aval de
alguma coisa errada. Sérgio é
sua avó e tia.

irmão da Mônica, uma colega da

— Elas gostam muito dos dois. São
escola que estava na minha classe
muito educados e nunca deram
a quem devo grande favor. Foi
motivos para que elas se
graças a ela, que teve a paciência
incomodassem.

de vir estudar comigo aqui, que
— Lógico. Todos os dias de um
eu consegui me adaptar no novo
lado para o outro, tinha que dar
colégio e me graduar. Nos
nisso.

primeiros dias eu estava tendo
— Não fizemos nada de mau.
dificuldades nas aulas. As
Mônica se sentava ao lado dele no
matérias eram as mesmas, mas a
banco da frente e eu atrás, e
ordem que eles tinham
vínhamos direto para casa.

programado era muito diferente
— Ele ia buscá-las de carro?
do colégio anterior.

— Sim. Sérgio, além de ser de
— Reconheço que ela foi gentil,
família abastada, é formado em
mas o irmão, o que teve a ver
engenharia e trabalha.
com isso?

Augusto Cezar ficou alguns
— Ela mora no outro lado da
segundos em silêncio, depois
cidade e ele a levava e ia buscá-la
disse:

no colégio. Na saída, nos dias em
— Sua avó me disse que esse
moço quer se casar com você.
a atitude do pai, não desejava
Não entendo como chegaram a
irritá-lo ainda mais.

esse ponto. Eu nem sequer sabia

— Ele deseja conversar com você.
desse namoro. Você sabe que eu
Gostaria que lhe dissesse o que me
não quero que se case antes de
disse, pessoalmente.
formar-se.

— Se concordar em recebê-lo será

— Eu disse isso a ele. Mas Sérgio
para repetir o que estou lhe
não deseja esperar tanto. Garante
dizendo agora.

que mesmo depois do casamento

— Ainda assim, ele merece sua
eu continuarei estudando, farei
atenção. É uma questão de boa
quantos cursos desejar.
educação.

— Isso é o que ele diz agora. Mas
Augusto Cezar mordeu os lábios
eu sei que é impossível estudar e
nervosamente por ela ter usado
cuidar da família. Por esse motivo
um argumento que ele costumava
sou contra esse casamento. Não
usar sempre.

posso permitir que se case tão

— Está bem. Falarei com ele. Mas
jovem. É melhor dizer a esse
não mudarei de idéia. Não quero
moço que se deseja mesmo se
que ele pense que não tenho
casar com você que volte quando
educação. As pessoas da capital
você terminar os estudos. Então
costumam dizer que somos

poderemos ver essa possibilidade.

caipiras por vivermos no interior.

Claro que tenho minhas

— Vou ligar para ele vir amanhã

exigências para aceitá-lo como

mesmo, às cinco horas. Está bem?

meu genro.

— Está.

Carolina, apesar de indignada com

Carolina foi para o quarto e

imediatamente Adalberto foi ter

teimoso, levantar falsas

com ela. Entrou, fechou a porta e

esperanças será pior.

perguntou:

— Vou ligar para Sérgio. Ele deve

— E então? Como estão as coisas?

estar ansioso esperando notícias.

Carolina suspirou triste:

Ela ligou e foi ele mesmo quem

— Ele insiste que eu só me case

atendeu. Carolina contou-lhe tudo

depois de terminar a faculdade.

e finalizou:

— Já é alguma coisa.

— Estou desolada. Penso que não

— Se ao menos consentisse que

podemos alimentar nenhuma

durante esses anos continuás-

esperança. Ele vai manter a

semos nosso namoro... Mas não

opinião. Talvez seja inútil você vir.

quer que nos encontremos

Assim vai se livrar de um

durante todo esse tempo.

aborrecimento maior.

— Assim é demais!

— Nada disso. Vou e conseguirei

— Concordou em recebê-lo. Mas demovê-lo, você vai ver. Pode apenas para repetir o que me esperar, serei pontual.

disse.

Adalberto cutucava a irmã

— Sérgio não vai gostar nada...

insistindo para falar com Sérgio.

— Vai ser terrível. Terei de ir

Quando ele ia se despedir Carolina embora, ficar longe, não vamos

disse:

suportar!

— Meu irmão está ao meu lado e

— Gostaria de ser otimista, de quer conversar com você.

dizer que na entrevista ele tem a

— Será um prazer.

chance de mudar de idéia. Mas

Adalberto segurou o telefone e

conhecendo como papai é

disse alegre:

— Prazer em falar com você.

ram-se em um sorriso:

Estou torcendo para que papai

— Minha melhor amiga. Linda,

mude de idéia.

inteligente, alegre e apesar de ser

— Obrigado. É bom saber que

uma moça de família rica, muito

está ao nosso lado.

simples.

— Farei tudo o que puder para
— Você nunca teve grandes
ajudá-los. Infelizmente papai não
amigas em nossa cidade.
ouve ninguém. Mas pode contar
— É verdade. Lá tenho algumas
comigo.
conhecidas que converso de vez
Despediram-se e ele entregou o
em quando, mas amiga íntima
telefone para Carolina que,
mesmo, como Mônica, nunca tive.
notando que Sérgio ainda se
— Você gosta mesmo dela.
encontrava na linha, disse:
— Desde o primeiro dia, quando
— Sérgio, gostaria que Mônica
nos conhecemos sentimos brotar
viesse com você. Gostaria de
uma boa amizade. Nunca tivemos
apresentá-la à minha família.
nenhuma rusga, nada.
— Está bem. Iremos.
— Você conhece o resto da família?
Despediram-se. Ela desligou o
— Sim. Com o pai conversei muito
telefone e sentou-se na cama
pouco, mas é muito agradável; já
pensativa. Tentando desviar um
a mãe, apesar de ter se mostrado
pouco a preocupação, Adalberto
educada comigo, é muito esnobe.
perguntou:
— Como assim?
— Como é a Mônica?

— Fez várias perguntas sobre
O semblante de Carolina
nossa família, nosso sobrenome, a
distendeu-se e seus lábios abri-
ponto de Mônica intervir. Penso
que ela não simpatiza comigo
abrir. Sérgio e Mônica entraram.
porque não temos nome
Depois dos cumprimentos Carolina
importante.
disse:

— Se vocês se casarem ela será
— Meus pais estão na sala com
sua sogra! Isso não a assusta?
vovó e tia Odete. — Hesitou um
— De modo algum. Quando eu
pouco e continuou: — Não sei se
quero sei colocar limites. Notei
deveriam ter vindo. Papai está
que Sérgio sabe lidar com ela
determinado em levar-me para
muito bem.

casa. Temo que seja um encontro
Os dois continuaram conversando
desagradável.

e Adalberto procurava falar sobre
— Pelo contrário — respondeu
vários assuntos na intenção de
Sérgio. — Somos pessoas educadas
fazer Carolina esquecer um pouco
e nossa conversa será boa.
seus problemas. E também,
— Acalme-se, Carolina — interveio
porque o que ele mais queria era
Mônica. — Vamos pensar no

que seu pai finalmente
melhor.
concordasse em mudar-se para a
— Isso mesmo — concordou Sérgio
capital.
—, estou certo de que seu pai
deseja sua felicidade e vai
entender nosso desejo.

CAPÍTULO 16

Carolina suspirou e não respondeu
de imediato. Ela tentava controlar
a ansiedade quando disse:

Às cinco horas em ponto a
— Eu gostaria muito que isso
campainha tocou e Carolina foi
acontecesse. Mas vamos ao
encontro deles.

Carolina apertou com firmeza.
Assim que eles entraram na sala,
Sentaram-se todos e depois dos
Odete levantou-se se
assuntos formais Sérgio disse
aproximando deles, abraçando-os
sério:

com carinho. Depois, segurou a
— Doutor Augusto Cezar, eu vim
mão de Mônica e levou-a diante
aqui hoje para tratar de um
de Guilhermina, que a beijou
assunto que nos interessa muito.
delicadamente. Sérgio e Carolina
Quando descobrimos que nos
estavam atrás e depois de
amamos, meu primeiro desejo foi
cumprimentá-la, enquanto Odete

procurá-lo para pedir-lhe
apresentava Mônica a Ernestina e
permissão para namorarmos. Mas
Augusto Cezar, Carolina,
Carolina não quis com receio de
segurando a mão de Sérgio
que o senhor se zangasse.
esperou que eles conversassem.
Ele fez ligeira pausa e notando que
Augusto Cezar amavelmente
Augusto Cezar ouvia atentamente
agradeceu a Mônica por ter au-
prosseguiu:
xiliado Carolina nos estudos.
— Ela contou-me que o senhor a
Depois, Carolina apresentou Sér-
proibia de namorar antes de
gio para Ernestina que o
formar-se na universidade.
cumprimentou cerimoniosamente.
Contudo, eu tenho a esperança de
Quando Augusto Cezar olhou
que o senhor me conhecendo,
Sérgio nos olhos e Carolina os
conhecendo minha família, que
apresentou, ele não desviou o
aprova nosso namoro, sabendo
olhar o que o irritou mais. Sérgio
que estou formado e tenho boas
estendeu a mão que o pai de
condições de manter uma família
pudesse repensar
opinião, a mulher foi feita para o
este assunto.
lar, a família, o que já representa

Sérgio calou-se e Augusto Cezar
sua missão mais importante.

respondeu sério:

— Concordo com o senhor. Mas

— Ainda bem que você sabe o que
hoje em dia há mulheres que além
desejo para minha filha. Isso vai
de cuidar da família gostam de
facilitar o que tenho para dizer-
dedicar-se a uma carreira. Só quis
lhe.

colocar que como minha esposa

— Antes quero acrescentar que
ela fará o que desejar. É uma
nós desejamos nos casar dentro
moça inteligente, sabe pensar,
de um ano, mas isso não impedirá
gosta de estudar e não desejo

Carolina de continuar seus
tolher sua sede de conhecimentos.
estudos na carreira que escolher.

Augusto Cezar meneou a cabeça
Embora ela não precise trabalhar
negativamente e tornou:

depois do casamento, pois como

— Depois da festa de formatura de
eu já lhe disse tenho condições de
Carolina, nós vamos embora para
oferecer-lhe uma vida confortável,
nossa cidade. Lá, ela vai cursar
também não vou impedi-la de
uma faculdade. Namoro para ela,
fazê-lo se ela assim o desejar
só depois que terminar sua
para sua realização profissional.

formação. Antes, não autorizo esse Augusto Cezar franzir o cenho namoro.

olhando-o admirado:

Guilhermina interveio:

— Prefiro que Carolina não

— Eles podem continuar o namoro trabalhe. Ela nunca precisou fazer e se casar depois que ela se isso e não é por aí. Em minha formar.

— Namoro comprido não dá certo. ela estivesse dizendo um grande Se até lá eles ainda desejarem se absurdo e respondeu:

casar não colocarei obstáculo,

— Como ousa me enfrentar? Sou mas antes é impossível.

seu pai e sei o que é melhor para Durante toda a conversa, você. Quero que se casem quando Ernestina continuava de olhos terminar sua educação e esteja em baixos e de vez em quando torcia condições de assumir a as mãos. Aquela cena deixava-a responsabilidade de uma família. É muito nervosa. Como se atreviam criança ainda e não está a contrariar seu marido? Ele sabia preparada.

o que estava fazendo.

— Tenho quase dezenove anos e Adalberto fixava os olhos nela maturidade suficiente para me

irritado. Como sua mãe podia ser casar. Mamãe casou-se com você tão passiva? Não tinha opinião, aos dezessete e tornou-se uma era como se ela não estivesse ali excelente esposa e mãe.

discutindo o futuro de sua única — Isso depois de eu tê-la ensinado filha. Ela não era capaz de dizer como deveria portar-se. Eu sei nada e o marido sequer se dava como foi trabalhoso nosso começo. ao trabalho de consultá-la.

Ernestina levantou os olhos e seu Carolina, enchendo-se de coragem rosto estava ligeiramente levantou-se, fixou o pai e disse: ruborizado. Por que Carolina tivera — Pai, eu amo Sérgio e desejo a infeliz idéia de lembrar-se casar-me com ele. Não quero daquele detalhe? Todos os olhares esperar tanto tempo para isso. se fixaram nela, que não disse Augusto Cezar olhou-a como se nada, apenas concordou com a cabeça e baixou os olhos causa. Estamos indo — tornou novamente.

Sérgio procurando conter a Guilhermina e Odete ainda irritação.

tentaram convencê-lo a mudar de Levantou-se e voltando-se para idéia, mas de nada adiantou. Por

Mônica continuou:

fim, Augusto Cezar levantou-se e

— Vamos.

disse com voz firme:

Imediatamente ela levantou-se,

— Nosso assunto está encerrado.

abraçou Guilhermina, Odete,

Se você realmente deseja casar-

dizendo:

se com Carolina, apareça quando

— Não se preocupem.

ela estiver para formar-se na

Conversaremos outro dia.

universidade.

Sérgio despediu-se das duas

O clima estava pesado, Mônica

abraçando-as, depois ambos

constrangida, e Sérgio pálido e

inclinaram a cabeça em leve

muito nervoso. Temendo que ele

cumprimento aos pais de Carolina

dissesse alguma coisa que

e foram saindo. Ela os

piorasse a situação, Guilhermina

acompanhou até a porta

levantou-se dizendo:

consternada:

— Vou mandar servir um café.

— Eu disse que seria inútil.

— Não é preciso, mãe. Eles estão

Mônica abraçou-a com carinho:

de saída — tornou Augusto Cezar.

— Nós temos que dar um jeito de

— Da minha casa nunca um amigo

mudar isso.

saiu antes de tomar um café —

Duas lágrimas desceram pela face
respondeu ela irritada.

de Carolina. Sérgio abraçou-a

— Não se incomode por nossa
emocionado:

— Nós vamos lutar para conseguir
ia continuar falando e eu estava
o que desejamos.

cansado. Aliás, vocês três se

Eles saíram depois de Carolina
juntaram contra mim sabendo que
prometer que ligaria mais tarde
eu não iria ceder. Não tive outro
para conversar.

remédio senão mandá-lo embora.

Ela voltou e foi diretamente para o

— Você está em minha casa. Eles

quarto. Sentia-se triste e
são meus amigos. Não tinha

desanimada. Odete foi ter com
autoridade para fazer isso.

ela:

— Tem razão. Isso não vai mais se

— Esse cabeça-dura do meu irmão
repetir.

nos tirou do sério — disse assim

Ele chamou Ernestina e foram

que abriu a porta.

conversar no quarto. Assim que

— Eu sabia que ele não ia ceder.

entraram Ernestina disse:

Estou desolada pela maneira

— Não sei como tiveram a

grosseira com que papai tratou os

coragem de agir assim com você.

dois.

— Eles desejam que Carolina
Enquanto isso, na sala,
continue aqui. Mas isso não vai
Guilhermina não se conformava:
acontecer. Amanhã cedo

— Nunca pensei que você fosse
voltaremos para casa.

tão ruim. Sérgio é um rapaz de

— E a formatura?

classe, você deveria ter se

— Não vamos comparecer. Se
mostrado à altura. Mandou-os
ficarmos aqui esse moço vai
embora como se fossem
insistir, dar trabalho. O melhor é
malfeitores.

levantarmos bem cedo e irmos

— Quis cortar o mal pela raiz. Ele
embora. Não vamos falar nada
para ninguém. Acordamos de
consigo o que quero com ele.

madrugada, chamamos Adalberto

— Mas ele vai levar Carolina
e Carolina, você a ajuda a
embora!

arrumar a mala, deixaremos uma

— Não moramos tão longe assim,
carta e iremos embora.

Sérgio poderá ir vê-la de vez em

— Elas vão ficar zangadas.

quando. Eu mesmo poderei ajudá-

— Elas procuraram. Além de
los a se encontrar.

permitir esse namoro sem me

Guilhermina sorriu:

consultar, ainda ficaram contra

— Você faria isso?

mim. Quem cuida da minha

— Claro. Gostei do rapaz, parece família sou eu. Elas não têm nada gostar de Carolina.

com isso. Eu sei o que é melhor

— Eles são pessoas de bem. Sei o para Carolina.

que estou dizendo. Seu pai está

— Carolina não vai querer ir sem impedindo que Carolina se case se despedir delas.

com um rapaz ajuizado, formado,

— Depois do que ela fez não tem rico e muito bom. E, como você querer. Terá de obedecer.

mesmo notou que ama Carolina de

— Nesse caso, vou arrumar verdade.

nossas malas agora. Amanhã cedo

— Eu gostaria muito que papai ajudarei Carolina.

viesses morar nesta cidade. Assim,

Adalberto, na sala, tentava todos nós ficaríamos juntos. Não acalmar a avó:

tem cabimento vocês duas ficarem

— Você já devia saber que papai é longe de nós. São nossos únicos teimoso. O melhor é não parentes. Deveríamos ficar perto contrariá-lo. É assim que eu

para convivermos mais.

— Cansei de dizer isso a ele. Mas encontro desagradável da tarde e sabe como seu pai é.

da tristeza de Carolina, evitaram

Ela suspirou triste. Adalberto tocar no assunto.

tornou:

Às vinte e uma horas, Augusto

— Eu sonho em vir morar na

Cezar e Ernestina alegaram

capital. Como eu disse ontem a tia cansaço e subiram para dormir.

Odete, mesmo contra a vontade

Guilhermina e Odete, tristes com

dele, nestas férias pretendo

os acontecimentos, também se

procurar uma faculdade e vir

recolheram, Carolina foi para o

estudar aqui.

quarto e Adalberto foi com ela.

— Que coisa boa, meu filho! Faça

— Vou ligar para Sérgio, saber

isso. Seu pai vai brigar, mas você como ele está.

já é um homem. Sabe o que quer

— Ele estava muito nervoso.

e tem o direito de escolher o

Ela assentiu e telefonou. Sérgio

próprio caminho.

atendeu:

— E o que farei vovó.

— Eu sabia que você ia ligar.

— Você poderá morar aqui.

Precisamos conversar. Não

Guilhermina começou a falar das
podemos aceitar o que seu pai
faculdades de Direito que havia na
quer.

cidade e ele entusiasmou-se.

— Eu também estou muito triste.

Quando se reuniram para o jantar,
Mas ele é assim mesmo. Em todo o
Carolina estava com os olhos
caso, é melhor por enquanto você
vermelhos, notava-se que tinha
não voltar a insistir. Isso vai irritá-
chorado. Mal tocou nos alimentos.
lo ainda mais.

Os demais, recordando-se do

— Eu não quero ficar longe de
você. Logo ele vai levá-la embora.
dar uma volta, andar um pouco e
Adalberto pediu:

ela deu-lhe uma cópia das chaves

— Deixe-me falar com ele.

para que ele pudesse entrar

Ela concordou e entregou-lhe o
quando voltasse.

telefone:

Depois de dar uma olhada no

— Sérgio, sou eu, Adalberto. Não
espelho e ajeitar os cabelos, ele
desanime. Quando voltarmos para
saiu. Como faltavam dez minutos
casa, você poderá ir até nossa
para as vinte e duas horas, e as
cidade. Eu ajudarei vocês a se
ruas estavam quase desertas,
encontrem sem papai saber.

decidiu apenas conhecer as

— Obrigado. Senti que podia
redondezas.

contar com você.

Apesar de ser um bairro

— Farei o que puder para que
residencial, havia lanchonetes e
esse casamento se realize.

um cinema a dois quarteirões da

— É o que eu mais quero.

casa e ele ficou vendo os cartazes

Adalberto devolveu o telefone à
dos filmes que estavam em

Carolina e eles continuaram
exibição.

conversando. Adalberto fez um

Pouco depois, as portas do cinema

sinal à irmã que ia sair, ela

se abriram e uma multidão

acenou e ele saiu. Notou que

começou a sair, conversando,

todos já tinham se recolhido e

rindo. Adalberto gostou do que viu.

parou na porta do quarto da tia.

Algumas garotas, casais, pessoas

Bateu levemente.

bem-arrumadas, bonitas, alegres.

Odete abriu a porta. Adalberto

Na sua cidade àquela hora não

explicou que era cedo e desejava

havia mais ninguém nas ruas. Ele

gostava do bulício da cidade, de

cima dele, obrigando-o a se

ver gente, movimento, luzes.

levantar.

— Eu tenho que vir morar aqui!

— Pai, eu não quero ir.

Vou dar um jeito nisso.

— Não discuta. Arrume-se. Vamos.

Papai não vai poder me impedir.

Arrastou Adalberto para o banheiro

Voltou para casa disposto a no dia

e obrigou-o a lavar o rosto, o que

seguinte sair para procurar uma

o acordou de fato, e ele entendeu

faculdade onde pudesse continuar

o que estava acontecendo.

seus estudos. Deitou-se fazendo

Voltou ao quarto e olhando firme

planos e custou a adormecer.

para o pai disse:

Estava mergulhado em sono

— Eu quero ficar mais um pouco.

profundo quando alguém o

Tenho dois meses de férias e você

sacudiu com força. Acordou ainda

me prometeu que se eu passasse

atordoado e ouviu a voz de seu

de ano ficaria aqui as férias todas.

pai dizendo:

— Isso foi antes de saber o que

— Levanta Adalberto, arrume a

estava acontecendo aqui. Preciso

mala sem fazer ruído.

levar Carolina de volta para casa.

— Pai?! O que aconteceu?

Se ficarmos, esse rapaz vai

— Vamos embora agora.

infernizar nossa vida com sua

— Embora? Acabamos de chegar!

insistência. Eu não vou ceder. Por
— Não discuta. Levante, lave o
esse motivo quero ir embora com
rosto e arrume as coisas. Vamos
Carolina antes que elas acordem.
sair antes que elas acordem.

— Vocês podem ir mais eu não
Como ele relutasse, Augusto
tenho nada com esse namoro e
Cezar arrancou as cobertas de
quero ter as férias que me
prometeu. Estudei muito, esforcei-
carro, deu partida, saíram
me, não é justo que eu seja
devagar, evitando acelerar. Des-
punido. Todos os meus colegas da
ceu, fechou o portão, entrou
faculdade viajaram, estão fora da
novamente no carro e partiu.
cidade. Ernestina entrou no quarto
Sentada no banco traseiro,
dizendo:

Carolina deixava-se levar sentindo
— Está tudo pronto. Podemos ir.
muita tristeza, permitindo que as
Augusto Cezar hesitou um pouco,
lágrimas rolassem a vontade sobre
depois disse:

sua face.

— Está bem. Sou de palavra. Você
Apesar de saber do autoritarismo
pode ficar. Mas tenha juízo. Não
do pai, nunca imaginou que ele
faça com que eu me arrependa de
deixasse a casa da mãe na calada

ter atendido a seu pedido.

da madrugada, sem lhe permitir

Adalberto abraçou o pai dizendo:

sequer abraçar a avó e a tia, há

— Você não vai se arrepender. Eu

quem muito amava e era muito

lhe prometo.

grata não só pela maneira com que

Ele saiu e Ernestina levou-o ao

elas a trataram durante sua estada

quarto de Carolina que chorava

ali, como a apoiaram entendendo

baixinho ao lado da sua mala.

seu amor por Sérgio e sua amizade

— Estou fazendo isso para o seu

por Mônica.

bem. Vamos embora.

Além disso, com elas, Carolina

Em poucos minutos saíram

sentia uma grande afinidade, o que

procurando não fazer ruído,

não acontecia com seu pai e,

colocou tudo no carro, Augusto

principalmente, com a mãe, figura

Cezar abriu o portão, entrou no

apagada e sem vontade própria.

O que Sérgio pensaria quando

CAPÍTULO 17

soubesse que ela tinha partido

sem se despedir dele? Sua

esperança era de que sua avó e

Carolina acordou, abriu os olhos e

Odete lhe explicassem a atitude

fechou-os novamente desanimada.

de seu pai.

Fazia um mês que haviam voltado
Ela sentia vergonha pela
para casa, porém ela continuava
desconsideração com a qual Au-
triste como no primeiro dia.
gusto Cezar tratara Mônica e
Assim que chegaram, Carolina
Sérgio. Wanda, apesar de não
tentara ligar para a tia e fora
concordar com o namoro, sempre
impedida por Augusto Cezar:
a tratara educadamente. O que
— Eu sei o que você pretende
diria se soubesse da atitude de
conversando com sua tia. De hoje
seu pai?
em diante você está proibida de
Enquanto Carolina vivia seu
mexer nesse telefone.
drama interior, Augusto Cezar e
— Mas pai, eu só queria agradecer
Ernestina viajavam tranquilos. Ele
o carinho que elas tiveram comigo
estava satisfeito por ter ludibriado
e dizer o quanto gosto delas. Não
esse pretenso pretendente de
me pareceu justo deixá-las sem
Carolina. Acreditava que com o
sequer me despedir.
tempo, Sérgio desistiria, Carolina
— Não é preciso. Elas entenderão.
esqueceria e tudo decorreria da
É bom saber que não vou permitir
forma como ele desejava.
que aquele rapaz fique ligando

para conversar com você. Acabou.
Trate de esquecê-lo e prepare-se
para cursar a faculdade. Por
a casa paterna quando
enquanto você sequer decidiu o
completasse vinte e um anos.
curso que pretende fazer.
Então estaria livre para escolher o
— Não tenho vontade de estudar.
próprio caminho.

Ele fitou-a sério e respondeu:
Tinha a certeza de que quando
— Isso vai passar porque não vou
saísse de casa, sua avó iria
permitir que você deixe os
recebê-la de braços abertos. A
estudos.

presença do pai tornara-se into-
Carolina cerrou os lábios e não
lerável, tinha a impressão de que
respondeu. Nos dias que se
estava sempre vigiando seus
seguiram, notou que tanto
passos, e sua mãe fora
Ernestina quanto Rute, vigiavam-
transformada em carcereira, o que
na sempre que ela se aproximava
a impedia de vê-la de maneira
do telefone.

agradável.

À noite, sozinha em seu quarto,
Augusto Cezar notava que a filha
Carolina ficava recordando seu
sentia-se revoltada e procurava
namoro com Sérgio e sentia o

agradá-la comprando-lhe roupas,
peito oprimido pela saudade.
convidando-a para passeios que
Rememorava o carinho da avó,
ela recusava desanimada. Ele
uma mulher delicada e afetiva, as
notava o abatimento dela e
atenções e os conselhos de Odete,
comentava com Ernestina que isso
sentindo em ambas o desejo de
logo passaria. O tempo era um
que ela fosse sempre feliz.
santo remédio.

Era com elas que Carolina
Mas quanto mais os dias se
desejava morar e pretendia deixar
sucediã, Carolina sentia au-
mentar sua saudade e tristeza.

em silêncio, comentou:

Durante as refeições com os pais
— Não sei por que você faz certas
não conversava, apenas respondia
coisas. Ao invés de tentar agradar
laconicamente às perguntas.

seu pai, que só pensa no seu bem,
Um dia, olhando o relógio, viu que
fica com essa cara amuada. Muitas
passava das oito, mas não sentia
moças gostariam de ser amada
vontade de se levantar. Virou para
como ele a ama, e você não
o lado tentando dormir de novo,
valoriza.

mas Ernestina bateu com
Carolina ignorou as queixas e

insistência:

tratou de arrumar-se o mais

— Levante Carolina, depressa.

depressa que pôde. Estava

Seu pai está tomando café e quer

cansada da atitude servil da mãe e

que se sente à mesa conosco.

do despotismo do pai. Resignada,

Como ela não respondeu,

desceu para o café e Ernestina a

Ernestina insistiu reclamando por

acompanhou.

ela ter passado a chave na porta.

O pai olhou-a dizendo:

— Se você não abrir vou chamar

— Bom dia, Carolina. Você sabe

seu pai. Vamos, abra.

nosso horário do café. Por que nos

Carolina suspirou resignada,

faz esperar?

levantou-se e foi abrir.

— Bom dia. Estava com sono e

— Onde já se viu dormir até esta

perdi a hora. Desculpe.

hora? Lave o rosto, depressa, se

— Espero que isso não aconteça

vista que seu pai não gosta de

mais.

esperar.

Carolina não respondeu. Serviu-se

Notando que Carolina obedecia

de café com leite e Ernestina

colocou uma fatia de pão com

atender. Quer deixar recado?

manteiga no pratinho dela. Para

— Bem, eu gostaria de fazer-lhe evitar mais conversa, ela tomou uma visita hoje à tarde. É alguns goles e comeu um pedaço possível?

do pão. Os dois olharam

— Não sei... Se ela vai estar em satisfeitos, serviram-se e casa.

começaram a comer.

— Nesse caso, ligarei mais tarde Depois, Augusto Cezar foi para o para saber. Obrigada.

trabalho, Carolina fechou-se no Ela desligou e Ernestina ficou sem quarto para ler e Ernestina foi saber o que fazer. Ela não para a cozinha programar o conhecia essa moça. Quando o almoço com Rute. Ela precisava marido chegou, ela relatou o verificar que tudo estava em telefonema e finalizou:

ordem, porquanto Augusto Cezar

— Ela vai ligar de novo e não sei o ficava muito irritado se o almoço que responder.

não fosse servido no horário que

— Deixe comigo. Vou averiguar. estipulara.

Quando todos se se sentaram à

O telefone tocou e Ernestina mesa para almoçar, Augusto Cezar apressou-se em atender: pediu para Ernestina:

— Casa do Dr. Augusto Cezar.

— Conte a Carolina sobre o

— Bom dia, D. Ernestina. Meu telefonema. Ernestina contou e nome é Áurea. Fui colega de depois Augusto Cezar perguntou: Carolina no colégio e desejo falar

— Você conhece essa Áurea? com ela.

— Conheço. Estudava na mesma

— No momento ela não pode classe que eu.

Augusto Cezar ficou calado

viu que ele estava alegre.

durante alguns segundos depois

Finalmente as coisas em sua casa indagou:

estavam começando a voltar ao

— Como ela era?

normal. Com o tempo, Carolina

— Muito estudiosa. Estava se esqueceria e tudo ficaria bem.

preparando para cursar psicologia

Áurea ligou, Ernestina atendeu e quando nosso curso terminasse.

ela combinou visitá-las às quinze

A expressão da fisionomia dele

horas. Depois, chamou Rute e a

suavizou-se quando sugeriu:

mandou fazer um bolo para servir

— Seria bom que você a

com refresco.

recebesse aqui em casa. Você tem

O relógio estava batendo três

estado muito só, precisa de

badaladas quando Áurea tocou a companhias jovens. É hora de campanha da casa de Carolina. pensar em sua carreira e trocar Rute foi abrir, conduziu-a até a idéias com ela pode ser de grande sala de estar, pediu-lhe que se utilidade.

sentasse e foi chamar Carolina, Carolina concordou. Elas se que desceu imediatamente. davam bem, embora não fossem As duas se abraçaram e Ernestina íntimas. Desde que chegara não aproximou-se para cumprimentá-saíra de casa. Pelo menos seria la, ficou conversando durante uma boa distração.

alguns minutos, depois saiu da — Quando ela ligar você pode sala, deixando-as sentadas lado a dizer que será um prazer falar lado no sofá. Áurea levantou-se, com ela.

olhou para os lados e depois disse Ernestina olhou para o marido e baixinho:

— Preciso ficar sozinha com você Ela vai me ajudar a escolher a para falar de Sérgio. carreira e estudar para o Carolina sobressaltou-se e seu vestibular.

rosto ruborizou-se de emoção e — Vão meninas. Quando

surpresa. Assentiu com a cabeça,
terminarem desça para tomar um
mas disse em voz alta:

lanche.

— Estou indecisa, não sei ainda se
Com o coração aos saltos, Carolina
vou continuar meus estudos.

segurou na mão de Áurea e

Ao que Áurea respondeu:

conduziu-a até seu quarto.

— Reaja. É muito importante fazer

Entraram e ela fechou a porta à

uma faculdade. Eu já me

chave. Sentaram-se na cama e

matriculei e estou muito animada.

Carolina não se conteve:

— Não sei se eu passaria no

— Conte-me tudo. Você conhece o
vestibular...

Sérgio? Como é possível? Áurea

— Estou certa que sim. Eu estou

abriu a bolsa, tirou uma carta e

de férias, minhas aulas só vão

entregou-a dizendo:

começar em fevereiro. Se quiser

— Leia, depois eu lhe explico como

posso ajudá-la a estudar e a

o conheci. Ao segurar o envelope

passar no vestibular.

elegante com os dedos trêmulos

— Eu gostaria muito. Vamos até o

de emoção, Carolina sentia o

meu quarto, quero mostrar-lhe

coração bater forte. Abriu o

meus livros e cadernos.

envelope enquanto Áurea
Ernestina que ouvira a conversa
discretamente se afastou para um
apareceu na sala sorrindo. — Vou
canto do quarto, entretendo-se
mostrar a Áurea o meu material.
com um álbum de fotografias que
estava sobre a mesa de estudos.
pais se sentiriam seguros
Carolina abriu e leu:
acreditando que haviam conseguido
nos separar. Enquanto isso
Minha amada Carolina. Não me
namoraremos às escondidas e pla-
conformo com o que nos aconteceu
nejaremos o nosso futuro.
e desejo reafirmar que a amo
Seu irmão apresentou-me sua
muito. Estou certo de que um dia
namorada, Áurea que estava em
nos casaremos e seremos felizes.
São Paulo matriculando-se na
Enquanto não chega esse
faculdade, e que colocada a par do
momento, peço-lhe que não
que nos acontecia prontificou-se em
desista. Vamos continuar lutando
nos ajudar, uma vez que voltaria
para conquistar nossa felicidade.
para sua cidade a fim de esperar o
Você pode imaginar como fiquei
início das aulas.
quando soube que vocês tinham
Muitas vezes tentei lhe telefonar,
partido daquela forma. Sua avó e

não consegui falar com você.
tia tentaram me acalmar,
Certamente estavam vigiando o
porquanto eu queria viajar em
telefone. Esta foi à forma que
seguida para sua cidade e tentar
encontrei para me comunicar. Mas
convencer sua família a consentir
o que eu gostaria mesmo é de estar
nosso casamento. Elas me
a seu lado, de poder abraçá-la,
disseram que seria pior e
beijá-la como fazíamos, sentir seu
Adalberto, que tem se mostrado
perfume.

muito meu amigo, finalmente me
Tenho pensado muito. Duas vezes
convenceu que o melhor seria
durante o sono, fui a seu quarto.
esperar algum tempo, assim seus
Estou certo de que estive lá. Mas
não a encontrei. Você deve ter
Carolina segurou a mão da amiga
saído do corpo e não consegui vê-
e sentaram-se na cama
la. Pensei que se você todas as
novamente:

noites às vinte e duas horas se
— Eu nunca poderia imaginar que
deitasse e pensasse em mim,
você estivesse namorando meu
talvez pudéssemos nos encontrar
irmão. Agora estou entendendo
no astral e matar nossa saudade.
por que ele decidiu estudar em São

Vamos tentar? Um beijo deste que
Paulo.

muito a ama,

— Mônica e Sérgio prontificaram-
Sérgio.

se a ajudá-lo a conseguir a vaga,
mas não creio que eu tenha sido a
Carolina apertou a carta contra o
causa dessa mudança. Seu irmão
peito, depois beijou várias vezes a
sempre sonhou viver na capital.

assinatura. Levantou-se e abraçou

— Adalberto está mudado, nosso

Áurea com carinho:

relacionamento melhorou

— Não sei como lhe agradecer por
bastante. Ele deixou de estar

ter me trazido esta carta. Eu

sempre me arreliando, tornou-se
estava desesperada, sem notícias,

mais amadurecido. Imagino que a
revoltada por não ter sequer me

convivência com você o tenha

despedido de ninguém.

beneficiado.

— Foi muito cruel o que lhe

— Na verdade, faz pouco tempo
fizeram. Estou ao seu lado e farei

que estamos namorando. No

tudo o que puder para ajudá-los

começo ele aparecia na saída do

até que consigam realizar o que

colégio e me acompanhava até em

desejam.

casa.

— Eu o vi várias vezes lá.

— Você está certa. O que admiro
Áurea hesitou um pouco, depois
em Sérgio é o respeito que ele tem
disse:

pela minha maneira de ser. Ele

— Sempre me senti atraída por
pensa de maneira oposta a meu
ele, mas ao mesmo tempo sentia
pai. Já disse que depois do nosso
que ele não levava a vida a sério.
casamento farei o que desejar.

Tenho medo de me machucar

Terei todo o seu apoio para
nesse relacionamento. Sei o que
estudar o que quiser e até ter uma
desejo da vida e não queria
carreira.

desistir dos meus projetos

— Adalberto não concordou muito
pessoais por causa de um na-
quando eu lhe disse que pretendia
morado que eu nem sentia que
estudar na capital. Fez o possível
estava tão interessado.

para que eu desistisse. Mas depois

Carolina olhou-a admirada:

decidiu ir também. Se eu tivesse

— Qualquer outra ficaria feliz em
concordado, ele não mais me
desistir de tudo por um amor.

respeitaria, logo iria querer mais

— Não eu. Gosto de me sentir
alguma coisa e depois de certo
livre, dona dos meus passos. Eu

tempo eu estaria como...

gosto dele, mas de minha parte só

Ela não continuou. Carolina sorriu

levarei nosso namoro adiante se

e completou:

ele respeitar meu espaço.

— Como minha mãe. Pode dizer.

Carolina suspirou pensativa.

Eu sei que ela é assim mesmo.

Pensou em sua mãe, sempre

— Desculpe Carolina, é que

passiva, sem vontade nem

Adalberto sempre reclama dizendo

opinião. Depois respondeu:

que sua mãe aceita todas as

ordens do Dr. Augusto Cezar, ele

de cabeceira e começou a ler.

fica muito nervoso.

Depois de escrever várias páginas,

— Infelizmente é verdade. Mamãe

Carolina dobrou cuidadosamente,

vive só em função dele, só faz o

colocou no envelope e entregou-o

que ele quer e não tem opinião. E

a Áurea, que o guardou

ainda fica muito nervosa quando

imediatamente na bolsa.

não concordamos. A cada dia isso

— Quando eu disse que poderia

fica mais claro.

ajudá-la a estudar para o

— Sérgio está esperando uma

vestibular, falei sério. Apesar da

resposta. Escreva uma carta que

situação que está passando deve

eu vou colocá-la no correio.

pensar no seu futuro. Sérgio é um
Carolina deu um beijo caloroso na
rapaz instruído, de família
face da amiga.

importante e você deve continuar
— Vou fazer isso agora mesmo.
seus estudos sem desanimar.

Não tenho um papel bonito como
— Eu fiquei com tanta raiva de
o dele.

meu pai que tive vontade de fazer
— Não importa. O que ele deseja
exatamente o contrário do que ele
é ter notícias suas. Receia que
deseja e desistir de estudar.

com o passar do tempo você o
— Se fizer isso estará se
esqueça.

castigando. Com o tempo vai se
— Isso não vai acontecer. Vou
sentir mal. Eu acredito que estudar
escrever agora mesmo.

abre muitas portas em nossa vida.
Enquanto Carolina procurava um
Você não deve perder essa chance.
bloco e escrevia, Áurea apanhou
Carolina lembrou-se da mãe de
um livro que estava sobre a mesa
Sérgio e respondeu:

— Você está certa. Vou continuar
Carolina escolher o curso que
estudando. Mas ainda não defini o
gostaria de fazer.
que fazer.

Assim que chegou a casa, Áurea

— Eu tenho algum material que ligou para Adalberto. Depois dos poderá auxiliá-la a escolher uma cumprimentos ela disse:

carreira. Poderei trazê-lo e

— Acabo de voltar da sua casa.

trocamos idéias.

Falei com Carolina.

— Gostaria de poder ir a sua casa,

— E então?

mas não sei se meu pai

— Deu tudo certo. Entreguei a

consentirá. Aqui eles vigiam até o carta e ninguém desconfiou.

telefone. Se eu sair..

— Tem certeza?

— Por enquanto eu virei. Com o

— Tenho. Conforme combinamos, tempo eles acabarão facilitando e

diante de sua mãe insisti para

— Você poderá ir.

Carolina continuar estudando,

Passava das cinco quando elas

prontifiquei-me a auxiliá-la para desceram e a mesa já estava

escolher uma carreira. Sua mãe

posta na copa para o lanche. Elas

adorou. Com essa desculpa, ela

se sentaram conversando sobre o

mesma concordou que fôssemos

material que Áurea traria, onde

conversar no quarto.

— havia estudos sobre várias

— Não falei que daria certo? Eu

carreiras. Ernestina, satisfeita,
sabia!

embora tentasse dissimular,
— Carolina ficou muito emocionada
acompanhou tudo.

com a carta. Conversamos muito.

Áurea despediu-se e ficou de

Diga a Sérgio que ela respondeu e

voltar na tarde seguinte para

já coloquei a carta no correio. Ele

pode responder e mandar para

acreditar que ele desistiu. Então,

minha casa. Você tem o

aos poucos, vai relaxar a

endereço?

vigilância.

— Tenho. E como estão as coisas

— É melhor mesmo que ele não

lá em casa?

apareça aqui. Diante do que vi,

— Carolina está praticamente

estou certa de que seu pai não vai

presa. Proibida de sair sozinha e

ceder e o que é pior, Carolina

até de conversar com as amigas.

continuará reclusa e sofrerá ainda

Não atende ao telefone e só sai

mais.

com seus pais.

— Estou com saudades de você.

— Foi o que pensei. Temos de

Cada dia que passa eu a admiro

fazer alguma coisa para melhorar

mais. Sua ajuda tem sido preciosa.

isso.

— Tenho prazer em cooperar. Não
— Por enquanto não será fácil.
aceito atitudes como a que seus
Mas eles permitiram minhas
pais têm. Depois, Carolina merece.
visitas com vistas à preparação de
— Só Carolina? E eu? Pensei que
Carolina para prestar vestibular.
você estivesse a ajudando por
— Estava difícil segurar o Sérgio.
minha causa.
Ele ainda insiste em ir até aí. Com
— Você continua convencido. Eu
a possibilidade de ele
tenho meus princípios e é por eles
corresponder-se com Carolina
que pauto meu comportamento.
espero conseguir que tenha
— Sinto que você não gosta de
paciência de esperar. Penso que
mim o tanto que eu gosto de você.
quando meu pai perceber que ele
Ela riu bem-humorada e depois
não a procurou mais acabará por
disse:
— Coloco meus sentimentos em
Percebendo que ele nunca de-
primeiro lugar e é por eles que
monstrara estar interessado, Áurea
escolho meu caminho.
procurou guardar esse amor só
— Não gosta de mim nem um
para si. Observando-o
pouquinho?
discretamente notara seus pontos

— Se não gostasse, não estaria
fracos, sempre querendo parecer
namorando você.

irresistível diante das garotas e até

— Até que enfim você confessou.

dos amigos, sem levar nada a

— Não fique tão envaidecido. Nós
sério.

ainda não nos conhecemos o

Áurea achava natural essa

suficiente e não sabemos se com

insegurança, mas embora fosse

o tempo vamos continuar

muito jovem também, tinha dentro
namorando.

de si o que desejava para seu

— Por mim, sim.

futuro e já se conformara em amá-

— Vamos ver. Não se esqueça de

lo de longe não esperando nada

falar com Sérgio assim que

dele.

desligar. Ele deve estar

Quando ele começou a procurá-la,
angustiado.

ela sentiu-se emocionada, porém

— Você manda, eu obedeço. À

não desejava tornar-se mais uma

noite ligarei para conversarmos

com quem ele saísse algumas

mais um pouco. Um beijo grande.

vezes e depois, como fizera com

— Outro. Até a noite.

outras, a abandonasse.

Ela desligou depois se sentou

Apesar de ele ter se mostrado pensativa. Ela gostava de Sérgio mais interessado quando se desde seus dez anos de idade. encontraram em São Paulo; ela não confiava que estivesse real- Depois que Áurea se foi, Carolina mente apaixonado. Era um jovem releu várias vezes a carta de em férias na capital, deslumbrado Sérgio. Sua mãe bateu na porta com a cidade grande e ela, apesar chamando-a para jantar. Carolina de gostar de estar com ele, não sentia fome, mas resolveu continuou mantendo as reservas, obedecer a fim de não provocar a ocultando seus verdadeiros ira do pai como fizera muitas vezes sentimentos. desde que voltaram da capital. Claro que gostaria que esse Vendo-a sentar-se à mesa, relacionamento se aprofundasse, Augusto Cezar olhou-a aliviado. Ele mas de sua parte isso somente desejava jantar em paz. Carolina, aconteceria se sentisse que ele quando estava ao lado dos pais, estava sendo sincero. não conversava, apenas respondia Mesmo assim, sentia-se feliz com às perguntas que lhe eram sua vida e penalizada com a endereçadas de forma lacônica.

situação de Carolina. Faria tudo o
Mas naquela noite seu rosto estava
que pudesse para auxiliar o casal
mais corado pela alegria da carta e
de namorados torcendo para que
ela não queria que seu pai
o casamento deles se realizasse.
desconfiasse de alguma coisa.
Portanto, assim que Augusto Cezar
perguntou se Áurea era muito sua

CAPÍTULO 18

amiga, respondeu de boa vontade:

— Amiga íntima não, mas ela
estudava na mesma sala que eu e
sempre nos demos bem.

— Parece ser uma boa moça. —
poderá ir.

Comentou ele continuando:

Carolina não respondeu e ele não

— Ela já ingressou na faculdade?

insistiu. Não queria brigar com ela

— Já. Vai fazer psicologia.

que estava demonstrando estar

— Em nossa cidade não tem esse
mais cordata.

curso.

Assim que terminaram de comer,

— O pai dela tem uma irmã que

Carolina voltou para o quarto,

mora em São Paulo e ela ma-

trancou a porta e leu novamente a

tricolou-se lá. As aulas vão

carta de Sérgio.

começar daqui a quase dois

Estendeu-se na cama sentindo

meses.

muitas saudades do namorado.

Ernestina que se mantivera calada

Lembrou-se dos momentos que

interveio:

tinham desfrutado juntos, dos

— Ela tem um livro que ajuda a

beijos e dos projetos de casamento

escolher uma carreira. Fala de

que tinham feito. Mergulhada em

várias delas. Vai trazer para

suas lembranças, adormeceu.

Carolina ler.

Viu-se fora do corpo ainda em seu

— É isso que você precisa. Posso

quarto e não conteve um grito de

ajudá-la a escolher.

alegria. Marcos estava na sua

— Primeiro quero ler sobre cada

frente, braços estendidos e

uma das profissões e sentir qual é

Carolina mergulhou neles

minha vocação.

emocionada:

— Terá de escolher entre o que

— Sérgio! Você está um pouco

temos na cidade. Não adianta

diferente, parece Marcos, mas eu

procurar na capital. Você não

sei que você é Sérgio, o amor de

minha vida.

tenho vindo algumas vezes até

Ele beijou-a com carinho, depois

aqui vê-la, mas você nunca me

disse:

notou. Hoje você estava pensando
— Sou eu sim. É que quando saio
em mim, o que facilitou nosso
do corpo, retomo a figura que
encontrei. Venha, vamos dar um
tinha antes de reencarnar e o
passeio.

mesmo nome daquele tempo.

Sérgio segurou a mão dela e

Você não se lembra, mas nosso
passou o braço pela sua cintura.
amor remonta há muitos anos.

— Vamos para aquele jardim onde
Mas nunca conseguimos realizar
você já me levou?

nossos sonhos de ficarmos unidos
— Sim. Era naquela dimensão que
para sempre.

eu vivia antes de voltar ao corpo.

— Por quê?

Carolina suspirou enlevada e

— É uma longa e emocionante
ambos atravessaram a parede e
história que um dia você ainda vai
foram volitando, sentindo o peito
se lembrar.

dilatado de prazer, vendo lá

— Quero saber. Você vai me
embaixo as luzes da cidade
contar.

adormecida. Pouco tempo depois

— Seria apressar seu processo,
chegaram ao jardim e pararam
desequilibrar seu emocional e isso
diante do grande portão.

retardaria mais nosso desejo.

Ele disse:

— O que posso fazer para ajudar?

— Marcos.

— Vamos aproveitar o momento.

O portão abriu e eles passaram.

Eu não agüentava mais de

— Eu não me lembrava deste

saudades. Durante esse tempo

portão — comentou Carolina.

— Quando viemos aqui antes,

que nos separaram e que

— Você estava menos consciente do

precisamos vencer.

que hoje. Mas lá está o banco

— O que teremos de fazer para

onde nos sentamos.

isso?

— Vamos nos sentar lá

— Aprendermos a desenvolver

novamente?

nossos potenciais naturais dentro

— Não temos muito tempo. Eu

das leis da espiritualidade e

gostaria de levá-la até uma amiga

conquistar o que queremos.

que poderá nos auxiliar muito.

Ao fazerem uma curva, Carolina

— Nesse caso, vamos.

surpreendeu-se diante de um

Eles caminharam de mãos dadas

edifício de vários andares,

pelo magnífico jardim, sentindo o

iluminado e onde muitas pessoas

perfume delicado das flores que,

circulavam.

coloridas, formavam um tapete

— Que lindo! — exclamou Carolina.

encantador, com seus vários

Admirada ela notou que as pessoas

matizes e suas pétalas delicadas.

não eram iguais. Isso é, além da

— Que lindo! — comentou Carolina

aparência de várias idades, não se

extasiada. — Eu gostaria de poder

vestiam da mesma forma. Algumas

ficar aqui com você, para sempre.

estavam acompanhadas de

— Eu também gostaria, mas se

pessoas que tinham um comprido

fizéssemos isso, demoraria muito

cordão prateado na nuca que ela

mais para vencermos o que nos

não conseguia ver o fim.

separa.

Notando sua estranheza Sérgio

— Está se referindo a meu pai?

explicou:

— Estou me referindo aos motivos

— As pessoas que tem o cordão de

prata ainda estão encarnadas na

corpo.

Terra.

Eles caminhavam por um corredor

Imediatamente Carolina levou a

e Sérgio parou diante de uma

mão à nuca e Sérgio sorriu alegre:

porta batendo levemente.

— Sim, você também tem igual. É

Uma senhora alta, magra,

sua ligação com o corpo de carne
elegante, em um vestido creme
que ficou adormecido na sua
que ressaltava a cor clara de sua
cama. Se acontecer alguma coisa
pele delicada e seus cabelos
lá, perto do seu corpo você será
louros, presos na nuca por um
chamada de volta em alguns
coque, recebeu-os. Aparentava
segundos.

cerca de sessenta anos, mas em
— Estou vendo que você também
seu rosto não havia nenhuma
o tem.

rua. Era de uma beleza serena e
— Sinal de que meu corpo ainda
delicada.

está vivo. Esse cordão se rompe

— Marcos! Que bom vê-lo.

só com a morte e então não há

Ele a abraçou beijando-a

como voltar.

delicadamente na face, depois

Eles estavam em um saguão onde

disse:

havia intenso movimento, o que

— Esta é Carolina.

fez Carolina perguntar:

— Meu nome é Márcia — disse ela

— Aqui eles não dormem?

abraçando Carolina com carinho.

— Todos dormem, mas para

Carolina não escondia a emoção. A
trabalhar com os encarnados a

custo procurou controlar-se. A
noite é mais fácil, aproveita-se o
presença daquela mulher
momento em que eles saem do
provocava nela um sentimento
forte de ternura.

mulher.

— Não a conheço de algum lugar?

Márcia aproximou-se dela

— Talvez. Mas vamos entrar. É
passando a mão delicadamente por
um prazer recebê-los aqui.

seus cabelos em um gesto de

— Não temos muito tempo.

carinho:

Vimos dar-lhe um abraço.

— Estou feliz que tenha vindo me

— Obrigada. Tenho pensado muito
ver. Acalme seu coração. Estou do
em você nestes dias. Sei que os
seu lado e tudo farei para que
acontecimentos estão se
alcance o que deseja.

precipitando.

— Vai nos ajudar?

— Eu senti, e a custo consigo

Márcia fixou os olhos nos dela e
controlar-me.

respondeu com voz calma:

— Confie, fique firme no bem e

— Sempre. Mas por mais que eu
tudo seguirá melhor. Marcos
queira que vocês vençam as

suspirou:

dificuldades e consigam a

— Tenho me esforçado.

felicidade, não poderei fazer a

— Os encontros entre vocês dois
parte que lhes cabe. São vocês
vão aliviar a ansiedade e permitir
que precisam aprender e encontrar
que encontrem a melhor solução.
o caminho.

Carolina olhava-os sem saber o

— O que deverei fazer, qual é a
que dizer. Sabia que eles falavam
parte que me cabe? — indagou
do futuro e dos objetivos que
Carolina.

desejavam alcançar, mas seus

Márcia sorriu levemente e tornou:

sentimentos misturavam-se a

— Na vida os acontecimentos
tornando tímida diante daquela
surgem, e é preciso tomar
decisões, fazer escolhas. Os
retribuiu pousando seus lábios na
resultados dependem delas.
testa dela com carinho.

— Estou pronta para me esforçar

— Vão com Deus — sussurrou.

em fazer o meu melhor.

Marcos puxou Carolina para fora

Sérgio ouvia em silêncio e em

da sala e ela o abraçou pousando a
seus olhos havia um brilho

cabeça sobre seu peito.

indefinido. Márcia passou o olhar

Assim, juntinhos, foram

pelos dois e respondeu com voz

caminhando devagar pelo corredor
firme:

enquanto dos olhos de Carolina

— Aconteça o que acontecer,

algumas lágrimas rolavam.

mantenham essa disposição.

Em silêncio, Marcos conduziu-a

Depois, segurou a mão de

para o jardim e levou-a até o

Carolina, juntou-a a de Marcos e

banco que ela já conhecia.

continuou:

Sentaram-se e ele esperou que

— Estarei vibrando por vocês.

Carolina falasse. Sabia o quanto

— Obrigado pelo apoio —

ela estava comovida com aquele

respondeu Marcos comovido.

encontro.

— Agora, está na hora de irmos.

Depois de alguns minutos ela

Márcia abraçou-os, beijando-lhes

disse:

delicadamente as faces. Carolina

— Eu já conhecia essa mulher. Sua

emocionada, num impulso,

presença fez-me infinito bem, mas

segurou a mão dela levando-a aos

ao mesmo tempo provocou certa

lábios com amor.

ansiedade. Você deve saber o

Um brilho de emoção passou

porquê. Gostaria que me dissesse.

pelos olhos de Márcia que

— É verdade. Márcia foi muito

importante em sua vida em outros
suspirou:

tempos. Ela a ama muito. Pense

— Que pena!

nisso e deixe que esse amor

— Não lamente. Outros encontros
ilumine seu coração. Agora, olhe
virão.

em volta, veja como este lugar é

— Quisera encontrar com você
reconfortante. Essa nossa visita
todas as noites.

teve o objetivo de nos fazer

— Não posso prometer. Tenho de
felizes, de sabermos que mesmo
ater-me à disciplina. Mas sempre
que todos queiram nos manter
que obtiver permissão, vou buscá-
distantes, poderemos nos
la.

encontrar e viver esses

— Terá de pedir permissão? De
momentos. Não acha que somos
quem?

privilegiados?

— Do núcleo em que vivo quando

— Tem razão. Não vou insistir em
estou fora do corpo e onde presto
querer descobrir o passado.

serviço como voluntário no

— É mais importante usufruir
atendimento às pessoas que
esses momentos.

precisam.

Marcos beijou-a nos lábios com

— Todas as pessoas encarnadas
amor e ficaram abraçados,
estão ligadas a um lugar no astral?

sentindo o coração bater forte. A

— Sim, embora a maioria ignore.

alegria de estarem juntos apagava

Muitos ainda estão presos ao

todos os sofrimentos provocados

imediatismo do mundo, imersos

pela separação.

em suas ilusões, incapazes de

— Dentro de uma hora vai

perceberem a realidade.

amanhecer. Temos de ir. Carolina

— Por que os espíritos iluminados

não lhes mostram a verdade?

— Gostaria de aprender a fazer o

— Porque sabem que o

que você faz.

desenvolvimento interior só aconte-

— Não tenha pressa. Seu

tece no momento certo, conforme

momento chegará. Está na hora de

a pessoa vai amadurecendo.

voltar.

Entenda, o progresso é uma

Carolina respirou fundo, passou o

conquista pessoal, realizada pelo

olhar em volta procurando gravar

esforço próprio.

aquela cena, depois disse:

— Sendo assim, fica difícil ajudar.

— Está bem, vamos.

— De fato, ajudar não é fácil. Mas

Abraçados, eles deixaram o lugar

nós inspiramos pensamentos
fazendo o caminho de volta.
bons, ministramos energias
Quando chegaram à casa de
renovadoras, sugerimos atitudes
Carolina, estava começando a
elevadas.
clarear.

— Se a pessoa estiver
Marcos acompanhou-a até o
desesperada não vai funcionar.
quarto.

Marcos sorriu e respondeu:

— Estou muito feliz por você ter
— Em certos casos usamos a
vindo. Quando poderemos nos ver
terapia do sono.
de novo?

— Como assim?

— Não sei ainda. Mas virei o mais

— Temos vários recursos para
rápido que puder.

fazer uma pessoa adormecer. Um

— Ficarei esperando ansiosamente.

deles é tirá-la do corpo e levá-la

Marcos segurou a mão dela

para um lugar em que ela possa

dizendo com carinho:

relaxar. Quase sempre funciona.

— Nossos encontros são para nos

fazer bem, nos tornar felizes,

bem meus compromissos. Lembre-

ajudar-nos a vencer nossos

se de que esses momentos são

obstáculos. Se você fizer deles

para trazer alegria ao nosso
motivo de ansiedade, não poderei
coração.

estar aqui tanto quanto gostaria.

— Entendi. Farei tudo como me
Carolina olhou-o surpreendida:
pede.

— Por quê?

— Receio que se nossos encontros

— Porque o bem-estar que
perturbarem sua vida, não mais
sentimos nessas viagens, pode
obterei permissão para vir.

nos fazer esquecer nossas

— Não darei motivos para isso.
responsabilidades no dia-a-dia.

Marcos beijou-a delicadamente nos

Estamos encarnados para

lábios, depois disse:

experimentar a vida no mundo,

— Sinto que hoje demos um passo
essa é nossa necessidade agora.

importante para alcançar nosso

Portanto, veja nossos encontros

objetivo. Aconteça o que

com naturalidade e ao acordar

acontecer, lembre-se de que eu a
procure integrar-se mais nas suas

amo muito.

obrigações, dedicando-se aos

— Eu também o amo.

afazeres que o momento pedir.

Trocaram mais alguns beijos,

— Mas sentirei saudades! Não dá
depois ele acomodou-a no corpo

para esquecer nosso encontro.

adormecido e esperou alguns

— Eu também terei saudades,

instantes.

lembrarei com prazer os mo-

Carolina suspirou, virou de lado e

mentos que estamos vivendo. Mas

continuou adormecida. Marcos

durante o dia, procurei fazer

sorriu, alisou a testa dela com

carinho e saiu.

desceu para o café.

Horas depois, Carolina acordou

Lembrava-se perfeitamente do

com algumas batidas na porta do

encontro com Sérgio e de tudo o

quarto. Olhou em volta tentando

que conversaram. Desceu e

perceber onde estava e tomou

Augusto Cezar já estava sentado à

consciência ao ouvir a voz de

mesa para o café.

Ernestina reclamando do lado de

— Bom dia, papai — disse

fora:

Carolina.

— Carolina, eu já disse que não

— Bom dia. Venha, Ernestina,

era para fechar a porta do quarto.

vamos tomar o café todos juntos.

Por que faz isso?

Ernestina apareceu com um ar

Ela levantou-se rapidamente e foi
triunfante carregando um prato de
abrir:

bolo que colocou sobre a mesa.

— Desculpe, foi sem querer.

— É aquele bolo de fubá que você

— Trate de descer. São sete e
gosta. Eu mesma fiz.

meia e seu pai já desceu para o

— Parece bom, vamos ver se está
café. Sabe como ele se irrita

igual aos outros. Augusto Cezar
quando não obedecemos ao
serviu-se com uma generosa fatia
horário.

e comentou:

— Está bem. Não demoro.

— Está macio.

Carolina sentia-se alegre e leve

— Eu bati muito bem — respondeu
como uma pluma. Tinha vontade

Ernestina satisfeita. Carolina
de cantar, de brincar, de rir. Em
serviu-se de café com leite, uma
alguns segundos escovou os
fatia de pão e enquanto passava
dentes, lavou-se, vestiu-se e
manteiga recordava-se dos
momentos vividos com Sérgio e
diria como estavam as coisas com

seus lábios entreabriam-se em
Adalberto. Torcia para que ele de
alegre sorriso.

fato conseguisse estudar na
— Não vai comer bolo? — indagou
capital. Mas ao mesmo tempo
Ernestina.

imaginava o que seu pai faria
— Agora não. Mais tarde eu como.
quando soubesse.

— Devia. Está muito bom —
Quando seu pai levantou da mesa,
comentou Augusto Cezar.

Carolina fez o mesmo.

— Não estou com muita fome.

— Aonde você vai? — indagou

Ele olhou-a sério. Carolina

Ernestina.

parecia-lhe diferente naquela

— Para o meu quarto.

manhã. Mas ela estava com boa

— De novo? Por que não arranja

aparência e ele não disse mais

alguma coisa útil para fazer?

nada.

Aquele bordado que começou há

— Vou ligar para Adalberto. Está

mais de um ano continua

na hora de ele voltar.

inacabado.

— Faltam ainda duas semanas

— Não gosto de bordar. Vou

para começar as aulas — co-

estudar. Preciso me preparar para

mentou Carolina.

o vestibular.

— Mas ele precisa preparar-se

Ernestina concordou com a cabeça.

para recomeçar os estudos.

Ainda bem que a filha estava mais

Ela não disse mais nada. Áurea

cordata e não criando casos com o

combinara de ir a sua casa

pai. Logo, Adalberto estaria de

naquele dia, a pretexto de ajudá-

volta e tudo retomaria a rotina de

ela a escolher uma carreira. Ela lhe sempre.

Ernestina não sabia por que, mas

sempre que pensava em

Adalberto sentia um aperto no

peito e uma sensação desagra-

dável. O que ele estaria fazendo

em São Paulo?

O melhor era não se preocupar. Augusto Cesar o chamaria de volta, ele logo estaria em casa e ela não teria mais nenhum motivo para se aborrecer.

O que Ernestina queria era viver em paz e para ela, a paz era quando nenhum dos filhos contrariava o pai. Sempre que isso acontecia ela entrava em pânico.

Sentia a cabeça atordoada, o estômago enjoado e forte mal-estar.

Não via a hora que o filho se formasse e fosse trabalhar na empresa ao lado do pai. Sabia que essa era a vontade do marido e não lhe passava pela cabeça que alguém imaginasse em não fazer o que ele desejava.

Tentou expulsar o receio do coração e foi à cozinha ver o que teriam para o almoço.

CAPÍTULO 19

Sentada em seu quarto, Carolina tinha os olhos fixos em um ponto distante, sem ler o livro aberto que tinha nas mãos. Já fazia quinze dias que estivera ao lado de Sérgio em sonho, e apesar de todas as noites ter esperado que ele voltasse a encontrá-la, ele não viera.

Algumas batidas na porta arrancaram-a de seu devaneio e ela levantou-se para abrir. Áurea abraçou-a com carinho e entrou:

— Sua mãe mandou que eu subisse — explicou.

Desde que a visitara pela primeira vez, Áurea comparecia todas as tardes levando a sério o fato de auxiliá-la a pensar em seus estudos e decidir-se por uma carreira.

Carolina fechou a porta e disse contente:

— Esperava com ansiedade que viesse. Tem notícias de Sérgio?

— Ontem ele me ligou. Disse que está com saudades e mandou-lhe muitos beijos.

Carolina meneou a cabeça e protestou:

— Ele diz isso, mas não veio encontrar-se comigo novamente, como naquela noite.

— O que aconteceu foi um encontro especial. Talvez não seja fácil repeti-lo.

— Ele disse que viria, mas que para vir precisava de permissão do grupo espiritual ao qual ele é ligado.

— Sempre gostei de estudar esse assunto. Acredito que temos muito mais poder do que pensamos. Tenho lido sobre pessoas que se dedicam ao desenvolvimento do sexto sentido, e as pesquisas são surpreendentes.

— Eu gostaria de ter o poder para ir procurá-lo em vez de ter de esperar que ele venha. Mas não sei como fazer isso.

— Há estudiosos que desenvolveram um treinamento para deixar o corpo durante o sono, conservando a consciência, mas quer saber? Eu prefiro não apressar as coisas. Na natureza tudo acontece no momento certo.

— Ele não disse por que não tem vindo?

— Não. Mas se quiser quando eu for para casa, posso ligar e perguntar.

Carolina segurou as mãos dela com entusiasmo:

— Você faria isso por mim?

Áurea sorriu e respondeu:

— Claro! Agora vamos retomar os estudos. Graças a ele estou sendo bem recebida por seus pais. Depois, como eu já lhe disse, o melhor que tem a fazer é aproveitar o tempo.

Elas sentaram-se ao lado da escrivaninha e Carolina tornou:

— Estive pensando seriamente no assunto. Eu desejo mesmo continuar os estudos. Eles representam o passaporte para a independência pessoal, pelo resto da vida.

— É o que eu penso. No futuro, aconteça o que acontecer poder trabalhar e se manter é uma segurança. Já decidiu o que deseja fazer?

— Pensei muito e decidi fazer Direito.

— Não há muitas mulheres nessa profissão. Será que seu pai vai aprovar?

— Talvez não. Ele queria que eu estudasse pedagogia, mas eu não tenho vocação. Já o Direito, tem lógica, dá asas a minha vontade de lutar contra as injustiças do mundo. Áurea riu gostosamente:

— Do jeito que as coisas são você terá muito trabalho!

Alguém mexeu no trinco da porta e Carolina perguntou:

— Quem está aí?

Algumas batidas a fizeram levantar-se e ir abrir. Adalberto estava diante dela.

Abraçaram-se efusivamente e ele voltou-se para Áurea que o estava esperando, seus braços a rodearam enquanto ele depositava um beijo nos lábios dela.

Um pouco acanhada, Áurea afastou-se logo. Carolina fechou novamente a porta, puxando o irmão para dentro e, fazendo-o sentar-se na cama, sentou-se ao lado dele dizendo:

— Você chegou à boa hora. Tem notícias de Sérgio?

Adalberto começou a rir, enquanto ela repetiu a pergunta.

— Calma Carolina. Acabei de chegar. Quando soube que estavam aqui, subi.

Mamãe logo virá atrás, pode apostar.

— Então trate de falar depressa. Vamos, ele mandou alguma coisa para mim?

Adalberto tirou um envelope do bolso e estendeu-o a ela:

— Esta carta. Há também um pacote que está dentro de minha mala. Depois eu pego.

Carolina segurou a carta emocionada. Ernestina estava tentando abrir a porta e reclamando como de costume por ela ter trancado.

Carolina escondeu a carta dentro de um caderno sobre a escrivaninha e foi abrir:

— Você sempre com o péssimo costume de trancar a porta.

Seu irmão acabou de chegar e já estão fechados no quarto? Seu pai não vai gostar disso.

— Papai não precisa saber — respondeu Adalberto. — Eu estava ansioso para ver Áurea. Essa é a moça com quem vou me casar.

Ernestina olhou-os assustada:

— Não gostei dessa brincadeira. Se seu pai ouvir pode acreditar. Você sabe como ele pensa.

— Estou falando a verdade. Essa menina me conquistou.

As duas moças riam e Áurea tentava esconder a emoção fingindo levar na brincadeira.

— Vim buscá-los para o lanche. Está servido na copa.

— Pode descer que nós já vamos — respondeu Carolina. Ernestina se foi e Adalberto aproveitou para dar outro beijo em Áurea que protestou:

— Não faça isso. Sua mãe pode ver.

— Estou muito feliz. Consegui tudo o que queria. Consegui uma vaga para o segundo ano na mais famosa faculdade da capital.

Carolina, que apanhara a carta de Sérgio e a estava escondendo em uma gaveta embaixo de uma caixa, disse:

— Bravo! Só quero ver o que papai vai dizer.

— Não tenho medo. Tenho de lutar pelo meu futuro. Ele vai brigar, mas depois quando perceber que estou determinado acabará aceitando.

— Vamos descer para o lanche — decidiu Carolina.

— Não vai ler a carta? — indagou Adalberto.

— Mais tarde. Se demorarmos mamãe não vai nos dar sossego. Sabe como ela é.

— Nesse caso, é melhor irmos logo — concordou ele.

Eles desceram e sentaram-se à mesa onde Ernestina aguardava-os com certa impaciência.

Vendo que ela olhava-os atenta, conversaram sobre trivialidades e assim que terminaram, foram novamente para o quarto.

Vendo-os subir Ernestina pediu:

— Não tranque a porta, Carolina.

Ela fingiu que não ouviu e assim que entraram no quarto passou a chave na porta. Sem

esperar mais nada, apanhou a carta e sentou-se na poltrona ansiosa para ler.

Os outros dois sentaram-se um pouco afastados para que ela pudesse ficar à vontade.

Adalberto apressou-se a passar o braço pela cintura da namorada, que disse logo:

— Seja discreto. Não quero que sua mãe implique comigo. Ela tem ciúmes de você.

— E eu de você! O que fez durante minha ausência?

— O de sempre. Nada de mais.

Enquanto isso, Carolina mergulhava prazerosamente na leitura: Minha adorada Carolina.

Não vejo a hora de nos encontrarmos de novo. Até o momento não obtive permissão para visitá-la, mas irei assim que puder. Há momentos em que eu tenho vontade de ir até aí conversar com seu pai e resolver essa questão definitivamente. Se ainda não fui foi porque recebi a visita de Márcia, que me fez mudar de idéia.

Ela disse que antes de tomarmos qualquer iniciativa nesse sentido, teremos de resolver fatos inacabados do passado, porque só assim conseguiremos o que desejamos.

Devo esclarecer que a dificuldade está porque você ainda não fez a sua parte. Eu sei que não se recorda da causa do problema e não sabe o que fazer. Não fique triste por eu dizer-lhe isso. Márcia prometeu que vai ajudá-la.

Ela costuma cumprir o que promete. Vamos confiar e esperar. Tenha paciência, irei vê-la assim que puder.

Muitos beijos do seu

Sérgio.

Carolina releu a carta e ficou pensativa: O que teria acontecido anteriormente que os impedia de ficar juntos? Como ela poderia ajudar se não se lembrava de nada?

Lembrou-se do rosto de Márcia e da emoção que sentira ao vê-la. Ela faria parte desse passado? Seu rosto era-lhe familiar. Sentia que ela já fizera parte de sua vida. Mas, quando, como?

Naquele instante fechou os olhos, mentalizou o rosto dela, e pensou:

— Sinto que você faz parte de meu passado. Quer ajudar-me. Por favor, mostre-me o que preciso saber!

Uma onda de calor envolveu seu peito e ela suspirou emocionada. Mas foi só.

— Ela está sonhadora. Se eu pudesse teria trazido Sérgio para ela! — comentou Adalberto vendo-a de olhos fechados.

— Teria arranjado uma grande confusão — respondeu Áurea sorrindo. — São mais de cinco horas. Preciso ir embora. Logo seu pai estará chegando e vocês precisam conversar. Vai falar com ele esta noite?

— Ainda não sei. Vamos ver.

Carolina tinha se levantado e aproximou-se:

— É melhor esperar um momento em que ele esteja calmo.

— Assim que eu falar o que fiz, ele vai ficar zangado. Tanto faz esperar ou não.

— Estou torcendo por vocês. Agora tenho de ir.

Áurea levantou-se se desvencilhando dos braços de Adalberto que tentavam retê-la.

— Vou acompanhá-la — tornou Carolina.

— Vai sair comigo esta noite?

— É melhor não. Você acabou de chegar e certamente seu pai não vai gostar.

— Ele não vai gostar de qualquer jeito e eu quero vê-la ainda hoje.

— É melhor não provocar a ira dele sem necessidade. Fique aqui em cima. Sua mãe não gostou quando disse que estava me namorando. Se ela falar com seu pai, ele pode não querer que eu venha ver Carolina — disse Áurea.

Adalberto concordou a contragosto, sabia que ela tinha razão. As duas desceram e depois que Áurea se foi, Carolina subiu para o quarto do irmão.

Assim que entrou, ele entregou-lhe um pacote:

— Sérgio mandou para você.

Ela segurou o pacote com alegria.

— Não vai abrir para ver o que é? Ela meneou a cabeça negativamente.

— Vou para o meu quarto. Mamãe pode chegar.

Uma vez no quarto, porta fechada, Carolina abriu o pacote e de dentro da caixa retirou um papel grosso enrolado.

Curiosa, desenrolou e seus olhos brilharam emocionados. Sérgio havia desenhado a paisagem do lugar onde eles tinham ido ao astral. O banco onde haviam se sentado e trocado juras de amor.

Carolina beijou a paisagem enquanto sua mente revia o que acontecera naquela noite. Por que eles não podiam ficar juntos? O que havia no passado que impedia sua felicidade? Sentia que Márcia fazia parte desse passado. Se ao menos ela pudesse procurá-la durante o sono, talvez encontrasse algumas respostas.

Ficou rememorando todos os acontecimentos sem encontrar o que procurava.

Estremeceu quando ouviu batidas na porta e a voz de Ernestina reclamando por ela estar fechada novamente.

Levantou-se apressada e foi abrir.

— Seu pai chegou e já está na mesa para jantar. Não se demore.

Carolina foi ao banheiro e lavou o rosto tentando desviar o pensamento do assunto que a preocupava. Depois desceu.

Augusto Cezar e Adalberto estavam à mesa. Ela sentou-se enquanto Ernestina a olhava tentando descobrir por que ela ficava tanto tempo fechada naquele quarto.

— Ainda bem que você voltou — comentou Augusto Cezar. — Precisa ir à sua faculdade. Já paguei a matrícula deste ano.

— Podia ter me esperado. Eu mesmo queria fazer isso.

— Você estava demorando e eu gosto de pagar as contas em dia.

Adalberto fez uma pausa, hesitou um pouco e respondeu:

— Depois do jantar quero conversar com você sobre meus estudos.

Augusto Cezar arqueou as sobrancelhas e Ernestina estremeceu. Quando ele fazia isso era sinal de irritação.

— Por que não fala agora?

— Porque estamos comendo e prefiro prestar atenção na comida para ter boa digestão.

— Quem disse isso?

— Eu, pai. Na hora da refeição, devemos só falar sobre assuntos triviais.

Augusto Cezar não respondeu. Continuou comendo em silêncio. Assim que terminaram, Carolina pediu licença e foi para o quarto. Ela sabia o que o irmão ia dizer e temia a reação do pai. Ernestina ficou olhando quando os dois foram para a sala e hesitou. Não sabia se ia também ou se continuava seus afazeres costumeiros. Não gostava de deixar tudo para a criada. Preferia ela mesma cuidar das sobras de comida.

Augusto Cezar sentou-se e olhou para o filho em silêncio. Adalberto sentou-se diante do pai.

— Pai, estive pensando em minha carreira como advogado. Não quero me formar aqui, em uma cidade do interior.

Em São Paulo conheci um advogado famoso, ele interessou-se pelo meu futuro.

Fez-me ver que um advogado que se forma em uma faculdade do interior tem dificuldade para ser aceito no mercado de trabalho.

— Quem lhe disse essa bobagem não pode ser bom. Eu formei-me em uma cidade de interior e nunca tive problemas. O importante é ser um bom profissional.

— Eu não penso assim. Enquanto você se satisfaz em continuar morando aqui, eu não. Quero crescer na carreira. Por esse motivo, reservei uma vaga no segundo ano na melhor faculdade da capital.

Augusto Cezar levantou-se irritado:

— Quem o autorizou a fazer isso sem me consultar?

— Imaginei que você não permitiria. Portanto, já levei todos os documentos e consegui a vaga.

— Como? Você teve a capacidade de premeditar tudo isso? Pois foi trabalho perdido. Não vou permitir que faça isso.

— Pai, estou decidido e gostaria muito que me apoiasse.

— De forma alguma. Você vai é continuar aqui. Como eu lhe disse, já paguei a matrícula deste ano.

— Certamente eles lhe devolverão o dinheiro uma vez que não irei ficar aqui.

— Você não fará isso! Não ousará me desrespeitar!

— Desculpe pai. Não o estou desrespeitando. Penso apenas em meu futuro.

— Seu futuro é aqui, ao lado de sua família — gritou ele nervoso.

Ernestina, que estava ouvindo a conversa, estremeceu. Por que seu filho teimava em conturbar o pai? Não podia entender.

— Sei disso, pai. Virei vê-los sempre que puder.

— Eu o proíbo de fazer isso. Está decidido.

— Sinto muito, pai, mas desta vez não vou lhe obedecer. Estou cuidando do meu futuro.

— Se fizer isso, nunca mais quero vê-lo. Não lhe darei nenhuma mesada.

— Estou decidido, pai.

— Nesse caso, pode arrumar suas coisas e deixar esta casa. Ernestina não se conteve e entrou na sala chorando:

— Filho, obedeça a seu pai. Não nos abandone.

Adalberto abraçou-a com carinho e respondeu:

— Você devia falar com ele, não comigo. É ele que está sendo intransigente.

Você está errada em concordar com tudo o que ele quer. Um dia ainda vai se arrepender.

Augusto Cezar fulminou o filho com o olhar:

— Como fala assim com sua mãe? Perdeu o respeito por ela também? Vá embora agora mesmo. Não vai ficar aqui nem mais um minuto.

Adalberto baixou a cabeça, ficou em silêncio por alguns segundos, depois respondeu:

— Está certo, pai. Se for isso o que quer. Mas lembre-se de que é você quem está me expulsando desta casa.

Ernestina soluçava nervosa. Adalberto saiu da sala e foi para o quarto arrumar suas coisas.

Carolina, que ouvira as palavras do pai, foi à procura do irmão e abraçou-o com carinho.

— Você vai mesmo embora agora? Por que não espera até amanhã?

— Ele não vai mudar de idéia. Eu quero ir embora o quanto antes. Já previa que ele teria essa reação.

— Ele vai cortar sua mesada. Como fará para estudar em São Paulo sem dinheiro?

— Vou ficar na casa da vovó. Tenho algum dinheiro que deverá dar até eu arranjar um emprego.

— Vai trabalhar e estudar? Não vai ser difícil?

— Estou disposto a tudo para conseguir o que quero. Estou no segundo ano e pretendo arranjar emprego em um escritório de advocacia.

Carolina foi para o quarto e voltou em seguida com um envelope que entregou ao irmão:

— Fique com este dinheiro. Não é muito, mas pode ajudá-lo. Ele hesitou:

— É melhor não. Vai lhe fazer falta.

— Não preciso de nada. Eles não me deixam nem sair de casa com medo que eu me comunique com Sérgio. De qualquer forma, chego a sentir uma ponta de inveja de você. Eu gostaria muito de ser livre também.

— Sua vez vai chegar. Farei tudo para ajudá-la a conseguir o que quer.

Carolina abraçou-o, beijando-o na face:

— Nunca pensei encontrar tanta compreensão em você. Sempre poderá contar comigo em tudo o que eu puder ajudá-lo.

Depois, Carolina sentou-se e ficou observando enquanto Adalberto decidia o que deveria levar ou não. Ele precisava levar os livros que eram pesados e Carolina emprestou-lhe uma mala.

Quando ele estava pronto, abraçou-a mais uma vez:

— Até um dia, Carolina.

— Diga a Sérgio que adorei seu presente. Vou escrever para ele e Áurea vai colocar a carta no correio. Vá com Deus.

Eles abriram a porta e Ernestina, em lágrimas, estava no corredor. Vendo o filho com as malas, aproximou-se e o abraçou:

— Filho, pense bem. Não vá. Diga a seu pai que está arrependido e ele vai deixá-lo ficar!

— Não posso mãe. Não existe bem maior do que a liberdade. Você também vive prisioneira nesta casa. Não se posiciona, não ousa enfrentar papai que se comporta como um ditador. Aqui só se faz o que ele quer, do jeito que ele quer e quem não obedecer se dá mal. Eu não

posso viver assim. Lamento por você e por Carolina, outra vítima dele. E você, que nos ama e deveria estar do nosso lado, prefere ficar do lado dele. Assim como hoje está me expulsando desta casa, chegará o dia de fazer o mesmo com Carolina. Você ficará só e será tarde demais.

— Não fui eu quem o expulsou. Você está indo porque não quer obedecer.

— Você ficou do lado dele. Portanto, você também me expulsou. Mas eu sei que você faz isso porque é uma pessoa fraca, sem coragem para enfrentá-lo. Pense nisso, mãe. Sempre é tempo de acordar e assumir seu lugar de mulher, como companheira, não como uma serviçal. Até um dia.

Deu um beijo na face dela e outro em Carolina e desceu com as malas. Passou pela sala onde Augusto Cezar estava e não disse nada. Carolina desceu com uma valise de mão que era do irmão e entregou-a a ele.

Depois, com mão firme, Adalberto abriu a porta e saiu. Carolina fechou-a e foi caminhando em silêncio até seu quarto. Sua mãe não estava mais no corredor, ela entrou e fechou a porta com a chave.

CAPÍTULO 20

Naquela noite Carolina deitou-se pensando no irmão. Ele mostrara-se forte e decidido. Ela o subestimara, Adalberto portara-se como um homem. Estava certa de que ele estava preparado para enfrentar a situação.

Ela também gostaria de poder fazer o mesmo, mas sua situação era diferente.

Pensara em fugir com Sérgio, porém ele não queria submetê-la a uma situação dessas.

Preferia que tudo se resolvesse da maneira melhor. Carolina suspirou e preparou-se para dormir.

Apanhou a carta de Sérgio e deitou-se, lendo-a mais uma vez à luz do abajur.

Depois pensou em Márcia. Ela prometeu ajudá-la. Carolina mentalizou o rosto dela e o lugar onde se encontraram, começou a rezar pedindo a Deus que a ajudasse a encontrar-se com ela. Em seguida, adormeceu.

Adalberto deixou a casa dos pais e foi diretamente para a rodoviária. Comprou a passagem para uma hora depois, deixou a bagagem registrada para o embarque e foi procurar Áurea.

Não podia ir embora sem contar-lhe o que acontecera. Eram mais de oito horas e a luz da sala estava acesa. Ele não desejava chamar a atenção dos pais dela para não ter de explicar os motivos da visita àquela hora.

A luz do quarto de Áurea estava acesa. Ele olhou em volta procurando alguma coisa para atirar na janela chamando sua atenção. Não encontrou nada. Tirou uma moeda do bolso e mirando a janela atirou. Pouco depois ela se abriu e Cíntia apareceu na janela.

Vendo Adalberto, fez-lhe sinal para que esperasse e, alguns minutos depois, Áurea saiu pela porta dos fundos e foi o seu encontro. Ele tinha ficado alguns metros distantes da casa para não chamar a atenção.

Ela aproximou-se e notou logo que ele estava preocupado:

— O que aconteceu? — perguntou.

— O que eu já esperava. Conversei com papai e ele foi radical: Ou eu desistia ou teria de sair de casa. Foi o que fiz. Estou indo embora para a casa de vovó.

— Está seguro do que está fazendo?

— Sim. Ele cortou-me a mesada, portanto, assim que chegar a São Paulo vou procurar um emprego.

Áurea abraçou-o sem dizer nada. Ela temia que se o pai pressionasse, ele não resistiria. Não esperava que ele enfrentasse a situação com firmeza. Afinal, Adalberto sempre lhe parecera

mimado, sem coragem de fazer valer sua vontade.

— Comprei passagem e vou embora esta noite.

— Estou orgulhosa de você. Estou certa de que se continuar firme conseguirá tudo o que quer.

— Eu quero você! — respondeu ele beijando-a longamente nos lábios.

Ela correspondeu emocionada. O tom pareceu-lhe sincero.

— Pode contar comigo para o que precisar.

— Muito obrigado. Sentirei sua falta. Não demore em ir encontrar-me.

— Irei assim que puder.

Ficaram conversando mais um pouco, trocaram beijos de despedida. Com o apoio dela, Adalberto sentiu-se fortalecido.

Chegou à rodoviária dez minutos antes do ônibus partir. Certificou-se de que sua bagagem já fora colocada no bagageiro e acomodou-se.

O ônibus deixou a rodoviária no horário previsto. Vendo-se deixando a cidade em que sempre vivera, Adalberto sentiu emoção. Ia começar vida nova, estava ansioso, perguntando-se: O que lhe reservaria o futuro?

Pensou nos pais com raiva. A intransigência de Augusto Cezar, controlando tudo e todos o irritava. Já a mãe era tão passiva e apagada que ao pensar nela sentia um aperto no peito e uma sensação desagradável.

Como ele gostaria que ela se rebelasse e não se curvasse às imposições do marido! Esse era um sonho que ele nunca realizaria.

Lembrou-se das palavras duras que o pai lhe dissera e fechou os punhos com raiva, pensando:

— De hoje em diante só poderei contar comigo! Sou dono da minha vida! Vou me esforçar, vencer, conquistar meu lugar na sociedade. Quero mostrar a eles do que sou capaz!

Era jovem, corajoso, inteligente. Tinha todas as qualidades para vencer. Além de tudo, havia Áurea.

Revendo a cena da despedida, sentiu um calor agradável no peito. Ele começara aquele namoro por brincadeira, mas agora sentia que estava gostando dela.

"Não posso perder tempo", pensou. "Amanhã mesmo vou procurar emprego.

Desejo trabalhar na minha área. Vou me dedicar mais aos estudos e pensar em minha carreira. Quero ter dinheiro para as minhas despesas. Ainda tenho algum, mas não é muito. Logo vai acabar. Não desejo viver à custa de vovó. Ela tem uma situação financeira boa, mas o que tem, é dela."

Durante toda a viagem, Adalberto foi fazendo planos para o futuro.

Passava da uma hora quando o táxi que conduzia Adalberto parou diante da casa de Guilhermina. Depois de pagar o táxi, o neto tocou a campainha.

Demorou um pouco para que a luz da sala fosse acesa. Pouco depois, ele viu abrir a pequena janela, da porta e o rosto de Dina espiar.

— Sou eu, Adalberto. Desculpe a hora. Acabei de chegar.

Imediatamente ela abriu a porta e ele entrou carregando a bagagem.

— Espero não ter acordado vovó nem tia Odete.

— Vim atender depressa para que elas não acordassem — respondeu Dina procurando não fazer ruído.

— É claro que eu acordei — disse Odete aparecendo na sala.

— Sinto muito, tia, ter chegado tão tarde... — desculpou-se Adalberto.

Odete o abraçou beijando-lhe a face com carinho:

— Quer saber? Foi brincadeira. Eu não estava dormindo. Às vezes acordo durante a noite e perco o sono. Passei pelo quarto de mamãe, ela continua dormindo.

— Ainda bem.

— Dina, leve a bagagem dele para o quarto e veja se tudo está em ordem.

Ele fez questão de ajudá-la e voltou em seguida para conversar com a tia. Ela o esperava na copa, arrumando a mesa para um lanche.

— Não se incomode tia. Não estou com fome.

— Vamos comer alguma coisa. Quero tomar um café com leite para chamar o sono. Sente-se e enquanto arrumo tudo, vamos conversar. Você chegando fora de hora faz-me pensar que estourou a bomba. Você contou a seu pai.

— Isso mesmo, tia. Ele foi irredutível. Não cedeu um milímetro. Por fim, fez-me escolher entre continuar estudando em nossa cidade ou ir embora de casa.

Odete colocou as xícaras na mesa e disse nervosa:

— Ele teve coragem?

— Teve. Como eu fiquei firme, cortou a mesada e mandou que eu saísse de lá.

Por esse motivo estou de volta.

— Como sempre ele exagerou! Por que é tão teimoso?

— Para dizer a verdade, eu já esperava. Sabia como ele reagiria. Mas fiquei firme. Amanhã mesmo pretendo sair para ver se consigo arranjar emprego.

— Você não deve trabalhar. Precisa estudar muito. Trabalhar vai atrapalhar seus estudos.

— Não se preocupe tia. Quero trabalhar em um escritório de advocacia. Vou aprender muito, pode crer. Quando me formar já terei prática, o que vai me ajudar.

Odete dispôs tudo para um lanche, sentaram-se e, enquanto comiam, trocavam idéias sobre o futuro.

Desabafar com a tia, cuja compreensão e apoio o estimulavam, deixou-o confiante. Sentia-se livre e dono de si mesmo. Nunca sentira essa sensação antes.

Odete ouvindo-o falar surpreendeu-se e notou o quanto o sobrinho tinha amadurecido em apenas alguns dias.

Dina apareceu na copa dizendo:

— Seu quarto está pronto. Troquei os lençóis e tem toalhas limpas no banheiro.

Eles terminaram de comer e Odete ajudou Dina a tirar a mesa, dizendo:

— Vá dormir Dina. Deixe essa louça para amanhã.

— Não senhora. E pouca coisa e vou arrumar tudo agora.

— Faça como quiser.

Odete acompanhou o sobrinho até o quarto, verificou que tudo estava em ordem, depois o beijou com carinho na face:

— Seja bem-vindo em nossa casa, meu filho. Apesar de seu pai estar zangado, sinto-me feliz

por tê-lo aqui conosco. Durma com Deus.

— Você também, tia. Desejo que agora consiga dormir melhor — respondeu beijando a testa dela com carinho.

Ela se foi. Ele lavou-se, vestiu o pijama, deitou-se. Apesar de cansado, sentia-se bem. Era muito bom sentir-se livre da opressão paterna. Logo adormeceu.

No dia seguinte, Carolina acordou pensativa. Havia pedido para visitar Márcia durante o sono, mas nada acontecera. Mesmo assim, ela não perdia a esperança de ter um encontro com ela.

Toda a noite Carolina pedia a Deus para encontrar-se com Márcia. Áurea comparecia a sua casa todas as tardes e dava-lhe notícias de Adalberto e de Sérgio, insistindo para que ela não desanimasse e motivando-a a estudar.

— Tendo uma carreira, você vai libertar-se da tutela de seus pais e conseguir a verdadeira independência. Adalberto saiu de casa, mas só vai conquistar a independência quando tiver dinheiro para sustentar-se.

— Você acredita que ele vai conseguir? Às vezes ele me parece um tanto displicente.

— Quando o conheci ele era mesmo imaturo, mas de uns tempos para cá ele amadureceu. Tomou essa decisão com firmeza e acredito que vai levá-la até o fim.

— Fico aliviada. Seria muito triste se ele desistisse e voltasse para casa.

— Ele não vai fazer isso. A liberdade é uma conquista tão prazerosa que vai lhe dar forças para superar as dificuldades. E você está mesmo decidida a fazer Direito?

— Estou. Por enquanto terei de me ater às faculdades da nossa cidade.

— Não importa. Comece mesmo assim. Mais tarde, se desejar mudar, não lhe será difícil.

— Eu gostaria de fazer psicologia como você. Gosto de aprender a lidar com as minhas emoções, entender melhor o ser humano. Mas não será possível.

— Você pode fazer pedagogia, Direito, letras, filosofia. Vai se dar bem em qualquer uma delas.

— Escolhi Direito mesmo.

Áurea sorriu:

— Escolheu bem. Estou certa de que dará ótima advogada.

Não tenho muito tempo, logo terei de voltar para São Paulo, mas posso prepará-la antes.

— Acho que perdi este ano. O vestibular já foi.

Áurea pensou um pouco, depois disse:

— Perder um ano não é nada bom. Você não disse que seu pai é amigo do Dr.

Eurico?

— É, mas o que tem isso?

— Ele faz parte do conselho da faculdade. Seu pai pode pedir a ele que interceda para que você faça um exame e prove que está apta para cursar o primeiro ano. Você acha que ele faria isso?

— Não sei se papai vai querer pedir-lhe esse favor... Ainda mais que não vai gostar da carreira que escolhi.

— Por que não? Ele ficará muito satisfeito por você ter decidido estudar. Ele disse que você teria que cursar uma faculdade, não importava qual. Lembra-se?

Eu mesma vou ficar até um pouco mais tarde só para conversar com ele.

— Está bem. Vamos ver.

— Não gostou da idéia?

— Eu queria mesmo é voltar para São Paulo.

Áurea riu com gosto e respondeu:

— Isso eu sei! Mas pelo menos, enquanto não tiver uma solução melhor, você poderá sair de casa e comunicar-se com Sérgio ou Adalberto. Já pensou como será sua vida depois que eu for embora?

Carolina suspirou:

— Nem me fale uma coisa dessas! Fico arrepiada só em pensar. Está bem.

Vamos fazer como você diz.

— Então vamos tratar de estudar. Não temos muito tempo.

Quando Augusto Cezar chegou as duas desceram e depois de cumprimentá-lo Áurea disse alegre:

— Carolina tem uma ótima notícia para o senhor. Ele olhou-as sério e perguntou:

— Qual é Carolina?

— Escolhi cursar uma faculdade. Vou fazer Direito.

— Direito? Esse não é curso para uma moça!

— Dos que têm em nossa cidade, foi o que me atraiu mais.

— Por quê? Pedagogia seria muito mais indicado para uma moça.

— Não penso assim. Prefiro ser uma boa advogada a uma péssima pedagoga. Para estudar com entusiasmo é preciso gostar. Se não for esse curso, prefiro não fazer nenhum.

— Você sempre encontra um jeito de me contrariar.

— Sinto muito, papai, mas estou dizendo a verdade. Você disse que eu podia escolher qualquer curso contanto que fizesse uma faculdade.

Augusto Cezar ficou pensativo durante alguns segundos, depois disse:

— Eu disse isso mesmo. Faça o que quiser, mas deveria ter resolvido antes para não perder o ano.

— De fato — interveio Áurea —, o vestibular já passou. Mas, se o senhor nos ajudar, talvez Carolina consiga matricular-se ainda este ano. As aulas ainda não começaram.

— Não entendi. Como eu poderia ajudar?

Áurea explicou sua idéia e finalizou:

— Ela faz o exame, se passar estará tudo resolvido.

Augusto Cezar ficou silencioso durante alguns minutos depois disse:

— Você tem razão. Vale à pena tentar. Vou procurá-lo logo depois do jantar. Só espero que ela passe mesmo.

— Estou certa de que ela conseguirá — reafirmou Áurea.

— Em todo o caso, se o senhor permitir, amanhã virei mais cedo. Temos de repassar todas as matérias.

Depois que ela se foi, Carolina foi para o quarto. Estava cansada de ficar presa em casa. Pelo

menos, se entrasse na faculdade poderia distrair-se.

Áurea tinha razão. Enquanto a sua situação com Sérgio não se resolvesse, ela deveria aproveitar o tempo, aprimorando seus conhecimentos. Tanto Sérgio como sua família eram pessoas cultas e ela não queria ser ignorante.

No quarto, apanhou a relação de matérias do curso que escolhera e preparou uma lista das que ela julgava saber menos para rever no dia seguinte.

Na hora do jantar, Carolina notou que o pai estava mais gentil com ela e resolveu dar mais atenção a ele. Assim seria mais fácil ganhar sua confiança. Estava cansada de ser tratada com severidade. Ernestina notou que algo tinha se modificado e mesmo sem saber o que era, sentiu-se aliviada.

Depois que Adalberto saíra de casa ela sentia-se muito triste. Seu filho, bonito, alegre, era seu orgulho. Ficava feliz quando alguém o elogiava, achando-o bonito.

Não se conformava com o que ele havia feito. Por que ele tinha se revoltado? O pai era o chefe da casa. O dever dos filhos era obedecer aos pais.

Ela fora educada com severidade. Seus pais não permitiam que ela falasse durante as refeições e mesmo depois de mocinha só lhes dirigia a palavra se eles perguntassem alguma coisa. Quando se casou, sua mãe teve uma conversa séria afirmando que é dever da mulher amar e obedecer ao marido. Ele é o chefe do lar. "A esposa tem de ser dócil, prestativa, sempre disposta a servi-lo, sem retrucar". Essa frase não lhe saía da cabeça.

Adalberto se revoltara contra ela: "Você está errada em concordar com tudo o que ele quer. Um dia vai se arrepender".

Isso era injusto. Ela estava cumprindo seus deveres de mãe e esposa. Por que ele não entendia isso? Quando pensava no filho uma dor aguda em seu peito a deixava angustiada e inquieta.

Lembrava-se de quando ele era pequeno, do prazer que sentia em amamentá-lo, dar-lhe banho, cuidar de tudo para que ele ficasse bem. Agora, depois de crescido ele não a valorizava. De que lhe servira tanta dedicação se só colhera ingratidão?

Nesses momentos uma revolta surda a acometia. Por que a vida a castigava dessa forma? Ela estava cumprindo seu dever, não merecia isso.

Estava sendo difícil aparecer diante do marido com a fisionomia calma, alegre, como ele gostava. Fazia tudo para encobrir a palidez, as olheiras, mas ainda assim ele notou.

— Por que você está com essa cara? — perguntara no dia anterior.

— Não tenho me sentido bem.

— Você está pálida mesmo. Amanhã vou levá-la a uma consulta no Dr. Jorge.

— Não é preciso. É apenas uma indisposição passageira. Nada de mais.

Augusto Cezar a olhara sério e prometera:

— Se não passar até amanhã, vou levá-la ao médico. Não gosto de ver pessoas abatidas ao meu lado, me deprime.

No dia seguinte, Ernestina se esforçara para melhorar a aparência, mas apesar de pintar-se discretamente, não conseguiu.

Inconformado, no fim do dia, o marido levou-a ao Dr. Jorge. Depois de examiná-la cuidadosamente, ele disse:

— Vamos fazer exame de sangue. Ela parece anêmica.

Augusto Cezar não gostou:

— Minha mulher não é anêmica. Em minha casa tomamos muitos cuidados com a alimentação. Não falta nada.

Pacientemente o médico respondeu:

— Sei que ela se alimenta bem, mas pode sofrer de algum problema que a impeça de aproveitar bem os alimentos.

Augusto Cezar concordou e a acompanhou ao laboratório para a realização do exame.

Alguns dias depois, voltaram ao médico com o resultado.

Jorge abriu o envelope, leu atentamente, depois disse:

— Está tudo bem. Ela não tem nada.

— Mas ela não tem estado bem, anda inquieta, abatida. Deve ter alguma coisa! É melhor examiná-la de novo.

O médico notou que Ernestina estava muito nervosa, remexia-se na cadeira e seus olhos estavam angustiados. Ele sabia o quanto Augusto Cezar era autoritário e se agastava por pouca coisa. Por esse motivo, escolheu as palavras para dizer o que pensava:

— Vou receitar-lhe um calmante. Dona Ernestina está um pouco nervosa. O filho foi estudar fora, ela deve estar com saudades. Sabe como é mãe.

Ernestina olhou para o médico assustada, mas não disse nada. Foi Augusto Cezar quem respondeu:

— Ela não tem nenhum motivo para estar nervosa. Ele escolheu o próprio caminho. É um ingrato. Preferiu ficar longe de nós.

— Os primeiros tempos são os mais difíceis. Por que não a leva para visitá-lo? Esse seria o melhor remédio.

Augusto Cezar levantou-se:

— De forma alguma. Ele é que terá de voltar atrás e nos pedir desculpas. Nós não iremos procurá-lo.

Jorge olhou-o sério e respondeu:

— Você precisa melhorar esse seu gênio senão algum dia ainda vai acabar mal.

— Você está enganado. Sei controlar minhas emoções. Ernestina vai ter de aprender a fazer o mesmo.

— Como vai Carolina? Também está na capital?

— Não. Carolina está em casa e passa muito bem.

O médico prescreveu a receita e entregou-a a Ernestina dizendo:

— Você vai tomar uma cápsula depois do café e outra antes de dormir. Dentro de quinze dias volte. Quero saber como está. Durante esse tempo, procure distrair-se, passear um pouco, ir ao cinema, ao clube. Há muito tempo não os vejo em parte alguma.

Ernestina guardou a receita na bolsa, olhou o marido e respondeu:

— Obrigada, doutor. Farei como mandou.

Depois que eles deixaram o consultório, Augusto Cezar não se conteve:

— O Jorge está se intrometendo muito em nossa vida. Se continuar assim, teremos de procurar outro médico.

Ela não respondeu. Para quê? Sentia um aperto no peito, um vazio que nada conseguia preencher. Ela precisava continuar fazendo tudo que podia para que o marido não soubesse dos seus sentimentos.

CAPÍTULO 21

Um mês depois da partida de Adalberto, Carolina estava no quarto pensativa. Na véspera, Áurea viera despedir-se. Ela também fora embora. Suas aulas estavam para começar.

Durante esse tempo, tivera notícias do irmão e de Sérgio, mas nunca mais ele viera buscá-la durante o sono.

Sabia que tudo continuava igual. Adalberto estava bem na casa da avó e esperava ansioso o início das aulas. Ele tinha procurado emprego em alguns escritórios de advocacia, mas não conseguira nada.

Para ela a rotina estava insuportável. Seu pai convencera Eurico a interferir e conseguir permissão para ela fazer o exame e não perder o ano.

Mas Carolina estava preocupada: Como obter notícias de Sérgio e Adalberto agora que Áurea se fora?

Para não pensar nisso entregou-se aos estudos. Se entrasse na faculdade, teria de sair de casa e assim talvez pudesse driblar a vigilância e conseguir notícias.

As pancadas na porta a tiraram de seus pensamentos íntimos. A voz de Ernestina chamando-a fê-la estremecer:

— Abra a porta, Carolina! Você não perde o péssimo costume de se trancar. Seu pai já está à mesa para o jantar.

Carolina suspirou e respondeu:

— Já vou.

— Não se demore.

Ela largou o livro e imediatamente abriu a porta. Ernestina já havia descido. Nos últimos tempos sua mãe estava nervosa demais. Vivia reclamando o tempo todo. Só se calava diante do marido.

Perdia a paciência com Rute e andava inquieta. Certa vez, Carolina lhe perguntara se estava nervosa por causa do que acontecera com Adalberto. Ela ficara irritada, seu rosto ruborizara-se e ela respondera com raiva:

— Cale a boca. Você é bem capaz de dizer isso na frente de seu pai!

Surpreendida, Carolina não respondeu. Ela não entendia por que a mãe tinha tanto medo do marido. Ele era teimoso, mas não violento. Decidiu não lhe perguntar mais nada.

Quando Carolina desceu para o jantar, já encontrou os pais à mesa. Sentou-se por sua vez e esperou que eles se servissem. Depois se serviu.

— Como vão os estudos? — o indagou.

— Estou estudando muito.

— Trago boas notícias. O Eurico conseguiu o exame.

— Que bom pai!

— Agora vamos ver se você não me desaponta. Eu lhe disse que estava bem preparada.

— E estou. Sei que dão grande importância à redação e nisso sou boa. As demais matérias têm estudado muito. Peguei os livros de Adalberto, ele os deixou para mim.

Augusto franziu o cenho e não respondeu logo. Depois de alguns minutos disse:

— Espero que seja verdade. O exame foi marcado para depois de amanhã. As aulas terão início na próxima semana.

— Vou rever tudo até lá. Estou certa de que vou conseguir.

Ernestina comia em silêncio. Carolina notou que ela estava comendo muito menos do que antes. Seria por isso que estava emagrecendo tanto e ficando tão abatida?

Depois do jantar, Carolina foi para o quarto e decidiu continuar estudando. Passava das dez quando fechou o livro e foi lavar-se para dormir. Sentia-se cansada de tanto ler e não conseguia mais nem entender o que lia.

Deitou-se, querendo descansar. Naquela noite nem fez a oração costumeira pedindo para Marcos vir buscá-la. Era o que mais desejava. Dormiu em seguida.

Sonhou que estava caminhando por uma casa grande e antiga, procurando a saída.

Sentia-se angustiada e ansiosa. Só sabia que precisava fugir e não conseguia.

De repente, uma porta abriu e um homem surgiu. Seus olhos brilhavam rancorosos e ela sentiu seu medo aumentar. Ele aproximou-se:

— Não adianta. Você não vai escapar. Dei ordem para que acabem com ele de uma vez!

Ela sentiu uma dor imensa e sem poder controlar-se pediu:

— Acabe comigo. Eu sou a culpada. Mas não faça nada a ele! Por favor!

— Vocês vão pagar! Nunca mais o verá!

Carolina sentia-se como se estivesse dividida em duas. Uma dialogando com ele, sentindo terror e angústia, a outra observando atentamente a cena.

— Você é minha e farei de você o que eu quiser!

Aproximou-se dela abraçando-a e querendo beijá-la. Horrorizada, ela lutava para desvencilhar-se daquele homem, seu corpo tremia e cobria-se de suor. Acordou desesperada, corpo suado, dolorido, cabeça zozna. Atordoada, sentou-se na cama.

"Foi um pesadelo", pensou trêmula.

Quando se acalmou um pouco, levantou-se, apanhou um copo de água e bebeu tentando reagir.

Deitou-se novamente, mas sentiu medo de dormir e reencontrar aquele homem. Se ao menos ela pudesse pedir ajuda a Marcos! Ele certamente poderia explicar-lhe por que tivera esse pesadelo.

Mas de alguma forma, aquela cena era-lhe familiar. O que pensar? Sentia que temia e odiava aquele homem.

Analisando seus sentimentos começou a pensar que talvez tivesse a ver com uma encarnação anterior.

Lembrou-se de que Marcos dissera-lhe que ele já havia feito o necessário para libertar-se do passado, mas que para poderem ficar juntos era preciso que ela fizesse a parte dela.

Quanto mais pensava, mais sentia que estava no caminho certo. Já mais calma, elevou seu pensamento agradecendo a Deus por essa revelação e pediu ao espírito de Márcia que a ajudasse a recordar-se dos fatos que deram origem ao empecilho que persistia, separando-a de Sérgio.

Durante os dias que se seguiram, Carolina lembrou-se diversas vezes daquele sonho.

As emoções eram muito fortes e estava difícil de esquecer.

Ela estudara bastante para o exame e no dia marcado rezou pedindo ajuda para se recordar de tudo o que estudara.

Na faculdade, fez um exame oral e outro escrito e não teve dificuldade.

O professor Eurico fazia parte da banca examinadora e quando ela terminou, ele fez-lhe sinal para que aguardasse do lado de fora.

Meia hora depois, ele foi ter com ela satisfeito:

— Você foi muito bem. Já conferimos as respostas e você conseguiu a vaga. Gostei muito da prova oral. Você tem o dom da palavra. Estou certo de que será uma ótima advogada. Meus parabéns.

Carolina, satisfeita, apertou a mão que ele lhe oferecia.

— Obrigada, professor. Sem a sua ajuda eu teria perdido o ano.

— O que seria uma pena. Você já pode ir à secretaria cuidar da matrícula.

Quando se dirigia à secretaria, encontrou o pai.

— E então? Como foi?

— Passei pai. O professor Eurico mandou cuidar da matrícula.

Ele acompanhou-a e depois de tudo encaminhado, eles saíram. Carolina ia calada, pensando se ele iria acompanhá-la todos os dias em suas idas à faculdade ou colocaria alguém. Mas não perguntou nada. Seria melhor fingir que havia se esquecido de Sérgio.

Se perguntasse alguma coisa a respeito, ele ficaria desconfiado.

Quando chegaram a casa, deram a notícia para Ernestina, que suspirou aliviada. Era um problema a menos. Se ela não tivesse passado, Augusto Cezar ficaria irritado e ela não teria paz.

— Ainda bem — comentou ela.

Ela disse isso sem demonstrar contentamento e Carolina observou-a pensativa.

Ernestina parecia-lhe distante, fora da realidade, sem alegria ou entusiasmo.

Carolina foi para o quarto cuidar de suas coisas. As aulas começariam dentro de uma semana. Há meses ela estava fechada em casa, perdera o prazer de arrumar-se. Suas roupas estavam velhas e feias.

Ela sabia que nessa faculdade, as moças andavam na moda, caprichavam na maquiagem.

Durante o jantar, Carolina comentou com o pai a necessidade de renovar seu guarda-roupa, ao que ele concordou. Disse para Ernestina:

— Amanhã você vai com ela comprar tudo o que for preciso. Nossa filha precisa apresentar-se bem.

Carolina agradeceu satisfeita:

— Obrigada, pai.

Na tarde do dia seguinte, Carolina saiu com a mãe para fazer compras. Os conhecidos admiravam-se de vê-la. Pensavam que ela continuava morando na capital.

Ernestina não dava opinião na escolha das roupas. Só fazia questão da boa qualidade.

Observando a mãe, Carolina notava que ela não estava bem. Ao encontrar-se com pessoas amigas, com as quais se dava bem, ela conservava o ar entristecido e o rosto indiferente. Não demonstrava entusiasmo por ninguém nem por nada. Ao fixar o olhar na mãe, Carolina sentia um aperto opressivo no peito.

Chegaram a casa quase na hora do jantar e Ernestina correu para a cozinha a fim de verificar se Rute estava fazendo tudo certo e não ia atrasar o jantar.

Carolina subiu para tomar um banho e o jantar, para alívio de Ernestina, foi servido

pontualmente no horário de sempre.

Augusto Cezar estava bem-disposto. Ver a filha na faculdade era um dos seus sonhos.

Foi amável com ela perguntando o que haviam comprado. No fim, comentou:

— Só não gostei da carreira que você escolheu. Não é profissão para mulher.

— Isso era antigamente. Pelo que percebi na lista dos aprovados, há muitas moças fazendo esse curso. O professor Eurico, que ajudou no exame, elogiou-me, disse que serei uma ótima advogada.

— Vamos ver. Pelo menos vai se formar. Ter uma profissão liberal. Isso é que importa.

Depois do jantar, Carolina foi para o quarto. Tinha um romance que havia parado na metade para estudar e pretendia continuar a ler.

A história estava interessante e ela leu até ficar com sono.

Fechou o livro e acomodou-se para dormir. Seu pensamento foi até Sérgio. Será que viria buscá-la naquela noite?

Fez uma oração pedindo proteção e a presença dele e logo adormeceu. Em seguida, viu-se andando por um jardim muito bonito. Olhou em volta e reconheceu o jardim que Marcos a levava quando se encontravam.

Diante do banco em que eles costumavam ficar, ela parou, sentou-se e esperou para ver se ele viria ter com ela.

— Hoje Sérgio não virá!

Carolina voltou-se e Márcia estava diante dela.

— Que bom vê-la! — disse abraçando-a. — Ele não tem vindo me ver e eu tenho chamado por você.

— Marcos não tem podido ir buscá-la. Tenho ouvido seu chamado, mas essas coisas só ocorrem quando chega o momento certo. Nem sempre é quando a gente quer.

— Sinto-me feliz. Hoje eu consegui vir até aqui.

— Vamos nos sentar e conversar. Esse nosso encontro aconteceu porque você começou a recordar de seu passado.

— Sinto que você faz parte dele. Não é verdade?

— Sim.

— Eu sabia! Sinto um carinho muito grande por você.

— Nós fomos muito próximas. Você foi minha filha. Carolina sentiu uma onda de emoção e abraçou-a novamente.

— É por esse motivo que eu a amo tanto! Diga-me, o que aconteceu que impede que eu fique com Sérgio?

— É melhor você descobrir.

— Eu preciso saber. Estou com medo! Há um homem que me persegue, eu tento fugir, mas ele não deixa!

— Ele agora não pode fazer-lhe mal. O que você viu foram cenas que já aconteceram e no momento não podem se repetir.

— Mas ele queria me beijar, falava em matar alguém: pensei em Sérgio e talvez ele esteja correndo perigo! Tenho de avisá-lo!

— Sérgio está muito bem e não corre nenhum perigo.

— Por favor, proteja-me. Ele pode voltar.

— Acalme-se. Não vai acontecer nada de mal. Você está protegida.

Márcia segurou a mão dela fazendo-a sentar-se e sentando-se a seu lado. Carolina, vencida pela emoção, soluçava nervosa. Márcia alisou-lhe os cabelos com carinho dizendo:

— Minha querida! Sei que é doloroso recordar momentos difíceis, mas é desta forma que você vai descobrir o que deseja.

— Você prometeu me ajudar. Márcia levantou-se:

— Venha comigo.

Carolina levantou-se, Márcia passou seu braço no dela e ambas se dirigiram até um dos prédios. Entraram e seguiram por um corredor.

Carolina, olhos marejados a seguia em silêncio. Diante de uma porta pararam. Márcia acionou um botão que tinha na lapela, a porta se abriu e elas entraram.

A sala tinha uma atmosfera azul, havia uma maca e alguns aparelhos. Um jovem com um jaleco branco aproximou-se e fixou seus olhos em Carolina. Ela sentiu-se mais calma. As mãos dele eram delicadas e quando ele as colocou em seus braços ela sentiu-se tomada de uma sensação agradável, difícil de descrever.

Delicadamente ele conduziu-a a maca fazendo-a deitar-se. Depois disse com voz suave:

— Deus está em seu coração. Sinta-se unida a Ele, que a abençoa e fortalece. Confie.

Deixe-se conduzir.

A voz dele era suave, confortante, e, à medida que ele falava, Carolina sentia que um rodadoiro de energias a envolvia.

Em seguida, as cenas começaram a acontecer. Ela viu-se jovem, com roupas do começo do século dezenove, em um baile, sendo cortejada por vários homens. Viu entrar um homem moço, vestido com trajes de nobreza. Todos se voltaram para ele, reverenciando-o.

Uma senhora disse baixinho:

— Ele é Lord Norton, senhor do condado de York Lodge. Ele fixou os olhos nela com interesse, disse alguma coisa a um dos seus pajens, caminhou até um dos lados da sala e acomodou-se na mesa principal. Essa cena desapareceu e ela viu-se depois dançando com ele, sentindo-se lisonjeada por ter sido a preferida. Ela sentiu-se importante.

Gostou de notar que as outras mulheres a olhavam com inveja.

Depois, várias cenas apareceram, e ela sempre ao lado dele, vaidosa e satisfeita. E ele, apaixonado e disposto a atender a todos os seus caprichos.

Viu quando ele a pediu em casamento e ofereceu-lhe valiosas jóias selando o compromisso. Carolina sentia-se fascinada visitando as propriedades de Lord Norton.

Revia as cenas do seu passado sentindo as emoções daqueles tempos, mas ao mesmo tempo percebendo o quanto se envaidecera por despertar o amor de um homem tão poderoso. O casamento foi digno de um rei, tal o luxo e a beleza da recepção. Carolina lembrou-se de como se sentira orgulhosa e feliz e como mergulhou em uma onda de festas e recepções onde sempre era a pessoa principal.

Até que uma noite, quando viajava para Londres escoltada por sua dama de companhia e um valete, sua carruagem foi assaltada. Dois homens mascarados os fizeram parar, apropriaram-se de todas as suas jóias e agrediram o valete que caiu desmaiado. Um deles, entusiasmado com a beleza dela, obrigou-a a descer enquanto o outro apontava a arma para o cocheiro apavorado e sua dama de companhia desmaiava.

O ladrão abraçou-a com força e tentou beijá-la. Ela procurou defender-se como pôde, mas ele

era muito mais forte e dominou-a com facilidade. Carolina sentia um cheiro forte de álcool que lhe dava náuseas, gritou mais de raiva do que de medo:

— Largue-me, não faça isso comigo. Vá embora antes que os meus cavaleiros apareçam. Saía daqui!

Ela sabia que não viera escoltada e ninguém iria aparecer, mas tentou enganá-lo.

Ele não se incomodou e beijou-a com ardor. Carolina sentiu nojo e deu-lhe uma tremenda bofetada. Ele riu e respondeu:

— Eu gosto de mulher brava!

Começou a tentar desabotoar a roupa dela que se debatia tentando livrar-se, rasgou sua blusa, deixando à mostra parte de sua roupa íntima.

Nesse momento uma mão forte o arrancou dela, vibrando-lhe violento soco enquanto dizia:

— Fique quieto se não quiser que eu arrebente sua cabeça com uma bala!

Carolina então notou que o rapaz segurava o seu agressor por trás, impedindo-o de reagir, enquanto outro libertava o cocheiro e amarrava o bandido.

Depois que os dois rapazes controlaram os ladrões, tendo-os bem amarrados, devolveram à Carolina todas as suas jóias, ajudaram o valete e a dama de companhia a recuperar-se e se apresentaram. O homem que socorrera Carolina disse:

— Meu nome é Marcos.

— Marcos!

— Nesse instante a cena desapareceu e Carolina sentou-se na maca assustada. Mil perguntas apareciam em sua mente e ela olhou para Márcia, mas ela fez-lhe um sinal para que ficasse calada.

O rapaz fê-la deitar-se de novo, colocou a mão sobre sua testa e Carolina sentiu-se mais calma. Empolgada com a presença de Marcos, fechou os olhos desejando encontrá-lo novamente.

Então se viu cortejada por ele em várias cenas, até o momento em que ambos se entregaram ao sentimento de amor que sentiam. Até então ela nunca tinha amado de verdade. Arrependeu-se de ter se casado, mas era tarde demais.

Sem querer perder o amor de Marcos, Carolina entregou-se a ele e passaram a se encontrar às escondidas.

Marcos não gostava dessa situação e insistia para que eles fugissem para longe, onde ninguém os pudesse encontrar. Ele estava disposto a deixar tudo para poder estar com ela.

Mas Carolina não aceitou. Marcos, embora pertencesse a uma família nobre, não era rico e se abandonasse tudo, teriam de começar a vida sem nada.

Ele insistia, ela negava, mas o sentimento que os unia estava cada dia mais forte e eles continuaram se encontrando.

Até a noite em que uma carta anônima alertou Lord Norton, e ele acabou por encontrá-

los juntos. Cheio de ódio, prendeu Marcos em um calabouço do castelo e levou Carolina e Laura, sua filha de três anos, para uma propriedade no interior, onde costumavam passar o verão.

Cheio de amargura e raiva, Norton a trazia vigiada constantemente e a tratava com rudeza e crueldade. Do homem delicado e atencioso que satisfazia todas suas vontades não restaram nada.

Mantinha relacionamento íntimo com a esposa, contra a vontade dela, que se antes o tinha como um amigo, agora passara a odiá-lo.

Ela reviu a cena de seu sonho quando ele ameaçara matar Marcos e chorou desesperada.

As cenas se apagaram e Carolina acordou soluçando. Sentou-se na maça dizendo triste:

— Agora eu sei, recordo-me de tudo. Durante muitos anos estive prisioneira de Norton, que nunca me perdoou. Laura foi internada em um colégio e nunca mais a vi. Muitas vezes pedi a ele que me deixasse vê-la, mas ele dizia que eu não era digna para isso.

“Em uma noite ouvi uma conversa entre Norton e um de seus homens e soube que Marcos tinha sido ferido em uma briga e estava entre a vida e a morte. Suspeitei de Norton. Ele prometera acabar com Marcos. Fiquei desesperada e, à noite, quando todos dormiam decidi fugir. Arrumei alguns pertences em uma maleta, fiz uma corda amarrando os lençóis, e desci pela janela”.

"Estava quase alcançando o chão quando ouvi um tiro e ao mesmo tempo senti um fogo queimando meu peito, não vi mais nada."

Márcia aproximou-se e abraçou-a dizendo:

— Atingida por um dos vigias que julgou tratar-se de um ladrão, você deixou a carne.

Anos depois, quando vim para esta comunidade, você já estava aqui. Ficamos juntas durante algum tempo, estudando e nos preparando para o futuro.

— Eu me arrependi de ter sido tão leviana, tendo me casado com Norton só por vaidade, sem amor. Paguei um preço muito alto.

Ele sofreu muito com a sua morte, trancou-se em seu castelo até o fim da vida. Laura deixou o colégio, eu a visitava sempre em Londres. Era uma moça encantadora. Norton lhe dissera que você estava muito doente e por esse motivo tinha de viver reclusa e não podia vê-la. Ela sofria muito. Pedia-lhe para vê-la, mas ele só lhe permitiu quando você estava morta.

— Depois que vim para cá, obtive permissão para vê-la e acompanhei sua vida. Mas quando precisei reencarnar perdi o contato. Gostaria muito de saber onde ela está.

O rapaz interveio:

— Chega por hoje. Você agora precisa refazer-se. Deite-se novamente.

Carolina estava excitada demais e desejava fazer mais perguntas, porém o assistente a fez deitar-se.

— Sei que este não é um sonho. Não quero esquecer tudo quando voltar ao meu corpo.

— Você vai se lembrar apenas do essencial. Agora, relaxe, pense que tudo isso já passou e que hoje você está em outra experiência.

Carolina fechou os olhos e em seguida adormeceu. Márcia alisou os cabelos dela com amor e beijou-a na testa.

— Vá em paz, minha filha. Deus a abençoe.

A porta da sala abriu-se e uma jovem mulher entrou fazendo Carolina, semi-adormecida, levantar-se. Abraçando-a pela cintura, ambas reiniciaram o caminho de volta.

CAPÍTULO 22

Na manhã seguinte, Carolina abriu os olhos, olhou em volta tentando recordar-se do sonho. Em sua lembrança várias cenas misturavam-se, porém as mais claras eram as do seu encontro com Márcia, da sala azul onde estivera e das emoções fortes que sentira ao deitar-se naquela maca.

Aos poucos foi se lembrando do passado, onde a figura de Norton aparecia ameaçadora e a de Marcos apaixonado, impulsivo, insistindo para que fugissem para longe. Um sentimento de arrependimento a acometeu ao lembrar-se de que ela não aceitou partir porque ele não poderia manter o luxo a que ela

estava habituada.

O que teria acontecido com Marcos? Norton o teria assassinado? Márcia não lhe dissera. Talvez ele mesmo lhe contasse quando se encontrassem.

Reconhecia que tinha sido ambiciosa, leviana. Teria sido por esse motivo que a vida não permitia que ficassem juntos? Onde estaria Norton, também teria reencarnado?

Como saber?

Márcia deveria saber, mas não tocara no assunto. Por quê?

Alguma batida na porta do quarto a fizeram levantar-se e ir abrir. Ernestina estava do lado de fora:

— Como sempre a porta fechada à chave. Seu pai já está na mesa tomando café e você sequer se levantou. Aprese-se. Você sabe que ele não gosta de esperar.

Carolina correu para lavar o rosto e escovar os dentes. Vestiu-se o mais rápido que pôde. Ao chegar à copa, notou que seu pai já havia se servido e estava passando manteiga no pão. Vendo-a chegar apressada ele comentou:

— Você está atrasada.

— Desculpe papai. Fiquei estudando até tarde e não ouvi o despertador.

Carolina serviu-se de café com leite, passou manteiga no pão e começou a comer.

Apesar de tentar dissimular, sentia que estava diferente naquela manhã. Sentia-se mais atenta, observando coisas que antes lhe passavam despercebidas.

Olhou a mãe que se servia e comia lentamente, ao mesmo tempo em que permanecia atenta para que nada lhes faltasse, e pareceu-lhe que ela estava mais velha, mais curvada, como se carregasse um grande peso nas costas.

Estremeceu lembrando-se do sonho quando a carruagem foi assaltada e sua dama de companhia desmaiara. A figura dela ajustou-se à de Ernestina e Carolina entendeu que as duas eram a mesma pessoa. Sua mãe era sua dama de companhia reencarnada.

Tentando dissimular o assombro, tomou alguns goles de café com leite procurando acalmar-se.

O telefone tocou e Ernestina levantou-se para atender. Augusto Cezar ficou irritado:

— Você não deve atender. As pessoas precisam aprender a respeitar nossa privacidade. Telefonar a esta hora da manhã é de muito mau gosto.

O telefone continuava tocando, Rute atendeu e pediu para a pessoa ligar mais tarde.

Observando o rosto contraído do pai, Carolina quase engasgou com o café com leite.

Viu a figura de Norton colar-se ao pai. Naquele momento teve a certeza de que Augusto Cezar era Norton reencarnado.

Isso esclarecia os motivos pelos quais ele não aceitara seu casamento com Sérgio.

Mesmo esquecido dos acontecimentos do passado, o pai ainda a mantinha reclusa e não queria libertá-la.

A revelação foi muito forte e Carolina empalideceu, colocou a xícara no pires e disse com voz fraca:

— Não estou me sentindo bem. Preciso ir ao banheiro. Augusto Cezar olhou-a com certa preocupação:

— Você está pálida. O que está sentindo?

— Forte mal-estar. Vou ao banheiro.

Sem esperar pela resposta, Carolina subiu e fechou-se no banheiro. Precisava ganhar tempo para analisar o que acabara de descobrir.

Por que será que Ethel, sua dama de companhia, havia se transformado em esposa de seu pai e sua mãe? Ao fixar seu pensamento nela, lembrou-se de cenas onde Ethel aparecia como uma sombra de Norton, pronta a obedecer todas as suas ordens sem questionar. Depois que ele a surpreendera com Marcos, Ethel se transformara em sua carcereira, vigiando-a o tempo todo.

Carolina lembrou-se de que ela não a maltratava ou procurava tirar partido da situação, simplesmente fazia o que ele mandava rigorosamente.

Naqueles tempos ela suportava Ethel, mas não a estimava agora como sua mãe tudo continuava igual. Ernestina cumpria todas as suas obrigações de mãe e dona de casa, mas só. Nunca fora carinhosa nem tivera nenhuma manifestação de afeto.

Com Adalberto ela era um pouco diferente. Tratava-o com admiração, dava para notar que se orgulhava dele. Depois que ele saíra de casa, ela tornara-se um pouco mais triste e calada, estaria sentindo a falta dele?

Era difícil afirmar. Agora, diante do que descobrira, Carolina se perguntava o porquê de ela ainda fazer parte de sua vida. Que fatos do passado ignorava?

Ficara claro que Augusto Cezar não via Ernestina como esposa, embora a tratasse com respeito. Para ele, ela continuava sendo a criada que ele tratava bem porque lhe era fiel e obedecia a todas as suas ordens.

Carolina foi para o quarto tentando aprofundar-se no passado, recordando cenas de sua infância e quanto mais pensava mais se convencia de que tudo era verdade.

Naquela noite, antes de dormir, rezou pedindo a Deus que Marcos viesse a seu encontro. Desejava contar-lhe suas descobertas e ao mesmo tempo ouvir o que ele tinha a dizer a respeito. Pelo que lhe dissera o passado não era segredo para ele.

Acomodou-se para dormir e logo pegou no sono. Entretanto, Marcos não foi buscá-la naquela noite nem nas outras que se seguiram.

Carolina sentia-se diferente. Parecia outra pessoa. As aulas começaram e Augusto Cezar deixou-a ir sozinha para a faculdade e ela sentiu-se alegre e bem-disposta.

Mas depois de alguns dias notou que havia um homem que sempre a acompanhava a certa distância e quando ela deixava a escola ele também estava por perto.

Começou a desconfiar que seu pai o contratara para vigiá-la. Isso a deixou irritada.

Havia momentos em que sua revolta misturava-se ao seu rancor por Norton e ela esforçava-se para não perder o controle. E Marcos que não vinha buscá-la durante a noite?

Começou a pensar que talvez ele estivesse começando a se esquecer, que a distância estivesse matando seu amor.

Havia momentos em que ela desejava ir procurá-lo em São Paulo para um entendimento. Mas isso seria romper com os pais definitivamente. Carolina não se importava muito com isso, uma vez que não os via mais como pais, apenas como parte de um passado doloroso e cruel.

Mas não o fez porque não tinha a certeza de que essa atitude removeria os impedimentos que havia entre ela e Marcos.

Por que a vida os juntara fazendo de Norton seu pai e de Ethel sua mãe? Que objetivos teria?

Carolina lembrava-se de que Marcos lhe dissera que a remoção do impedimento que havia entre eles dependia exclusivamente dela, uma vez que ele já fizera a parte que lhe cabia.

Um rompimento definitivo com seus pais poderia retardar ainda mais a união dela com Marcos. A solução deveria ser outra. Carolina procurava encontrá-la.

Vendo-se vigiada ela não tentara telefonar para ninguém com receio de perder a pouca liberdade que estava desfrutando.

Uma tarde, ao chegar a casa, Ernestina entregou-lhe uma carta e ela notou que o envelope fora aberto. Apesar do rubor de indignação que lhe inundou o rosto, não disse nada. Reconheceu que a letra era de Áurea.

Foi para o quarto pensando que talvez outras cartas tivessem vindo e sido interceptadas. Mesmo assim sentiu prazer por receber notícias da amiga. Ela escrevera sobre sua vida em São Paulo, suas aulas, as amigadas que fizera na faculdade.

Relatava que fora visitar Guilhermina porque Adalberto lhe dissera que ela não estava bem de saúde. Nenhuma palavra sobre Sérgio. Falava de uma colega de quando estudaram juntas, de nome Célia, que também estava na capital para estudar e que todo o dia lhe perguntava se tinha notícias de Carolina.

Como não se lembrava de ter estudado com nenhuma Célia entendeu que Áurea usara desse subterfúgio para contar-lhe que Sérgio estava ansioso por notícias.

Um brando calor invadiu seu coração. Sérgio continuava amando-a como sempre, sentindo sua falta. Se não fora buscá-la durante a noite, foi porque não pôde.

No mesmo instante respondeu a carta, falando o quanto estava feliz por ter notícias e que já estava freqüentando suas aulas na faculdade. Também sentia falta de Célia, desejava que ela lhe escrevesse também.

Colocou a carta no envelope e deixou-o aberto. Estava certa de que seus pais iriam ler, mas se eles não desconfiassem, ela poderia ter notícias de Sérgio mesmo que escrevesse com nome de mulher.

Na hora do jantar, Carolina falou sobre a carta:

— Áurea escreveu e disse que vovó não está passando bem. Gostaria de ligar para ela e saber se melhorou.

— Não é preciso. Odete me ligou ontem. Sua avó não estava bem, mas foi ao médico e logo se recuperou. Felizmente não foi nada grave. Uma indisposição passageira.

— Mesmo assim, papai, eu gostaria muito de falar com ela. Eu adoro vovó e tia Odete.

— Hoje eu liguei para ela a fim de saber como estava e sabe o que ela fez? Recusou-se a falar comigo. Tudo porque eu a trouxe de volta para casa. Ela não se conforma.

— Ela gostava muito da minha companhia. Depois que vovô morreu, sente-se muito só.

Augusto Cezar franziu o cenho procurando conter a irritação:

— Ela tem Odete e Adalberto. Devia contentar-se com isso. Desde o princípio eu lhes disse que você ficaria lá só durante algum tempo.

— Sinto saudade delas...

— Pois não devia. Mamãe não está do meu lado. Ao invés de dizer a Adalberto que ele deveria voltar para casa, fez exatamente o contrário. Abrigou-o mesmo sabendo que eu não estava aprovando.

Carolina calou-se. De que adiantaria questionar? Conhecia bem a resistência do pai e mais ainda de Norton, que a desejava prisioneira.

Depois do jantar, Augusto Cezar foi para a sala ler o jornal e Carolina ficou observando a mãe ajudando Rute a tirar a mesa.

Em sua mente vieram cenas daquele tempo quando ela foi Ethel e apesar de terem convivido durante anos nunca tinham sido íntimas. Mesmo tendo se tornado sua mãe ela continuava uma desconhecida.

Como seria por dentro? Por que se conservara tão passiva durante tanto tempo? Qual seria sua verdadeira personalidade? Que segredos guardavam dentro do coração?

Sentiu vontade de observá-la melhor. Talvez pudesse entender um pouco mais sobre as causas

de terem de viver juntas.

Sabia que a inteligência da vida juntava as pessoas para que aprendessem umas com as outras. O que Ernestina teria para lhe ensinar? E o pai, quais as lições que teria de aprender para poder libertar-se?

Quando pensava neles só enxergava os defeitos. A mãe apagada e sem vontade própria. Não queria ser igual a ela. O pai, um homem voluntarioso, obstinado, que obrigava a família a fazer só o que ele queria. Incapaz de um gesto de carinho. Não.

Seus pais não tinham nada para ensinar-lhe.

Esse pensamento deixou-a amargurada e triste. O que teria de fazer para libertar-se deles?

Naquela noite, ao se deitar, não rezou nem pediu nada. Queria dormir, esquecer suas preocupações. Dormiu e pouco depois se viu caminhando em um lugar escuro e desagradável.

— Preciso sair daqui — pensou temerosa.

— Você vai ouvir tudo o que preciso dizer-lhe.

Carolina voltou-se e viu um homem ainda moço, alto, magro, cujos olhos brilhantes a fixavam com raiva.

— Quem é você? O que quer?

— Como se arvora a criticar a mulher que eu amo? Só porque agora tem tudo se julga melhor do que ela? Não sabe como ela sofreu por sua causa e como tem se sacrificado pelo seu bem-estar.

Carolina abanou a cabeça negativamente não escondendo a surpresa:

— De quem está falando?

— De Ethel, por amor a você me deixou de lado. Eu tinha plano, amava-a muito, queria ter uma família. Hoje estou nesta solidão por sua causa.

— Engana-se. Quem mandava em Ethel era Norton, não eu.

— Mas foi você quem arranjou aquele amante e, por causa disso, ela pagou pelo seu erro.

— Como assim?

— Depois que você morreu, ele a perseguiu querendo saber onde estava seu amante.

Ele queria dar cabo dele, mas Ethel nunca lhe contou onde Marcos se encontrava. Eu tentei fugir com ela, levá-la para longe, mas ele a fez prisioneira e não pude encontrá-

la. Ele a acusava de encobrir seus encontros de amor. Tudo o que aconteceu conosco foi culpa sua.

Carolina tremia sentindo o peso daquela acusação e tentou defender-se:

— Eu não sabia que Ethel tinha um namorado nem que a estava prejudicando.

— Claro! Você só tinha olhos para seus problemas. Nunca se importou com a coitada que tudo fazia para impedir que Norton descobrisse e a castigasse.

Lágrimas desciam pelo rosto de Carolina e ela disse:

— Eu não sabia! Perdoe-me! Eu não sabia!

Carolina acordou soluçando sentindo ainda o peso do olhar dele acusador e nervoso.

Levantou-se, lavou o rosto, tomou um copo de água e respirou fundo. Depois, sentou-se na cama pensativa. Como Ethel vivera um drama, sofrerá por causa dela e ela nunca perceberá?

Reconheceu que ela só tivera olhos para seu próprio drama, sem se importar com os que

estavam à sua volta.

Pela primeira vez começou a pensar que talvez ela não tenha sido uma vítima como julgara. Que outros segredos Ernestina ainda guardariam dentro do coração?

Deitou-se novamente tentando adormecer, mas os pensamentos revoltos, as cenas do passado a visitavam e só quando o dia estava clareando foi que conseguiu dormir.

Mesmo tendo dormido mal, Carolina levantou-se no horário costumeiro. Quando desceu para o café, os pais já estavam acomodados. Ela deu bom-dia e acomodou-se. Mas não conseguia desviar os olhos de Ernestina, observando-a furtivamente.

Notou que ela havia emagrecido, suas mãos não estavam firmes e seus olhos inquietos refletiam certo temor enquanto olhava ao redor procurando ver se tudo estava em ordem.

Do que ela teria medo? Seu pai era austero, voluntarioso, exigente, mas nunca fora violento e a tratava com respeito. Teve vontade de saber mais.

Depois que o pai saiu para trabalhar, ao invés de fechar-se no quarto para ler, Carolina apanhou um livro de estudos e sentou-se na sala.

Após dar as ordens para o almoço, Ernestina foi ao quarto de costura. Carolina levantou-se e foi ter com ela que, vendo-a entrar, perguntou:

— Precisa de alguma coisa?

— Não. O que você está fazendo?

Ernestina olhou-a admirada:

— Como assim?

— Você está sempre fazendo alguma coisa. Não fica cansada?

— Cuidar de uma casa dá trabalho. Quero que tudo esteja em ordem.

Carolina fixou os olhos nos dela e não se conteve:

— Você emagreceu, sente-se bem?

— Não estou doente e não gosto de ficar parada.

— Nunca procura se distrair e está sempre trabalhando.

— A vida da mulher é isso mesmo. Não dá tempo de pensar em bobagens. — Carolina ia responder, mas Ernestina colocou as mãos na cintura e perguntou com certa irritação:

— O que é agora? O que você quer?

— Conversar com você. Nós nunca conversamos, nem trocamos idéias. Sinto falta de companhia.

— Eu tenho muito que fazer e você está sempre trancada no quarto, não sei por quê.

Carolina aproximou-se colocando a mão sobre seu braço:

— Mãe, às vezes eu me sinto muito só. Depois que Adalberto se foi, ficou pior.

O brilho de uma lágrima nos olhos dela emocionou Carolina que continuou:

— Sinto muita falta dele.

— É tarde para dizer isso.

— Você também sente falta dele.

— Sinto. Mas não há nada que se possa fazer.

Carolina suspirou, encarou a mãe com seriedade e respondeu:

— Claro que há. Adalberto tem o direito de escolher o próprio caminho. É um homem.

Se ele preferiu estudar na capital, nós todos deveríamos aprovar. Ele é um rapaz estudioso, bom. Não há motivo para que não possa nos visitar.

— Todo filho tem de obedecer aos pais. Ele foi ingrato. Seu pai está pensando no bem dele.

— Se ele pensasse no bem dele, teria lhe apoiado, não o enxotado daqui como se ele tivesse cometido um crime.

Ernestina estremeceu como se tivesse sido atingida por uma bofetada e reagiu:

— Não permito que fale assim de seu pai. Deve-lhe respeito.

— Você é mãe e concorda com a atitude dele. Se fosse meu filho eu brigaria, não deixaria que alguém fizesse isso com ele. Não é justo. Você deveria ter interferido. Não deixado que ele o mandasse embora daquele jeito.

Ernestina empalideceu e segurou-se na mesa respirando com dificuldade.

— Mãe, o que foi? Está se sentindo mal?

Carolina amparou-a e fê-la sentar-se. Chamou Rute e pediu que trouxesse um copo de água.

Ernestina tremia como se estivesse com febre. Rute trouxe a água.

— Beba mãe. Acalme-se.

Carolina segurou o copo e ajudou-a a tomar alguns goles.

Depois, puxou uma cadeira, sentou-se ao lado dela e segurou suas mãos. Estavam geladas e ela começou a friccioná-las. Sentia-se penalizada, passou um dos braços sobre os ombros da mãe tentando confortá-la.

Então Ernestina caiu em prantos, um choro sentido, triste, como nunca Carolina se lembrava de ter visto. Abraçou-a com força e ela aconchegou-se em seus braços como uma criança.

Emocionada, Carolina pensou em Deus pedindo ajuda. Não sabia o que fazer. Aos poucos, a mãe foi se acalmando e parou de chorar. Carolina levantou-se, puxando-a para que o fizesse também. Depois, abraçou-a dizendo com voz calma:

— Venha, mãe. Você precisa descansar. Vamos para o seu quarto.

Ela parecia sem forças e não objetou. Deixou-se conduzir com docilidade. Uma vez no quarto, Carolina tirou-lhe os sapatos e acomodou-a na cama. Então ela se deu conta e tentou levantar-se, mas Carolina alisou-lhe os cabelos com carinho dizendo:

— Você está cansada, magoada, triste. Precisa recuperar suas forças.

— Eu preciso cuidar das minhas obrigações.

— Não agora. Está tudo bem e se

CAPÍTULO 23

for preciso eu mesma posso fazer

isso.

Ernestina olhou-a admirada:

— Você não sabe e nunca se interessou pelas coisas de casa.

— Mas agora me interessa. Seu bem-estar é mais importante do que tudo agora.

Algumas lágrimas voltaram a aparecer nos olhos dela, que tentou explicar-se:

— Eu não estou doente. Posso reagir.

— Mas eu não vou deixar. Vou sentar ao seu lado e você vai fechar os olhos e relaxar.

Carolina começou a passar a mão na testa dela com carinho. Sentia-se abalada por verificar que sua mãe sofria e ela nunca fizera nada para confortá-la.

Ernestina fechou os olhos enquanto Carolina pensava em Deus, pedindo aos espíritos de luz, a Márcia que pudessem inspirá-la no que fazer. que havia acontecido.

Uma hora depois, Ernestina acordou Ernestina não era a mulher assustada, abriu os olhos e indiferente que imaginava. levantou-se afobada:

Como seria ela na realidade? Que — Que horas são? Por que me motivos teria tido para construir deixou dormir desse jeito?

uma barreira diante dos outros

— Você estava cansada e precisava como se nada fosse capaz de feri-dormir. Ainda é cedo. Descanse. la?

— Não posso. O almoço não pode
Lembrava-se dela sempre sem
atrasar.

emoções, fria, ausente como se o
Ela calçou os sapatos e foi para a
que acontecia a sua volta não lhe
cozinha. Carolina a acompanhou:
dissesse respeito. Na verdade, sua

— Está tudo bem. Agora mesmo
emoção fora reveladora. Mostrara
estive com Rute.

que ela sentia, mas fazia de tudo

Ela verificou tudo e respirou

para que ninguém soubesse.

aliviada. A mesa na copa já estava

Por que não reagia diante das

posta, havia um arranjo de flores no

contrariedades como seria

centro, e Carolina explicou:

natural? Como continuava

— Eu colhi essas flores e as coloquei

servindo Norton, fazendo-lhe to-

na mesa. Não ficou bonito?

das as vontades mesmo depois de

— É... Ficou.

tanto tempo, vivenciando uma

Ernestina sentia-se envergonhada

situação muito diferente daquela

por ter perdido o controle diante da

em que fora apenas uma criada

filha. Desviava os olhos e procurava

dele? Agora ela era a esposa, a

dissimular. Carolina notou o

companheira, mas não se

embaraço e achou melhor deixá-la

comportava como tal.

sozinha. Foi para o quarto onde, Com que finalidade a vida os unira estirada na cama, refletiu sobre o nesta encarnação como marido e mulher? Sabia que Deus reúne as monossílabos, contudo, aos pessoas para que aprendam umas poucos, começou a participar com as outras. Mas pelo visto mais, conversar, dar algumas Ernestina não estava aprendendo opiniões tímidas, porém sensatas nada, continuava a mesma.

e inteligentes, o que surpreendeu Penalizada, Carolina decidiu que a Carolina. Ela começou a notar que partir daquele dia se aproximaria sua mãe era mais perspicaz do mais dela, tentaria conhecê-la que imaginava.

melhor.

Se antes Carolina fazia isso como Aquele homem do sonho acusara-a uma obrigação, com o tempo de tê-los prejudicado, porém ela começou a sentir prazer e não se recordava de ter-lhes feito admiração em descobrir algumas algum mal. Mas algo dentro dela lhe qualidades de Ernestina.

dizia que havia sido omissa,

O relacionamento de Carolina com indiferente, e essa sensação a o pai continuava distante como

incomodava porque estando sempre. Mas algumas vezes, novamente ao lado dela, agora quando ela e a mãe conversavam como filha, continuava distanciada, animadas, ela surpreendia o olhar sem nenhum reconhecimento pelo indagador dele sobre elas.

que ela fazia em favor do seu bem-estar. Ele não conversava com a esposa.

Não lhe falava sobre os negócios, A partir desse dia, Carolina passou e quando comentava sobre outros há ficar mais tempo com a mãe, assuntos era sempre para emitir a pedindo sua opinião sobre pequenas própria opinião e como ela coisas, contando-lhe coisas da concordava com tudo, o assunto faculdade, falando sobre moda, morria ali.

música, cinema.

Carolina começou a pensar que A princípio, Ernestina respondia por talvez o pai, assim como ela mesma fizera, imaginava que sobre os outros.

Ernestina tivesse inteligência Augusto Cezar as observava limitada.

calado. Sentia que entre elas

Sentia que precisava fazer alguma estava acontecendo alguma coisa coisa para que aquela situação se

diferente. Antes, sempre que modificasse. No dia seguinte, queria saber alguma coisa, era durante o café da manhã, Carolina para ele que Carolina perguntava. contou à mãe que tinha uma colega Por que agora ela preferia a mãe? na faculdade que estava deprimida. Seria porque ela ainda estava — Ela conversou comigo e descobri magoada com ele por não que ela se julga feia, pensa que concordar com seu namoro? ninguém gosta dela, não tem prazer Ele remexeu-se na cadeira de viver. É uma moça bonita que inquieto. Ela precisava entender tem tudo. O que você acha que eu que ele fazia tudo para o seu bem. poderia fazer para ajudá-la? Ernestina não tinha conhecimento Ernestina pensou um pouco, depois para responder como deveria. respondeu: — Meu pai fazia sempre isso — Dizer a verdade. comigo. Era muito severo, vivia — Foi o que eu fiz, mas ela não observando tudo o que eu fazia e acredita. Ela se vê feia. só me criticava. Dizia que era para Ernestina suspirou tristemente e que eu me corrigisse. Mas eu disse: ficava com muita raiva.

— Vai ver que ela foi rejeitada por
Até hoje quando me lembro, sinto
alguém, alguma pessoa que ela
o estômago enjoado — disse
admira e considera, e se ressentiu.
Ernestina.

— É, pode ser. Vou verificar se isso
Augusto Cezar olhou-a
aconteceu. As pessoas às vezes
surpreendido. Não esperava essa
estão de mau humor e desabafam
resposta. Ele sabia que Ernestina
tinha sido educada por um pai
a entender um pouco mais sobre a
severo, a novidade era a raiva que
vida.

ela dizia sentir por causa disso. Ela
Depois do café, Carolina foi para o
nunca lhe contara. O que mais ela
quarto estudar um pouco, mas
guardaria em segredo?

não lhe passou despercebido o
— E isso a fazia sentir-se rejeitada?
interesse do pai e a maneira
— indagou Carolina.

diferente que ele olhava para a

— Claro. Eu queria muito agradar
esposa.

meus pais e quando ele olhava e me
Assim que Carolina deixou a copa,
criticava eu pensava que era menos
Augusto Cezar tornou:

por não conseguir agradá-lo. Sofri
— Carolina me parece diferente.
muito.

Você acha que ela já se esqueceu

Carolina olhou-a séria e disse:

daquele namorado?

— Agora entendo por que você me

— Não sei. Ela nunca toca no
parece tão triste. Nunca a vejo
nome dele.

sorrir, cantar, brincar. Deve ser por

— Ela está mais próxima de você.
causa dessas lembranças.

Aconteceu alguma coisa? Havia

— Eu procuro não me lembrar, mas
certa desconfiança na voz dele.

de vez em quando isso ainda me

Ernestina deu de ombros:

incomoda.

— Não aconteceu nada. Ela deve

— Isso já passou e hoje você é uma
sentir-se muito só, sem amigas,
excelente dona de casa e uma boa
sem o irmão... É natural que se
mãe que está sempre cuidando do
aproxime mais de mim.

bem-estar da família.

— O que quer dizer com isso? Está

Pelos olhos de Ernestina passou um
me criticando por ter sido duro
brilho de emoção que ela baixou o
com Adalberto?

olhar tentando dissimular.

Os olhos de Ernestina brilharam e

— Obrigada, mãe. Você me ajudou
ela trancou os lábios e não
respondeu.

conseguir fazer o que quer sem a

— Você não me respondeu. Até
nossa ajuda?

você agora está contra mim?

— Não creio. Ele é inexperiente.

— Não estou contra você, mas
Logo estará de volta, você vai ver.
preferia ter o meu filho aqui em
Agora não quero ver mais sua
casa.

cara triste.

— Aquele ingrato. Foi ele quem

— Não vou fingir só para ser-lhe
escolheu nos deixar.

agradável. Estou triste, o que

— Ele é nosso filho. Procurou nosso
posso fazer?

apoio e não conseguiu. Como será
Ernestina encerrou o assunto e foi
que ele está?

para a cozinha. Augusto Cezar

Augusto Cezar levantou-se irritado.

sentiu raiva, teve vontade de ir

— Eu sabia que você estava contra
atrás, mas achou melhor ir para o
mim. Nunca disse nada, mas eu
trabalho para não provocar uma
sentia seu olhar triste sobre mim.

cena diante da criada.

Ernestina levantou-se também e em

Ernestina nunca o tinha

um assomo de coragem disse:

enfrentado como naquela manhã.

— Estou triste, sim. Sofro a

Ele não podia deixar que ela

ausência de meu filho sem saber o

continuasse com essa atitude.

que ele está fazendo e como está

Onde já se viu? Ele era o chefe da

vivendo longe de casa.

casa, o provedor do lar, o marido.

— Sua tristeza é uma afronta. Você

Ela tinha que obedecer e fazer o

sabe que faço tudo para o bem da

que ele dizia.

nossa família. Ele foi embora, mas

Ernestina de onde estava ouviu

vai voltar arrependido para pedir

quando o marido bateu a porta ao

perdão. Então, tudo ficará melhor

sair e voltou para a sala. Estava

do que antes.

difícil conter as lágrimas de

— E se ele não voltar? E se ele

indignação. Desde que Augusto

Cezar expulsara o filho, ela

acontecendo na capital, se ele

procurava conter a raiva, mas nos

estava mesmo cursando a

últimos tempos estava difícil olhar

faculdade. Sem dinheiro, como

para o marido e não gritar sua

podia fazer isso? Sua sogra e

revolta.

cunhada tinham boa renda, mas

Seu filho era seu enlevo. Adorava

Guilhermina era doente e tinha

sua figura bonita, seus olhos

muitas despesas com saúde.

alegres, suas tiradas de humor,

A convivência melhor com

ficava orgulhosa quando iam andar
Carolina, que a valorizava pe-
na praça e notava os olhos de
dindo-lhe opiniões, trocando
admiração das moças sobre ele.
idéias, acatando sua forma de
Sempre fora um menino bonito,
pensar, contrastava com a
inteligente, jeitoso em lidar com o
maneira como o marido a tratava,
pai, mas os olhos marotos do filho
conversando com ela apenas
por vezes a faziam temer que um
assuntos domésticos do dia-a-dia.
dia ele não mais aceitasse as
Agora ela começava a observar a
imposições do pai.
diferença, e isso a irritava ainda
Quando isso aconteceu, ela ficou em
mais.
pânico, mas não teve coragem de ir
De repente, ela tomou uma
contra o marido. Primeiro porque
decisão. Apanhou o telefone e
pensou que Adalberto voltaria atrás
ligou para a casa de Guilhermina.
e tudo ficaria bem, segundo porque
Odete atendeu e ela tornou:
conhecia o temperamento de
— Sou eu, Odete, como vai?
Augusto Cezar e sabia que ele não
— Bem... Aconteceu alguma
mudaria de opinião.
coisa?
Mas os dias foram passando e ela

— Não. Está tudo bem. Eu quero
foi ficando cada vez pior, sem saber
falar com Adalberto, ele está?

como ele estava, o que estava

— Não. Está na faculdade.

— Ele está frequentando as aulas?
porque não agüento mais ficar

Está tudo bem com ele? Estou com
sem saber notícias do meu filho.

muitas saudades.

Odete ficou calada por alguns

— Ele está bem, gosta da faculdade,
segundos. O que teria acontecido
está trabalhando também.

para que Ernestina tomasse essa

— Graças a Deus! Conseguiu
atitude contra a vontade do
emprego?

marido? Por fim respondeu:

— Sim. Ele é muito trabalhador e

— Fez muito bem. Você é mãe,
estudioso.

tem esse direito. Adalberto é um

— Eu fiquei preocupada, sem
bom rapaz, não está fazendo nada
notícias.

de mal, meu irmão não tem razão

— Por que não ligou antes?

querendo impor sua forma de

— Você sabe como são as coisas
pensar. Ele cresceu, está um
aqui em casa.

homem, tem idéias próprias. Fico

— Augusto Cezar a impediu. Aquele
feliz por você ter tomado essa

teimoso. Ele também nunca mais
atitude.

ligou nem para perguntar da saúde

— A que horas eu poderia ligar
de mamãe.

para falar com ele?

— Ela está bem?

— Até nove da manhã ele está em

— Graças a Deus! A presença de
casa. Vai ficar muito feliz em

Adalberto tem feito muito bem a
saber que você ligou. Está

ela. Nós sentimos muito a falta de
saudoso. Toda hora fala em você,
Carolina.

menciona o carinho com que

— Ela também sente saudades de
cuidava das coisas dele, como
vocês.

procurava receitas para fazer o

— Ainda bem que Augusto Cezar a
que ele gostava.

deixou ligar.

Lágrimas vieram aos olhos de

— Ele não deixou. Estou ligando
Ernestina e seu rosto coloriu-se de
um rubor de prazer. O filho nunca a
ligação.

elogiara, mas sentiu que ele a
Ernestina desligou com a mão
admirava.

trêmula. Sentou-se na poltrona e

— Obrigada por vocês estarem
respirou aliviada. Por que não
cuidando do meu menino com tanto

fizera isso antes? Por que sofrerá
carinho. Que Deus os proteja.

tanto sem saber notícias se

— A vocês também. Finalmente
poderia ter ligado e perguntado?
você tomou uma sábia decisão.

Odete tinha razão. Ela não podia
Sempre nos perguntamos por que
obedecer ao marido quando ele
você permite que Augusto Cezar
lhe dava ordens que a faziam
seja tão mandão. Ele exige e você
sofrer.

obedece, mesmo quando ele
Respirou fundo, levantou-se e foi
exagera. O que ele está fazendo
bater na porta do quarto de
com os filhos é revoltante.

Carolina que abriu e notou logo
Ernestina suspirou. Apesar de
que algo havia acontecido.
concordar com a cunhada, tinha
Ernestina estava corada, excitada:
receio de reconhecer isso.

— O que foi mãe, aconteceu

— Olhe Odete, vou ver se consigo
alguma coisa?

ligar nesse horário. Augusto Cezar
Ela entrou, fechou a porta,
sai às oito. Diga a Adalberto que eu
sentou-se na cama e disse eu-
estou com muitas saudades, que
fórica:

rezo todas as noites para que ele

— Sim. Eu liguei para Odete em

seja feliz... — A voz dela embargou
busca de notícias de seu irmão.

e ela suspirou triste, depois conti-

Carolina deu um salto de alegria:

nuou: — Amanhã cedo, se der eu

— Verdade? Conversou com ela?

ligo. Um abraço a D. Guilhermina e

— Sim. Ele não estava em casa,

a você.

tinha ido para a faculdade.

— Outro. Vamos esperar sua

Arranjou emprego.

— Que bom! Onde está

amanhã.

trabalhando?

— É... Ele fará isso mesmo. Mas

— Ela não disse. Eu estava mais

seria muito bom se ele entendesse

interessada em saber se ele está

que você não concorda com o que

bem. Ela garantiu que ele está

ele faz.

ótimo, mas sente saudades de nós

— Ele sabe. Esta manhã eu disse

duas. — Sorriu e continuou: — Ela

isso a ele.

disse que ele vive falando de mim,

Carolina abriu a boca e fechou-a

de como eu cuidava de tudo, das

novamente. Ernestina estava

comidas que ele gostava.

reagindo e isso era muito bom.

— Eu já disse que você é uma

— Você está se tornando uma

excelente mãe e grande dona de

mulher corajosa. Sempre achei
casa.

que ele age assim porque você
Carolina abraçou a mãe e as duas
nunca lhe disse que não aprova
riram satisfeitas.

certas atitudes. Agindo dessa
— Odete ficou contente por eu ter
forma, você está não só
ligado mesmo contra a vontade de
permitindo que ele continue, como
seu pai. Disse que eu não devo
contribuindo para que ele fique
aceitar tudo o que ele fala.

pior.

— Ela tem razão. Nós só devemos

— Você acha?

aceitar coisas que estejam de
— Acho. E Adalberto também.
acordo com nossa vontade. Quando
Várias vezes ele reclamou por
não concordamos temos o direito
você não reagir quando papai era
de rejeitá-las. Vai dizer a papai que
injusto e severo demais.

telefonou?

— É... Ele me disse isso várias
Ernestina estremeceu:

vezes. Mas eu não sei o que é,

— Claro que não. Ele ficará muito
quando seu pai me olha com
bravo e não vai deixar que eu ligue
aqueles olhos me fuzilando, entro
em pânico, perco até o raciocínio.
expressa o que realmente sente,

Carolina lembrou-se de Norton,
sente-se leve, valorizada e mais
alisou a cabeça da mãe com
feliz, mesmo que os outros não
carinho. Ela ainda guardava no
concordem.

inconsciente as maldades que ele
— De fato, tenho me sentido
fizera com ela em outra vida. Disse
assim muitas vezes. Quando
com carinho:

Adalberto fez a mala e deixou esta
— Mãe, não há razão para ter tanto
casa, senti vontade de abraçá-lo e
medo de papai. Ele é turrão, mas
de dizer que não queria que ele
nunca foi violento. Nunca a
fosse. Mas fiquei calada, com o
ameaçou. Sempre a trata com
coração batendo forte, com uma
respeito. Quando sentir esse medo
raiva muito grande de mim
deve reagir. Ele pode brigar, mas
mesma por ter sido tão fraca.
não acredito que se torne agressivo.

— Nessa hora o que você sentiu
— É, acho que ele não seria capaz.
vontade de fazer?

— Nesse caso, o que a impede de
Ernestina levantou-se, abriu os
dizer o que pensa? Quando você diz
braços, e disse com raiva:

o que sente, expressa o que
— De gritar que não queria que
acredita, as pessoas podem não

ele fosse embora daquele jeito.

concordar, mas respeitam.

Exigir que Augusto Cezar mudasse

— Não sei se conseguiria fazer isso.

de idéia. Caso contrário, eu sairia

Muitas coisas que ele diz eu odeio.

com ele.

Carolina sorriu e respondeu:

— Mas foi Adalberto que desejou

— Nesse caso, não deve aceitá-las.

sair de casa.

Estou certa de que quando você

— Desejou estudar na capital, mas

obedece e vai contra seus

continuar ligado a nós, ficando

sentimentos, depois se sente infeliz,

aqui até as aulas começarem,

errada, fraca. Ao passo que quando

vindo passear nos fins de semana.

Isso seria o certo. Mas não, Augusto

— Meu filho! Você está bem?

Cezar o expulsou, fez mais, tirou

— Sim. Estava louco de vontade

sua mesada. Fiquei com muita

de falar com você, mas não liguei

raiva.

com receio de provocar um

Os olhos dela brilhavam rancorosos

problema. Como estão as coisas aí

e Carolina ficou pensando quanta

em casa?

força ela possuía para esconder

— Do mesmo jeito. Seu pai

esses sentimentos e ficar passiva.

continua intransigente. Decidi ligar

Percebeu que Ernestina era uma assim mesmo. Não concordo com mulher muito forte, que usava a o que ele está fazendo com vocês. própria força para se imobilizar.

— É bom ouvir isso, mãe! Até que Sentiu que precisava ajudá-la a enfim você percebeu a verdade.

inverter esse ato utilizando a

— Seu pai é um homem muito enorme força que possuía a seu bom, de valor, mas há muito favor para encontrar seu espaço e tempo eu não concordo com tornar-se uma mulher de verdade. certas coisas que ele faz.

— Estou feliz que tenha tomado essa atitude. Ele não quer me

CAPÍTULO 24

ouvir nem a Carolina. Você é a única pessoa que pode mostrar a ele que precisa mudar. Eu não sou

Na manhã seguinte, depois que mais criança. Tenho aprendido

Augusto Cezar saiu para o trabalho, muito depois que saí de casa.

Ernestina e Carolina ligaram para a

Quando cheguei aqui estava

casa de Guilhermina. Para a alegria inseguro, sem saber bem o que

delas foi Adalberto quem atendeu.

fazer. Papai nunca deixou que eu

Ernestina, ouvindo a voz do filho,

tomasse qualquer decisão. Ele

emocionou-se:

sempre resolvia tudo e não
perguntava sequer minha opinião.
colega. Estou trabalhando em um
Trata-se da minha vida e tenho o
escritório de advocacia. Por causa
direito de escolher o meu caminho.
da faculdade, trabalho só meio

— Eu sei disso, filho. Penso como
período, não ganho muito, mas
você. Mas ele é difícil de lidar. Estou
tem dado para minhas despesas
ligando escondido e até para isso
pessoais.

precisei fazer muita força para
— Vou ver se consigo mandar-lhe
vencer o medo. Carolina tem me
algum dinheiro, tenho algumas
ajudado muito.

economias.

— É pouco, mas já é um começo.

— Não, mãe. Papai pode descobrir
Você, como mãe, tem todo o direito
e brigar com você. Eu estou muito
de se posicionar sobre o nosso
bem. Não preciso de nada.
futuro.

Ernestina quis saber todos os

— É o que eu penso. Por esse
detalhes sobre a vida que ele
motivo foi que eu decidi reagir. E
estava levando e quando se deu
não me arrependo. Muitas vezes
por satisfeita, entregou o telefone
perdi o sono, angustiada,
para Carolina que queria muito

imaginando o que estaria
falar com o irmão, prometendo
acontecendo com você.

que ligaria outras vezes.

— Não se preocupe. Aqui estou
Assim que atendeu, Carolina
sendo muito bem tratado. As duas
perguntou de Sérgio. — Eu sabia
fazem de tudo pelo meu bem-estar.
que você ia querer saber. Mas eu
— Odete disse que você está
não vou dizer nada. Ele, sabendo
trabalhando.

que mamãe ia ligar e que você
— Estou. Não foi fácil conseguir
poderia estar por perto, apareceu
esse emprego. Foi Sérgio quem me
aqui às sete horas da manhã e
ajudou. O pai dele é advogado de
está aqui do meu lado querendo
fama e me recomendou a um
agarrar o telefone.

Carolina sentiu forte emoção. Ela
— Tenho tido algumas revelações,
não esperava que isso fosse
mas ainda há alguns pontos que
possível. Sua voz morreu na
preciso esclarecer. Mudei minha
garganta e ela respirou fundo
atitude interior e as mudanças
ouvindo Sérgio dizer emocionado:

começaram a ocorrer ao meu
— Carolina, Carolina, você está aí?
redor.

Fale comigo, não suporto mais essa

— Quando eu soube que sua mãe
saudade.

ligou e você ia estar ao lado dela

— Eu também — respondeu ela
nesta manhã, senti mesmo que
sentindo imenso prazer.

ouve uma modificação.

— Como você está?

— Gostaria de contar-lhe o que

— Mais ou menos. Tenho esperado
descobri, mas agora não é
por você todas as noites, mas você
possível.

não vem!

— Eu entendo. Estou muito feliz

— Não obtive permissão. Márcia
por poder ouvir sua voz, saber que
afirmou que você estava num
ainda pensa em mim, tanto
processo interior e que seria melhor
quanto eu em você.

eu não interferir. Você não sabe o

— Você faz parte de minha vida.
quanto eu tenho pensado em você,
Aconteça o que acontecer, passe o
por duas vezes estive em seu
tempo que passar, no fim, sei que
quarto para vê-la com a promessa
ficaremos juntos para sempre.
de não intervir.

— É o que eu mais desejo. Tenho
Carolina olhou a mãe que,
vontade de ir até aí. Você teria
admirada, ouvia o que ela estava
como se encontrar comigo?

dizendo e sentiu que não poderia
— Ainda não. Só saio de casa para
falar abertamente sobre suas
ir à faculdade, mas meu pai
experiências do passado. Disse
colocou um vigia que me segue
apenas:
por toda a parte.

Sérgio suspirou nervoso. Isso era
demais.

— Tenho vontade de ir falar com seu pai de novo e pedir que consinta nosso casamento.

— Isso não adiantaria.

— Às vezes penso que poderíamos fugir juntos e resolver essa questão de uma vez por todas. Assim ele não teria outro remédio senão aceitar nosso casamento.

— Foi você mesmo que me fez ver que há uma força maior que nos impede de ficarmos juntos e enquanto eu não conseguir resolver, nada dará certo. Sei que tem razão. Estou tentando fazer a minha parte. Acredito que o caminho seja esse.

— Quanto tempo ainda teremos de esperar?

— Espero que não seja muito. Precisamos ser pacientes, afinal, temos toda a eternidade pela frente.

— Sinto que vamos conseguir ainda nesta vida.

— Eu também.

Depois de falar mais um pouco, foram forçados a desligar. De um lado Adalberto, que precisava sair, e do outro Ernestina, que achava que a ligação muito longa poderia chamar a atenção do marido sobre o telefonema.

Quando Carolina desligou, Ernestina tornou:

— Não entendi sua conversa com esse rapaz. Você reclamou que ele não veio vê-la aqui. Ainda bem, porque se ele tivesse vindo seu pai não permitiria que se encontrassem.

— Mãe, Sérgio não vem pessoalmente. Veio algumas vezes em sonho.

— Como assim? Isso não pode ser você está tendo alucinações. Explique-me.

— Não, mãe. Quando nosso corpo dorme, nosso espírito pode sair e visitar as pessoas que gosta. Sérgio veio ver-me algumas vezes.

Ernestina abanou a cabeça negativamente olhando-a com preocupação:

— Você não me parece bem. Nunca ouvi falar nisso.

— Mas é verdade. Você quando dorme pode encontrar-se com alguém que quer ver e até com nossos parentes que já morreram e vêm nos visitar.

Ernestina ficou pensativa por alguns instantes depois disse:

— Quando minha mãe morreu, uma vez sonhei com ela me abraçando. Foi um sonho tão forte, tão vivo que eu cheguei a sentir o perfume dela. Durante os dias que se seguiram eu me lembrei desse sonho muitas vezes. Parecia verdade. Ela me pediu que eu não chorasse mais

pela sua morte porque ela estava viva e minha tristeza a deixava angustiada.

— Pode estar certa, mãe, o espírito de vovó veio visitá-la.

— Depois disso, quando me lembrava de sua doença, sua morte, eu pensava nesse sonho e não chorei mais.

— Ela de fato a ajudou.

— Como é que você sabe dessas coisas? Quem a ensinou?

— Ninguém. Eu nunca lhe disse, mas algumas vezes eu vejo os espíritos, saio do corpo, viajo por outros lugares, encontro pessoas amigas que aqui eu não conheço, mas que me apóiam, esclarecem e eu me sinto muito bem. Dá muita paz, uma alegria no peito que nada pode impedir.

Ernestina olhou-a com certa preocupação. Carolina notou e sorriu:

— Mãe, a vida não é apenas o mundo onde estamos agora. O Universo é imenso e há muitas moradas fora deste planeta. Nosso espírito é eterno.

— Não sabia que você era religiosa. Não gostava nem de ir à missa.

— Eu não sou. Deus é tudo o que existe e para mim ele não precisa dos templos de pedra para ser reverenciado. Ele habita em nosso coração e podemos conversar com ele diretamente. Para isso não precisamos de intermediários.

Ernestina abriu a boca e fechou-a de novo sem encontrar palavras para responder. Carolina sorriu e disse:

— Mãe, vamos parar por aqui.

Isso acontece para facilitar nossos

Com o tempo você entenderá

relacionamentos com as pessoas

tudo. Por hoje já demos um

que farão parte da nossa vida e

grande passo.

com as quais nos desentendemos

Ernestina estremeceu, olhou o

anteriormente.

relógio preocupada com o almoço

— Uma pessoa que foi nossa

e imediatamente foi para a

inimiga em outra vida poderá

cozinha.

nascer na nossa família?

A partir desse dia Carolina passou

— Se o amor une, o ódio também.

a conversar com a mãe sobre

Tanto pode nascer na mesma
espiritualidade e, nesses
família os que nos amam como os
momentos, ela ouvia com inte-
que nos odeiam. Os amigos para
resse e aos poucos foi aceitando
nos apoiar, os inimigos para abrir
com naturalidade.

nosso entendimento e nos libertar
— Quando você conta essas
daquele peso.

coisas, tudo me parece natural.

Ernestina meneou a cabeça

Não sei por quê. Se seu pai
negativamente enquanto dizia:

soubesse diria que estamos

— Ainda bem que isso não nos
fantasiando.

aconteceu. Carolina sorriu:

— Porque ele ainda não descobriu

— Será?

essa realidade. Mas tudo o que

Ernestina assustou-se:

existe é natural, faz parte da vida

— Por que diz isso?

e é assim que deve ser olhado.

— Porque quando vejo papai me

— Então, por que a maioria das
impedir de casar com o homem

peças ainda não sabe?

que eu amo e que é um rapaz de

— Quando nascemos neste mundo

bem, fico me perguntando se ele,

esquecemos o nosso passado, das

no passado, não foi um inimigo

outras vidas que já vivemos aqui.

para mim.

Ernestina ficou séria, franziu o

você não notou?

cenho pensativa, depois disse:

— Não. Tenho evitado ficar perto

— Você está exagerando. Ele é dele. Ainda estou muito magoada.

enérgico, mas faz tudo pelo bem

Depois dessa conversa Carolina foi da família.

para o quarto e ficou pensativa.

— Ele acredita nisso. Mas está

Ela só conversava com o pai o

errado. Papai não precisava tirar a essencial e evitava sua presença

mesada de Adalberto nem

porque quando se aproximava dele

expulsá-lo de casa só porque quer

pensava em Sérgio e sentia muita

fazer uma coisa diferente do que

raiva por ele os ter impedido de se

ele planejou.

ver.

— É... Pensando assim... Também

Naquele momento lembrou-se do

concordo que ele foi duro demais.

homem que apareceu em seu

Mas isso não quer dizer que seja

sonho chamando-a de egoísta por

nosso inimigo.

nunca ter feito nada para ajudar

— Eu não diria isso. Na verdade

Ethel. Estaria também se omitindo

ele nós sustenta, deu-me a

no caso de Norton?

oportunidade de viver, sou grata

A esse pensamento ela se

por tudo isso, mas ele nos está

assustou. Tentou justificar-se

fazendo sofrer. Você preocupada

pensando que ao lado dele sentia

com Adalberto, eu e Sérgio

sempre um aperto no peito e uma

sofrendo por não podermos ficar

sensação desagradável. Achava

juntos, vovó e tia Odete vivendo

que era só porque o pai a impedira

distantes, sem contato. Se ele

de ver Sérgio. Julgava já ter

fosse mais cordato todos

perdoado Norton, antes de voltar,

estariamos mais felizes.

quando ainda no astral se

— Mas ele não me parece feliz.

re encontraram antes de ele

Tem estado mais calado, triste,

nascer.

Ela lembrou-se desse encontro

Depois do tiro, ele verificou o

quando Márcia a levou para uma

engano e ficou desesperado. Não

reunião onde estavam Ethel,

se conformava por ter atirado

Norton, Marcos e Adalberto.

nela. Só fazia repetir:

Ela, enquanto estava no astral,

— Meu Deus! Estava escuro,

queria ficar perto de Marcos, mas

julguei que fosse um ladrão!

não conseguiu. Ainda não era o
Quando Norton descobriu o que
momento. Teriam de esperar.
havia acontecido, pegou a arma
Norton pediu-lhe perdão, dizendo
para matar o vigia, mirou e atirou,
que estava arrependido,
mas o rapaz saiu correndo e
prometendo que a deixaria livre
embrenhou-se no bosque.
de qualquer compromisso para
Norton correu em direção à esposa
seguir seu caminho ao lado de
na tentativa de reavivá-la, porém
Marcos. Ele sentia-se culpado pela
ela estava morta. Os empregados
morte dela quando querendo fugir
perseguiram o vigia, mas não
do lugar onde a prendera foi
conseguiram encontrá-lo.
morta pelo vigia. Por esse motivo
Carolina lembrou-se de que ele
desejou recebê-la como filha.
estava naquela reunião antes de
Ao lembrar-se da cena de sua
eles reencarnarem e vendo-a
morte, Carolina teve uma
atirou-se a seus pés pedindo-lhe
surpresa: o vigia que atirara nela
perdão. Ela não tinha raiva dele,
tinha a fisionomia de Adalberto.
sabia que havia sido um engano,
Ele teria reencarnado como seu
mas chegara a hora de ela ir. Ele,
irmão?

então, pediu-lhe para dar-lhe a
Naquele instante, a figura dele
oportuna de ficar ao lado dela,
encaixou-se na de Adalberto e ela
protegê-la na nova vida.
teve certeza de que era verdade.
Se Norton arrependeu-se do que
Ele tinha sido seu assassino.
havia feito à esposa, não perdoou
o vigia. Não queda recebê-lo na
Marcos como amante.
família. Foi Ethel que, penalizada
Naquele momento, Carolina notou
com o sofrimento dele, intercedeu
o quanto fora leviana, e sentiu que
com os superiores e Norton
assim provocara toda a tragédia
acabou o aceitando.
em que todos se envolveram.
Agora o passado estava claro
Entendeu a razão pela qual Sérgio
diante dos olhos de Carolina. Ela
se recusara a fugir com ela e lhe
sabia o que havia acontecido
dissera que só ela poderia acabar
naquele tempo. Apesar de tudo o
com o impedimento que os
que Norton fizera, ela reconhecia
distanciava.
a sua própria responsabilidade por
Nesse momento, Carolina
ter se casado com ele sem amor,
compreendeu: ela alimentara o
apenas por ambição. Quando ela
amor de Norton, o traía,

conheceu Marcos, este pediu que provocara o ciúme que infernizou a ela deixasse o marido e o vida dele de tal forma que, mesmo acompanhasse. Fugiriam para tendo esquecido o passado, ele longe e seriam felizes.

ainda estava tentando impedir que Ela, porém, ainda não estava ela se casasse com Marcos.

disposta a deixar o luxo e o cas- A vida, tendo-a trazido de volta telo em que vivia para ter de viver para casa, deixando-a reclusa com escondida em algum lugarejo os pais, — dera-lhe a oportunidade distante. Marcos não era rico de desfazer o mal que havia feito como Norton, mas tinha posses e aos dois.

poderia oferecer-lhe uma vida Sentiu os olhos cheios de lágrimas, boa, mas ela sabia que Norton iria ajoelhou-se no chão e pediu: atrás deles e faria tudo para — Meu Deus! Aceito a minha impedir sua felicidade. Achou mais responsabilidade pelo que fiz no cômodo ficar com ele e tomar passado e desejo refazer meu caminho. Enquanto estou ao lado deles, vou me dedicar aos dois, tentar de todas as formas provar-

CAPÍTULO 25

lhes que eu mudei, que hoje não

seria capaz de fazer o que fiz outrora, que estou arrependida e disposta a fazer de tudo para conquistar sua estima. Agradeço aos meus amigos espirituais por terem me ajudado a recordar o passado e peço-lhes que me inspirem para que eu encontre o caminho da paz e da alegria que há tanto tempo perdi.

Enquanto ela orava comovida, deixando que as lágrimas lavassem seu rosto, uma luz muito suave descia do alto sobre sua cabeça inclinada enquanto o espírito de Márcia, mãos estendidas sobre ela, emitia energias coloridas que revitalizavam todo o seu corpo.

Carolina sentiu um calor gostoso, bocejou várias vezes. Depois, deitou-se e adormeceu imediatamente, um sono tranqüilo e harmonioso.

Na manhã seguinte, Carolina por que sentir raiva, apenas acordou cedo e bem-disposta. remorso. Tentou descobrir de onde Recordou-se de tudo o que vinha esse sentimento e percebeu decidira na noite anterior, de que vinha do orgulho.

sejava melhorar seu Ela sempre o enfrentara e agora, relacionamento com o pai, mas

tentando uma aproximação, sentia não sabia como. Se por um lado que estava cedendo e isso a sabia que o melhor seria vencer enraivecia.

os problemas do passado, por Carolina decidiu que não seria outro havia ainda certa raiva por dominada pelo orgulho e que tudo precisar fazer isso.

faria para conseguir o que Respirou fundo e procurou desejava.

analisar seus sentimentos e varrer Por esse motivo, ao sentar-se à do seu íntimo essa sensação mesa do café, depois de dar bom-desagradável quando se dia, ela observou o pai, que comia aproximava dele.

em silêncio. Pareceu-lhe que ele Afinal, além de dar-lhe a vida, havia emagrecido e estava um embora a seu modo, sempre se pouco pálido e triste. Sentiu que dedicara em dar-lhe tudo o que sua mãe tinha razão.

precisava, cuidando do seu bem-Tentando fazer alguma coisa, estar. De certa forma, ele estava começou a falar sobre suas aulas cumprindo sua parte no trato que na faculdade, tentando manter haviam feito antes de reencarnar. uma conversação, mas conseguiu

Tendo esquecido o passado, ele apenas que ele a olhasse com não imaginava que proibia seu certa surpresa. Foi sua mãe quem casamento com Sérgio por ter respondeu.

— Sinto muito por ter sido traído pelos dois. Ela fora Pouco depois, ele foi para o culpada dessa traição. Não tinha trabalho e Carolina ficou decepcionada. Não sabia como dito isso. Sempre sofria quando o derrubar o muro que se marido estava insatisfeito. Agora esquelhava entre eles. Comentou achava até bom, imaginando que com Ernestina:

— Assim ele poderia fazer o que ela — Você tem razão. Papai não está desejava.

— Bem. Emagreceu, tem olheiras. O dia decorreu normal e, à noite, — Isso está me preocupando um na hora do jantar enquanto pouco. Mas pode até ser um bom comiam, Carolina disse de sinal.

— Repente:

— Carolina surpreendeu-se:

— Pai, hoje cedo tia Odete ligou.

— Por quê?

— Ele parou de comer e olhou-a

— Ele também deve estar irritado. Carolina fingiu que não sentindo falta de Adalberto, das

viu e continuou com naturalidade:

conversas que mantinha com a

— Ela queria saber como você

irmã sobre os assuntos de família.

estava. Ela e vovó estão muito

Eles sempre se falavam e desde

tristes sem notícias suas e

que discutiram por causa de

preocupadas com sua saúde.

Adalberto, não têm se falado

Augusto Cezar pensou um pouco e

mais. Quem sabe assim ele muda

respondeu:

de idéia.

— Ela não tinha nada de ligar.

Carolina balançou a cabeça

Você não deveria ter conversado

indecisa:

com ela.

— Não sei. Ele sofre, mas não

— Não posso pai. Eu adoro tia

cede.

Odete. Depois, ela estava tão

— Vamos ver... — respondeu

triste, chorosa, e eu fiquei triste

Ernestina em tom desafiador.

também. Afinal, é nossa família.

Carolina sorriu. Ela estava

Sinto também muita falta delas.

mudada de fato. Antes nunca teria

Vovó nos quer muito bem, adora

você. Gostei muito de falar com

todo o coração. Isso eu garanto.

tia Odete.

Augusto Cezar fechou-se no

— Eu também gostei de falar com
escritório, sentou-se atrás da
ela — interveio Ernestina séria.
escrivadinha e colocou a cabeça
Augusto Cezar olhou-a surpreso.
entre as mãos. Uma onda de
Ela nunca se atrevera a
tristeza o acometeu.
desobedecer a uma ordem dele.
Dedicara toda sua vida à família,
Fingindo não ver o olhar irritado
pensara no futuro dos filhos,
do marido, ela continuou:
pretendia orientá-los para evitar
— Não posso esquecer que
que sofressem. E o que
quando você não apoiou meu
consequira? A filha querendo
filho, elas o receberam com
deixá-lo para se casar com um al-
carinho e estão fazendo de tudo
mofadinha da capital; o filho
para que ele fique bem. Estamos
desprezando tudo o que ele gos-
devendo favores a elas.
tava, sua cidade, a vida calma e
Augusto Cezar levantou-se e saiu
organizada que ele construía para
da mesa antes de terminar o
ir em busca do bulício da cidade
jantar. Um pouco assustada,
grande, arriscando-se a ter de
Ernestina olhou para Carolina que
enfrentar o convívio com pessoas
disse:

que mal conhecia e que podiam
— Deixe mãe. Ele vai pensar no
fazê-lo sofrer.

que lhe dissemos. Não esperava
Quando olhava para Ernestina
que você tivesse a coragem de ir
notava que ela estava sofrendo a
contra o que ele deseja. Mas eu
ausência do filho e isso o
sei que no fundo, sabe que temos
incomodava porque sabia que
razão. Adorei o que você disse. E
intimamente ela o estava
mesmo verdade que elas estão
censurando.

nos fazendo um grande favor e de
Certamente fora isso que a fizera
mudar sua maneira de tratá-lo,
sentia-se comovido. Seus filhos
atrelando-se a contrariar suas
estavam sendo ingratos, ele não
ordens. Apesar disso, reconhecia
esperava por isso.

que o que ela lhe dissera, tinha
Por outro lado, sentia saudades
uma dose de razão. Era mãe e as
das visitas à casa da mãe, das
mães sempre querem ficar perto
conversas com Odete, das risadas
dos filhos.

gostasas que davam recordando
Lembrou-se de quando decidiu
momentos da juventude.

mudar-se para o interior um ano
Ela também não tivera sorte no

antes do seu casamento.
casamento. Escolhera um rapaz
Guilhermina não queria e chorava
bonito, mas sem juízo, que a fez
sempre que ele tocava no
sofrer muito, trocando-a por outra.
assunto. Mesmo assim, ela
Odete levou um tempo para
sempre o apoiou, e foi por
recuperar a alegria. Com os
insistência dela que seu pai o
desentendimentos entre eles,
ajudou a comprar a bela casa
como estaria?
onde residiam.
Certamente julgando-o maldoso,
Lembrou-se do casamento; do
criticando-o, por querer disciplinar
nascimento dos filhos; da empresa
os filhos. Ela dissera que estava
que montou com alguma
triste, com saudades. Ele também
dificuldade, mas que conseguiu
estava, embora não quisesse
tornar um bom negócio; do
admitir.
respeito que sua família
Mas não lhe passava pela cabeça
conquistara na cidade; das
continuar proibindo que
amizades que ele prezava e que
atendessem aos telefonemas da
justificava sua vontade de manter
família. A culpa era de Adalberto
os filhos morando lá.

que criara todos aqueles
Reverendo sua vida, Augusto Cezar
problemas.

Augusto Cezar ficou remoendo
Carolina não estava mais tão
seus pensamentos no escritório e
zangada com ele. Ele não tocou
só decidiu ir dormir muito tarde
mais no telefonema de Odete e
quando todos já se haviam
sabia que certamente as duas
recolhido.

estavam se comunicando com a
Carolina estava acordada e ouviu
família e possivelmente
quando o pai atravessou o
conversando com Adalberto na sua
corredor e foi para o quarto. Ela
ausência.

pedira ajuda a Márcia para que o
Fingiu que não sabia por que não
inspirasse com bons pensamentos.
tinha vontade de impedir que
Ernestina também se deitara, mas
conversassem, mas ao mesmo
estava acordada. Quando ouviu o
tempo não queria que des-
marido entrando no quarto, fingiu
cobrissem que tinha mudado de
estar dormindo. Um pouco por
idéia.

receio que ele a repreendesse por
Todos os dias de manhã, Sérgio
sua atitude e também para evitar
ligava para Carolina, o que os

ter de voltar a um assunto que a
deixava alegres pelo resto do dia.
deixava revoltada e que tinha
Adalberto também conversava de
medo de não poder se controlar.
vez em quando com a mãe,
Nos dias que se seguiram,
contando como estava sua vida no
Carolina procurou aproximar-se
trabalho e em tudo o mais.
mais do pai, falando com
Uma manhã Odete ligou aflita para
naturalidade sobre seus estudos,
informar que Guilhermina passara
pedindo-lhe opinião, tratando-o
mal e o médico diagnosticara uma
com mais carinho.

pneumonia e dissera que se ela
Augusto Cezar gostou da atitude
não melhorasse seria melhor
dela. Notou que estava mais
interná-la.

cordata e começou a pensar que
Ernestina procurou confortá-la:
— Ela é forte, há de melhorar,
— O médico falou até em
você vai ver. Vou falar com
internação.

Augusto Cezar.

— Pode deixar, vou falar com ela,
— É bom mesmo porque estou
depois eu ligo para você. Ernestina
nervosa, não sei o que fazer.
desligou e Carolina indagou:
— Vou pedir para ele ligar para

— O que ele disse?

você.

— Vai ligar para Odete. Eu acho

— Espero que ele faça mesmo
que deveríamos ir até lá para vê-
isso. Assim que ela desligou,
las. Se a tristeza a deixou doente,
Carolina disse:

a nossa presença poderá fazer

— Papai deve ir vê-las. Vovó ficou
com que ela recupere a saúde.
doente de tristeza.

— Também acho. Vamos ver o que

— Como você sabe?

papai decide.

— Porque a tristeza é que afeta os
Meia hora depois, Augusto Cezar
pulmões.

chegou a casa e assim que

— De onde você tirou isso?

Ernestina abriu a porta disse

— Eu sei que quem vive triste
preocupado:

acaba afetando os pulmões.

— Ela está mal e com muita febre.

Ernestina abanou a cabeça e ligou

Vamos arrumar as coisas e ir até
para o marido dando-lhe a notícia.

lá. Carolina fica.

Ele ouviu e não respondeu logo.

— Ela não pode ficar sozinha em

Ela continuou:

casa.

— E então? Odete está muito

— Rute cuidará dela. Não quero

nervosa, nós precisamos fazer
que ela vá.

alguma coisa. Temos de ir ver D.

— Se é por causa de Sérgio —
Guilhermina.

disse Carolina aproximando-se

— Vou ligar para Odete, depois
mesmo sem nos ver continuamos
conversaremos.

namorando.

— Como se atreve a me dizer
tristeza afeta os pulmões?

isso? Eu pensei que tivesse
Antigamente muitas mulheres
esquecido esse namoro.

morriam tuberculosas por causa da

— Nós nos amamos de verdade e
tristeza.

queremos ficar juntos.

Carolina vibrou com as palavras da

— Eu os proíbo. — Retrucou ele
mãe, mas ficou calada. Augusto
com raiva. Depois, diante dos

Cezar não se conteve:

olhares admirados das duas

— O que está dizendo mulher?

continuou: — Nunca antes de sua
Que idéia é essa?

formatura.

— É verdade. Lembra da filha da

— Se for preciso esperaremos até
D. Ana, que morava vizinha da
lá. Eu quero que entenda que tudo

casa de minha mãe? Ela foi

o que fizer não vai nos separar de

abandonada pelo noivo e morreu
novo!

tuberculosa. Esqueceu-se? Era
Carolina disse isso olhando firme
uma moça linda, jovem, ficou
nos olhos dele que estremeceu e
magra e tossia sem parar.

baixou o olhar. Ela se dirigira ao
— Não vamos perder mais tempo.
espírito dele que não teve como
Vamos nos arrumar. Quero partir o
reagir. No fundo, ele sabia que
quanto antes. Carolina não pode
não poderia impedir que os dois
perder aula.

se unissem.

— Nós tivemos prova ontem. Eu
Ernestina olhou-o séria e disse
posso ir. Não tenho nada de
com voz firme:

importante até o começo do mês.

— Carolina vai conosco. Não vou

— Então vá se arrumar — disse

deixá-la sozinha aqui. Dona

Ernestina com voz firme.

Guilhermina ficará feliz vendo-a,

Meia hora depois, o carro saiu

ela precisa de alegria. Ficou

levando os três rumos à capital.

doente de tristeza. Sabia que a

Carolina, apesar de preocupada

com a doença da avó, sentia-se

— Que bom! Sérgio vai ficar muito

feliz diante da possibilidade de

feliz.

encontrar-se com Sérgio. Na casa
— Não sei se Carolina virá com
de Guilhermina, Odete desligou o
eles.

telefone e correu ao quarto da
— Certamente. Se eu bem
mãe:

conheço minha irmã, ela não ficará
— Mãe, Augusto Cezar ligou e
lá de jeito nenhum. Ainda mais
estão vindo para cá.

agora que mamãe a está
— Graças a Deus! — Exclamou
apoiando.

Guilhermina emocionada: —
— Só acredito vendo — disse
Certamente Carolina também
Odete. — Ela é tão passiva! Não
vem.

teria coragem de ir contra o
Odete hesitou:
marido.

— Não sei... Ele não disse e eu não

— Se fosse assim ela não
tive coragem de perguntar.

permitiria que Carolina conver-

— Ele não vai fazer isso comigo.
sasse sempre com Sérgio pelo

Estou morrendo de saudades de
telefone. Nem teria ligado es-

Carolina! Tão doce e tão querida!
condido dele para saber de mim.

— Eu também estou com muitas

— O amor de mãe falou mais alto
saudades dela. Mas sabe como

— disse Guilhermina entre uma
Augusto Cezar é turrão. É bem
tosse e outra.

capaz de deixá-la na casa de
Adalberto acariciou a testa da avó
alguém para impedi-la de ver o
dizendo com carinho:

Sérgio.

— A tristeza acabou vovó. Você
Adalberto apareceu no quarto:
precisa sarar logo para aproveitar

— Foi papai quem ligou?
a presença deles.

— Foi — respondeu Odete. —

— Não. Mesmo que eu melhore,
Estão vindo para cá.

vou fingir que ainda estou mal
para que eles fiquem aqui mais
colocou a mão na testa da mãe
tempo.

dizendo:

Eles riram e ambos notaram que

— Está na hora do seu remédio.

os olhos de Guilhermina brilhavam
Antes, vou medir sua temperatura.
comovidos e alegres.

A febre ainda está alta.

Odete começou a calcular a que

— Eu sei. Meus arrepios ainda não
horas eles deveriam chegar e
passaram.

disse:

Odete mediu e a temperatura

— Vou mandar preparar os
passava de trinta e oito. Ela deu-

aposentos para eles, e um bom
lhe o remédio e disse:

lanche para quando chegarem.

— Relaxe. Você agora precisa

— Pode ir, tia, vou ficar fazendo
dormir.

companhia para vovó.

— Eu quero esperá-los acordada.

— Você está perdendo aula por

— Nada disso. Eles ainda vão
minha causa.

demorar. Tente dormir, descansar

— Estou bem. Se continuar assim,

para estar melhor quando

logo fecho a média do ano. Posso
chegarem.

ficar em casa com você.

— Vou ficar aqui do seu lado.

— Não gostaria de dar motivo

Fique tranqüila. Se estiver

para que seu pai dissesse que não

dormindo quando chegarem, eu a

cuidamos bem de você.

acordarei.

— Quando me vir, ele vai pensar

— Promete?

que vocês me mimaram muito.

— Prometo. Agora feche os olhos e

Estou até mais forte e corado.

descanse.

— Você está mais bonito, mais

Ele ficou alisando com carinho a

homem — respondeu Guilhermina

testa dela que fechou os olhos e

sorrindo.

pouco tempo depois adormeceu.

Pouco depois, Odete voltou e

No meio da tarde, Odete ouviu o
carro do irmão chegando e avisou
perguntou:

Adalberto. Antes que ele

— Como está mamãe?

acordasse a avó, ela abriu os

— Ainda com febre. Apesar do
olhos dizendo:

remédio, ela não abaixa. Se

— Ouvi o ruído de um carro. São
continuar assim, terá de ser
eles?

internada.

— É, vovó.

— Ela vai melhorar tia, você vai
Odete espiou no quarto e notando
ver — interveio Carolina, que em
que a mãe estava acordada,
seguida subiu para o quarto da
desceu em seguida para receber
avó. Aproximou-se dela e
os parentes.

beijando-a na testa disse:

Augusto Cezar colocou o carro na

— Vovó! Que saudade!

garagem e pouco depois Adalberto

Guilhermina abraçou a neta e não

estava ao lado deles. Ernestina

encontrou palavras para

desceu e abraçou o filho

responder. Começou a soluçar.

longamente, beijando seu rosto

Carolina beijava-lhe o rosto com

com carinho.

carinho.

Augusto Cezar não disse nada,
— Não chore vovó. Nós estamos
abriu o porta-malas e Adalberto,
aqui de novo. Apesar de longe não
que também havia abraçado
deixei nem um segundo de pensar
Carolina, foi ter com ele:
em você, do quanto fomos felizes
— Como vai, papai? Pode deixar
juntas e de como nos demos bem.
que eu faço isso.

Guilhermina respirou fundo e
Augusto Cezar resmungou:
conseguiu dizer:

— Vou bem, obrigado — e
— É verdade. Depois que você foi
afastou-se deixando que o filho
embora, tudo para mim perdeu a
tirasse a bagagem.

graça. Nossa casa ficou sem
Cumprimentou Odete e
alegria. Você é como uma luz.
Quando aparece tudo fica mais
consultório. Vamos ver o que ele
bonito.
diz.

Augusto Cezar parado na porta
— Eu quero conversar com ele.
lutava para controlar a emoção.
Odete levou-os para os aposentos
Ernestina, mais atrás, também
que lhes destinara e avisou-os que
estava emocionada.

assim que descessem serviria o
Quando notou que a mãe tinha se
lanche na copa.

acalmado, Augusto Cezar entrou e
Carolina não saiu do lado da avó e
Ernestina o acompanhou.

enquanto segurava a mão dela,

— Mãe, está melhor?

intimamente pedia ajuda a Márcia

— Ainda não muito. E você, meu
para que intercedesse a seu favor.

filho, está bem?

Adalberto foi ficar ao lado delas e

— Sim, estou.

assim que os pais deixaram o

Ernestina abraçou a sogra que lhe
quarto, ele disse em voz baixa:

deu as boas-vindas:

— Sérgio está me dando trabalho.

— Que bom que vieram! Não

Queria porque queria esperá-la

agüentava mais de saudades.

aqui. Custou para entender que

Augusto Cezar quis saber de

isso poderia atrapalhar um

Odete tudo o que o médico

entendimento. Pelo que sei, papai

dissera, ver as receitas. Depois,

ainda não concorda com o namoro.

reservadamente, disse à irmã:

— Ele não concorda, mas ainda

— Esse antibiótico é forte, mas ela

hoje, antes de viajarmos eu lhe

ainda está com bastante febre.

disse que eu e Sérgio, mesmo sem

— Essa é minha preocupação.

nos ver, continuamos namorando.

Vamos esperar que ela melhore

— Ele ficou irritado?

sem precisar de internação. Logo

— Um pouco, mas não revidou

mais à noite, o médico ficou de

porque mamãe não lhe deu tempo.

passar aqui, depois que sair do

Interveio e mandou que eu me

arrumasse para a viagem. Papai

— Eu consegui algumas coisas,

não queria que eu viesse, mas ela

mas ainda faltam outras para que

resolveu e pronto.

ela assuma sua verdadeira

— Ele não disse nada?

postura.

— Não. O tom dela foi decisivo.

— Quero colaborar. Farei o que

— Eu gostaria de ter visto isso. Há

puder para que ela continue

muito esperava que ela reagisse.

assumindo seu verdadeiro lugar

O que aconteceu para que ela

em nossa família.

mudasse?

Guilhermina, que descansava sob

Os olhos de Carolina brilharam

o efeito do remédio, sentia-se

expressivos:

mais calma com Carolina

— Eu decidi me aproximar mais

segurando sua mão, abriu os olhos

dela. Nunca tinha feito isso e nos

e perguntou:

entendemos melhor. Descobri que

— Estão falando de Ernestina?

mamãe, no fundo, não é tão

— Sim, vovó. Ela está mais ativa.

passiva quando demonstrava. Ela

Você vai ver — esclareceu

era muito fechada e carente de

Carolina.

afeto. Só dei um empurrãozinho,

— Eu senti isso quando ela nos

observando suas qualidades e

ligou às escondidas para perguntar

elogiando-as. Assim, ela acreditou

de Adalberto.

mais em si mesma e ganhou

— Isso mesmo.

coragem.

— Augusto sempre foi teimoso. O

Adalberto meneou a cabeça

pai, para lidar com ele precisava

negativamente:

impor-se. Quando se casou eu

— Por que não pensei nisso antes?

temia que fosse difícil de ele se

Eu sentia que havia qualquer coisa

entender com a esposa. Rezava

errada naquele comportamento

para que ela soubesse lidar com

dela, mas não percebia o que era.

ele para torná-lo mais flexível. Mas

aconteceu o contrário. Foi ela

— É Sérgio?

quem ficou passiva.

— É — e passou o telefone para

— Ela não era assim antes do
ela.

casamento? — perguntou

— Carolina, estou ansioso. Vou dar
Adalberto!

uma passada aí agora.

— Penso que não. Quando a

— Calma Sérgio. Acabamos de
conheci era uma moça alegre,
chegar.

bem-disposta, gostava de

— Eu quero ver você.

conversar sobre qualquer assunto.

— Eu também. Mas é melhor

Depois, com o tempo foi ficando
esperarmos uma ocasião oportuna.

quieta, só se interessava pela

— Não quero mais esperar.

família, perdeu o prazer de uma

— Eu também não. Mas não venha
boa conversa.

aqui agora. Vou dar um jeito de

— Eu me aproximei mais dela

vê-lo, mas preciso de um tempo

contando coisas, e ela foi muito

para pensar em como fazer isso.

receptiva. Nos últimos tempos

Eu prometo ligar assim que

temos conversado bastante sobre

decidir. Adalberto vai nos ajudar.

vários assuntos.

Carolina ouviu os pais se

— Você é uma fada que conseguiu

aproximando e disse:

mais um milagre — comentou

— Preciso desligar. Não faça nada.

Guilhermina beijando a mão da

Espere eu ligar. Um beijo.

neta que segurava.

Desligando rapidamente, voltou a

O telefone tocou e Adalberto

segurar a mão da avó exatamente

atendeu logo.

no momento em que os pais

— Como vai Áurea? Sim.

entravam no quarto.

Chegaram. Deixe-me falar com

ele. Carolina aproximou-se do

telefone e perguntou baixinho:

CAPÍTULO 26

trabalhou nem administrou nada.

Você está querendo que eu o veja

Naquela noite, durante o jantar,

dessa forma, não é?

Augusto Cezar estava mais calado

Odete irritou-se:

do que o habitual. Ele tinha ficado

— Acha que estou mentindo? Bem

uma hora fechado no escritório

se vê que você não conhece o filho

com Odete, inteirando-se da

que tem. Ele não é mais um

situação financeira das duas.

menino, tornou-se um homem que

Antes, elas não faziam nada sem

sabe o que quer e corre atrás.

o consultarem, mas depois do

— Vamos mudar de assunto. Não

desentendimento, nunca mais

estou interessado em saber o que

tinham recorrido a ele.

ele anda fazendo. Só quero que a

Ficou surpreendido quando Odete

presença dele não seja pesada

contou-lhe que Adalberto as tinha

para vocês que vivem dos seus

orientado, emitindo opiniões
rendimentos.

sensatas sobre como lidar com os

— Como lhe tirou a mesada, no
rendimentos que possuíam, e até
começo, até ele encontrar
tendo contribuído para que elas os
trabalho, nós o ajudamos nas
aumentassem.

despesas. Mas quando ele

— Ele tem o dom das finanças —
começou a trabalhar, queria nos
comentou ela entusiasmada. —
pagar, o que não aceitamos de
Faz milagres com o salário que
forma alguma. Ainda agora ele
recebe no escritório, paga a
está sempre querendo nos dar
faculdade, os livros, cuida da
dinheiro para as despesas da casa.
aparência com capricho.

Como não precisamos, não

— Diga a verdade. Adalberto não
aceitamos, mas quando ele recebe
é isso tudo que você diz. Não tem
sempre compra alguma coisa para
experiência nenhuma, nunca
nós. Estamos muito felizes com a
presença dele aqui. O único
por eles e esse pensamento dava-
problema que temos é com a
lhe uma desagradável sensação.
doença de mamãe. Ela precisa
Sentiu vontade de pegar o carro,

ficar boa logo.

deixar todo mundo lá e voltar para

Ainda no jantar, Ernestina

sua cidade, sua casa, seu refúgio.

conversava com Odete que, ao

O que estava acontecendo com

contrário do que sempre fora,

ele? De onde vinha essa

estava muito à vontade e trocava

insatisfação que o incomodava

idéias com a cunhada. De vez em

deixando-o inseguro e infeliz? Ele

quando Augusto Cezar as olhava

acreditava estar cuidando da

admirado.

família, fazendo o melhor para

Adalberto e Carolina notavam e

todos, e não era compreendido.

trocavam olhares maliciosos.

Pela primeira vez sentiu-se inútil.

Assim que terminaram de comer,

Ernestina estava diferente, não o

os dois, a pretexto de fazerem

obedecia mais, parecia outra

companhia para a avó, saíram da

pessoa, os filhos também não

mesa.

precisavam mais dele. Queriam

Odete convidou a cunhada para

ver-se livres de sua tutela.

irem ao quarto onde desejava

Tudo o que fizera fora inútil.

mostrar-lhes algumas revistas de

Consequira apenas ser odiado,

moda e Augusto Cezar ficou só.

colocado de lado.

Foi sentar-se na sala pensativo.

Ele não percebeu que naquele

Estava angustiado, triste. De

momento uma sombra escura o

repente pareceu-lhe que era um

envolveu segredando em seus

estranho diante da própria família.

ouvidos:

Todos estavam descontentes com

— Ninguém gosta de você! Eles

ele. Imaginava que por trás das

querem ir embora porque o

aparências estava sendo odiado

odeiam. Você merece. Foi malvado

com Ethel, tirou-a dos meus

aquele espírito estava dizendo.

braços depois que sua mulher

Augusto Cezar sentia a cabeça

morreu, tomou-a para si contra a

atordoada e a tinha entre as mãos.

vontade dela! Ela nunca o amou!

Carolina aproximou-se e colocou a

Era a mim que ela amava e você

mão espalmada sobre a cabeça

nos separou! Nunca vou perdoá-

dele, que abriu o olho

lo! Você precisa pagar por tudo o

surpreendido.

que fez a ela!

— O que foi Carolina, aconteceu

Essas palavras passavam pelo

alguma coisa com sua mãe?

pensamento de Augusto César

— Não, papai. Está acontecendo

como se fossem dele e quanto com você. Feche os olhos e relaxe, mais ele as aceitava como vamos ajudá-lo. realidade, mais se sentia infeliz. Sem pensar em nada, Augusto Carolina, no quarto da avó, ouvia Cezar obedeceu, estava exausto e as brincadeiras do irmão querendo no limite de sua resistência. O distrair Guilhermina que sorria gesto da filha o sensibilizou. feliz. De repente, ela notou a Carolina começou a falar: presença do espírito de Márcia que — Pai, você precisa ceder ao que a lhe disse: vida quer. O tempo muda todas as — Procure seu pai, ele precisa de coisas, é natural. Aceite as você. Imediatamente ela mudanças! Estou certa de que será levantou-se: para melhor. Você está cansado de — Vou até a sala, já volto. lutar contra aquilo que é. Mas Ela seguiu o vulto de Márcia que aprenda que ninguém consegue se encaminhava para a sala onde controlar a vida. Ela é soberana e Augusto Cezar estava. Assim que só faz o que sabe que será para o entrou, Carolina viu o vulto escuro bem de todos. envolvendo-o e sentiu o que

A voz de Carolina estava
modificada, seu tom mais maduro
você.

e suave. Augusto Cezar suspirou e
Augusto Cezar sentia o corpo
ela continuou:

tremer enquanto não conseguia
— Jogue fora a sua dor, aceite que
conter as lágrimas que desciam
nem sempre as coisas são como
pelo seu rosto. Carolina colocou a
você gostaria, mas sim como
mão em sua testa e disse com voz
devem ser. Há uma força maior
firme:

que cuida de todos nós e nos dá o
— Você não pode mais ficar aqui.
melhor. Mas é preciso saber
Essa mulher é uma amiga minha
enxergar. O que está pensando
que deseja ajudá-lo. Vá com ela
não é verdade, é apenas uma
que será melhor.

sugestão de alguém que ainda não
Augusto respirou fundo e
aprendeu a lição do perdão e
estremeceu:

deseja cobrar por suas atitudes do
— Graças a Deus! — tornou
passado. Você não se lembra, mas
Carolina já com a voz normal.
seu espírito sabe que falo a
Augusto Cezar sentiu muito frio
verdade. Mande embora essas
enquanto seu corpo continuava

energias de insatisfação e de tremendo. Carolina segurou as revoltas. Ninguém é vítima a não duas mãos dele dizendo:

ser de si mesmo. Você não é mais — Vamos rezar pai. Agradecer a como naqueles tempos. Está Deus por ter nos auxiliado nesta mudado, tornou-se melhor, mais hora. Hoje conseguimos uma bondoso, aprendeu. Quanto a grande graça.

você que o está envolvendo, Ela proferiu sentida prece de querendo vingar-se, já deveria ter agradecimento e Augusto Cezar aprendido e perdoado. Ethel agora sentiu uma forte onda de calor.

está melhor e vai ser feliz. Deixe- Logo após, uma sensação a em paz. Ela não é mais para agradável o envolveu.

Quando Carolina se calou, esquecimento facilita a convivência Ernestina e Odete estavam pa-com os desafetos de outros radas junto deles rezando. Ela foi tempos.

buscar um copo de água e Augusto Cezar meneou a cabeça entregou-o a ele:

negativamente:

— Beba papai. Vai sentir-se bem.

— Não pode ser. De onde tirou Admirado, ele olhou-a e

isso?

obedeceu. Carolina entregou-lhe

— Você tem outra explicação?

uma toalha. Seu corpo estava

— Não, mas...

ensopado de suor.

— Esse espírito tem raiva de você,

Os três olhavam Carolina curiosos

aproximou-se e mandou-lhe

e Augusto Cezar não se conteve:

energias depressivas. Você sentiu

— Carolina, você pode me explicar

inquietação, angústia, tristeza,

o que aconteceu aqui?

torpor na cabeça e até enjôo. Frio,

— Posso pai. Você foi envolvido

arrepios como de estivesse com

por um espírito que veio reclamar

febre.

de uma atitude que você teve na

— Foi isso mesmo que senti.

vida passada.

— Embora você estivesse

Augusto Cezar abriu os olhos

preocupado com alguns problemas

assustado, Odete fez o mesmo, só

de família, não se sentia mal.

Ernestina estava calma.

Quando foi abordado por esse

— Isso não pode ser — respondeu

espírito, sentiu-se mal e acreditou

ele. — Não me recordo de ter tido

que tudo que estava sentindo

outra vida.

fosse seu, o que é comum

— Mas teve. A reencarnação é um acontecer nessa situação. Como fato. Alguns conseguem lembrar-está se sentindo agora?

se, mas a maioria não. Quando

— Estou intrigado. A princípio, nós voltamos a este mundo o quando você começou a falar, senti meu mal-estar aumentar.

— Como pode ser? Quando Uma revolta muito grande se morremos nosso corpo apodrece. apoderou de mim.

Ernestina e Odete haviam se

— É ele quem está revoltado. sentado e ouviam com atenção.

Você captou as energias.

Carolina falava com segurança e

— Custa a crer.

elas estavam fascinadas.

— O que sentiu depois?

— Acontece que a vida é perfeita e

— O frio foi passando e senti um nos dotou de outro corpo que é calor forte que apesar de tudo era invisível para a maioria dos seres agradável e, de repente, um alívio humanos quando vivem aqui, mas muito grande me fez ficar bem.

que sobrevive depois da morte. Ele

Carolina segurou a mão do pai e

é feito de matéria mais delicada,

sentou-se ao lado dele dizendo:

porém ainda é matéria, e nos

— Pai, desde criança eu vejo

possibilita viver em outras
espíritos. Quando eu desmaiava
dimensões do Universo preparadas
na igreja, tinha um deles que me
para nos receber. A morte é
tirava do corpo e me levava para
apenas uma viagem. Quando
passear na outra dimensão.

entregamos nosso corpo de carne
— O que está dizendo? Você
para a decomposição, saímos para
perdia os sentidos, mas não saía
outra vida. Somos iguais às
do lugar.

borboletas que passam pelo
— Eu ia, em espírito. Esse é um
mesmo processo.

fenômeno natural que acontece
Augusto Cezar estava boquiaberto.
todas as noites quando dormimos.
Parecia-lhe estar vendo a filha pela
Sempre voltamos, só iremos
primeira vez. Ela falava com
definitivamente quando nosso
firmeza e embora ele ainda tivesse
corpo morre. Nós continuamos
muitas dúvidas não podia deixar
vivos depois da morte.

de sentir que havia uma verdade
na qual ele nunca havia pensado.
que vai ajudá-lo a entender que
Quando pensava na morte,
deve desistir de vir abordá-lo. Mas
preocupava-se em deixar a família
não vou enganá-lo. Enquanto ele

amparada, mas só isso.

estiver obstinado, não entender

— Se você sabe tudo isso desde

que o passado precisa ser

criança, por que nunca nos contou

esquecido, poderá voltar.

nada?

— Isso não é justo. Ele me vê

— No começo eu pensava que

enquanto eu não sei quem ele é.

todos estavam vendo os espíritos,

Não me recordo de nada. Sou um

tanto quanto eu. Mas logo percebi

homem de bem.

que apenas eu os via. Foi quando

— Pai, você não é uma vítima. Se

eles me disseram que seria

ele está com raiva, mesmo

melhor eu esperar uma ocasião

estando confundindo as coisas e

oportuna para contar-lhes. Márcia

exagerando, você deve ter pro-

é um espírito bondoso que tem

vocado isso. Está em suas mãos

me protegido e ensinado. Foi ela

impedir que ele lhe faça mal.

quem foi me chamar no quarto de

vovó para vir ajudá-lo. Quem

conversou com o espírito foi ela

por meu intermédio.

— Eu notei que sua voz estava

bem diferente — interveio Odete.

Augusto Cezar, pensativo, passou

a mão nos cabelos. Essa coisa de

espíritos o deixava temeroso.

— Ele foi embora. Acha que
poderá voltar?

— Márcia o levou e estou certa de

— De que forma?

ficou

— Se vier a sentir o mesmo mal-
intrig

estar, sem motivo aparente, pode
ada e

ser que ele tenha voltado. Nesse
mand

caso, resista e mande-o embora,
ou-

afirmando que você está bem, que
me

o que está sentindo não é seu. Se
ver o

fizer isso com convicção, logo
que

começará a bocejar e sentirá que
estav

tudo voltará ao normal.

a

— Acha que ele vai me obedecer?
acont

— Você é dono do seu corpo, de
ecend

sua mente e não deve aceitar
o.

pensamentos negativos. Mesmo
Foi

sendo seus, eles fazem mal. É

Ernes

mais seguro ficar no bem. Só o
tina

bem faz bem. O mal, sempre faz

quem

mal.

respo

Adalberto apareceu na sala e disse

nde:

admirado:

—

— Faz tempo que vocês estão

Seu

conversando e noto que o assunto

pai

é sério. Do quarto de vovó eu

não

ouvira o murmúrio da conversa

estav

sem entender o que diziam. Vovó

a

bem, mas já melhorou. Diga a ela

nossa

que já vamos vê-la.

vida

— Eu mesma vou conversar com

mais

ela — disse Carolina levantando-

do

se.

que

— Eu vou com você — tornou

antes

Odete.

.

Adalberto as acompanhou.

Você

Ernestina sentou-se ao lado do

não

marido em silêncio. Depois de

pode

alguns segundos ele perguntou:

se

— Você sabia alguma coisa sobre

esque

as idéias de Carolina?

cer

— Sim. Há pouco tempo ela

que

começou a falar-me sobre esse

estav

assunto.

a mal

— É incrível! Carolina ainda é uma

e ela

criança. Pode estar se iludindo. É

tirou

muito crédula.

seu

— Ela é muito madura. Quando

mal-

conversamos me surpreende com

estar

idéias sensatas que me ajudam e

em

me deixam bem.

um

Nos últimos tempos tenho me

instan

sentido mais feliz, valorizado a

te.

— Isso é verdade. Agora nem

Ela

parece que eu tenha me sentido
contin
tão mal. Parecia que eu ia morrer.
uou:
Foi horrível.
— Vai
— Eu também já passei pela
ver
mesma coisa e ela me ajudou a
que
ficar bem. Acredite. Carolina sabe
você
o que está dizendo.
estav
— Mas essa coisa de espírito me
a
assusta e confunde.
aqui
Ernestina deu de ombros e
pensa
respondeu:
ndo
— Pois a mim não. Depois que
nos
minha mãe morreu, ela veio em
probl
sonho me pedir para não chorar
emas
mais porque ela continuava viva
e
no outro mundo. Eu chorava todos
atraiu
os dias diante do retrato dela,
esse
depois disso, nunca mais chorei.

espíri

— Você nunca me contou isso.

to. Eu

— É que só me recordei depois

agora

que Carolina me disse que os que

prest

morreram continuam vivos no

o

outro mundo.

atenç

Augusto Cezar suspirou pensativo.

ão e

quando vem um pensamento de

contin

tristeza, trato logo de não dar

uou

importância e rapidamente mudá-

remo

lo para uma coisa boa. Assim,

endo

nunca mais me senti mal.

o

— Pelo jeito você acredita em

assun

tudo que Carolina disse.

to.

— Acredito. E acho bom você

Uma

pensar no assunto e procurar

coisa

investigar. Carolina me ensinou

era

que eu deveria questionar as

verda

coisas e não acreditar em tudo o
de:
que as pessoas dizem. Mas
Caroli
procurar a verdade onde ela
na
estiver experimentando as coisas
conse
para saber quais funcionam.
guira
Augusto Cezar abriu a boca e
que
fechou-a de novo sem saber o que
ele
dizer. Nunca Ernestina lhe falara
recup
com tanta sabedoria.
erass
Ela levantou-se:
e o
— Vou ver D. Guilhermina. É
bem-
melhor você ficar sozinho para
estar
pensar sobre tudo isso.
sem
Ela se foi e Augusto Cezar
lhe
dar um remédio sequer. Isso o
se
impressionou muito. Para ele,
casad
todo mal-estar tinha a ver com
o.
problemas de saúde. Não

Ficou
acreditava nem que as emoções
como
pudessem provocar reações no
vido.
corpo físico.
Guilh
O que Carolina lhe dissera virará
ermin
suas crenças de pernas para o ar.
a
Pensou em seu pai. Se isso fosse
mocin
verdade ele também continuaria
ha,
vivo no outro mundo. Ao pensar
vestid
nisso, sentiu que um calor
a de
agradável o envolvia. Sentiu
noiva,
saudades dele. Como seria bom
esboç
abraçá-lo, trocar idéias como fazia
ando
sempre que o visitava.
leve
Levantou-se e foi até o escritório
sorris
onde ambos costumavam se
o, ele
reunir para tratar dos assuntos da
de
família. Sentou-se diante da
fraqu

escrivaninha fixando o retrato de
e,
casamento que ainda se
sério.
encontrava sobre ela, como
Augu
estivera desde que os pais haviam
sto
Cezar fixou-o, fora um homem
direit
bonito. Pela primeira vez notou
o de
como ele era parecido com
escol
Adalberto. Ao pensar no filho,
her
lembrou-se de como ele fora
seu
ingrato ao preferir deixar a casa a
própri
seguir seus conselhos de pai.
o
Nesse instante, recordou-se de
camin
como seu pai reagira quando,
ho.
recém-formado e desejando
Vou
casar-se em breve, decidira
sentir
mudar-se para a pequena cidade
muito
de Bebedouro, onde tinha ido
sua
passar umas férias e se encantara

falta,
com as belezas e a calma do
mas
lugar.
se é
Era ideal para se estabelecer,
isso o
levar sua jovem esposa, criar os
que
filhos. Guilhermina tinha chorado,
desej
ficado triste, dizendo que não
a,
permitiria que ele fosse morar tão
vou
longe. Mas o pai tivera uma
apoiá
atitude diferente, abraçara-o e
-lo.
dissera:
Foi
— Você é um homem, tem o
então
que ele notou a diferença da
custa
atitude dele com a sua. A situação
s.
era a mesma, apenas com a
Ele
diferença de que Adalberto ainda
não
não estava formado. Mas pelo que
sabia,
Odete lhe dissera, ele sabia o que
mas o

queria, estava se esforçando para
espíri
estudar, trabalhar. Sentiu
to de
vergonha. Seu pai não só
Norbe
consentira, como lhe dera dinheiro
rto
para comprar a bela casa onde ele
estav
residia com a família.
a ao
Ele não fizera nenhum esforço
seu
para ter a casa, só precisara
lado,
trabalhar para mantê-la, mas
desde
mesmo assim, o pai sempre lhe
que
mandava dinheiro e o ajudou a
Márci
abrir a empresa de construção
a o
que lhe garantia o sustento e o
ajuda
bem-estar de todos.
ra a
Adalberto fizera muito mais do
libert
que ele. Não se prevalecera da
ar-se
ajuda da avó e da tia para ser
e o
sustentado. Tivera dignidade de

seguir
trabalhar e viver às próprias
a ao
escritório, ligando-se a ele,
volto
inspirando suas lembranças e
u?
fazendo comentários ao seu
Fez
ouvido que o fizeram perceber o
menç
que ele não queria ver. O espírito
ão de
de Márcia estava ao lado dele,
levan
auxiliando-o nesse processo. Ela
tar-se
projetou para Augusto Cezar a
para
imagem de Carolina e de Sérgio.
procu
Ele estremeceu. Um sentimento
rar
de medo o acometeu. Ele não
Caroli
queria que a filha se casasse com
na.
Sérgio. Sentiu raiva dele.
Mas
— Por que ele não desistia dela?
viu
Sua insistência o irritava.
nitida
Carolina lhe dissera que
ment

continuavam namorando. Como,

e a

se eles nunca mais se viram?

figura

Márcia colocou as mãos na frente

de

de Augusto Cezar, de onde saiu

seu

uma luz azul brilhante que

pai, à

percorreu todo seu corpo. Ele

sua

sentiu arrepios e estremeceu.

frente

Fechou os olhos e pensou:

,

— Será que aquele espírito

esten

dendo as mãos para ele.

— Foi

Levantou-se e gritou emocionado:

muito

— Pai, é verdade? Você está aqui?

rápido

Abriu os olhos, mas o pai havia

o. Eu

desaparecido. Emocionado,

gosta

Augusto Cezar deixou-se cair

ria de

novamente na cadeira, esfregando

vê-lo

os olhos, fechando-os novamente

melh

e tentando vê-lo outra vez. Mas

or.

não conseguiu.

— Ele

Teria acontecido mesmo ou ele

está

estaria sugestionado pelo que

dizen

Carolina dissera? Levantou-se e

do

saiu à procura de Carolina.

que

Encontrou-a no corredor:

foi ele

— Estava à sua procura.

quem

— O que aconteceu?

o

Rapidamente ele a segurou pelo

troux

braço e levou-a ao escritório do

e

pai.

para

— Aconteceu uma coisa incrível.

cá,

— Você viu o espírito do vovô.

abra-

— Como sabe?

çou-o

— Ele ainda está aqui. Posso vê-

e

lo. Márcia está com ele.

você

sentiu. Conversou com você que

Caroli

percebeu o que ele desejava

na

dizer-lhe.

levan

Augusto Cezar lembrou-se do

tou-

calor agradável que sentira e das

se e

saudades dos tempos que

segur

estiveram juntos.

ou a

— Ele está aqui e eu não posso

mão

vê-lo. Gostaria de poder abraçá-

do

lo.

pai

— Ele disse que virá visitá-lo

com

durante o sono e poderão

carin

conversar melhor.

ho:

— Ele me fez pensar coisas que eu

—

nunca havia pensado. Há outro

Venh

assunto que eu gostaria de falar

a,

com ele.

pai.

— Ele está dizendo que precisa ir

Tia

embora. Mas que voltará a

Odete
procurá-lo. Vão com Deus e
fez
obrigada — disse Carolina
um
emocionada.
chá e
— Estou comovido. Nunca pensei
está
que pudesse voltar a conversar
nos
com ele.
esper
ando na copa.
Obrig
— Não tenho vontade.
ado
— Mas vai fazer-lhe muito bem.
por
Vamos, não deixemos tia Odete
ter
esperando.
vindo
Augusto Cezar levantou-se e
mesm
deixou-se conduzir por Carolina
o
para tomar o chá.
assim
.

Caroli

CAPÍTULO 27

na
aprox
imou-

Não tinham ainda terminado de
se e
tomar o chá quando Dina
cump
introduziu o médico na sala e foi
rimen
imediatamente avisar Augusto
tou o
Cezar, que se apressou a
médic
cumprimentá-lo:
o com
— Como vai, Dr. Jorge?
ca-
— Bem. Eu queria vir mais cedo,
rinho.
mas foi impossível. Parece que
Douto
todos os meus clientes hoje se
r
lembraram de mim!
Jorge
— O senhor deve estar cansado.
era o
médico da família, tratara de
parad
Norberto com desvelo e era
o em
querido por todos da casa.
frente
— Vou ver se D. Guilhermina
da
melhorou — disse ele.
casa.
— Eu o acompanho. Estava

Vend
ansioso a sua espera.
o-a,
Os dois dirigiram-se para o quarto
abraç
da doente e Carolina ia
ou-a
acompanhá-los quando viu
com
Adalberto na porta chamando-a.
carin
Foi ter com ele:
ho,
— Sérgio está no portão. Ia tocar
beijan
a campainha, mas eu escutei o
do
barulho do carro e o impedi. É
seus
melhor sair e falar com ele.
lábios
O rosto de Carolina iluminou se de
com
alegria, mas pediu:
emoç
— Se papai perguntar por mim,
ão.
diga que estou no quarto e vá me
Preoc
avisar.
upad
— Pode deixar. O Dr. Jorge
a,
chegou à boa hora. Papai nem vai
Caroli

notar sua ausência.

na

Carolina saiu e Sérgio estava

muito

emocionada pediu:

boa

— Vamos sair daqui. Papai pode

casa

nos ver.

e nos

Foram para o carro e se

casar.

distanciaram da casa, parando em

Caroli

uma rua próxima.

na

Sérgio a olhava com amor e

suspir

Carolina sentia o coração bater

ou:

forte.

— É o

— Eu não agüentava mais de

que

saudades. — Reclamou ele con-

eu

tinuando: — Eu queria falar com

mais

seu pai, ver se o convenço a

quero

mudar de idéia. Não gosto de

no

encontrar com você como se

mund

estivéssemos fazendo algo errado.

o!

Nosso amor é sincero e não há

Mas

motivo para tanto sacrifício.

foi

— Eu sei. Mas sinto que

você

precisamos esperar um pouco

mesm

mais para dar esse passo.

o

— Olhe, durante esses meses

quem

tenho juntado dinheiro pensando

me

em nosso futuro. Dentro de pouco

alerto

tempo poderemos comprar uma

u

sobre o passado. Estou

mas

procurando fazer a minha parte

você

para que nada mais nos impeça

está

de ficar juntos. Você precisa ter

exage

mais um pouco de paciência. Eu

rando

me lembrei de alguns fatos,

.

pensei muito e descobri o que

—

precisava fazer para me libertar.

Não,

— Tem certeza do que está

Sérgi

fazendo?

o.

— Sim. Descobri que fui à

Estou

responsável pelos acontecimentos

segur

daquele tempo.

a do

— Está se subestimando. Você

que

sempre foi muito boa.

afirm

— Não é verdade. Por vaidade e

o. Em

ambição, seduzi um homem e me

vida

casei com ele sem amor. Quando

pas-

o conheci e nos apaixonamos, eu

sada

não quis deixá-lo e ir viver a seu

cause

lado porque não queria perder a

i

posição social e o luxo em que

sofri

vivia. Escolhi tornar-me sua

ment

amante e paguei caro pela traição.

o a

— Eu conheço parte da história,

meus

pais, e sei que a vida nos reuniu

perto

agora para que nos entendamos.

de

Sinto que enquanto eu não vencer

conse

o rancor, a mágoa que às vezes

guir o

ainda brota em meu coração, não

que

serei livre para ser feliz.

desej

Sérgio abraçou-a com carinho,

amos.

beijando-a várias vezes. Depois

—

disse:

Deus

— Desculpe se eu insisti em fazer

a

as coisas de maneira inadequada,

ouça.

mas é muito cruel não poder vê-la

Depoi

nem de vez em quando. Logo sua

s de

avó vai melhorar vocês voltarão

tê-la

para o interior, e tudo continuará

nova

igual. Não posso suportar isso.

ment

— Está difícil também para mim.

e em

Mas tenho me esforçado e

meus

acredito que as coisas estão

braço

mudando.

s, fica

Carolina contou-lhe em detalhes

mais

os últimos acontecimentos e

difícil

finalizou:

uma

— Estamos sendo auxiliados pelos

nova

nossos amigos espirituais e muito

separ

ação.

olhou

Conversaram mais um pouco,

-o e

depois Carolina pediu:

coloc

— Leve-me para perto de casa. Só

ou-o

Adalberto sabe que saí. Eles

na

podem dar pela minha ausência.

axila

— Amanhã voltarei para vê-la.

da

— Não pare na porta de casa.

doent

— Farei como quiser, mas quero

e.

ficar com você mais tempo.

Augu

— Verei o que posso fazer.

sto

Sérgio voltou para perto da casa e

Cezar

depois de mais um beijo Carolina

pergu

desceu e ele ficou esperando que

ntou:

ela entrasse.

— O

Doutor Jorge entrou no quarto de

senho

Guilhermina e aproximou-se do

r quer

leito, sorrindo:

que

— Então, D. Guilhermina, está

eu

feliz com todos à sua volta?

saia?

— Sim, doutor. Mas ainda a febre

—

não foi embora.

Pode

— Vamos ver.

ficar.

Ele sentou-se na poltrona ao lado

Sabe,

da cama, sacudiu o termômetro,

Dr.

Augusto Cezar, D. Guilhermina

direiti

tem andado muito triste desde

nho

que sua filha foi embora. Essa

que

menina tem muito jeito para lidar
logo
com ela.
estar
— Quando a deixei ficar aqui
á
avisei que seria só até o fim do
melh
ano. Ernestina sente muita falta
or.
dela.
Sei
O médico tirou o termômetro,
que a
olhou e comentou:
senho
— Ainda está com trinta e oito.
ra
— Baixou um pouco, ontem
não
estava mais de trinta e nove —
gosta
comentou Odete, temerosa de que
de ir
ele falasse em interná-la.
para
— É. Baixou. Mas precisa baixar
o
mais. Vamos continuar com a
hospit
medicação. Como está seu
al e
apetite?
estou
— Não sinto fome. Meu estômago

fazen

está enjoado e se eu forçar tenho

do de

náuseas.

tudo

— Vou receitar um remédio tiro e

para

queda para seu estômago. Tome

que

possa recuperar-se em casa, mas

viveu

precisa colaborar e esforçar-se

mom

para se alimentar, pelo menos um

entos

pouco.

muito

— Pode deixar doutor — interveio

triste

Odete —, vamos cuidar disso com

s com

todo o carinho. Fazer tudo o que

o Dr.

ela mais gosta.

Norbe

— Façam isso.

rto

O médico despediu-se, Augusto

naqu

Cezar acompanhou-o e pediu:

ele

— Eu gostaria de falar consigo em

hospit

particular, não vou me alongar,

al.

venha.

Uma

O médico concordou e eles

intern

entraram no escritório.

ação

— Estou preocupado com mamãe.

agora

Na idade dela uma pneumonia

lhe

pode ser fatal. A febre é

faria

persistente, ela sem querer

mais

comer, não seria melhor levá-la

mal

para o hospital? Ela não gosta,

do

mas se isso ajudá-la a melhorar,

que

deve ser feito.

bem.

— Não creio. Dona Guilhermina

—

Ouvi um comentário de que a

este

tristeza faz mal aos pulmões. Não

lugar.

creio que seja verdade.

Todas

Doutor Jorge balançou a cabeça

as

pensativo, depois disse:

suas

— A tristeza agrava qualquer

boas
doença. Os pulmões são órgãos
recor
sensíveis e uma depressão forte
dação
pode afetá-los, tanto como a raiva
s
ao fígado e a revolta ao coração.
estão
As emoções sempre refletem no
aqui.
equilíbrio da saúde. Você sente
Não
essa verdade quando um
sei se
acontecimento inesperado provoca
acost
sensações no corpo, tais como
umari
tremor, aceleração das batidas
a no
cardíacas, sudorese etc.
interi
— Seria muito bom se elas
or.
aceitassem mudar-se para
— É o
Bebedouro. Comprariamos uma
que
boa casa, próxima à nossa e esta-
ela
ríamos todos juntos.
diz.
— Dona Guilhermina não quer
Nesse

deixar esta casa. Foi aqui que
caso,
viveu desde que se casou. Ama
não
sei como resolver esse dilema.
pode
— Seria mais fácil o senhor vir
mos
para cá.
fazer
— Nem me fale uma coisa dessas.
nada.
Eu adoro a calma da nossa cidade.
—
Não me acostumaria a viver aqui.
Mas
— Seus filhos adorariam. Carolina
quan
vive dizendo que pretende morar
do
aqui quando se casar, e Adalberto
Caroli
pretende fazer carreira em São
na
Paulo.
estav
Embora contrariado, Augusto
a
Cezar não o contradisse. Pensou
aqui,
um pouco e perguntou:
ela
— Qual é o verdadeiro estado de
havia
mamãe? Ela está correndo perigo?

melh

— É uma doença grave que

orado

precisa de muitos cuidados. Do

muito

ponto em que está, tanto pode

.

melhorar como se agravar. Vamos

Vivia

esperar que ela reaja e que jogue

rindo,

fora a tristeza e tenha vontade de

sentia

viver. Ela perdeu esse estímulo

-se

quando o marido morreu.

bem.

— Tem razão. Quanto a isso não

Falav

a do marido com carinho, sem

famíli

tanta tristeza.

a. Ele

— Esse é um remédio difícil.

desej

Minha filha precisa viver em nossa

ava

cidade. Está cursando faculdade

viver

lá. Mas enquanto estivermos aqui

no

faremos o possível para alegrá-la.

interi

— Eu sei disso.

or e

O médico despediu-se e prometeu
ela
voltar na noite seguinte se ela
aceito
ainda continuasse com febre.

u
Augusto Cezar fechou-se no
tudo
escritório do pai. Tantas coisas
que
tinham acontecido desde que ele
ele
chegara a São Paulo que
propô
precisava ordenar seus
s.
pensamentos.

O pai
Colocou a cabeça entre as mãos.
encon
Recordou-se do pai, da
trava-
adolescência, dos tempos de
se no
faculdade, dos namoros que tive-
escrit
ra, de como conhecera Ernestina e
ório
notara o quanto era prendada,
quan
alegre, e sentira que ela era a
do
mulher ideal para começar uma
Caroli
na deixou Sérgio, entrou em casa

penu

e foi direto para o quarto da avó.

mbra

Odete contou-lhe o que o médico

até

lhes dissera e Carolina logo

que

prometeu:

fecha

— Vovó, quem vai cuidar de você

sse

sou eu. Vamos acabar com essa

os

febre de uma vez!

olhos

— Estou cansada, quero dormir.

e

— Mas antes você vai tomar um

ador

café com leite e comer um pedaço

mece

daquele bolo delicioso que Dina

sse.

fez.

Depoi

— Estou sem fome.

s, pé

— Se você comer nem que seja

ante

um pouco, vou contar-lhe uma

pé,

história de amor maravilhosa.

Caroli

Odete preparou o café com leite e

na foi

trouxe o bolo. Carolina foi
para
conversando, contando um filme
o
que tinha visto e aos poucos
quart
Guilhermina foi comendo. Não
o.
quis tudo, mas Carolina deu-se
Adalb
por satisfeita.
erto
Ficou segurando a mão dela na
tinha
saído para encontrar-se com
— Eu
Áurea, entrou em casa e vendo a
desej
luz do quarto de Carolina acesa,
ei
bateu levemente, abriu e entrou:
muda
— Então, matou a saudade?
r-me
— Não deu para isso porque
para
quanto mais ficamos juntos mais
São
queremos ficar.
Paulo
— Vocês não têm remédio
para
mesmo.
ficar
— Vai ser difícil termos de nos

perto

separar de novo.

de

— Sei como é isso. Tanto que

Ana

convidei Áurea para vir aqui

Maria

amanhã no fim da tarde.

que

Carolina olhou-o nos olhos, séria e

veio

perguntou:

morar

— Você está gostando dela de

aqui.

verdade?

Mas

— Estou. Engraçado que comecei

agora

a namorá-la para fazer ciúmes a

, ao

Ana Maria. Eu pensava que estava

reenc

apaixonado por ela. Aos poucos,

ontrá

Áurea me conquistou.

-la,

— Tem certeza?

não

sei, ela pareceu-me diferente, não

sauda

me atrai como antes. Áurea é

de

muito mais bonita e inteligente do

chega

que ela. Ana Maria quer ser atriz,
a
casar com milionário e estar
doer.
sempre em evidência. Não é essa
— Por
a mulher que desejo para mim.
esse
— É que você amadureceu. Sou
motiv
muito grata a Áurea pelo que fez
o
por mim. Ficarei feliz se ela entrar
convi
para nossa família.
dei-a
— Por enquanto não tenho
para
condições de me casar. Ambos
vir
estamos estudando, mas quando
aqui
eu melhorar financeiramente farei
aman
o pedido.
hã.
— Então é sério mesmo.
Ela
— É, vemo-nos todos os dias. Saio
veio
da faculdade antes e vou esperá-
aqui
la. A cada dia estamos ficando
várias
mais próximos. Vai ser difícil

vezes

agüentar esperar pelo casamento.

, mas

O tempo vai custar a passar.

depoi

— De fato. E, quando estamos

s que

separados, fica pior ainda. A

vocês

chegaram retraiu-se. Sabe que

Cump

papai não gosta que eu namore.

rimen

Mas eu assumi minha vida e não

ta-me

estou mais na dependência dele.

como

Se ele achar ruim, pouco me

a um

importa.

es-

Carolina pensou um pouco, depois

tranh

disse:

o e

— Você tem razão. Às vezes sinto

nem

vontade de fazer o mesmo. Sérgio

olha

deseja muito falar com papai

na

novamente. Mas eu sei que é

minh

melhor esperar um pouco mais.

a

— Você tem medo dele?

cara.

— Não. Mas espero um momento

Caroli

mais favorável. Desde que vovó

na

adoeceu, aconteceram coisas que

penso

mexeram muito com o emocional

u um

dele. Estou certa de que ele está

pouco

mudando.

e

Adalberto sacudiu a cabeça

decidi

negativamente:

u:

— Pois eu não acredito nisso. Ele

— Há

nunca vai mudar. Ainda está

uma

muito zangado comigo.

coisa

que você precisa saber.

preoc

Vendo que ele a olhava

upad

curiosamente, ela explicou-lhe so-

os

bre espiritualidade, sobre os

com

espíritos que via desde criança,

seu

sua mediunidade, os encontros

desm
com seres de outra dimensão,
aio,
inclusive com Sérgio, e sobre
você
reencarnação.
estav
Adalberto a ouvia fascinado.
a
Sempre sentira que entre Carolina
passe
e Sérgio havia alguma coisa
ando
diferente, especial, mas nunca
feliz
imaginara o que estava ouvindo.
com
Interessou-se muito, porquanto
Sérgi
Áurea também acreditava em
o no
espíritos, lia muitos livros sobre o
outro
assunto e muitas vezes tinham
mund
conversado a respeito.
o!
Saber que sua irmã também
Isso é
pensava assim foi uma surpresa
incrív
agradável. Quando ela contou-lhe
el!
o que acontecia na igreja
— Lá

antigamente, ele não se conteve:

ele se

— Enquanto nós ficávamos

cham

a Marcos. É o nome que usava na

—

encarnação anterior.

Era.

Notando que o irmão estava

Desd

acreditando no que ela contava,

e o

não ocultou nada. Falou do

come

impedimento do passado, abriu

ço eu

seu coração sobre o que havia

não

acontecido naquele tempo e no

tive

fim, quando se referiu ao vigia do

raiva

castelo que tinha atirado nela e

do

causara sua morte, Adalberto

vigia.

sobressaltou-se:

Ele

— Então é isso. Está explicado

pen-

porque eu sempre sonho que

sou

estou em um parque em uma

em

noite escura e noto que um ladrão

nos
está descendo em uma corda na
prote
parede. Pergunto quem é, mas
ger.
como não obtenho resposta, atiro.
Nunc
A pessoa cai. Depois aparece um
a
rosto de uma linda jovem que me
poder
estende os braços e eu fico
ia
arrependido, quero sumir, mas ela
imagi
diz que me perdoou. Então
nar
aconteceu mesmo e era você!
que
era eu.
satisf
Adalberto estava muito
ações
emocionado. Aquela história me-
com
xia com ele de tal maneira que
ele?
teve certeza absoluta de que era
—
verdadeira. Abraçou Carolina com
Foi.
carinho dizendo:
Ele
— Obrigado por você ter permitido
passo

que eu viesse viver a seu lado.

u

Perdoe-me se na infância, muitas

muito

vezes, eu a irritei. Estou

mal.

arrependido. Você é muito melhor

Mas

do que eu.

Márci

Carolina sorriu e respondeu:

a

— Coisas de criança. Apesar de

estav

tudo nós sempre nos gostamos.

a por

Nós últimos tempos você me

perto

apoiou e isso para mim conta

e o

muito.

socor

— Sempre vou apoiá-la.

reu.

Carolina então contou o que havia

Ele

acontecido com o pai, o que fez

melh

Adalberto vibrar:

orou

— Quer dizer que o espírito

na

apaixonado pela Ethel foi tomar

hora

e ficou impressionado. Agora você

de
entende porque eu quero esperar
brigar
um pouco mais? Estou disposta a
. Mas
acabar com o desentendimento do
depois
passado. Quando conseguir isso,
s que
teremos tudo o que desejamos.
desco
— Você conseguiu fazer mamãe
brigar
mudar. Ela agora é outra pessoa.
que
Mais alegre, comunicativa, parece
eu fui
até que remoçou.
culpa
— Na verdade era eu quem
da
precisava mudar minha maneira
por
de vê-la para que ela também
ter
mudasse. Pense nisso, Adalberto,
me
são nossas atitudes, nossas
casadas
crenças que atraem os aconteci-
mentos em nossa vida. Quando
Nortão
você muda seu interior, essas
n sem

mudanças acontecem do lado de
amor,
fora. Com papai está acontecendo
por
isso também.

contin

— O que você fez com ele?

uar

— Eu sentia muita raiva dele por
casad
ter me afastado de Sérgio.

a

Quando o olhava sentia vontade
para
não perder o luxo a que estava
que

acostumada, preferindo ser
sonha

amante de Marcos a assumir uma
va

vida ao lado dele, procurei mudar
vê-lo

a maneira como eu o olhava.

toma

Lembrei-me dos cuidados com
ndo

que ele nos cercava na infância, e,
conta

a seu modo, ele sempre foi um pai
da

dedicado à família, pensando

empr

sempre em nosso bem-estar.

esa.

— E você conseguiu? Eu ainda

Notei

sinto muita mágoa dele.

que

— Consegui. Quando venci a

depoi

raiva, notei suas qualidades e

s que

pude perceber como ele está

ocê

sofrendo por não ter conseguido

saiu

que as coisas fossem como ele

de

desejava. Notei que apesar de

casa,

tudo, ele esperava que você

ele

voltasse para casa arrependido.

perde

— Era isso o que ele queria para

u um

ganhar essa batalha.

pouco

— O orgulho pode ser mau

o

conselheiro. Acredite que sua

entusi

atitude foi uma decepção para ele,

asmo

pelo trabalho. Pela manhã saía

sonor

sem disposição e à noite ficava

o

mais calado do que antes. Ele

beijo

também sentiu muita falta das
na
conversas que tinha com tia Odete
testa
e com vovó.
da
Adalberto ouvia pensativo. Ele não
irmã
viu, mas o espírito de Márcia
e
estava ao lado, vibrando amor, e
silenc
do seu peito saíam energias
iosam
luminosas que os envolviam e os
ente
emocionava, enquanto do alto
deixo
fluíam luzes coloridas.
u o
— Vá para seu quarto, analise
quart
seus sentimentos, pense em tudo
o.
o que conversamos. Não julgue,
Senti
apenas sinta. Perceba o que está
a-se
por trás do que papai nunca disse,
relax
aproveite este momento mágico
ado e
em que a vida nos reuniu para
em
vencer o passado e consolidar os

paz.

laços que nos une, pois eles vão
além deste mundo e se estendem
por toda a eternidade.

Adalberto levantou-se, deu um

CAPÍTULO 28

Naquela mesma noite. Augusto Cezar depois de ter ficado muito tempo pensativo no escritório do pai, vencido pelo cansaço, decidiu ir dormir; todos já haviam se recolhido. Ele foi direto para o quarto.

Ernestina dormia. Ele preparou-se para deitar-se, procurando não fazer ruído e acordá-la.

Ao olhar para o semblante da esposa adormecida, uma onda de ternura o acometeu. Ela estava diferente, tinha remoçado, e ele pensou o quanto ela sempre tinha sido prestativa procurando entendê-lo, zelando pelo seu conforto e bem-estar.

Deitou-se ao lado dela com cuidado, acomodou-se. Ernestina remexeu-se e continuou dormindo. Ele virou para o lado e tentou dormir. Mas a recordação do que lhe acontecera não saía de sua mente. Dúvidas e perguntas não o deixavam conciliar o sono.

Seria mesmo verdade que ele havia vivido outra vida antes dessa? Por que não conseguia lembrar-se de nada? Ernestina teria vivido junto dele? Se isso fosse verdade, Carolina também teria feito parte de sua vida? E Adalberto, que ligação teria com ela no passado?

A história que Carolina lhe contara parecera-lhe inverossímil, mas ao mesmo tempo, sentia que ela tinha alguma coisa de verdade.

Como saber? Ele não tinha a sensibilidade de Carolina. A quem recorrer para tentar descobrir a verdade?

Nunca iria contar essa história a ninguém. Poderiam julgá-lo louco. Quanto ao padre da paróquia de Bebedouro, nem pensar.

Então se lembrou de Deus. Carolina lhe dissera que os espíritos de luz estão sempre dispostos a nos proteger e ajudar. Precisava fazer alguma coisa.

Deitado como estava, fechou os olhos e em pensamento implorou a Deus que o ajudasse a entender o que estava acontecendo com ele e sua família.

Reconhecia que pautara sua vida com seriedade, cuidara do bem-estar de todos do jeito que entendia ser o melhor para eles. Mas agora, diante dos problemas que haviam surgido, eles não estavam gratos pelo que ele fizera.

O filho magoado, distante, a filha infeliz, descontente por ter lhe imposto a separação do namorado. Rememorando tudo quanto acontecera, lembrou-se do pai e lágrimas vieram-lhe aos olhos. Parecia-lhe vê-lo de braços estendidos dizendo:

— Filho! Procure entender os seus filhos. Eles pensam diferente de você.

Sentiu saudades do pai, sempre cordato e amigo. Ele não fora igual a ele com os seus.

Augusto Cezar revirou-se na cama até que cansado finalmente adormeceu.

Sonhou que estava caminhando por uma estrada ladeada de frondosas árvores quando se encontrou com seu pai. Mesmo no sonho ele pensou:

— Tanto me lembrei dele que acabei sonhando.

Ao que o espírito de Norberto respondeu:

— Sou eu, meu filho. Estou vivo!

Abraçou-o com carinho e Augusto Cezar chegou a sentir o cheiro costumeiro do perfume que o pai usava.

— Pai, tenho sentido sua falta! Tantas coisas aconteceram comigo! Tenho estado triste e sem saber o que fazer.

— Venha comigo. Vou levá-lo a um lugar de refazimento.

— Você está bem, parece que rejuvenesceu!

— Estou bem, mesmo. A doença não veio comigo, ficou naquele corpo que deixei lá.

— Como pode ser?

— Você sabe. O que Carolina lhe disse é verdade. Venha, você precisa refazer suas energias!

Norberto segurou o filho pelo braço e juntos foram deslizando, subindo.

Augusto Cezar experimentou grande bem-estar.

Extasiado, ele olhava as estrelas brilhando no céu e as luzes da cidade lá embaixo, ficando cada vez menores.

— Quero ficar aqui com você! — exclamou feliz.

— Você não pode. Ainda não chegou sua hora.

Instantes depois, pararam e desceram suavemente em um bosque. A atmosfera era agradável e Augusto Cezar respirou prazerosamente.

— Vamos nos sentar naquele banco — disse Norberto.

Sentaram-se e Augusto Cezar disse com alegria:

— Que lindo lugar; onde estamos?

— Em uma dimensão astral próxima da Terra. Trouxe-o aqui porque desejo apresentar-lhe um amigo.

Segundos depois, um homem de meia-idade aproximou-se, abraçou Norberto dizendo:

— Você está bem?

— Estou. Este é meu filho Augusto Cezar. — E para o filho:

— Este é meu querido amigo Bibiano, há quem muito devo.

E o recém-vindo apertou a mão que Augusto Cezar lhe estendia dizendo:

— Seja bem-vindo, meu filho. Vamos nos sentar e conversar.

Depois de acomodados no banco, Bibiano, olhando firme nos olhos de Augusto Cezar, disse:

— Em que posso ajudá-lo?

— Várias coisas aconteceram nos últimos dias que tiraram o meu sossego.

— Eu sei. Não precisa me dizer. Nós nos conhecemos há muito tempo.

— Eu não me lembro de você.

— Você está encarnado e seu esquecimento é natural. Você mergulhou tanto nas coisas do mundo que se esqueceu das promessas que fez antes de reencarnar.

— Como assim?

— Você prometeu se esquecer das mágoas da vida passada e apesar de não se lembrar delas, conserva em seu inconsciente hábitos daquele tempo que agora impedem que as coisas sejam

como devem ser.

— É mesmo verdade que vivi outras vidas antes desta?

— É. Nosso espírito é eterno. O corpo de carne é uma máquina que utilizamos para poder interagir e fazer experiências na sociedade do mundo. Quando ele se desgasta, o deixamos entregue às transformações da mãe natureza e conservamos o corpo astral, do qual nunca nos separamos e que tem capacidade de viver e agir em outras dimensões do Universo.

— Parece incrível!

— Mas é verdade. Devo dizer-lhe que se deseja melhorar sua relação com os seus familiares, precisa cumprir a promessa que fez a eles antes de reencarnar.

— Como posso cumpri-las se não me recordo delas?

— Você na vida anterior foi um homem muito rico, adulado, e habituou-se a que todos lhe fizessem todas as vontades.

Tornou-se vaidoso, punindo aqueles que ousassem contradizê-lo. O tempo passou, as coisas mudaram, mas você continua querendo ser obedecido em tudo. Essa é a origem dos problemas que tem tido com seus filhos.

Augusto Cezar baixou os olhos envergonhados. Naquele momento pareceu-lhe ver-se vestido com roupas antigas e muito ricas, no meio de pessoas, sendo admirado.

Foi uma visão rápida, mas que o fez notar que seu interlocutor dizia a verdade.

Ficou silencioso durante alguns segundos, depois levantou o olhar dizendo:

— Tudo o que eu fiz foi pensando no bem da minha família.

— Não é bem assim... — Disse Bibiano sério continuando: — Você fez o que imaginava que fosse bom para eles sem se deter na vocação de cada um, em suas necessidades espirituais, no caminho que desejam seguir.

— Eu desejava poupá-los. Não queria que sofressem. O mundo está cheio de pessoas maldosas.

— Você não tem poder para impedir que eles escolham o próprio caminho e colham os resultados. É da vida. Todos nós precisamos experimentar e errar para aprender, enfrentar os desafios e assim nos tornarmos mais fortes, mais amadurecidos. O que você queria estava tornando-os dependentes de você, tornando-os fracos e incapazes para pagar o preço do crescimento.

Augusto Cezar sentiu que as lágrimas desciam pela sua face e reconheceu o quanto estava enganado. Quando Bibiano se calou ele disse:

— Eu não pensei nisso! Achava que eles eram crianças e só eu tinha condições de orientá-los!

— Você se esqueceu de que o espírito deles existia antes de reencarnar e pode até ser que sejam mais lúcidos do que você. Os filhos quando pequenos precisam de pais atentos, que mesmo observando seus pontos fracos, procurem salientar e trazer à tona todas as suas qualidades para que, valorizadas, os protejam no dia-a-dia.

— Eu não me lembrava de nada disso. Estou arrependido. O que posso fazer para melhorar?

— Quando você voltar a seu corpo, não vai se lembrar de tudo o que conversamos, mas vou ajudá-lo, prometo que vou ajudá-lo de alguma forma.

O resto depende de você.

Bibiano levantou-se e pediu que eles também o fizessem.

— Vamos pedir a ajuda à Divina Providência.

Ambos fecharam os olhos enquanto Bibiano elevava o pensamento, braços levantados

captando energias. Em alguns segundos, uma chuva de pequenos flocos alvos e brilhantes começou a cair sobre eles.

Bibiano colocou as mãos estendidas em direção a eles e delas saíram jatos de energias coloridas que envolveram os dois.

Augusto Cezar sentia-se comovido e seu rosto estava lavado pelas lágrimas.

Quando Bibiano colocou a mão em seu peito, ele sentiu como se uma bola escura saísse dele e fosse levada para longe. Sentiu-se leve como havia muito não se sentia.

Em silêncio, Bibiano os abraçou e desapareceu. Norberto, olhos brilhantes e vivos, disse sério:

— É hora de voltar!

Ele passou o braço na cintura de Augusto Cezar e em poucos minutos estavam no quarto onde ele imediatamente foi atraído para seu corpo adormecido.

Sentiu certo peso, mas respirou fundo e continuou dormindo.

Na manhã seguinte todos estavam pontualmente na copa para o café como de costume, menos Augusto Cezar. Ernestina estranhou:

— Vou ver o que aconteceu.

Ela subiu, abriu a porta do quarto, aproximou-se do leito onde o marido dormia e delicadamente colocou a mão em sua testa para verificar a temperatura. Estava normal. Ele respirava com regularidade, fisionomia calma.

Ernestina lembrou-se de que na véspera não vira a hora que o marido fora dormir. Era possível que ele tivesse ficado no escritório do pai até muito tarde.

Mas ainda assim ele nunca se atrasava para o café. Deveria acordá-lo? Achou melhor descer e esperar.

Mais de duas horas depois, quando todos estavam conversando na sala, usufruindo o sábado, foi que Augusto Cezar desceu, olhou-os com certa surpresa e comentou:

— Dormi demais, perdi a hora.

— Vou preparar seu café.

— Aceito só um café puro. Não vou comer nada. Estamos quase na hora do almoço.

Notando Guilhermina sentada no sofá aproximou-se dela:

— Bom dia, mãe! Você melhorou, está sem febre?

— Melhorei, a febre foi embora. Sente-se aqui a meu lado.

Ele obedeceu e ela continuou:

— Esta noite sonhei com seu pai. Ele me disse que eu estava melhor, devia reagir e ficar alegre para aproveitar bem a companhia de vocês.

Augusto Cezar olhou-a admirado:

— Que coincidência, eu também sonhei com ele. Disse que estava muito bem e que sua doença tinha ficado no corpo que foi enterrado.

— Como assim? — indagou Guilhermina.

Foi Carolina quem respondeu:

— Eu já lhe falei sobre isso, lembra-se, vovó? Ele agora está curado!

— Foi um sonho bom, parecia verdade!

— Foi verdade, vovó. Esse não foi um sonho igual aos outros, foi mais vivo e depois de acordar você ficou recordando as cenas. Não foi?

— Foi isso mesmo.

Augusto Cezar, que observava a cena com interesse, perguntou a Carolina:

— Você acha que o espírito de papai esteve aqui falando comigo de verdade?

— O que sentiu quando o encontrou?

— Abraçamo-nos e foi como quando ele estava vivo e com saúde, cheguei até a sentir o perfume que ele sempre usava.

— Então qual é a dúvida?

— É que quando nos abraçamos o corpo dele era o mesmo que ele tinha e que foi enterrado. Isso não está fazendo sentido para mim.

— Ele não tem mais o corpo de carne que como você disse, foi enterrado. Mas vocês se encontraram na dimensão astral e lá, o corpo que ele tem é sólido e parece igual ao outro, mas não é.

— Parece impossível!

— Por quê? Você deixou seu corpo físico na cama e saiu com seu corpo astral, como todos nós fazemos todas as noites quando dormimos. Se tivesse prestado atenção teria notado que do seu corpo adormecido saía um cordão prateado ligado à sua nuca, isso porque você ainda está encarnado. Essa ligação permite que você volte e entre novamente no corpo. Já vovô não o tem mais porque ele foi rompido com a morte.

Enquanto Carolina falava com desenvoltura e convicção, os demais a olhavam admirados, o que fez Adalberto comentar:

— Como é que você sabe de tudo isso, Carolina?

— Por que enquanto a maioria das pessoas quando dormem saem do corpo sem perceber detalhes, eu saio consciente, vejo o que está acontecendo.

Quando isso acontece, é comum eu ver meu corpo adormecido na cama. É

uma sensação diferente, mas que confirma que temos condições de continuar vivos sem o corpo físico. Nós somos seres eternos.

Dina apareceu na sala e avisou que o almoço estava servido. Augusto Cezar ajudou Guilhermina a levantar-se e apoiar-se em seu braço, o que fez com que Carolina trocasse um olhar com Adalberto. Ele lhes pareceu diferente.

Adalberto chamou Carolina discretamente e comentou:

— O que aconteceu com papai? Perdeu a hora do café, está comunicativo, aceita o que você diz. Nem parece a mesma pessoa.

Carolina sorriu e respondeu:

— Ele está descobrindo novos caminhos. Ao enxergar a luz ninguém mais quer ficar no escuro.

— Esta tarde quando a Áurea chegar, eu estou pensando em contar que estamos namorando. O que você acha?

— Não precisa falar abertamente, apenas faça-os notar que se interessam um pelo outro. Conforme a reação, você vai se abrindo.

— Às vezes sinto vontade de mostrar a papai que sou eu quem decide a minha vida.

— Isso é competição e o orgulho não ajuda em nada. Depois, eu sei que o que você mais deseja é a aprovação dele. Para isso não tem de provar que você estava certo e ele errado. Seja

sincero, papai vai gostar de saber que você valoriza a opinião dele. Assim, tudo pode voltar ao normal.

Ernestina apareceu na porta dizendo:

— Vamos, estamos todos esperando por vocês.

Eles obedeceram imediatamente. Mais tarde, quando Ernestina viu-se sozinha com o marido no quarto, comentou:

— Dona Guilhermina melhorou se continuar assim, logo poderemos voltar para casa.

— Só iremos embora quando tivermos certeza de que ela não corre mais perigo. Falei com Adelaide e tudo está bem na empresa. Só estou preocupado com as aulas de Carolina.

— Ela nem fala nisso. Está tão feliz aqui! Receio que teremos problemas com ela na hora de irmos embora.

Augusto Cezar não respondeu. Nos últimos dias não olhava mais para a filha como uma criança. Ela lhe mostrara coisas que ele nunca imaginara e que mexeram com sua cabeça. Ela agora lhe parecia adulta e suas palavras tinham para ele mais significado. Não sabia ainda como definir esse sentimento de respeito e admiração que o invadia sempre que ela falava sobre espiritualidade.

Ao mesmo tempo sentia certa tristeza quando pensava que tanto Carolina quanto Adalberto, preferiam viver na capital. Estava claro que ambos pensavam muito diferente do que ele. O que aconteceria no futuro?

Adalberto não voltaria para casa nem depois de formado, uma vez que pretendia fazer carreira em São Paulo. Carolina lhe dissera que mesmo longe continuava namorando Sérgio. Quando ela se formasse não teria como impedi-la de casar-se e vir também para a capital.

Pela primeira vez pensou: Valeria à pena insistir tanto em impedir esse casamento e enfrentar a animosidade de toda a família? Guilhermina e Odete gostavam de Sérgio e o criticaram por tê-los separado. Adalberto tinha se tornado amigo dele, contara que fora o pai Sérgio quem tinha lhe arranjado emprego. E, Ernestina, o que pensaria?

Olhou para a esposa e tornou:

— Quando você ligava para cá sem eu saber, Carolina conversava com o namorado?

Ernestina, apesar de surpreendida, encarou-o e respondeu com voz firme:

— Sim. Eu mesma conversei com ele uma vez.

— Por esse motivo Carolina afirmou que o namoro continua.

— Talvez. Mas um dia ela contou-me que eles se encontravam no sonho. Então eu descobri que para o amor não há distância e que não adiantava nada impedi-los de se encontrar.

— Quer dizer que quando ele dormia, seu espírito ia visitar Carolina?

— Isso mesmo. Quer saber? Eu acho que você não vai conseguir impedi-los de se casar, passe o tempo que for.

Augusto Cezar não respondeu logo. Aquela situação ia muito além de suas possibilidades. Essa batalha estava perdida. Ele não poderia lutar contra a natureza e seus mistérios. Depois de alguns minutos, disse:

— Ela pelo menos poderia esperar até estar formada.

— Ela não pensa como você. Vou ver D. Guilhermina. Fiquei de dar-lhe um remédio.

— Vou descansar um pouco. Avise-me quando forem servir o jantar.

Ela saiu pensativa. Seu marido estava mudando. Em outros tempos teria reagido mal a essa conversa. Aquela doença de sua sogra fora providencial. O

que ela mais queria era que ele se aproximasse do filho, fizessem as pazes e ele o apoiasse como deveria ser.

CAPÍTULO 29

Enquanto os pais estavam no quarto conversando, Adalberto chamou Carolina:

— Sérgio está lá fora. Disse que não suporta mais essa situação, quer entrar e falar com papai.

— Não! Ainda não é o momento. Vou falar com ele. Se perguntarem por mim diga que estou no quarto.

Depois de dar uma olhada no espelho, ela saiu. Sérgio a esperava na porta da casa e abraçou-a com carinho, beijando-a nos lábios.

— Venha — disse ela —, vamos entrar no carro.

— Eu vou entrar e falar com seu pai. Não é possível continuarmos desse jeito.

— Ele está no quarto descansando. Vamos conversar no carro.

Entraram no carro e Carolina pediu-lhe que saísse da frente da casa.

Parados em uma rua discreta, eles se abraçaram e beijaram-se muitas vezes. Depois ele tornou:

— Quero me casar com você! Não é justo ficarmos separados. Chega de sofrer.

— Eu também quero casar o quanto antes. Mas você precisa ter um pouco mais de paciência. O impedimento do passado que havia está acabando. Estou conseguindo fazer a minha parte. Falta pouco.

— Eu também sinto isso. É por esse motivo que desejo conversar com seu pai.

— Receio que uma precipitação agora possa atrapalhar tudo. Calma. Nós vamos chegar aonde queremos.

Durante algum tempo eles conversaram fazendo planos para o futuro, desejando casar-se o quanto antes. Mas apesar da insistência de Sérgio, Carolina não concordou.

— Dona Guilhermina está melhor e logo seu pai vai levá-la de volta para Bebedouro.

Será um tormento.

— Ele ainda não fala em ir embora.

— Da outra vez ele saiu de madrugada, sem que ninguém soubesse.

— Mas agora não vai fazer isso.

— Como você pode saber? Se ele decidir, você terá de ir.

— Dê-me mais alguns dias. Se eu suspeitar que ele deseje ir embora, avisarei. Nesse caso, você falará com ele. Apesar de que isso poderá não ser uma boa idéia.

Sérgio pensou um pouco, depois concordou. Eles ficaram um pouco mais conversando e Carolina achou que já era hora de voltar para casa. Sérgio levou-a de volta, despediram-se e ela entrou.

Pensativo, Sérgio foi para casa. Ao entrar, Wanda estava na sala lendo e, vendo-o, perguntou:

— Onde estava? Não veio jantar.

— Eu comi um lanche e estou sem fome. Papai está lá em cima?

— Não. Está no escritório. Por quê?

— Quero cumprimentá-lo. Hoje ainda não o vi.

Ele bateu levemente na porta do escritório e entrou. Humberto estava sentado em uma poltrona lendo algumas folhas de papel. Vendo-o entrar, colocou-as na mesinha ao lado, levantou-se e abraçou o filho com alegria.

Depois dos cumprimentos, Sérgio perguntou:

- Está muito ocupado, pai?
- Para você nunca estou ocupado. Deseja alguma coisa?
- Estou precisando conversar, desabafar.
- Venha, vamos nos sentar.

Lado a lado no sofá, Humberto tornou:

- Sinto que você está preocupado. Em que posso ajudá-lo?

Sérgio começou a falar sobre seu relacionamento com Carolina, o quanto se amavam e as dificuldades que estavam passando com a intransigência de Augusto Cezar.

- Hoje fui a casa dela disposto a entrar, conversar com ele, mesmo sabendo que não quer nosso casamento. Mas Carolina pediu-me mais alguns dias. Tenho medo de que ele a leve de repente, como fez da outra vez. Tenho estado irritado, nervoso, o que não é do meu feitio.
- Você é um bom rapaz, formado, bem de vida. Não há motivo que justifique o que ele faz.
- Ele nem quis saber nada sobre nossa família. Tem ciúme dos filhos. Adalberto, para estudar em São Paulo, precisou romper com ele. Você sabe. Eu não vou suportar se Carolina for embora de novo sem que possamos nos ver.

Humberto ficou pensativo, depois disse:

- Você gosta muito dela, não é?
- Muito. Carolina é a mulher da minha vida. Nós nos damos muito bem e estou certo de que seremos muito felizes.
- Nesse caso deixe comigo.
- O que vai fazer?
- Eu vou domar essa fera. Vou procurá-lo.
- Faria isso por mim?
- Claro. Quero ter o prazer de acabar com todos os argumentos dele.
- Nesse caso vou avisar Carolina.
- Não faça isso. Vou aparecer lá de surpresa. Anote o endereço e o nome dele.
- Acha que vai dar certo?

Humberto fixou os olhos no filho e havia um brilho malicioso neles quando retrucou:

- Você acha que vou perder essa causa?

Eram cinco horas da tarde do domingo quando Humberto tocou a campainha da casa de Guilhermina. Dina atendeu e ele disse:

- Boa tarde. Desejo falar com o Dr. Augusto Cezar. Ele está?
- Sim, senhor. A quem devo anunciar?
- Meu nome é Humberto de Paiva Nunes, sou o pai de Sérgio e gostaria de falar com o Dr. Augusto Cezar em particular. Não diga aos outros da casa que estou aqui.

Dina hesitou um pouco, depois disse:

— Entre. Acompanhe-me, por favor.

Dina o conduziu ao escritório do Dr. Norberto dizendo:

— Sente-se, por favor. O senhor deseja uma água, um café?

— Agora não, obrigado.

— Nesse caso vou avisar o Dr. Augusto Cezar que o senhor está aqui. Com licença.

Ela caminhou até a sala onde ele estava sentado lendo e aproximou-se dizendo baixinho:

— Doutor, tem uma pessoa que deseja vê-lo em particular.

— Quem é?

— Doutor Humberto de Paiva Nunes, pai de Sérgio. Augusto Cezar estremeceu e perguntou:

— Onde ele está?

— Como ele me pediu que não avisasse os demais de sua presença, coloquei-o no escritório.

Augusto Cezar levantou-se e encaminhou-se ao escritório. Ao entrar, Humberto levantou-se dizendo:

— Como vai, Dr. Augusto Cezar?

— Bem. Por que não me avisou que viria?

— Porque essa conversa é entre nós dois.

— Sente-se, por favor — pediu Augusto Cezar indicando uma poltrona. Depois de acomodados, ele continuou:

— Ao que devo a honra de sua visita?

Humberto olhou fundo nos olhos dele e respondeu:

— Estou aqui advogando a felicidade de nossos filhos. Ontem meu filho me procurou e desabafou suas mágoas. Por esse motivo decidi interceder por ele. Naturalmente, o senhor não me conhece, nem a minha família, mas estou disposto a prestar-lhe todos os esclarecimentos que desejar.

Augusto Cezar sentia uma vontade de sair dali, de não enfrentar essa conversa desagradável. Por que todos desejavam separá-lo de Carolina? O filho já estava fora de casa, agora ela também?

Ficou calado durante alguns segundos, depois disse tentando ser delicado:

— Não tenho nada contra seu filho, nem contra sua família que nem conheço o problema é que minha filha é muito nova, está no primeiro ano da faculdade e eu acho melhor ela só assumir um compromisso quando se formar.

— Eles se amam e desejam ficar juntos. Sofrem quando estão separados. Por que então não permitir que namorem, se conheçam melhor? O senhor tem razão. O

casamento é um compromisso muito sério. Mas se eles não conviverem, como vão tomar suas decisões?

— Não acho bom um namoro

algumas coisas.

comprido. Minha filha precisa

Humberto falava sem desviar os

estudar.

olhos de Augusto Cezar, era um

— Não tenho esse problema. Meu

homem distinto, educado,

filho já é formado há três anos,

inteligente e sério. Estava difícil

pode sustentar uma família. Além

continuar insistindo na negativa.

do que tem outros bens. Eu penso

Ambos ficaram silenciosos durante

como o senhor. Um namoro longo

alguns minutos. Depois, Humberto

é cansativo. Portanto, o melhor

colocou a mão sobre o braço de

será fazer esse casamento logo.

Augusto Cezar e disse com voz

— Carolina está estudando.

calma:

— O que é que tem? Quando

— Estou certo, doutor, que

casei, Wanda, minha mulher,

consentindo nesse casamento, o

estava no segundo ano da

senhor vai se sentir feliz por ter

faculdade. Formou-se com louvor.

realizado o desejo de sua filha. Ela

A cultura enobrece o espírito.

vai lhe ser eternamente grata e o

Sérgio aprecia conviver com pes-

amará ainda mais.

soas inteligentes. Pelo que sei,

Pelos olhos de Augusto Cezar

sua filha é jovem, mas tem um

passou um brilho de emoção.

espírito maduro. Está pronta para

Naquele momento percebeu que
o casamento.

desejava muito acabar com a
Augusto Cezar lembrou-se das
mágoa que Carolina guardava dele
conversas que tinha tido com
e conquistar o seu amor.

Carolina. De fato, ela lhe ensinara
Baixou a cabeça e não respondeu
de imediato. Depois de alguns
apresentações enquanto Dina foi
segundos, levantou-a com certa
correndo no quarto de Carolina
altivez e respondeu:

avisá-la da presença do pai de
— Certo, o senhor me venceu.

Sérgio. Ela desceu imediatamente.
Vou consentir o casamento.

Quando entrou na sala estavam
Humberto sorriu feliz e
todos conversando amavelmente e
considerou:

Humberto levantou-se para
— Eu estava certo em acreditar
abraçá-la. Carolina tremia
que o senhor é um homem de
emocionada:

bem, e deseja acima de tudo a

— Doutor Humberto! Que alegria
felicidade de seus filhos. Eu penso
vê-lo aqui.

da mesma forma.

Ele abraçou-a com carinho:

Augusto Cezar levantou-se

— Vim advogar uma causa

dizendo:

imperdível. Seu pai quer conversar

— Venha comigo. Desejo

com você.

apresentá-lo a minha família.

Todos os olhos se fixaram em

Todos eles gostam muito de seus

Augusto Cezar que emocionado

filhos. Eu também sou grato à

tornou:

Mônica pela ajuda que deu à

— O Dr. Humberto veio pedir você

Carolina no colégio.

em casamento para seu filho

Os dois saíram do escritório e

Sérgio. Eu concordei. Vocês podem

foram até a sala onde estavam

se casar quando quiserem.

Guilhermina, Odete e Ernestina.

Carolina abraçou o pai dando um

Augusto Cezar fez as

sonoro beijo em seu rosto, depois

disse:

que farei tudo para torná-la muito

— Pai, você concordou! Estou

feliz. O senhor não vai se

muito feliz! — ela deu mais alguns

arrepender. Muito obrigado pela

beijos na face do pai depois falou

confiança.

alegre:

Augusto Cezar levantou-se,

— Vou dar a notícia a Sérgio!

apertou a mão que ele lhe estendia

Carolina telefonou para ele, mas

e respondeu:

ele não se encontrava em casa.

— Para mim a felicidade dela está

De repente, a campainha tocou.

em primeiro lugar. Desejo que

Era Sérgio:

sejam muito felizes.

— Eu não agüentei esperar e vim

Carolina aproximou-se do pai e

até aqui. Abra a porta para mim.

beijou-o na face com carinho; os

Carolina, rosto corado, voltou à

olhos dele umedeceram e ele

sala sorrindo e dizendo:

tentou dissimular. Depois de

— Sérgio estava esperando aqui

cumprimentar os demais, Sérgio

em frente. Vou fazê-lo entrar.

abraçou o pai com alegria.

Alguns segundos depois, Carolina

— Você provou que continua

introduziu Sérgio na sala. Em

excelente advogado — brincou

primeiro lugar ele aproximou-se

sorrindo, ao que Humberto

de Augusto Cezar dizendo

respondeu:

emocionado:

— Esta foi à causa que eu mais

— Carolina acaba de me dizer que

desejei ganhar.

o senhor consentiu em nosso

Todos se sentaram e Sérgio estava

casamento. Pode estar certo de

ansioso para falar sobre o futuro.

Mas Guilhermina mandou servir
Você nunca pensou em mudar-se
champanhe para comemorar e ele
para o interior? Bebedouro é uma
esperou que todos brindassem
cidade linda, agradável e muito
pela felicidade deles.

tranqüila. É o lugar ideal para se

Depois, sentou-se ao lado de
viver.

Augusto Cezar e perguntou:

— Eu quero ficar onde Carolina

— O senhor pretende voltar logo
estiver. Mas devo esclarecer que
para Bebedouro?

estou radicado aqui, tenho

— Só vou esperar os resultados
negócios rendosos e importantes
dos exames de mamãe amanhã e,
em andamento e seria complicado
conforme for voltaremos para
me transferir para outro lugar.
casa.

— Eu prefiro morar em São Paulo

— Gostaria de marcar a data do
— interveio Carolina.

nosso casamento.

— Nesse caso, façam como

Augusto Cezar estremeceu
quiserem — respondeu Augusto
levemente e respondeu:

Cezar. — Eu e Ernestina vamos

— Sei que vocês têm pressa. Mas
ficar muito sós.

não gostaria que Carolina

— Isso porque você não quer vir
perdesse o ano.

morar aqui — opinou Guilhermina.

— Enquanto esperamos por esse

— O ideal é que todos nós
dia, o senhor permitirá que os
ficássemos pertos. Eu seria muito
visite em Bebedouro?
feliz.

— Pode ir quando quiser. —

— Pensando bem, eu também

Concordou ele continuando: —
gostaria de morar em São Paulo,
ficar perto dos nossos filhos —
sensação de alívio. Parecia-lhe ter
comentou Ernestina para surpresa
vencido uma batalha.

do marido.

Aquela noite de domingo foi de

Adalberto entrou na sala

alegria para todos.

acompanhado de Áurea e olhou

Humberto despediu-se e Sérgio

surpreendido por ver Sérgio e o

ficou um pouco mais conversando

pai conversando na sala com

com Carolina, fazendo planos para
naturalidade. Ambos

o futuro.

cumprimentaram os presentes e

Adalberto levou Áurea para casa e

Guilhermina disse alegre:

quando voltou Carolina já havia se

— Carolina e Sérgio estão noivos.

recolhido e só o pai estava sentado

Hoje é dia de comemoração.

na sala. Vendo-o entrar, Augusto

Vamos fazer outro brinde.

Cezar chamou-o dizendo:

— Nesse caso eu também quero

— Sente-se, quero conversar com
dizer que pretendo pedir a mão de
você.

Áurea em casamento. Não

Adalberto obedeceu. Estava curioso

podemos nos casar ainda, mas

para saber se o pai tinha mudado

assim que eu melhorar

de fato.

financeiramente vamos nos casar.

— Como está indo nos estudos?

Quero brindar também a isso.

Adalberto falou com entusiasmo da

Todos tocaram os copos, inclusive

faculdade que estava cursando,

Augusto Cezar. Notando a alegria

das diferenças que encontrara e

do ambiente, e principalmente dos

das possibilidades de progresso

noivos, ele sentia enorme

que notava no escritório em que

trabalhava. A prática da profissão,

excessos, o que foi bom.

ainda mesmo que ele estivesse

— Fico contente por ver que se

apenas no segundo ano, o

saiu bem. Quero que saiba que me

auxiliara a entender melhor o que

arrependi de não ter apoiado a sua

estudava. Ele finalizou:

decisão. Sua mãe ficou infeliz e eu
— Estou me esforçando. Tenho
em minha vaidade desejava seu
estudado muito e entendido
fracasso só para vencer essa
melhor como funciona a profissão.
competição. Mas alguns fatos
Tenho certeza de que posso
aconteceram que me ensinaram os
aprender muito mais e me tornar
verdadeiros valores da vida.
um bom profissional.

— Sua avó me disse que você não
está recebendo a ajuda financeira
dela. Como tem se mantido?

— Estou bem. Nada me falta.
Aprendi a economizar. Áurea é
uma moça compreensiva, sabe
que essa situação é temporária.

— Quer dizer que a minha mesada
não lhe fez falta?

— Eu não diria isso. Claro que
precisei mudar meu padrão de
vida. Fiquei mais modesto. Mas
por outro lado aprendi a cortar os

— Fico feliz que tenha mudado de
esperava a chegada de Carolina. A
opinião. O mais difícil para mim foi
nave estava lotada da mais fina
ficar longe de vocês, sem poder
sociedade da cidade e dos
falar com mamãe, sem o seu
convidados do noivo que elegantes
apoio. Suas palavras me
e alegres esperavam.

aliviaram.

Na sacristia, Sérgio esperava ao lado dos pais e da irmã, olhos desta vez com entendimento brilhantes de emoção e felicidade. sincero e prazer.

Finalmente eles iam realizar seus sonhos. Depois de dar o consentimento para o casamento,

EPÍLOGO

Augusto Cezar aceitou o que eles programaram inclusive que viveriam em São Paulo depois de Naquele sábado de janeiro, na casados.

praça central de Bebedouro, a Wanda, a princípio, torceu o nariz noite estava estrelada, o jardim quando soube que o filho se florido exalava delicioso perfume e casaria com Carolina, mas, depois, a matriz iluminada, com todas as diante da alegria do filho, da velas acesas, cheia de flores, aprovação dos demais, de conviver estava engalanada para receber um pouco mais com a futura nora, os noivos.

começou a admirá-la e a entender No mezanino onde estava o órgão, por que o filho se apaixonara por orgulho da cidade, o coral ela. Assim, no dia do casamento, ela também se sentia feliz com a

semana para ver a noiva, assim ele
união.

pôde conhecer melhor o futuro
Sérgio comprara uma bonita casa
genro e quanto mais o conhecia
nos jardins, mas por conta do
mais o apreciava.

pouco tempo que Carolina tinha,
Na véspera de voltar para
uma vez que continuava
Bebedouro, Augusto Cezar tivera
estudando, ele deixou para
uma conversa com Adalberto, onde
decorá-la ao gosto dela quando
reconheceu que tinha sido muito
voltassem da lua-de-mel.

duro e que ele tinha o direito de
Quando o carro da noiva parou
escolher seu próprio caminho.
diante da porta da catedral, o
Disse-lhe que estava arrependido e
noivo já estava a postos, os
esperava que o filho esquecesse
familiares da noiva também. O
aquele episódio, voltando a
órgão começou a tocar, a porta
freqüentar a casa dos pais.

principal abriu e Carolina, linda,
Prontificou-se a ajudá-lo até que se
de braço com Augusto Cezar,
formasse, com uma boa mesada, o
entrou lentamente, olhos
que fez em seguida.

brilhantes de emoção, lábios
Adalberto, ao lado de Áurea,

entreabertos em alegre sorriso.
observava com emoção a irmã
Augusto Cezar emocionado sentia-
entrando com o pai na igreja e seu
se leve e bem-disposto,
coração cantava de alegria.
observando a alegria da filha.
Augusto Cezar entregou a filha ao
Depois que eles voltaram a sua
noivo e foi postar-se ao lado de
cidade, Sérgio viajava nos fins de
Ernestina que com os olhos úmidos
observava feliz. Naquele
— A vida está me dizendo que está
momento, em seu coração brotou
na hora de marcarmos também o
um profundo agradecimento a
nosso casamento. Áurea ficou séria
Deus por ter lhe dado Carolina
e disse:
como filha. Reconhecia que ela a
— Ainda é cedo. Devemos esperar
ensinara a ter prazer de viver, a
um pouco mais.
conservar o otimismo e descobrir
— Por quê? Você não está segura
o lado bom de tudo.
dos seus sentimentos? Eu a amo e
Depois do juramento, os noivos
quero viver a seu lado pelo resto
foram abençoados e declarados
de minha vida. Não quero esperar
casados. O coral cantara
muito. Vamos nos casar logo.
lindamente a Ave-Maria e os

— Eu pensava nos seus
noivos, agora de braços dados,
sentimentos.

foram saindo devagar. Em seus
— E você, quer se casar comigo?
rostos era evidente a felicidade.
Ela olhou-o, olhos brilhantes de
A festa ocorreu no clube, onde
emoção e respondeu:

receberam os cumprimentos,
— Sim. Eu também quero viver a
dançaram a valsa como de praxe
seu lado pelo resto da vida.

e cortaram o bolo. Na hora de
Adalberto levou-a até o terraço,
jogar o buquê, ele foi direto às
onde trocaram um longo beijo.
mãos de Áurea, que enrubesceu
Mais tarde, às escondidas,
de prazer.

ajudados por Mônica, Áurea e
Adalberto aproximou-se dela,
Alberto, os noivos partiram para a
beijou-a na face dizendo:
lua-de-mel. Foram passar a noite
em luxuoso hotel em Ribeirão
eles estão mais lúcidos. Podemos ir
Preto de onde viajaríamos para a
embora satisfeitos.

Itália.

Os três, lado a lado, elevaram-se
Uma vez no hotel, Carolina
alegres e, em alguns minutos,
segurou a mão de Sérgio
desapareceram entre as estrelas

puxando-o para o terraço.

do céu.

— Venha, nesta noite temos muito a celebrar. Vamos agradecer aos

Fim

nossos amigos espirituais que nos inspiraram, fazendo com que pudéssemos perceber nossos pontos fracos e assim termos condições para vencer o passado e nos libertar.

Sérgio abraçou-a com carinho e respondeu:

— Sim, minha querida. Nós vencemos as nossas fraquezas e nos tornamos mais fortes.

As estrelas brilhavam no céu e o espírito de Márcia, ao lado de Norberto e de Bibiano, sorriu e comentou:

— Além de estarem mais fortes